



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus Universitário de Campo Grande
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens



Livia Regina Fernandes Souza

**PELOS CAMINHOS DA TOPONÍMIA DO NORDESTE PARAENSE: UMA
ABORDAGEM LINGUÍSTICO-CULTURAL**

**Campo Grande – MS.
2025**



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus Universitário de Campo Grande
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens



Livia Regina Fernandes Souza

**PELOS CAMINHOS DA TOPONÍMIA DO NORDESTE PARAENSE: UMA
ABORDAGEM LINGUÍSTICO-CULTURAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagens.

Área de Concentração: Linguística e Semiótica

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

**Campo Grande – MS.
2025**

Livia Regina Fernandes Souza

**PELOS CAMINHOS DA TOPONÍMIA DO NORDESTE PARAENSE: UMA
ABORDAGEM LINGUÍSTICO-CULTURAL**

A Banca Examinadora abaixo nomeada APROVA a Tese defendida pela autora supracitada para a obtenção do título de DOUTORA EM ESTUDOS DE LINGUAGENS pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, *campus* de Campo Grande.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo (Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Marilze Tavares
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis Rodrigues
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Campo Grande/ MS, 08 de setembro de 2025

Dedico este trabalho às raízes do meu ser: à minha mãe *Alcicleia de Jesus* e ao meu pai *Zilton Martins*, alicerces da minha vida, onde tudo começou; à minha irmã *Karla Maiara*, presença constante e abrigo seguro; ao meu cunhado *Waldiney Sousa*, pela torcida e apoio generoso ao longo do caminho; à minha sobrinha *Ana Clara*, doce luz que renova meus dias; e ao meu esposo *Rodolfo Menezes*, meu amor, meu apoio, minha escolha. A vocês, que caminham comigo entre sonhos e batalhas, esta conquista também pertence.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda força, sabedoria e esperança. Em cada passo dessa caminhada, senti Sua presença guiando meus pensamentos, acalmando meu coração e sustentando meus sonhos. Sem Ele, eu não teria chegado até aqui.

À minha filha Antonella, que ainda habita o meu ventre, mas já é a razão mais pura e doce de tudo que sou e faço. Mesmo antes de nascer, já transformou meus dias, meus planos e meu modo de ver o mundo. Cada movimento seu é um lembrete do amor que cresce junto comigo. Este sonho realizado também é por você e para você, minha maior conquista.

Aos meus pais, Zilton Martins e Acicleia de Jesus, minha eterna gratidão. Obrigada por cada sacrifício silencioso, cada gesto de amor, cada oração feita por mim. Vocês são a base da pessoa que me tornei e carrego comigo todos os valores que me ensinaram. Este título também é de vocês.

À minha irmã Karla Maiara, por ser minha amiga, confidente e companheira de vida. Ao meu cunhado Waldiney Sousa, pela presença acolhedora e apoio constante. À minha sobrinha Ana Clara, por ser luz e ternura nos meus dias mais cansativos — seu sorriso foi, muitas vezes, meu alívio e minha motivação.

Ao meu esposo, Rodolfo Menezes, obrigada por ser o porto seguro nas tempestades, por acreditar em mim quando nem eu conseguia, pelas palavras de incentivo, gestos afetuosos e silêncio compreensivo. Seu amor me fortaleceu. À sua família, que também se tornou minha, deixo um agradecimento especial. Obrigada pelas orações, pelo carinho sincero, pela acolhida afetuosos que me envolveu mesmo à distância. Vocês foram presença mesmo nos momentos em que não estavam fisicamente por perto.

Aos amigos que a vida me deu ao longo desse percurso, meu mais sincero agradecimento. Vocês tornaram essa jornada mais leve, mais humana, mais possível. Nos risos, nas conversas, nos desabafos e nas trocas de experiências encontrei acolhimento e alento.

Aos professores que me acompanharam durante essa trajetória acadêmica, deixo minha profunda admiração e respeito. Cada ensinamento recebido foi uma peça fundamental na construção deste trabalho e do meu amadurecimento intelectual, estendendo também minha sincera gratidão aos membros da banca, pela leitura atenta, pelas valiosas contribuições e pelo enriquecimento deste estudo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, receba meu reconhecimento mais emocionado. Obrigada por me orientar com firmeza, por compreender minhas dúvidas e limitações e, sobretudo, por me ensinar com o exemplo. Sua ética e dedicação me inspiram. Você foi mais que uma orientadora – foi guia e inspiração.

A todos que, de alguma forma, caminharam ao meu lado, meu coração agradece com profunda emoção. Esta conquista é coletiva.

Muito obrigada!

“A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.
A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?
Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, equipáticas,
atropelam-me,
aturdem-me,
sequestram-me.
Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.
O português são dois; o outro, mistério.”
(Andrade, 1979, p. 87-88).

SOUZA, Livia Regina Fernandes. **Pelos caminhos da toponímia do nordeste paraense: uma abordagem linguístico-cultural**. 2025, 360 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - Mato Grosso do Sul, 2025.

RESUMO

Esta tese tem como objeto de investigação a toponímia dos acidentes físicos rurais e dos acidentes humanos urbanos de 26 municípios que integram as regiões imediatas de Castanhal, Bragança e Paragominas, no estado do Pará. A pesquisa concebe o topônimo como um signo linguístico que reflete aspectos do ambiente físico, da cultura e da história das populações que habitam ou habitaram um determinado espaço geográfico. O estudo em questão busca responder às seguintes perguntas, cujas respostas forneceram subsídios para a elaboração desta tese: i) Que razões motivaram a nomeação dos acidentes físicos rurais (rios, lagos, igarapés etc.) e dos acidentes humanos urbanos (municípios, vilas e distritos) da região intermediária de CastanhalPA? ii) Em que proporção a língua portuguesa e as línguas indígenas se perpetuam na toponímia das regiões imediatas de Bragança, Castanhal e Paragominas? Como primeira hipótese de pesquisa, considera-se que a nomeação dos acidentes físicos rurais e dos acidentes humanos urbanos das regiões analisadas está relacionada à busca pela reafirmação da identidade local, refletindo tanto a relação histórica com o ambiente físico quanto os valores culturais das comunidades indígenas e coloniais, em um processo de representação e ressignificação territorial. A segunda hipótese parte da premissa de que a toponímia da área investigada reflete a interação entre a língua portuguesa e as línguas indígenas, com a presença de nomes híbridos que preservam elementos da cultura local. Esta tese fundamenta-se, sobretudo, nas contribuições de Dick (1990; 1992; 1999; 2004), Dauzat ([1926]1963), Leite de Vasconcellos (1931), Stewart (1954) e Trapero (1995). Para a análise linguística e taxonômica foram consultados dicionários de língua portuguesa (Houaiss, 2017; Aulete, 2011), dicionários de línguas indígenas (Barbosa, 1951; Cunha, 1998; Sampaio, 1987), dicionários etimológicos (Cunha, 2010; Nascentes, 1955) e *sites* institucionais de prefeituras. Esta tese analisou um *corpus* de 1.001 topônimos, 707 referentes a acidentes físicos e 294 a acidentes humanos, extraídos de mapas municipais (IBGE, 2020), com escalas que variam de 1:700 a 1:6,000, e de mapas municipais para fins estatísticos (IBGE, 2010), cujas escalas variam de 1:50,000 a 1:300,000. No geral, os resultados deste estudo apontam que 32,56% dos topônimos analisados possuem origem indígena, dando mostras da influência cultural dos povos originários na nomeação dos acidentes geográficos da região. Quanto à motivação toponímica, conforme a classificação proposta por Dick (1992), observa-se a predominância de topônimos de natureza física, que correspondem a 52,64% do total, enquanto os topônimos de natureza antropocultural representam 37,76% das denominações. No conjunto dos topônimos classificados como de natureza física, destacam-se os fitotopônimos, que correspondem a 40,41%, do total. Já entre aqueles de natureza antropocultural, sobressaem os antropotopônimos, com 26%. Em síntese, a pesquisa revelou características subjacentes ao processo de nomeação, recuperando aspectos físicos e ambientais das regiões analisadas, que não se limitam apenas à configuração do relevo ou à presença de cursos d'água, mas também incluem elementos como a fauna e a flora. Topônimos como rio *Cauaxi*, igarapé *Marambaia*, igarapé *Tauari* e rio *Tracuateua* refletem a herança indígena na região, tanto na língua de origem quanto no valor cultural que carregam. Por exemplo, “*cauaxi*” é uma palavra indígena que remete a um recurso natural utilizado pelos povos locais. Tradicionalmente, o *cauaxi* é uma esponja de água doce empregada na confecção de objetos artesanais.

Assim, a nomeação dos topônimos revela a maneira como os habitantes interpretam e estabelecem vínculos com o meio ambiente, conservando, por meio da linguagem, elementos naturais e culturais que fortalecem a identidade coletiva e a memória histórica do território.

Palavras-chave: Onomástica; Toponímia; Castanhal/PA; Cultura; Motivação.

SOUZA, Livia Regina Fernandes. **Caminos de la toponimia del nordeste paraense: un enfoque lingüístico-cultural**. 2025, 360 f. Tesis (Doctorado en Estudios del Lenguaje) – Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - Mato Grosso do Sul, 2025.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objeto de investigación la toponimia de los accidentes físicos rurales y de los accidentes humanos urbanos de 26 municipios que integran las regiones inmediatas de Castanhal, Bragança y Paragominas, en el estado de Pará. La investigación concibe el topónimo como un signo lingüístico que refleja aspectos del entorno físico, de la cultura y de la historia de las poblaciones que habitan o habitaron un determinado espacio geográfico. El estudio busca responder a las siguientes preguntas, cuyas respuestas aportaron elementos para la elaboración de esta tesis: i) ¿Qué razones motivaron la denominación de los accidentes físicos rurales (ríos, lagos, igarapés, etc.) y de los accidentes humanos urbanos (municipios, villas y distritos) de la región intermedia de Castanhal/PA? ii) ¿En qué proporción la lengua portuguesa y las lenguas indígenas se mantienen en la toponimia de las regiones inmediatas de Bragança, Castanhal y Paragominas? Como primera hipótesis de investigación, se considera que la denominación de los accidentes físicos rurales y de los accidentes humanos urbanos de las regiones analizadas está relacionada con la búsqueda de reafirmar la identidad local, reflejando tanto la relación histórica con el medio físico como los valores culturales de las comunidades indígenas y coloniales, en un proceso de representación y resignificación territorial. La segunda hipótesis parte de la premisa de que la toponimia del área investigada refleja la interacción entre la lengua portuguesa y las lenguas indígenas, con la presencia de nombres híbridos que preservan elementos de la cultura local. Esta tesis se fundamenta, sobre todo, en las contribuciones de Dick (1990; 1992; 1999; 2004), Dauzat ([1926] 1963), Leite de Vasconcellos (1931), Stewart (1954) y Trapero (1995). Para el análisis lingüístico y taxonómico se consultaron diccionarios de lengua portuguesa (Houaiss, 2017; Aulete, 2011), diccionarios de lenguas indígenas (Barbosa, 1951; Cunha, 1998; Sampaio, 1987), diccionarios etimológicos (Cunha, 2010; Nascentes, 1955) y sitios institucionales de ayuntamientos. La presente investigación cuenta con un corpus de 1.001 topónimos, 707 referentes a accidentes físicos y 294 a accidentes humanos, extraídos de mapas municipales (IBGE, 2020), con escalas que varían de 1:700 a 1:6.000, y de mapas municipales para fines estadísticos (IBGE, 2010), cuyas escalas varían de 1:50.000 a 1:300.000. En general, los resultados de este estudio señalan que el 32,56% de los topónimos analizados tienen origen indígena, lo que evidencia la influencia cultural de los pueblos originarios en la denominación de los accidentes geográficos de la región. En cuanto a la motivación toponímica, según la clasificación propuesta por Dick (1992), se observa la predominancia de topónimos de naturaleza física, que corresponden al 52,64% del total, mientras que los topónimos de naturaleza antropocultural representan el 37,76% de las denominaciones. En el conjunto de los topónimos clasificados como de naturaleza física, se destacan los fitotopónimos, que corresponden al 40,41% del total. Entre aquellos de naturaleza antropocultural, sobresalen los antropotopónimos, con un 26%. En síntesis, esta investigación reveló características subyacentes al proceso de denominación, recuperando aspectos físicos y ambientales de las regiones analizadas, que no se limitan únicamente a la configuración del relieve o a la presencia de cursos de agua, sino que incluyen también elementos como la fauna y la flora. Topónimos como río Cauaxi, igarapé Marambaia, igarapé Tauari y río Tracuateua reflejan la herencia indígena en la región, tanto en la lengua de origen como en el valor cultural que portan. Por ejemplo, “cauaxi” es una palabra indígena que remite a un recurso natural utilizado por

los pueblos locales. Tradicionalmente, el cauaxi es una esponja de agua dulce empleada en la confección de objetos artesanales. Así, la denominación de los topónimos revela la manera en que los habitantes interpretan y establecen vínculos con el medio ambiente, conservando, a través del lenguaje, elementos naturales y culturales que fortalecen la identidad colectiva y la memoria histórica del territorio.

Palabras clave: Onomástica; Toponimia; Castanhal/PA; Cultura; Motivación.

SOUZA, Livia Regina Fernandes. **Through the paths of toponymy in northeastern Pará: a linguistic-cultural approach.** 2025. 360 f. Thesis (Doctorate in Language Studies) – Federal University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2025.

ABSTRACT

This thesis investigates the toponymy of rural physical features and urban human settlements of 26 municipalities that comprise the immediate geographic regions of Castanhal, Bragança, and Paragominas, in the state of Pará, Brazil. The research conceptualizes toponyms as linguistic signs that reflect aspects of the physical environment, as well as the culture and history of the populations that inhabit or once inhabited a given geographical space. This study aims to address the following questions, whose answers provided the foundation for this research: i) What factors motivated the naming of rural physical features (rivers, lakes, streams, etc.) and urban human settlements (municipalities, towns, and districts) in the intermediate region of Castanhal/PA? ii) To what extent do the Portuguese language and Indigenous languages persist in the toponymy of the immediate regions of Bragança, Castanhal, and Paragominas? The first research hypothesis assumes that the naming of rural physical features and urban human settlements within the studied regions is linked to the reaffirmation of local identity, reflecting both the historical relationship with the physical environment and the cultural values of Indigenous and colonial communities, within a broader process of territorial representation and re-signification. The second hypothesis posits that the toponymy of the investigated area reflects the interaction between the Portuguese language and Indigenous languages, evidenced by the presence of hybrid names that preserve elements of local culture. This thesis is primarily grounded in the works of Dick (1990; 1992; 1999; 2004), Dauzat ([1926]1963), Leite de Vasconcellos (1931), Stewart (1954), and Trapero (1995). For the linguistic and taxonomic analysis, Portuguese dictionaries (Houaiss, 2017; Aulete, 2011), Indigenous language dictionaries (Barbosa, 1951; Cunha, 1998; Sampaio, 1987), etymological dictionaries (Cunha, 2010; Nascentes, 1955), and institutional websites of municipal governments were consulted. The corpus consists of 1,001 toponyms, of which 707 refer to physical features and 294 to human settlements, extracted from municipal maps (IBGE, 2020) with scales ranging from 1:700 to 1:6,000, and from statistical municipal maps (IBGE, 2010), with scales from 1:50,000 to 1:300,000. Overall, the results reveal that 32.56% of the toponyms analyzed are of Indigenous origin, highlighting the cultural influence of Indigenous peoples in naming geographic features in the region. Regarding toponymic motivation, following the classification proposed by Dick (1992), physical toponyms predominate, accounting for 52.64% of the total. Toponyms of anthropocultural nature represent 37.76% of the dataset. In the set of toponyms classified as physical in nature, phytotoponyms stand out, accounting for 40.41% of the total. Among those of anthropocultural nature, anthroponymic toponyms are the most prominent, with 26%. In summary, the study revealed underlying characteristics of the naming process, recovering physical and environmental aspects of the studied regions that go beyond landforms or watercourses, encompassing elements such as fauna and flora. Toponyms such as *rio Cauaxi*, *igarapé Marambaia*, *igarapé Tauari*, and *rio Tracuateua* reflect the Indigenous heritage of the region, both in linguistic origin and in cultural significance. For instance, *cauaxi* is an Indigenous term referring to a natural resource used by local peoples. Traditionally, *cauaxi* is a freshwater sponge employed in the crafting of artisanal objects. Thus, the naming of toponyms reveals how inhabitants interpret and establish connections

with their environment, preserving through language the natural and cultural elements that reinforce collective identity and the historical memory of the territory.

Keywords: Onomastics; Toponymy; Castanhal/PA; Culture; Motivation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Onomástica.....	41
Figura 2 – Localização do município de Castanhal no estado do Pará.....	70
Figura 3 – Localização do município de Bragança no estado do Pará.....	72
Figura 4 – Localização do município de Paragominas no estado do Pará.....	73
Figura 5 - Ficha lexicográfico-toponímica do projeto ATESP (Dick, 2004)	78
Figura 6 - Ficha Lexicográfico-toponímica do projeto ATEMS.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Taxes toponímicas de natureza física e antropocultural (Dick, 1992, p. 31-34)	50
Quadro 2 – Evolução dos estudos toponímicos no Brasil: síntese.....	65
Quadro 3 – <i>Corpus</i> da pesquisa: dados considerados.....	79
Quadro 4 – Modelo do quadro utilizado para apresentação dos dados do <i>corpus</i> toponímico: topônimos que nomeiam os municípios que constituem as regiões imediatas de Bragança, Castanhal e Paragominas.....	81
Quadro 5 – Modelo do quadro utilizado para apresentação do <i>corpus</i> toponímico: topônimos de acidentes físicos rurais	82
Quadro 6 – Modelo do quadro utilizado para apresentação do <i>corpus</i> toponímico: topônimos de acidentes humanos urbanos da macrotoponímia das regiões em estudo	83
Quadro 7 – Municípios que constituem as regiões imediatas de Castanhal, Bragança e Paragominas.....	86
Quadro 8 – Toponímia dos acidentes físicos rurais – regiões imediatas de Bragança, Castanhal e Paragominas.....	95
Quadro 9 – Toponímia dos acidentes humanos urbanos – macrotoponímia das regiões imediatas de Bragança, Castanhal e Paragominas.....	206

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência dos topônimos de natureza física da região imediata de Bragança/PA.....	266
Gráfico 2 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata Bragança/PA.....	266
Gráfico 3 - Frequência dos topônimos de base Tupi na região imediata de Bragança/PA.....	268
Gráfico 4 – Frequência dos topônimos de origem Tupi da região imediata de Bragança/PA com base na natureza da motivação toponímica.....	270
Gráfico 5 – Frequência de topônimos da região imediata de Bragança /PA quanto à estrutura morfológica	276
Gráfico 6 – Frequência dos topônimos de natureza física da região imediata de Paragominas/PA.....	279
Gráfico 7 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Paragominas/PA.....	281
Gráfico 8 - Frequência dos topônimos de base Tupi na região imediata de Paragominas/Pará.....	282
Gráfico 9 – Frequência dos topônimos de origem Tupi da região imediata de Paragominas/PA com base na natureza da motivação toponímica (DICK, 1992)...	283
Gráfico 10 – Frequência dos topônimos da região imediata de Paragominas/PA quanto à estrutura morfológica.....	288
Gráfico 11 – Frequência dos topônimos de natureza física da região imediata de Castanhal/PA	293
Gráfico 12 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Castanhal/PA	295
Gráfico 13 – Frequência dos topônimos de base Tupi da região imediata de Castanhal/PA	297
Gráfico 14 – Frequência dos topônimos de origem Tupi com base na natureza da motivação toponímica	298
Gráfico 15 – Frequência dos topônimos da região imediata de Castanhal/PA quanto à estrutura morfológica	305

Gráfico 16 – Frequência dos topônimos de natureza física da região imediata de Bragança/PA	309
Gráfico 17 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Bragança/PA	310
Gráfico 18 – Frequência dos topônimos de base Tupi na região imediata de Bragança/PA	312
Gráfico 19 – Frequência dos topônimos da região imediata de Bragança quanto à estrutura morfológica	319
Gráfico 20 – Frequência de topônimos de natureza física na região imediata de Paragominas/PA.....	323
Gráfico 21 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Paragominas/PA	324
Gráfico 22 – Frequência de topônimos da região imediata de Paragominas/PA quanto à estrutura morfológica.....	328
Gráfico 23 – Frequência dos topônimos de natureza física da região imediata de Castanhal/PA.....	332
Gráfico 24 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Castanhal/PA	334
Gráfico 25 – Frequência dos topônimos de base Tupi na região imediata de Castanhal/PA	336
Gráfico 26 – Frequência dos topônimos de origem Tupi com base na natureza da motivação toponímica	338
Gráfico 27 – Frequência dos topônimos da região imediata de Castanhal/PA quanto à estrutura morfológica	344

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Bragança/PA quanto à natureza dos nomes	265
Tabela 2 – Frequência das taxes de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na toponímia dos acidentes físicos da região imediata de Bragança/PA	271
Tabela 3 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Paragominas/PA quanto à natureza dos nomes.....	278
Tabela 4 – Frequência das taxes de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na toponímia dos acidentes físicos da região imediata de Paragominas/Pará.....	284
Tabela 5 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Castanhal /PA quanto à natureza dos nomes.....	290
Tabela 6 – Frequência das taxes de natureza física e antropocultural na toponímia dos acidentes físicos da região imediata de Castanhal/PA	299
Tabela 7 – Taxes toponímicas com maior número de registros na região imediata de Castanhal/PA.....	303
Tabela 8 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Bragança /PA quanto à natureza dos nomes.....	307
Tabela 9 – Frequência das taxes de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na macrotoponímia dos acidentes humanos urbanos da região imediata de Bragança/PA.	315
Tabela 10 – Quantitativo dos topônimos dos municípios da região imediata de Paragominas/PA quanto à natureza dos nomes.....	321
Tabela 11 – Frequência das taxes de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na macrotoponímia dos acidentes humanos urbanos da região imediata de Paragominas/PA.....	326
Tabela 12 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Castanhal/PA quanto à natureza dos nomes.....	330
Tabela 13 – Frequência das taxes de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na macrotoponímia dos acidentes humanos da região imediata de Castanhal/PA	339

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATAOB	Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira
ATEMS	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul
ATESP	Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
LE	Língua Espanhola
LF	Língua Francesa
LGA	Língua Geral Amazônica
LGP	Língua Geral Paulista
LP	Língua Portuguesa
LT	Língua Tupi
BG	Bragança
AC	Augusto Corrêa
CP	Capitão Poço
SP	Santa Luzia do Pará
TC	Tracuateua
VS	Viseu
AP	Aurora do Pará
DE	Dom Eliseu
IP	Ipixuna
MR	Mãe do Rio
PG	Paragominas
UL	Ulianópolis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
SEÇÃO 1 - ESTUDO DO LÉXICO TOPONÍMICO: REVISITANDO CONCEITOS..	29
1.1 Etnolinguística: linguagem, cultura e cognição.....	29
1.2 Línguas Indígenas na Amazônia.....	31
1.2.1 Língua Geral Amazônica (Nheengatu).....	35
1.3 Estudos do léxico.....	37
1.4 O nome próprio: discussões filosóficas.....	42
1.5 Signo linguístico, signo toponímico e as contribuições teórico-metodológicas de Dick (1990;1992)	47
1.5.1 Estrutura do signo linguístico.....	47
1.5.2 O signo toponímico.....	49
1.6 Percorso histórico dos estudos toponímicos.....	55
SEÇÃO 2 - ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA REGIÃO INTERMEDIÁRIA DE CASTANHAL/PA.....	67
SEÇÃO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	75
3.1 Os aspectos metodológicos da pesquisa.....	75
3.2 Sistematização e análise dos dados.....	77
SEÇÃO 4 – O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA: SISTEMATIZAÇÃO.....	85
SEÇÃO 5 - ANÁLISE DOS DADOS.....	264
5.1 Análise dos topônimos dos acidentes físicos da região imediata de Bragança/PA.....	264
5.2 Análise dos topônimos dos acidentes físicos da região imediata de Paragominas/PA.....	277
5.3 Análise dos topônimos dos acidentes físicos da região imediata de Castanhal/PA.....	290
5.4 Análise dos topônimos dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Bragança/PA.....	306
5.5 Análise dos topônimos dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Paragominas/PA.....	320
5.6 Análise dos topônimos dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Castanhal/PA.....	329
CONSIDERAÇÕES FINAIS	346
REFERÊNCIAS	350

INTRODUÇÃO

Os estudos do léxico compreendem uma ampla área do conhecimento que transcende à decodificação ou codificação linguística. Estudar o léxico é examinar palavras, grupos ou combinações de palavras que se integram e podem apresentar variações em termos de utilização em diferentes contextos no âmbito de um mesmo idioma. Nesse sentido, a análise do léxico não pode ser dissociada da própria língua, entendida como um fato social responsável pela manifestação concreta da linguagem, pois, além de facilitar o processo comunicativo, estreita relações e possibilita a construção de novos saberes.

No contexto do Brasil, no período da colonização, os europeus impuseram a língua portuguesa aos povos indígenas alterando a toponímia local como estratégia para afirmar o domínio territorial. Nesse cenário, muitos topônimos de origem indígena, que refletiam as línguas nativas da região, foram substituídos por nomes de origem portuguesa. Essa substituição visava ocultar o vocabulário predominante dos povos originários e impor uma nova identidade linguístico-cultural ao território conquistado. No entanto, paralelamente a esse processo de apagamento, a toponímia brasileira também incorporou contribuições dos povos autóctones, especialmente na nomeação de novas localidades. Em muitos casos, houve uma fusão entre nomes de origem portuguesa – geralmente de santos do hagiológico romano – e palavras indígenas, resultando em topônimos híbridos que refletem o encontro de diferentes matrizes culturais. Sob essa ótica, o topônimo, objeto de estudo da Toponímia, atua também como fonte de conhecimento histórico, cultural e linguístico de grupos étnicos que habitam ou habitaram um território em um dado período do tempo (Dick, 1990).

No Brasil, os nomes de lugares refletem a influência de diferentes etnias, com marcas de “heranças” linguísticas e culturais portuguesas, indígenas e africanas (Dick, 1990), sendo a língua indígena, sobretudo o Tupi, um diferencial na configuração da toponímia brasileira.

Nos primórdios dos estudos toponímicos no Brasil, a disciplina era frequentemente utilizada como instrumento auxiliar de outras áreas, como a história e a geografia, sem uma preocupação metodológica própria voltada à compreensão dos nomes de lugar em sua complexidade linguística e cultural. Com o tempo, no entanto, surgiram diferentes perspectivas de análise, com especial atenção à toponímia de origem indígena, cujas estruturas e significados passaram a ser objeto de investigação descritiva e

interpretativa. Drumond (1990), ao discutir essa questão, observou a necessidade de uma abordagem mais abrangente, “alertando quanto aos equívocos em que incorrem aqueles que procuram definir e conceituar a Toponímia apenas por um de seus ângulos de visão [...]” (Dick, 1990, p. 20). Entre os estudiosos que contribuíram para esse avanço, destaca-se a toponimista Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que não apenas desenvolveu uma metodologia própria de análise toponímica, como também dedicou atenção especial aos nomes indígenas, reconhecendo sua relevância histórica, linguística e cultural na formação da paisagem toponímica brasileira.

Com sua tese de Doutorado (1980), intitulada *A motivação toponímica*. Princípios teóricos e modelos taxonômicos¹, defendida na Universidade de São Paulo, Dick forneceu contribuições teóricas significativas para o avanço das pesquisas toponímicas no Brasil. Pautando-se na noção de ambiente físico e cultural discutida por Sapir (1969a) e em teorias toponímicas (Dauzat, [1926] 1963; Leite de Vasconcellos, 1931; Stewart, 1954), a linguista brasileira elaborou um modelo taxonômico que analisa os topônimos em duas grandes categorias: i) taxonomias de natureza física - que remetem a elementos naturais como água, plantas, animais, solo (11 taxes) e ii) taxonomias de natureza antropocultural - relacionadas a elementos da cultura material, crenças, religião (16 taxes). Por se constituir um importante instrumento para a aferição “objetiva das causas motivadoras dos acidentes geográficos” (Dick, 1990, p. 24), esse modelo tem sido amplamente utilizado por pesquisadores em diferentes regiões do Brasil.

Em se tratando de pesquisas toponímicas na região Norte do Brasil, o projeto do Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (ATAOB), em execução na Universidade Federal do Acre desde o ano de 2006 (Sousa, 2008), tem o objetivo de traçar o perfil toponímico do estado do Acre a partir da análise dos topônimos que nomeiam acidentes físicos (serras, rios, igarapés etc.) e humanos (municípios, distritos, vilas, bairros, ruas etc.). Quanto ao estado do Pará, os estudos nessa área ainda são incipientes. Por meio de buscas realizadas no banco de Teses e Dissertações da CAPES, bem como nos repositórios digitais de instituições de ensino superior, como a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e a Universidade do Estado do Pará (UEPA), foram identificadas algumas pesquisas pontuais, dentre as quais destacam-se dois projetos voltados para a toponímia indígena de origem Tupi: i)

¹ A tese de Dick (1980) foi publicada em 1990 com o título *Motivação toponímica e a realidade brasileira*. Para esta pesquisa foi consultada essa versão de 1990.

“Estudo Toponímico dos municípios paraenses: os topônimos de origem Tupi” (2015) e, ii) “O vocabulário Tupi na hidrografia da microrregião de Castanhal-PA: um estudo toponímico” (2018), ambos coordenados por Carmen Lúcia Reis Rodrigues, professora pesquisadora da Universidade Federal do Pará.

No catálogo de teses e dissertações da **CAPES** foram identificadas sete dissertações de mestrado e três teses de doutorado que tiveram como objeto de pesquisa a toponímia paraense:

- i) “Toponímia de origem Tupinambá do município de Bragança/PA: alguns resultados”. Dissertação defendida por Marcos Jaime Araújo, na Universidade Federal do Pará, em 2019, que teve como objetivo o estudo de 146 topônimos de origem Tupinambá relativos a seis distritos do município de Bragança/Pará: Caratateua, Tijoca, Nova Mocajuba, Almoço e Vila do Treme;
- ii) “Estudo toponímico no município de Ananindeua/Pará”. Dissertação defendida por Karla Juliana da Silva Oliveira, na Universidade Federal do Pará, em 2020, que analisou topônimos de acidentes físicos e humanos de ilhas, bairros, rios, igarapés, furos de rios, braços de rio e comunidades do município tomado como área de investigação;
- iii) “Toponímia curuçaense: nomes de lugares e seus caminhos históricos”. Dissertação defendida por Rízia Sâmela Martins, na Universidade Federal do Pará, em 2020, que teve como objeto de estudo o léxico toponímico do município de Curuçá/PA;
- iv) “Toponímia Indígena: Um estudo a partir da zona ribeirinha do município de Porto de Moz – PA.” Dissertação defendida por Adelson Luiz Byama da Silva, na Universidade Federal do Pará, em 2019, que se constitui em um estudo semântico-etimológico da toponímia indígena em uso na zona ribeirinha do Xingu;
- v) “Um estudo toponímico no município de Vigia de Nazaré-PA”. Dissertação defendida por Lais de Nazaré dos Santos Santos, na Universidade Federal do Pará, em 2019, que teve como objetivo identificar e analisar os nomes atribuídos às comunidades, rios e igarapés locais;
- vi) “Rastros indígenas: busca pelos topônimos do tupi na cidade de Castanhal/PA”. Dissertação defendida por Sara Concepción C. Centurión,

na Universidade Federal do Pará, em 2014. O estudo se dedica à investigação da presença de topônimos de origem tupi na cidade de Castanhal, no estado do Pará.

- vii) “Do não-lugar ao lugar: a toponímia marapaniense do Estado do Pará.” 2017. Dissertação defendida por Érica Patrícia Barbosa Costa, na Universidade Federal do Pará, em 2017, que teve como objetivo discutir o conjunto toponomástico (especialmente a microtoponímia) que recobre o município de Marapanim-PA, situado na microrregião do Salgado e na mesorregião do Nordeste Paraense.
- viii) “Toponímia Parkatêjê (Timbira): um estudo sobre os nomes próprios de lugar”. Tese defendida por Tereza Tayna Coutinho Lopes, na Universidade Federal do Pará, em 2022, que teve como objetivo a realização de um estudo voltado para aspectos morfosintáticos, semânticos e motivacionais dos nomes próprios de lugares na língua Parkatêjê, falada pelos grupos étnicos Parkatêjê, Kÿikatêjê e Akrãtikatêjê, que habitam a área denominada Terra Indígena Mãe Maria (TIMM), nas proximidades do município de Marabá/PA;
- ix) “Sistematização da Classificação taxionômica toponímica Nheengatu de Bragança/Pa”. Tese defendida por Marcos Jaime Araújo, na Universidade Federal do Pará, em 2024, cujo objetivo consistiu em analisar os topônimos nheengatu de Bragança (PA), com ênfase nos elementos específicos, visando contribuir para a normatização da classificação taxionômica. O estudo fundamentou-se na observação de padrões morfológicos em perspectiva sincrônica, possibilitando uma compreensão mais aprofundada da estrutura e do significado desses topônimos;
- x) “Antropologia Linguística e Etnografia Toponímica: vivências e narrativas em linguagens socioculturais de Murinin-Benevides-Pará”. Tese defendida por Maria Adelina Rodrigues de Farias, na Universidade Federal do Pará, em 2016, cujo objetivo consistiu em problematizar o significado dos nomes de lugares e sua relação com a circulação de pessoas. O estudo voltou-se para a análise do topônimo no município de Benevides, Pará, com ênfase no bairro de Murinin.

Por fim, registra-se o artigo: “Herança lusa na toponímia de municípios da região Norte do Brasil: perspectivas linguística e sócio-histórica”, de Isquendo (2016), que traz discursões acerca de topônimos transplantados de Portugal que nomeiam municípios de três estados da região norte do Brasil: Amapá, Pará e Amazonas.

Nesse cenário, esta pesquisa tem como propósito mais amplo contribuir para o avanço dos estudos toponímicos no estado do Pará, identificando e analisando as influências linguísticas, históricas e sociais que moldaram a nomeação dos acidentes físicos e humanos nas regiões imediatas de Castanhal, Bragança e Paragominas. Parte-se do pressuposto de que o estudo pode favorecer a compreensão da toponímia paraense na área selecionada, especialmente no que diz respeito à origem dos topônimos, os quais, além de refletirem aspectos da história e da cultura local, registram a interação entre diferentes povos e suas línguas ao longo do tempo. Localizado na região Norte do Brasil, o estado do Pará concentra importante diversidade cultural e linguística, o que reforça a relevância desta investigação. Assim, esta Tese busca também promover a valorização e a preservação do patrimônio imaterial, lançando luz sobre as dinâmicas socioculturais e históricas que contribuíram para a construção das identidades regionais por meio da toponímia.

Posto isso, o desenvolvimento desta Tese parte de duas motivações principais: 1) o interesse em compreender motivos que levam o homem a atribuir determinado nome a um lugar e 2) o reduzido número de pesquisas toponímicas no Pará que, por sua vez, evidencia tanto a desproporção entre a riqueza de topônimos no estado e os trabalhos realizados, quanto a inexistência de investigações que contemplem, em um único estudo, a macrotoponímia dos acidentes humanos urbanos e a toponímia dos acidentes físicos rurais da região intermediária de Castanhal, especificamente das regiões imediatas de Castanhal, Bragança e Paragominas. Em uma perspectiva mais ampla, o estudo busca contribuir para o preenchimento dessas lacunas, colaborando para um melhor entendimento dos processos de nomeação e de influências culturais, históricas e linguísticas na toponímia da região em estudo.

Desta forma, para orientar a pesquisa, foram definidas as seguintes perguntas: i) Que razões motivaram a nomeação dos acidentes físicos rurais (rios, lagos, igarapés etc.) e dos acidentes humanos urbanos (municípios, vilas, distritos etc.) da região intermediária de Castanhal/PA? e, ii) Em que proporção a língua portuguesa e as línguas indígenas se perpetuam na toponímia das regiões imediatas de Bragança, Castanhal e Paragominas? Na busca de respostas para essas indagações (e com tons de inquietação) estabeleceram-

se as seguintes hipóteses de pesquisa: I. A nomeação dos acidentes físicos rurais e dos acidentes humanos urbanos das regiões analisadas está relacionada à busca pela reafirmação da identidade local, refletindo tanto a relação histórica com o ambiente físico quanto os valores culturais das comunidades indígenas e coloniais, em um processo de representação e ressignificação territorial; II. A toponímia da área investigada reflete a interação entre a língua portuguesa e as línguas indígenas, com a presença de nomes híbridos que preservam elementos da cultura local.

Este estudo fundamenta-se, principalmente, nas contribuições teórico-metodológicas de Dick (1982; 1987; 1990; 1992; 1999; 2000; 2001; 2004; 2008), especialmente no modelo taxionômico e na teoria do sintagma toponímico. Também considera os mecanismos de classificação dos topônimos propostos por Dauzat ([1926] 1963), Leite de Vasconcellos (1931) e Stewart (1954). Além disso, incorpora as abordagens teóricas de Trapero (1995), que se apoiam em princípios linguísticos capazes de explicar os processos de formação e significação dos topônimos. Em diálogo com essas referências clássicas, o trabalho ainda recorre a estudos mais recentes, como o de Dargel e Isquerdo (2020), que apresentam as diretrizes metodológicas do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS). Assim, o texto discute e amplia os parâmetros gerais da pesquisa toponímica, tendo como base central o modelo teórico-metodológico desenvolvido por Dick (1990; 1992).

Partindo da premissa de que Castanhal, Bragança e Paragominas localizam-se entre as regiões com maiores áreas territoriais e com significativo desenvolvimento econômico no Estado do Pará (IBGE/2020), esta Tese tem como objetivo mais amplo analisar a toponímia dos acidentes físicos rurais e a macrotoponímia dos acidentes humanos urbanos das regiões imediatas de Castanhal, Bragança e Paragominas (Pará), com vistas a compreender em que proporção os topônimos em estudo refletem a natureza linguística e os aspectos motivacionais dos topônimos – a interação entre os habitantes, o ambiente geográfico e os eventos históricos que contribuem para a preservação da cultura e da identidade local –.

Considerando a proposta de pesquisa, orientam o estudo os seguintes objetivos específicos:

- i. analisar os topônimos da área investigada em termos taxionômicos (Dick, 1990; 1992) e, por extensão, delinear tendências motivacionais subjacentes às nomeações;

- ii. verificar em que medida aspectos físicos, históricos e sociais da área nomeada se refletem na toponímia local;
- iii. identificar a base linguística dos topônimos que compõem o *corpus* da pesquisa, com vistas a sistematizar os estratos linguísticos predominantes na toponímia em estudo;
- iv. recuperar particularidades físicas e culturais subjacentes à matriz toponímica das regiões investigadas.

Para orientar a análise toponímica aqui proposta, a língua é tomada como um fato social responsável pela manifestação concreta da linguagem, facilitando as relações que se estabelecem entre o ser humano e o ambiente à sua volta, com base no pressuposto de que “[...] a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. [...] A linguagem é um guia para a realidade social” (Sapir, 1969b, p. 20).

O *corpus* analisado reúne um total de 1.001 topônimos sendo que 707 topônimos nomeiam acidentes físicos (rios, igarapés, cachoeiras etc.) e 294 topônimos nomeiam acidentes humanos (distritos, vilas, povoados etc.) que compõem a macrotoponímia das regiões cobertas pela pesquisa. Os dados foram extraídos de mapas municipais (IBGE, 2020), com escalas que variam de 1:700 a 1:6,000 e de mapas municipais para fins estatísticos² (IBGE, 2010), cujas escalas variam de 1:50,000 a 1:300,000.

Em termos estruturais, esta Tese está organizada em cinco seções detalhadas a seguir.

A primeira seção – *Estudo do Léxico Toponímico: Revisitando Conceitos* – centra-se nos fundamentos teóricos que orientaram a produção da Tese, examinando as inter-relações entre linguagem, cultura e cognição, com ênfase nas línguas indígenas da Amazônia e na importância histórica da Língua Geral Amazônica (*Nheengatu*) na constituição do repertório linguístico regional, ou seja, uma abordagem etnolinguística. Na sequência são discutidos fundamentos dos estudos do léxico, situando a Lexicologia como um ramo da Linguística que fornece parâmetros para a análise científica do léxico das línguas naturais. No que se refere aos nomes próprios, a seção reúne contribuições de caráter filosófico de autores que se dedicaram ao estudo da estrutura do signo linguístico e de suas implicações para a constituição do signo toponímico. Ainda nesse percurso, são

exploradas contribuições teóricas sobre os estudos toponímicos ao longo da história, considerando, para tanto, desde as investigações pioneiras sobre a toponímia numa abordagem linguística até as formulações mais recentes. A fim disso, são retomadas as contribuições de Dauzat ([1926] 1963), Leite de Vasconcellos (1931), Stewart (1954), Salazar-Quijada (1985), Trapero (1995), e em especial as da pesquisadora brasileira Maria Vicentina Dick (1982; 1987; 1990; 1992; 1999; 2000; 2001; 2004; 2008), entre outros pesquisadores que se dedicam aos estudos onomástico-toponímicos.

Já a segunda seção - *Aspectos Históricos e Geográficos da Região Intermediária de Castanhal/PA* - concentra-se em aspectos históricos, geográficos e culturais do estado do Pará, com ênfase nas regiões imediatas de Castanhal, Bragança e Paragominas, abordando processos históricos relacionados a essas áreas, bem como suas características geográficas, como relevo, hidrografia e vegetação. Além disso, a seção explora mitos, lendas, tradições e elementos culturais que contribuem para a formação da identidade regional, destacando aspectos interligados na construção do imaginário coletivo dos seus habitantes.

A terceira seção – *Percurso Metodológico da Pesquisa* - destina-se à descrição do percurso metodológico traçado para o alcance dos objetivos estabelecidos para a pesquisa. Para tanto foram descritas as etapas seguidas para o desenvolvimento da pesquisa, como a coleta e a constituição do *corpus*, sistematização dos dados e proposta de análise adotada.

A quarta seção – *Os Dados da Pesquisa* - apresenta o *corpus* da pesquisa sistematizado por meio de três quadros³, organizados por municípios, que reúnem a toponímia dos acidentes humanos que compõem a macrotoponímia das três regiões e as denominações dos acidentes físicos rurais pertencentes à área delimitada para a pesquisa. A estrutura dos quadros contempla informações taxonômicas, etimológicas e morfológicas relativas aos topônimos catalogados. Os quadros foram elaborados segundo os elementos da ficha lexicográfico-toponímica proposta por Dick (2004) e da versão ampliada dessa ficha, para atender os objetivos do Projeto ATEMS (Dargel; Isquierdo, 2020).

A quinta seção – *Análise de dados* -, como o título sugere, é dedicada à análise dos dados. Baseando-se em teorias toponímicas, especialmente nas contribuições de Dick (1982; 1987; 1990; 1992; 1999; 2000; 2001; 2004; 2008), essa seção tem como foco a

³ A organização do *corpus* em quadros se justifica pela melhor sistematização e visualização dos dados analisados.

análise do *corpus* da pesquisa, considerando aspectos linguísticos e socioculturais. A análise busca, pois, responder às hipóteses e aos objetivos da pesquisa, partindo da premissa de que o topônimo está intimamente ligado à realidade e à cultura de um povo e, por extensão, à sua história.

Por sua vez, as *Considerações Finais* fornecem um panorama dos resultados alcançados, com destaque para as contribuições da pesquisa aos estudos da toponímia paraense, em especial a da Região intermediária de Castanhal/PA. Finaliza esta Tese a seção destinada ao registro das referências que fundamentaram a pesquisa.

SEÇÃO 1

ESTUDO DO LÉXICO TOPONÍMICO: REVISITANDO CONCEITOS

A nomeação é uma atividade atribuída ao homem que, ao nomear, consegue não só identificar ou categorizar coisas, lugares e/ou seres vivos, como também recuperar aspectos da relação entre língua, cultura e sociedade. Nessa perspectiva, estudar o léxico significa explorar aspectos da realidade histórica e social que se refletem no repertório linguístico de uma comunidade de falantes. Entre as disciplinas que se ocupam do estudo do léxico, a Toponímia, disciplina da Onomástica que tem como escopo o estudo dos nomes próprios, fornece parâmetros teórico-metodológicos para o estudo dos nomes próprios de lugares (origem, evolução, filiação linguística, motivação).

O objetivo desta seção é contextualizar a Toponímia como disciplina de investigação linguística, fundamentando-se em pressupostos teóricos que orientam a análise dos dados desta pesquisa e que tem como um dos seus propósitos o estudo da motivação toponímica dos nomes dos acidentes físicos rurais e dos acidentes humanos urbanos de três municípios que compõem a macrotoponímia da região intermediária de Castanhal/PA: Castanhal, Bragança e Paragominas. Esta tese analisa os dados do *corpus* em termos taxonômicos e linguísticos, averiguando possíveis influências linguísticas, históricas e culturais no ato da nomeação.

A seção aborda fundamentos essenciais para os estudos toponímicos, iniciando pela Etnolinguística e pela diversidade das línguas indígenas na Amazônia, com destaque para a Língua Geral Amazônica (Nheengatu). Em seguida, discute os estudos do léxico, o estatuto do nome próprio e as relações entre signo linguístico e signo toponímico, com ênfase nas contribuições de Dick (1990; 1992). Por fim, apresenta a estrutura do signo linguístico e o percurso histórico dos estudos toponímicos.

1.1 Etnolinguística: linguagem, cultura e cognição

A Etnolinguística é uma área de estudos que se situa na interseção entre a Linguística e a Antropologia, focalizando as inter-relações entre a linguagem e a cultura, além do modo como estas se manifestam e se constroem em diferentes comunidades. Trata-se de uma disciplina que busca compreender como a língua não apenas reflete, mas também molda a percepção de mundo e a identidade de um grupo social, influenciando tanto as práticas culturais quanto a organização cognitiva de seus falantes.

O campo da Etnolinguística tem suas raízes em investigações do final do século XIX e início do século XX, impulsionado pelas obras de antropólogos e linguistas interessados em explorar como a linguagem poderia fornecer acesso privilegiado às formas de pensar de diferentes povos. Um dos pioneiros nesse sentido foi Franz Boas (1858-1942), cujos estudos enfatizaram que cada língua carrega em si uma visão de mundo particular (Boas, 2005), um conceito posteriormente ampliado pelas ideias de Edward Sapir (1884-1939) e Benjamin Lee Whorf (1897-1941), que formaram o núcleo da hipótese conhecida como relativismo linguístico ou hipótese de Sapir-Whorf (Sampaio, 2018).

A Etnolinguística emergiu, então, como uma disciplina necessária para estudar as variações e constâncias sociais e os níveis de linguagem que influenciam as formas de pensar e os diferentes modos de vida. Para Sapir (1949), “a linguagem não é meramente um meio incidental de resolver problemas de comunicação, mas uma forma poderosa de modelar as ideias”, ou seja, a estrutura linguística pode afetar a forma como os indivíduos de uma determinada cultura percebem a realidade. Acerca disso, Whorf (1956) argumentou que as categorias gramaticais e lexicais de uma língua condicionam o pensamento dos seus falantes. Em suas palavras, “vemos e ouvimos [...] em grande parte como fazemos porque os hábitos linguísticos de nossa comunidade nos predispõem a certas escolhas de interpretação” (Whorf, 1956, p. 213). Essa ideia pressupõe que não há uma relação direta e universal entre língua e pensamento, mas sim uma interdependência mediada pela cultura.

Nos anos 1960, com o advento da gramática gerativa, proposta por Noam Chomsky, houve uma mudança paradigmática que enfatizou a universalidade da estrutura gramatical humana, minimizando o impacto da diversidade linguística sobre o pensamento. Estudos mais recentes, como os de John Lucy (1997) e Stephen Levinson (2003), apontam que, embora as estruturas linguísticas não determinem de forma absoluta a percepção, elas desempenham um papel significativo na mediação das interações culturais e na formação de padrões cognitivos específicos. Para Levinson, “a diversidade linguística pode revelar padrões de pensamento que desafiam noções universais sobre cognição humana” (Levinson, 2003, p. 45).

Uma das grandes contribuições da Etnolinguística é seu papel na preservação das línguas e culturas ameaçadas de extinção. O desaparecimento de uma língua implica a perda de um vasto patrimônio cultural, pois cada idioma reflete saberes, crenças, mitos e histórias que não são traduzíveis em suas formas originais para outras línguas. Pottier

(1973, p. 124-125) entende a Etnolinguística como o “estudo das relações entre uma língua e a visão de mundo daqueles que a falam”. Nesse sentido, a Etnolinguística torna-se uma ferramenta crucial para a documentação e revitalização de línguas minoritárias, especialmente em contextos de colonização e globalização.

A língua *Pirahã*, por exemplo, falada pelo povo *Pirahã*, uma pequena comunidade indígena na Amazônia brasileira, possui características distintas que desafiam pressupostos ocidentais sobre gramática e abstração, como a ausência de números exatos, uma estrutura gramatical simples e o foco no tempo presente, que reflete o modo de vida e a percepção de mundo dos falantes. Esses aspectos levantam questões sobre como a linguagem está ligada ao pensamento e à cognição (Everett, 2005).

Uma das principais características da Etnolinguística é o estudo das práticas discursivas nas comunidades. O foco não está apenas nas palavras e nas estruturas gramaticais, mas em como a linguagem é utilizada para transmitir e perpetuar elementos culturais, como rituais, crenças e valores. Alessandro Duranti (1997) argumenta que o uso da linguagem é fundamental para a construção das relações sociais e para a manutenção de tradições. Além de seu valor teórico, a Etnolinguística desempenha um papel crucial na revitalização de línguas em risco e na promoção do respeito pela diversidade cultural. Por fim, essa área de estudo reafirma a importância de reconhecer que a linguagem é mais do que comunicação: é um espelho das relações entre pensamento, identidade e sociedade.

A subseção a seguir apresenta reflexões acerca das línguas indígenas na Amazônia, com ênfase na Língua Geral Amazônica (LGA), também denominada *Nheengatu*, compreendida como um fenômeno linguístico e cultural de grande relevância para a região. Discute sua origem, evolução e papel enquanto língua franca, ressaltando sua adaptação aos contextos sociais e históricos da colonização. Destaca, ainda, a relevância da toponímia na preservação de elementos dessa língua, considerando seu significado histórico e cultural.

1.2 Línguas Indígenas da Amazônia

As línguas indígenas da Amazônia constituem um dos patrimônios linguísticos mais ricos e diversificados do mundo, refletindo a diversidade histórica e cultural de uma região que abrange vários países da América do Sul, com destaque para o Brasil. Essa região é habitada por centenas de povos indígenas que falam línguas pertencentes às

famílias linguísticas de três grandes grupos: o Tupi, o Aruak e o Karib, além de diversos outros grupos menores, isolados ou não classificados (Rodrigues, 1967). Essas línguas não são apenas meios de comunicação, mas também sistemas que carregam saberes, tradições, cosmologias e modos de vida, sendo, portanto, fundamentais para a preservação cultural da Amazônia.

Os principais grupos inteiramente amazônicos são o Xirianá, o Tukano, o Witoto, o Záparo, o Kauapana, o Pano, o Katukina, o Arauá, o Txapakura. Dos grandes grupos não amazônicos, o Jê penetra na parte oriental da área, o Chibcha no noroeste e o Kechua no oeste (Rodrigues, 1967, p. 31).

Historicamente, a Amazônia tem sido um cenário de grande diversidade linguística. Antes da colonização europeia estima-se que houvesse mais de mil línguas indígenas faladas no território que hoje corresponde ao Brasil. Atualmente, esse número foi reduzido de forma drástica devido a processos históricos de genocídio, exploração e marginalização dos povos indígenas (Rodrigues, 1993). No entanto, a região amazônica ainda se destaca como uma das áreas de maior diversidade linguística do planeta, com aproximadamente 300 línguas ainda em uso (Alzza e Voort, 2022).

Entre as principais famílias linguísticas da Amazônia, a família Tupi é, talvez, a mais conhecida e é formada por oito grupos linguísticos: “1. Tupi-Guarani, 2. Munduruku, 3. Juruna, 4. Arikém, 5. Tupari, 6. Ramarama, 7. Mondé, 8. Puruborá (Rodrigues, 1967, p. 32)”. O Tupi possui relevância histórica, cultural e linguística, desempenhando um papel fundamental na construção das identidades socioculturais de diversas regiões do Brasil, influenciando não apenas as línguas indígenas contemporâneas, mas também o português falado no país.

Um aspecto marcante do Tupi é a estreita relação entre língua e território. Muitos dos nomes de rios, montanhas, plantas e animais utilizados até hoje derivam diretamente dessa língua, preservando uma memória linguística que remonta a tempos pré-coloniais. Essa relação entre os nomes e os elementos do ambiente também revela a visão de mundo desses povos, que integravam o espaço natural em suas práticas de nomeação e em suas narrativas cosmológicas.

As línguas do tronco Tupi, em especial o Tupi-Guarani, foram amplamente difundidas antes da chegada dos europeus, devido à mobilidade dos povos indígenas que as falavam. Essa dinamicidade favoreceu o estabelecimento de redes de comunicação entre grupos distintos, o que, por sua vez, contribuiu para a consolidação de práticas culturais compartilhadas (Rodrigues, 1993). Além disso, a língua Tupi-Guarani tornou-

se um meio de comunicação entre os colonizadores portugueses e as populações indígenas, dando origem à língua geral, que foi amplamente utilizada no período colonial.

A Língua Geral, originada do tronco Tupi, desempenhou um papel central no processo de comunicação e interação entre indígenas, colonizadores e missionários. Inicialmente chamada de Língua Brasília, ela se desenvolveu como um idioma de uso corrente no sistema colonial, especialmente devido à convivência entre portugueses e indígenas. A língua tornou-se um instrumento de catequização nas missões jesuíticas.

A Língua Geral, no Brasil Colônia, se subdividiu em Língua Geral Paulista e Língua Geral Amazônica, cada uma com características e histórias distintas. A Língua Geral Paulista, desenvolvida a partir do Tupi falado em São Vicente e no alto Tietê, foi amplamente utilizada pelos bandeirantes em suas expedições pelo interior do Brasil, no século XVII, expandindo-se para regiões nunca habitadas por povos Tupi-Guarani. Já a Língua Geral Amazônica, desenvolvida a partir do Tupinambá, consolidou-se nos estados do Maranhão e Pará, a partir do século XVII. No final do século XIX, a Língua Geral Amazônica passou a ser conhecida como *Nheengatu* (Rodrigues, 1967) e ainda é utilizada por algumas comunidades, preservando seu papel de comunicação entre diferentes grupos étnicos e como símbolo de resistência cultural para povos indígenas que perderam seus idiomas originais.

Outra família linguística relevante é a Arawak, que é amplamente distribuída na região amazônica de terras baixas e em áreas adjacentes, sendo encontradas na Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru, Brasil e Bolívia, além de terem sido faladas no Paraguai e na Argentina. “Kingsley Noble distingue sete ramos dentro do Arawak: 1. Arauá, 2. Taíno, 3. Apolista, 4 Chamikuro, 5. Amuexa, 6. Uru, 7. Maipure. Desses grupos, apenas o Arauá, o Chamikuro, o Amuexa e o Maipure ocorrem na Amazonia” (Rodrigues, 1967, p. 33). Línguas dessa família são conhecidas por sua sofisticação gramatical e por refletirem práticas culturais e espirituais dos povos que a falam (Rodrigues, 1986).

Semelhante ao Arawak, o Karib também se expande para fora do território amazônico, especialmente nas áreas ao norte da região. Além do território brasileiro, essa família linguística também está presente na Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana. Assim como a maioria das línguas indígenas brasileiras, o Karib possui poucos falantes, sendo que “metade das línguas ainda existentes possuem menos de mil falantes e três delas (Karihona, Akuriyó, Mapoyo) têm menos de dez” (Meira, 2006, p. 165), e isso faz com que corram grande risco de extinção.

Um aspecto que merece atenção é a diversidade morfológica das línguas indígenas da Amazônia. No livro *The Amazonian Languages*, Dixon e Aikhenvald (1999) apresentam características comuns à grande parte das línguas indígenas da Amazônia, especialmente no que diz respeito à morfologia. De forma geral, essas línguas tendem a ser polissintéticas, com aglutinação de baixa fusão, o que significa que palavras complexas podem ser formadas a partir da combinação de múltiplos elementos com funções específicas. Outro ponto relevante é a presença de sistemas extensos de classificação ou de gênero. Nessas línguas, a atribuição de gênero é geralmente transparente, baseada em critérios semânticos, mas raramente marcada de forma explícita no substantivo principal. Além disso, muitos idiomas amazônicos possuem poucos casos oblíquos, sendo comuns apenas os casos locativo e instrumental/comitativo.

Ainda segundo Dixon e Aikhenvald (1999), a marcação de posse é outro aspecto interessante. Geralmente ela ocorre no substantivo possuído e não no possuidor, com a ordem "possuidor-possuído" predominando. Embora a maioria dessas línguas utilize tanto prefixos quanto sufixos, os sufixos tendem a ser mais numerosos. Quando múltiplos prefixos estão presentes, os pronominais aparecem em posições mais afastadas da raiz em relação aos prefixos que indicam mudanças de valência, como causativos ou aplicativos. As categorias verbais, como tempo, aspecto e modalidade, são frequentemente expressas por sufixos ou partículas opcionais. Já a incorporação de substantivos ao verbo, quando ocorre, geralmente inclui apenas substantivos obrigatoriamente possuídos, que precedem a raiz verbal. Além disso, algumas línguas permitem a incorporação de advérbios e adposições ao verbo, geralmente seguindo a raiz do verbo. Portanto, cada língua apresenta traços morfológicos específicos. No entanto, é comum que algumas dessas características sejam compartilhadas, em diferentes níveis, por línguas pertencentes a um mesmo grupo linguístico.

Outro aspecto relevante é a relação entre as línguas indígenas e os conhecimentos tradicionais. Cada língua encapsula saberes únicos sobre o meio ambiente, incluindo a fauna, a flora e os ecossistemas locais. Em suma, as línguas indígenas da Amazônia são muito mais do que instrumentos de comunicação: elas são expressões vivas de culturas, histórias e relações intrínsecas com o meio ambiente. Representam uma conexão direta com os saberes ancestrais, carregando em si um patrimônio que transcende gerações e a preservação dessas línguas não é apenas uma forma de proteger a diversidade linguística, mas também um ato de resistência histórica cultural, garantindo que as futuras gerações

possam acessar o legado de conhecimentos e valores que definem a Amazônia como um dos berços mais ricos da humanidade.

A próxima subseção aborda a Língua Geral Amazônica (LGA), destacando sua formação histórica, seu papel como língua de contato entre diferentes povos, bem como sua relevância cultural para a região.

1.2.1 Língua Geral Amazônica (*Nheengatu*)

A Língua Geral Amazônica (LGA), atualmente conhecida como *Nheengatu*, é um dos maiores exemplos da riqueza linguística e cultural da Amazônia. Desenvolvida a partir do Tupinambá, essa língua desempenhou papel crucial entre os séculos XVII e XVIII, funcionando como língua franca em um contexto de contato entre indígenas, colonizadores portugueses, africanos escravizados e outros grupos sociais. Seu legado é vasto, influenciando a comunicação, a toponímia e a organização social na região, além de se consolidar como um patrimônio imaterial de valor inestimável.

A formação da LGA está intrinsecamente ligada à ação missionária dos jesuítas e à administração colonial portuguesa. Durante o período colonial, o Tupinambá foi sistematizado para facilitar a evangelização, dando origem a uma língua simplificada e adaptada às necessidades dos aldeamentos indígenas e do convívio interétnico. Essa língua, denominada Língua Geral, foi amplamente utilizada tanto na Amazônia quanto no Sudeste, quando originou a Língua Geral Paulista. Na Amazônia, a LGA consolidou-se como uma língua de unificação cultural e de comunicação, especialmente em aldeamentos como São João Batista, onde foi fundada a vila de Bragança (1973), no Pará. “A LGA foi amplamente usada, na região bragantina, à época da colonização europeia, como principal instrumento de comunicação por todos que habitavam nessa área” (Araújo, 2019, p. 20). Tal afirmação reflete a importância da LGA não apenas como ferramenta prática, mas como um meio de construção de uma identidade cultural amazônica.

Com o tempo, a LGA passou a ser utilizada no Norte do Brasil, período em que ficou conhecida como *Nheengatu*, isto é, “língua boa (de *nhéé* “língua” e *katu* “bom”, com a sonorização do /k/ por sândi) (Câmara Júnior, 1965, p. 105). Essa disseminação esteve diretamente ligada às práticas missionárias da Companhia de Jesus que, durante o século XVII, empregou essa língua como instrumento de evangelização (Câmara Júnior, 1965). A renomeação da LGA reflete não apenas o prestígio da língua na região, mas também sua adaptabilidade às mudanças sociais e políticas impostas pela colonização. Apesar da

imposição do português como idioma oficial, em 1757, durante as reformas do Marquês de Pombal, o *Nheengatu* resistiu como veículo de comunicação em muitas comunidades amazônicas, evidenciando a resiliência das populações locais frente às forças de homogeneização cultural. Como aponta Câmara Júnior (1965, p. 105), o tupinambá "sofreu uma evolução; o que é fatal, porque, uma vez que uma língua franca se torna a língua nativa, de uma comunidade, fica sujeita às contingências da língua como fato histórico".

Entre os elementos morfológicos marcantes da LGA, o sufixo *-tyua* (e suas variantes *-teua/deua*) desempenha um papel destacado, especialmente na formação de topônimos da região nordeste do Pará. Este sufixo, frequentemente utilizado em nomes de lugares, indica pertencimento, localização, terra de onde abunda, provém (Stradelli, 2014). Exemplos como *Patauateua*, formado por *pataua* ("planta oleaginosa palmácea" [Aulete, 2011]) + *teua (tyua)*; *Puraquéteua*, constituído por *puraqué* ("peixe elétrico" [Houaiss, 2017]) + *teua (tyua)*; e *Murureteua*, *mururé* ("plantas aquáticas de diferentes gêneros e famílias" [Houaiss, 2017]) + *teua (tyua)*, exemplificam a relação entre o significado dos topônimos e as características do espaço local. Essa composição evidencia o papel do sufixo *-tyua* como uma ferramenta linguística de descrição e pertencimento.

O processo de fossilização linguística também é evidente nos topônimos formados com o sufixo *-tyua*. Muitos desses nomes perderam sua conexão original com o significado indígena, sendo hoje utilizados principalmente com base em seu uso prático contemporâneo. Esse fenômeno é comum em línguas de contato, especialmente quando submetidas a um idioma dominante, como o português. Contudo, os topônimos preservam vestígios da história linguística e cultural da região, servindo como testemunhos da interação entre os povos que habitaram a Amazônia.

A transição do Tupinambá para a LGA e desta para o *Nheengatu* não foi linear, mas marcada por mudanças adaptativas. O uso da LGA como língua franca foi uma resposta à diversidade linguística e cultural da região, promovendo a comunicação e a coesão social. Mesmo com a imposição do português, o *Nheengatu* continuou a ser falado em comunidades amazônicas, destacando-se como símbolo de resistência cultural e como expressão da identidade amazônica. A análise da LGA e de elementos como o sufixo "tyua" permite compreender o legado linguístico da Amazônia, que permanece vivo na toponímia, nas tradições e na memória coletiva da região, sendo um exemplo da capacidade de resistência e adaptação das línguas em contextos de contato. A história da

Língua Geral Amazônica (*Nheengatu*) é uma peça essencial para entender a formação da identidade cultural amazônica.

Apresentam-se, a seguir, considerações sobre o léxico enquanto sistema dinâmico e representativo da linguagem, enfatizando sua adaptação às transformações sociais e culturais. Além disso, são apontadas as contribuições da Lexicologia, Lexicografia e Terminologia para a compreensão do léxico e, por fim, a Onomástica, com foco nos ramos da Toponímia e Antroponímia, destacando-se a importância dos topônimos como registros históricos e expressivos.

1.3 Estudos do léxico

O léxico, como um sistema aberto, encontra-se em permanente transformação, refletindo a função da língua enquanto fenômeno social que materializa a linguagem. Nesse processo, a língua não apenas facilita a comunicação, mas também estreita relações e favorece a construção de novos saberes. “Línguas sem qualquer parentesco partilham de uma só cultura; línguas intimamente cognatas, – quando não uma língua única – pertencem a círculos de cultura distintos” (Sapir, 1971, p. 211). Por sua dinamicidade, a língua excede a função de código e alcança o *status* de sistema de representação, em que o homem comunica e representa a realidade em que vive.

Uma das características fundamentais do léxico é sua dinamicidade e capacidade de evolução. Assim, o léxico está continuamente em transformação, ajustando-se tanto às necessidades comunicativas dos falantes quanto às mudanças sociais. Semelhante a um organismo vivo, o léxico acompanha as transformações sociais e preserva as particularidades linguísticas de cada época (Sapir, 1969b) e, por isso, “pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história” (Biderman, 1998a, p. 12). Nesse sentido, cada região apresenta características linguísticas próprias, como o uso de palavras ou expressões que não são facilmente compreendidas em outros locais. No estado do Pará, por exemplo, a palavra “égua” é usada como interjeição ou expressão de surpresa, enquanto em outros estados ela é empregada em seu sentido literal: “fêmea do cavalo” (Houaiss, 2017).

A diversidade do léxico, em constante adaptação ao ambiente social e cultural, reflete a identidade única de cada comunidade linguística. Com isso, ao mesmo tempo em que o léxico se transforma e se adapta, ele reforça as especificidades de diferentes regiões, constituindo um elo entre o vocabulário local e as vivências particulares dos falantes. Assim, como observa Isquerdo (2012a), o léxico regional surge como um traço

distintivo, marcando não apenas o pertencimento a um espaço geográfico, mas também o sentimento de identidade coletiva. Além disso, atua na preservação das memórias e das experiências de uma localidade, consolidando o patrimônio cultural e promovendo uma conexão entre os indivíduos de uma mesma região.

Isquierdo (2007, p. 198) trata da diferença entre *léxico geral* e *léxico regional*, definindo *léxico geral* como o repertório lexical utilizado como instrumento de interação na maior parte de um território, enquanto o *léxico regional* tem caráter mais particular, com uso restrito a determinados espaços geográficos, regiões de um país. Sob essa perspectiva, entende-se que o léxico regional contribui para a identidade local, promovendo laços sociais e efetivos que acabam por estimular o senso de pertencimento entre os falantes. Assim, o léxico regional é “a norma lexical veiculada por habitantes circunscritos a áreas geográficas de diferentes dimensões” (Isquierdo, 2012a, p. 4).

No âmbito dos estudos do léxico, algumas disciplinas linguísticas têm contribuído para a descrição e compreensão do universo lexical das línguas, como a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. A Lexicologia tem como objeto o “estudo e análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (Biderman, 2001, p. 16). Reconhecidamente antiga, a Lexicologia se relaciona com a morfologia, com a fonologia, com a sintaxe e com a semântica, identificando unidades lexicais e casos de neologismos. Além de fornecer parâmetros para o estudo do léxico de uma língua, a Lexicologia estabelece relação com aspectos históricos, sociais e culturais que perpassam o contexto de uso das palavras (Barbosa, 2005). Ainda segundo a mesma linguista, a “lexicologia estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança” (Barbosa, 1990, p. 157). Em contrapartida, a Lexicografia tem como objeto de estudo o dicionário, nas perspectivas *teórica* e *prática*. “Lexicografia Teórica ou metalexigrafia consiste em um estudo em que objeto é a lexicografia como produto, isto é, os próprios dicionários, que são, por sua vez, o resultado da atividade lexicográfica ou lexicografia prática” (Porto Dapena, 2002, p. 23, tradução nossa)⁴.

A Terminologia se atém ao “estudo do conjunto de postulados teóricos necessários para dar suporte à análise de fenômenos linguísticos concernentes à comunicação especializada” (Almeida, 2012, p. 197-198). Entre os teóricos que tratam da Terminologia, situa-se Cabré (1999) que propõe não mais olhar essa área por uma

⁴ “Lexicografia teórica o también metalexigrafia, por consistir en un estudio cuyo objeto es la lexicografia como producto, esto es, los propios diccionarios, que son, por su parte, el resultado de la actividad lexicográfica o lexicografia práctica” (Porto Dapena, 2002, p. 23).

perspectiva reducionista e idealista, mas sim de forma multidimensional, variacionista, capaz de explicar a complexa natureza dos termos e suas variações. Trata-se da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Conforme Krieger e Finatto (2004, p. 35):

A TCT articula-se baseada na valorização dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento dos propósitos normalizadores, bem como na compreensão de que as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática das línguas.

O léxico configura-se, pois, como o conjunto de palavras e expressões de uma língua que se integram e podem apresentar variações ao longo do processo comunicativo. Para Souza e Antunes (2017, p. 2), essas mudanças refletem “as diferenças etárias, as de gerações, às variações diatópicas (espaço geográfico), diastráticas (extratos socioculturais) e diafásicas (modalidades expressivas)”. A língua permite ao homem categorizar experiências e nomear o conhecimento utilizando signos linguísticos que refletem os valores étnicos, culturais, sociais e econômicos de uma comunidade.

Biderman (1998b, p. 81) caracteriza a palavra como uma "pedra de toque da linguagem humana", que pode ser examinada a partir de três dimensões: a) mágico-religiosa, b) cognitiva e c) linguística. Ao tratar da primeira dimensão, a linguista acredita que a palavra constrói uma realidade de poder ao estruturar os mitos que geravam caos nas sociedades primitivas, devido à existência de um vínculo essencial entre o nome e a coisa por ele representada: “[...] o homem primitivo considera seu nome como parte vital de seu próprio ser” (Biderman, 1998b, p. 82). No que diz respeito à dimensão cognitiva, Biderman (1998b) afirma que o homem compreende o mundo a partir da palavra, pois etiqueta aquilo que conhece, categorizando de forma subjetiva o que está ao seu entorno e destacando que o significado das palavras é suscetível a mudanças devido à natureza dinâmica do processo, inclusive diante da mutabilidade do referente.

No que se refere à dimensão linguística da palavra, Biderman (1998) destaca a complementaridade entre a mutabilidade e a imutabilidade dos signos linguísticos, que constituem a língua e são utilizados conforme sua estrutura específica. Assim, os signos apresentam estabilidade suficiente para serem reconhecidos e transmitidos ao longo do tempo, mas também se adaptam às transformações sociais e culturais. A relação entre significado e significante, entretanto, não é totalmente fixa, pois sofre variações em função das mudanças históricas e culturais experimentadas pelo ser humano. Há uma forma de materialização das experiências humanas nas palavras que traduzem, por exemplo, a visão de mundo de um grupo, a posição ideológica, a postura perante outros

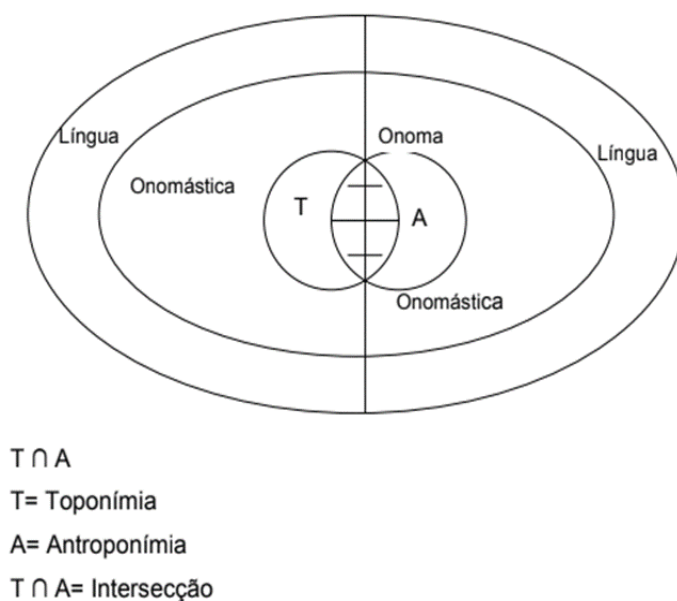
grupos sociais e perante a natureza. Nesse sentido, Sapir (1971, p. 205) pondera que a língua “não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas”.

Entendendo que a maior herança de um povo é o patrimônio linguístico, Biderman (1998b) acredita que as palavras simbolizam, interpretam e tornam palpáveis um significado, uma vez que “o conceito (significado) é tributário de uma realidade que o antecede e precede, realidade essa que nossa percepção/cognição percebe e interpreta, criando o objeto mental ou unidade cultural ao qual atribuímos um nome” (Biderman, 1998b, p. 117). Nesse cenário a língua deve ser entendida como um todo organizado, em que elementos interdependentes se articulam para fundamentação do significado.

[...] O nome é a configuração fonética da palavra; o ‘sentido’ é a informação que o nome comunica ao ouvinte; a coisa [o referente] é o aspecto ou o acontecimento não-lingüístico acerca do qual falamos. [...] Essa relação recíproca entre o som e o sentido é o que chamo de significado da palavra (Ullmann, 1987, p. 119).

Firmada a compreensão de que signo, significante e significado são indissociáveis, cabe situar a Onomástica – ciência que trata do estudo dos nomes próprios, analisados em seus aspectos geográficos, etimológicos, gramaticais etc. – a partir de seus diferentes ramos, dentre os quais a Toponímia e a Antroponímia. A primeira tem como objeto de estudo a origem e o significado dos nomes de lugares (topônimos), enquanto a segunda se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas (antropônimos), ambas se configuram como verdadeiros registros históricos com marcas de importante valor expressivo (Isquierdo, 1997).

Ainda que se constituam em campos de dimensões variáveis na Onomástica, a Toponímia e a Antroponímia possuem uma relação de inclusão que se estreita no *onoma*, área de intersecção que se constitui no momento em que uma unidade lexical de uso comum na língua reveste-se de caráter denominativo transitando para a Onomástica como topônimo ou antropônimo, em sentidos opostos e complementares, conforme explica Dick (1999 p. 45) na figura a seguir:

Figura 1 – Onomástica

Fonte: Dick (1999, p. 145)

Dado o seu caráter interdisciplinar, a Onomástica vincula-se não só à Linguística, mas também a outras áreas do conhecimento, como a História e a Geografia, por exemplo. Na Toponímia, em particular, a motivação implícita no ato de nomeação de um lugar contribui para o conhecimento e a preservação de aspectos históricos, étnicos e culturais de uma região que, com o passar do tempo, podem se manter transparentes ou se tornarem opacos, o que “torna clara outra das características mais significativas do topônimo: sua interpretação como um verdadeiro fóssil linguístico” (Dick, 1990, p. 42).

A motivação atrelada à atribuição de um nome próprio a um espaço geográfico reflete sentimentos, perspectivas e, principalmente, as características físicas do lugar nomeado, o que o diferencia dos nomes comuns, marcados pela arbitrariedade e/ou convencionalidade linguística. O estudo da motivação dos nomes próprios permite compreender elementos expressivos, sejam eles topônimos ou antropônimos, o que reitera a importância de a nomeação ser interpretada como uma atividade que confere novos valores a palavras do léxico comum da língua. Nessa perspectiva, “[...] o que era arbitrário, em termo de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado” (Dick, 1990, p. 38). Em síntese, o topônimo dispensa a representação de algo e, na verdade, evoca o significado daquilo que designa. “É o simbolismo das formas linguísticas que transforma nomes em lugares existenciais e

indivíduos em personalidades sociais. A configuração de um local só acontece a partir do nome, o antecedente sendo o não lugar, o não-simbólico, o inativo” (Dick, 2001, p. 79).

A próxima subseção focaliza a nome próprio esclarecendo os objetivos que perpassam o ato de nomear, bem como a representação de tal ação para a perpetuação histórica de culturas e costumes.

1.4 O nome próprio: discussões filosóficas

A reflexão sobre a língua é uma constante na história da humanidade. O seu uso permite ao homem expressar sentimentos, transmitir emoções, construir pensamentos e interagir com o ambiente e com outros indivíduos. Assim, tem-se nesta pesquisa o nome próprio como uma das categorias linguísticas que melhor justifica a relação entre a língua e o mundo.

A distinção entre nomes próprios e nomes comuns teve seus primeiros registros em inscrições egípcias datadas de cinco a seis mil anos atrás. Os nomes de deuses e faraós, grafados em hieróglifos (inscrições sagradas do Egito Antigo), eram destacados com moldura e tinta vermelha como forma de diferenciá-los dos demais símbolos (Hajdú, 2002). Mais tarde, os povos acádios, assírios, chineses, gregos e latinos também adotaram elementos como linhas verticais e horizontais para marcar o uso dos nomes próprios (Hajdú, 2002). Ainda na Antiguidade, as escolhas dos nomes eram baseadas em princípios distintos dos atuais. Os nomes eram atribuídos em homenagem a animais e objetos no intuito de atrair boas energias e afastar espíritos malignos. Além disso, os nomes também eram utilizados para fortalecer o vínculo entre os membros de uma comunidade.

Para além dos registros históricos, as escrituras bíblicas também retratam o hábito de nomear pessoas e lugares. Destaca-se, nesse prisma, a passagem que anuncia o poder dado ao homem para nomear os seres e as coisas: “[...] então, o Senhor Deus formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu e os trouxe ao homem para ver como os designaria; o nome dado pelo homem a cada ser vivo seria o seu nome” (Gêneses, 2, 19). Na esfera acadêmica, a apropriação da cultura grega pelos romanos acabou por disseminar conhecimentos até então desenvolvidos na Grécia. A esse respeito, Hajdú (2002) destaca que Marco Terêncio Varrão, filósofo romano (27 a.C.), sistematizou os estudos gregos em gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, astronomia e música, com destaque ao estudo do nome próprio a partir da origem de grupos familiares romanos.

Para além das perspectivas linguísticas, filósofos como Platão e Aristóteles, na Grécia Antiga, Thomas de Erfurt, na Idade Média, e Thomas Hobbes e John Stuart Mill, na Idade Moderna, já tratavam do estudo dos nomes. Na Idade Contemporânea, pesquisadores como Husserl, Frege, Wittgenstein, Carnap e Bertrand Russel estudavam o nome sob o olhar da Filosofia, da Mitologia, da Antropologia e de outras várias disciplinas, conforme destaca Carvalho (2012).

Ainda na Grécia Antiga, Platão foi o primeiro filósofo a estudar a linguagem. Nessa época, coube ao pensador fazer a primeira distinção entre o nome (*onoma*) e o verbo (*rhéma*). Em continuidade aos estudos de Platão, Aristóteles propôs importantes distinções para as categorias do discurso, preservando as contribuições de Platão e introduzindo a classe sintática *syndesmoi* que, mais tarde, foi identificada como conjunção, artigo e pronome. Aristóteles estabeleceu diferenças entre nomes, verbos e conjunções. Em *Arte Poética*, registrada originalmente entre os anos 335 a.C. e 323 a.C., o filósofo grego conceitua o nome como um composto significativo, desprovido de indicação temporal. Para Aristóteles, as partes de um nome não têm sentido por si só, mesmo quando formados por dois elementos.

O nome é um composto significativo, sem indicação de tempo, e nenhuma de suas partes faz sentido por si mesma, pois, nos nomes formados de dois elementos, não empregamos cada elemento com um sentido próprio; por exemplo, em Teodoro, o elemento *-doro* não apresenta significado (Aristóteles, 2004, p. 31).

Ainda na obra *Arte Poética*, Aristóteles apresenta uma diferenciação entre tipos de nomes, classificando-os como simples, compostos e vazios de sentido. Os nomes simples são aqueles formados por um único elemento ou palavra, com significado próprio e autônomo, como nomes comuns que se referem a objetos ou conceitos de forma direta. Os nomes compostos, por sua vez, consistem na junção de dois ou mais elementos, criando uma nova expressão com significado específico, frequentemente para descrever algo com mais detalhe. Já os nomes vazios de sentido são aqueles que não têm um significado claro ou não correspondem a uma ideia ou objeto reconhecível, podendo ser fictícios ou usados em contextos poéticos para transmitir um efeito particular.

Depois de Aristóteles, surgem na Grécia as escolas filosóficas estoica e alexandrina. Para os estoicos, o discurso se dividia em: a) nomes que significavam qualidades, divididos entre nomes comuns e nomes próprios; b) verbos enquanto predicados e c) conjunções (pronomes e artigos). Os alexandrinos, por sua vez, aperfeiçoaram teorias como as de Dionísio de Trácia (séculos II e I a.C.), que distinguiu

oito classes de palavras, dentre as quais: a) nomes (*onoma*) próprios e comuns que representam pessoas ou coisas e podem ser flexionados; b) verbo; c) particípio (características de verbo e de nome); d) artigo, que antecede ou procede os nomes e podem ser flexionados; e) pronome, substituível por um nome; f) preposição; g) advérbio; h) conjunção.

Para Thomas Hobbes (2005), os nomes podem ser classificados como positivos ou negativos. Segundo o empirista, um nome positivo é atribuído em conformidade com a identidade e semelhança com o objeto ou pessoa nomeada, enquanto um nome negativo é concedido em função da desigualdade e da diversidade. “Sócrates é um exemplo de nome positivo, porque significa sempre um e o mesmo homem. Exemplos de nomes negativos são os nomes aos quais se acrescenta a partícula não, como não-filósofo” (Hobbes, 2005, p. 17).

Para além das contribuições filosóficas já expostas, John Stuart Mill também trata do estudo dos nomes. Em sua obra *Sistema de Lógica Dedutiva e Indutiva* ([1843] 1979)⁵, o filósofo inglês diferencia nomes conotativos de não-conotativos, exemplificando que nomes como “Londres” e “Inglaterra” não conotam atributos dos objetos nomeados. Stuart Mill ainda argumenta que os nomes próprios não descrevem objetos e que a referência de um nome não pode ser determinada por uma descrição associativa (Mill, 1979). No século XVIII, os estudos dos nomes se limitavam à origem e aos aspectos etimológicos da palavra. No entanto, foi na transição para o século XX que as pesquisas na área se alavancaram.

No final do século XIX, Gottlob Frege, um dos fundadores da lógica moderna e da filosofia da linguagem, fez contribuições significativas sobre o conceito de nome próprio. Segundo o filósofo, para que um nome seja próprio é necessário que “se refira a um objeto singular, particular e não mais que um” (Frege, 1978, p.62). Assim, “a designação de um objeto singular pode também consistir em várias palavras ou sinais. Para sermos breves, chamaremos cada uma destas designações de *nome próprio*” (Frege, 1978, p. 62-63). Na perspectiva de Frege (1978), o nome próprio possui duas funções semânticas: sentido e denotação. O sentido é a unidade fundamental da comunicação, é a manifestação de uma palavra quando separada de seu objeto, enquanto a denotação é o

⁵ A primeira edição da obra *Sistema de Lógica Dedutiva e Indutiva* (em inglês, *A System of Logic, Ratiocinative and Inductive*), de John Stuart Mill, foi publicada no ano de 1843. Para esta pesquisa foi consultada a edição publicada em 1979.

próprio objeto designado. As teorias do filósofo sobre o nome próprio foram fundamentais para o desenvolvimento da lógica formal e da semântica.

No século XX, o filósofo e lógico britânico Bertrand Russell, não aceitando que a lógica estivesse reduzida ao formalismo, iniciou discussões acerca da capacidade denotativa do nome, adentrando indiretamente à categoria dos nomes próprios. Em sua obra *Princípios da Matemática*⁶ (1974), Russell afirma que o significado de um nome, bem como o objeto que o nome denota possuem relação intrínseca e indissociável. Assim como Frege, Russell também institui o nome próprio como um símbolo linguístico utilizado para a designação de particulares, consoante se percebe nessa afirmação: “um nome próprio só pode nomear um particular ou, se não o nomeia, não é em absoluto um nome, é um ruído” (Russell, 1974, p. 78). Em síntese, o filósofo acredita que a única palavra capaz de distinguir e identificar um particular é o nome próprio.

Baseado nas teorias de Frege e Russell, Ludwig Wittgenstein (1979), precursor da pesquisa filosófica em linguagem, fez inúmeras considerações sobre os nomes próprios. Em sua obra *Investigações Filosóficas* (1979), o filósofo coloca em pauta a ideia de que o significado de um nome estaria atrelado ao objeto nomeado. Para Wittgenstein, “confunde-se a significação de um nome com o portador do nome. Se o sr., N.N. morre, diz-se que morre o portador do nome, e não que morre a significação do nome [...] pois se o nome deixasse de ter significação, não haveria sentido nenhum em dizer: “O sr. N.N. morreu” (Wittgenstein, 1979, p. 21).

Wittgenstein influenciou inúmeros filósofos na segunda metade do século XX, dentre eles, John Searle. Reconhecido por resgatar a teoria de Frege sobre o nome próprio e por sua teoria sobre atos da fala, Searle (1996) acredita que um nome próprio adquire sentido não por descrever as características de um objeto, mas por estar diretamente conectado com as descrições necessárias para a compreensão de um objeto particular (Zamariano, 2010). Em outros termos, o nome próprio designa um objeto sem que haja a necessidade de recuperar suas características.

Searle (1996) acredita que os nomes próprios têm um sentido exclusivo, conectado com um conjunto de descrições que identificam um objeto. O filósofo evidencia a relação entre significação e intencionalidade, argumentando que os nomes próprios se referem a objetos mediante descrições vinculadas (Zamariano, 2010).

⁶ A primeira edição da obra *Princípios da Matemática* (em inglês, *The Principles of Mathematics*), de Bertrand Russell, foi publicada no ano de 1903. Para esta pesquisa foi consultada a edição publicada em 1974.

O percurso histórico trilhado pelo nome próprio perpassa não só a Filosofia, mas também outras disciplinas, como a Antropologia e a Linguística, e, sendo produto de uma comunidade, “os nomes se repetem no tempo e no espaço, como um fenômeno cíclico” (Dick, 1982, p. 96). No Brasil, o processo de nomeação incorpora elementos da etnia brasileira, sendo de estrutura “tão mestiça e heterogênea quanto o próprio povo”. Quando vinculado a um referente do passado, Biderman (1998b) acredita que “o nome próprio pode ser considerado como um caso à parte do signo linguístico, tanto os topônimos como os antropônimos” (Biderman, 1998b, p. 113), pois tanto a base descritiva como a classificação de um nome próprio são mais facilmente identificadas quando o referente é reconhecido.

Superada a vertente filosófica, importa tratar acerca da diferença entre nome comum e nome próprio. João de Barros acredita que o “nome próprio é aquelle que se nam póde atribuir a mais que a hũa só cousa, como este nome Lisboa, por ser próprio desta cidade, e nam convem a Roma [...], però se dissermos cidade, que é geral nome a todas, entam será comũ” (Barros, 1540, p. 5 *apud* Amaral; Seide, 2020, p. 57). Por seu turno, Amaral e Seide (2020, p. 57) definem nomes próprios como “unidades linguísticas desprovidas de traços semânticos identificadores de classe, que fazem parte do repertório linguístico do falante” e listam características gerais para essas unidades, dentre as quais: a) possibilidade de identificar receptor único no universo de conhecimento entre esse e o emissor; b) capacidade de fazer referência; c) ausência de identificadores de classe; d) grafia com a inicial maiúscula (Amaral; Seide, 2020).

Pode-se considerar que o nome próprio não só identifica, mas também significa um lugar ou uma pessoa em relação ao universo que a compreende. Por essa razão, não há como tratar da Onomástica sem considerar a função simbólica e referencial do signo linguístico. Dick (1999, p. 97) defende que os nomes “são recortes de uma realidade vivenciada, conscientemente ou não, pelo denominador, isolado, ou pelo próprio grupo, numa absorção coletiva dos valores especiais que representam a mentalidade do tempo histórico ou ethos grupal”.

De modo geral, esta seção retoma o posicionamento de diferentes filósofos em relação ao conceito de nome próprio. As contribuições de pensadores como Thomas Hobbes, Stuart Mill, Gottlob Frege, Bertrand Russel e Ludwing Wittgenstein fornecem posicionamentos que acentuam, dentro das especificidades de suas teorias, o reconhecimento do nome próprio como uma marca individual/particular. Frente ao exposto, nota-se que o signo linguístico em função toponímica não possui significado

quando analisado isoladamente e, por esse motivo, constitui-se como essencialmente motivado, uma vez que revela características, físicas, históricas e culturais do lugar de nomeação.

Na sequência, são apresentadas considerações acerca do topônimo como signo linguístico na função de indicador ou identificador de um espaço geográfico e, ainda, discute-se a estrutura do signo linguístico, o signo toponímico e o modelo taxonômico proposto por Dick (1990; 1992).

1.5 Signo linguístico, signo toponímico e as contribuições teórico-metodológicas de Dick (1990;1992)

O topônimo, objeto de estudo da Toponímia, configura-se como uma importante unidade do léxico comum, ou seja, o conjunto de palavras utilizadas na língua cotidiana que fazem parte do conhecimento geral dos falantes. Em contraste, existe o léxico especializado, que é o conjunto de termos técnicos e específicos de determinados campos do conhecimento, como o léxico jurídico, médico ou científico. Dessa forma, enquanto o léxico comum abrange palavras e expressões usadas em contextos gerais e amplamente compreendidas pela população, o léxico especializado é restrito a grupos com conhecimentos específicos. Assim, a nomeação se constitui como uma apropriação da realidade refletida em signos linguísticos em função toponímica. Para Biderman (1996, p. 27-28), “o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato linguístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras – os signos linguísticos”. Posto isso, as subseções a seguir focalizam o signo linguístico em função toponímica.

1.5.1 Estrutura do signo linguístico

A noção de signo linguístico, desenvolvida por Ferdinand de Saussure ([1916] 2006)⁷, é um conceito central na linguística moderna. Segundo Saussure (2006), o signo linguístico é definido como uma unidade da língua que resulta da combinação de dois elementos: o significante e o significado. O significante refere-se à imagem acústica, ou à forma sonora, enquanto o significado é o conceito ou a ideia associada a essa forma.

⁷ A primeira edição da obra *Curso de Linguística Geral* (em francês, *Cours de Linguistique Générale*) de Ferdinand de Saussure, foi publicada no ano de 1916. Para esta pesquisa foi consultada a edição publicada em 2006.

Por exemplo, o termo "igarapé" possui como significante a sequência sonora /i-g-a-r-a-p-é/ e como significado a noção de um riacho que se origina na mata.

Um dos princípios fundamentais de Saussure é a natureza arbitrária do signo linguístico. Isso significa que não há uma relação natural entre o significante e o significado, o que permite que diferentes línguas utilizem termos distintos para referir-se ao mesmo conceito, conforme exemplifica Saussure (2006, p. 81): “o significado da palavra francesa boeuf (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro”. Além da arbitrariedade, Saussure (2006, p. 84) discute a linearidade do significante, que se desenvolve no tempo de forma sequencial. Isso implica que os signos linguísticos são pronunciados um após o outro, formando uma cadeia auditiva que resulta em significação.

Outro aspecto relevante é a mutabilidade e a imutabilidade do signo linguístico. A mutabilidade refere-se à capacidade dos signos de evoluírem ao longo do tempo, influenciados por fatores como mudanças culturais, sociais e fonéticas. Embora haja uma certa estabilidade na língua quando transmitida entre gerações, mudanças são inevitáveis devido à natureza dinâmica do signo (Saussure, 2006). A imutabilidade diz respeito à estabilidade dos signos em um momento histórico específico. Mesmo que os signos possam mudar com o tempo, eles tendem a permanecer relativamente estáveis enquanto são utilizados em uma comunidade de falantes (Saussure, 2006).

Essa concepção de signo linguístico foi posteriormente ampliada por outros teóricos. Hjelmslev ([1943] 1975), por exemplo, enfatiza a importância do contexto na significação, propondo que a compreensão do signo depende de suas combinações e interações em situações variadas. Benveniste (1989) destaca que o significado é mediado pelo sujeito e pelo contexto social, sugerindo que o signo linguístico é uma unidade semiótica que vai além da mera combinação de significante e significado.

Por sua vez, Bernard Pottier (1978) analisa a relação entre semântica e sintaxe no signo, afirmando que o significado é composto por substâncias específicas e formas genéricas e que compreender a articulação dos significantes em diferentes contextos é fundamental para a construção de significados. Stephen Ullmann (1987) propõe uma abordagem que divide o signo linguístico em três componentes principais: o nome (ou significante), que é a forma sonora ou gráfica da palavra; o sentido (ou significado), que corresponde ao conceito mental associado ao nome; e a coisa ou referente, que é o objeto ou a ideia concreta que o nome representa no mundo real. Essa distinção é fundamental para entender como a linguagem opera na mediação entre os pensamentos e a realidade.

Ullmann (1987) destaca que a relação entre essas partes não é fixa, sendo influenciada por fatores contextuais e culturais que podem alterar o sentido e a percepção de um termo em diferentes situações de uso.

Em síntese, a noção de signo abrange aspectos de arbitrariedade, linearidade, mutabilidade e imutabilidade, além de ser influenciada pelo contexto e pelas relações sociais. Essa compreensão amplia a visão sobre como os significantes e significados se inter-relacionam, enriquecendo a análise da linguagem e sua função na comunicação.

A subseção a seguir trata do signo toponímico e o modelo taxonômico de Dick (1990; 1992).

1.5.2 O signo toponímico

O ato de nomear decorre não só da necessidade de identificar um lugar, mas também de registrar aspectos físicos e sociais do ambiente em que falantes de uma língua estão inseridos. Diferente de outros signos linguísticos, o signo toponímico é um produto cultural que se caracteriza pela motivação e pela particularidade de sua função: a de situar o objeto nomeado no campo das significações. Nessa perspectiva, o nome de um lugar pode tanto projetar características físicas e ambientais de uma região como exprimir os sentimentos e as perspectivas de um indivíduo sobre o espaço nomeado: “é por meio dos topônimos de lugares que uma nação obtém uma personalidade geográfica própria e se particulariza em relação aos demais países, construindo-se numa fonte inesgotável para o acervo científico” (Aguilera, 1999, p. 125).

O nome de um lugar – acidentes físicos⁸ (rios, córregos, montanhas etc.) e acidentes humanos (cidades, municípios, vilas, povoados, aldeias etc.) – constitui uma importante fonte de informação científica e patrimonial (Dick, 1992). Partindo dessa premissa, Dick (1990) elaborou um modelo taxonômico que divide os topônimos em duas grandes categorias: i) taxonomias de natureza física (11 taxes): que remetem a elementos naturais como água, plantas, animais, solo; ii) taxonomias de natureza antropocultural (16 taxes), relacionadas a elementos da cultura material, crenças, religião. Desse modo, a nomeação se constitui como uma sistematização de elementos da realidade cristalizados em signos linguísticos, ou seja, em palavras.

⁸ *Acidente físico*: “qualquer feição topográfica que possa ser observada visualmente. O termo engloba feições topográficas naturais e artificiais. Exemplo: morro, rio, estrada, edificação, mas não, por exemplo, uma fronteira política não demarcada” (Kadmon, s/d, p. 6), o mesmo que feição topográfica e entidade topográfica conforme a mesma fonte. Neste estudo mantém-se o uso do termo *acidente físico*, tradicionalmente utilizado nas pesquisas toponímicas no Brasil.

As taxionomias toponímicas [...] não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificativas, podendo ser ampliadas em seus catálogos (fitotopônimos, ergotopônimos, somatotopônimos etc), à medida que novas estruturas vocabulares se constituam, respeitando sempre o modelo originário, assim descrito: adoção de um prefixo nuclear (grego-latino) de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano; acréscimo do termo “topônimo” ao elemento prefixal, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada (Dick, 1999, p. 142).

Dick (1992) utiliza uma terminologia técnica que justifica a classificação dos topônimos com base em suas características. Essa classificação é composta por um elemento que descreve a natureza do lugar nomeado, como “água” (hidro), “animal” (zoo), “pessoa” (antropo), seguido pelo item lexical que remete à ciência dos nomes de lugares, resultando em termos como “hidrotopônimo,” “zootopônimo” e “antropotopônimo.” Essa nomenclatura reflete a diversidade dos aspectos nomeados e auxilia na categorização dos topônimos conforme sua origem ou referência. No quadro seguinte, são arroladas as taxas propostas por Dick (1992) para categorizar os topônimos segundo a motivação. Importa mencionar que os exemplos utilizados foram retirados dos dados que figuram no *corpus* desta pesquisa, com exceção de três taxas⁹ para as quais não foram identificadas amostras.

Quadro 1 – Taxas toponímicas de natureza física e antropocultural (Dick, 1992, p. 31-34)

Taxas de natureza física		Exemplos do <i>corpus</i>
Astrotopônimos	“...relativos aos corpos celestes em geral” (Dick, 1992, p. 31).	Córrego <i>Estrela Azul</i> (Dom Eliseu/PA)
Cardinotopônimos	“...relativos às posições geográficas em geral” (Dick, 1992, p. 31).	Rio <i>do Meio</i> (Augusto Corrêa/PA)
Cromotopônimos	“...relativos à escala cromática” (Dick, 1992, p. 31).	Rio <i>Escuro</i> (Maracanã/PA)
Dimensiotopônimos	“...relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos” (Dick, 1992, p. 31).	Igarapé <i>Açu</i> (Mãe do Rio/PA)
Fitotopônimos	“...índole vegetal” (Dick, 1992, p. 31).	Igarapé <i>Piquiá</i> (Santa Luzia do Pará/PA)
Geomorfotopônimos	“... relativos às formas topográficas” (Dick, 1992, p. 31).	Igarapé <i>dos Campos</i> (Ipixuna/PA)
Hidrotopônimos	“...acidentes hidrográficos em geral” (Dick, 1992, p. 31).	Igarapé <i>Cachoeira</i> (Inhagapi/PA)
Litotopônimos	“... índole mineral” (Dick, 1992, p. 31).	Rio <i>do Ouro</i> (Ulianópolis/PA)
Meteorotopônimos	“...relativos a fenômenos atmosféricos” (Dick, 1992, p. 32).	Cachoeira <i>Trovoada</i> (PA) * (Dick, 1992, p.32)

⁹ Não foram identificados exemplos no *corpus* deste estudo para as seguintes taxas: *meteorotopônimos*, *dirrematopônimos* e *historiotopônimos*. No quadro 1, esses casos estão identificados com asterisco (*) e os exemplos são de Dick (1992, p. 31-34).

Morfotopônimos	“... refletem o sentido de forma geométrica” (Dick, 1992, p. 32).	Igarapé <i>Rodeia</i> (Cachoeira do Piriá/PA)
Zootopônimos	“...índole animal” (Dick, 1992, p. 32).	Igarapé <i>de Onça</i> (Santa Luzia do Pará/PA)
Taxes de natureza antropolocultural		Exemplos
Animotopônimos	“...relativos à vida psíquica, à cultura espiritual [...]” (Dick, 1992, p. 32).	Rio <i>Bonito</i> (Ulianópolis/PA)
Antropotopônimos	“...relativos aos nomes próprios individuais” (Dick, 1992, p. 32).	Igarapé <i>Janção</i> (Castanhal/PA)
Axiotopônimos	“...relativos aos títulos e dignidades [...]” (Dick, 1992, p. 32).	Distrito <i>Dom Eliseu</i> (Dom Eliseu/PA)
Corotopônimos	“...nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes”(Dick, 1992, p. 32).	Córrego <i>Marajó</i> (Dom Eliseu/PA)
Cronotopônimos	“... indicadores cronológicos representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha” (Dick, 1992, p. 32).	Córrego <i>Novo</i> (Dom Eliseu/PA)
Ecotopônimos	“...relativos às habitações de um modo geral” (Dick, 1992, p. 33).	Igarapé <i>Castelão</i> (Magalhães Barata/PA)
Ergotopônimos	“...relativos aos elementos da cultura material” (Dick, 1992, p. 33).	Igarapé <i>das Panelas</i> (Irituia/PA)
Etnotopônimos	“...referentes aos elementos étnicos, isolados ou não [...]” (Dick, 1992, p. 33).	Igarapé <i>Jurunas</i> (São Domingos do Capim/PA)
Dirrematopônimos	“...constituídos por frases ou enunciados linguísticos” (Dick, 1992, p. 33).	Igarapé <i>Vai quem quer</i> (AM) * (Dick, 1992, p. 33)
Hierotopônimos¹⁰	“...relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças [...]” (Dick, 1992, p. 33).	Igarapé <i>Cristo</i> (Dom Eliseu/PA)
Hagiotopônimos	“... relativos aos santos e santas do hagiológico romano [...]” (Dick, 1992, p. 33).	Igarapé <i>Santo Antônio</i> (Ipixuna/PA)
Mitotopônimos	“...relativos às entidades mitológicas” (Dick, 1992, p. 33).	Rio <i>Coaraci-Parana</i> (Paragominas/PA)
Historiotopônimos	“...relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros [...]” (Dick, 1992, p. 33).	Rio <i>7 de setembro</i> (MT) * (Dick, 1992, p. 33)
Hodotopônimos	“...relativos às vias de comunicação rural ou urbana” (Dick, 1992, p. 33).	Igarapé <i>Apeú</i> (Castanhal/PA)

¹⁰ As taxes hagiotoipônimo e mitotopônimo são subcategorias da taxonomia hierotopônimos.

Numerotopônimos	“...relativos aos adjetivos numerais” (Dick, 1992, p. 33).	Igarapé <i>do Vinte e Dois</i> (Castanhal/PA)
Poliotopônimos	“...constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial” (Dick, 1992, p. 33).	Igarapé <i>Vila Nova</i> (Magalhães Barata/PA)
Sociotopônimos	“...relativos às atividades profissionais aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade” (Dick, 1992, p. 34).	Cachoeira <i>Lavadeira</i> (Paragominas/PA)
Somatotopônimos	“...empregados em relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal” (Dick, 1992, p. 34).	Igarapé <i>Cabeça do Porco</i> (Santa Luzia do Pará/PA)

Fonte: Organizado pela autora com base em Dick (1992, p. 31-34)

A pesquisa toponímica permite compreender como se constituiu a ocupação de um espaço. Em outros termos, pode-se dizer que a língua está vinculada à identidade de um povo que, por sua vez, eterniza sua história por meio da nomeação. “O léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (Sapir, 1969a, p. 45). Devido aos inúmeros motivos que podem influenciar a nomeação de um lugar, nem sempre o significado de um topônimo pode ser revelado por um dicionário, demandando do toponimista aprofundamento teórico e linguístico acerca da toponímia em estudo. À vista disso, Dick (1990, p. 367) discute sobre dois planos de investigação toponímica: o sincrônico e o diacrônico. Para a linguística, a investigação no âmbito do primeiro plano (sincrônico), permite “o exame das séries motivadoras, que conduziram à elaboração das taxes toponímicas, vinculadas, de modo genérico, aos campos físico e antro-po-cultural”.

Para fins de classificação, Dick (1992, p. 10) considera o sintagma toponímico constituído pelo “termo ou elemento genérico, relativo a entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o elemento ou termo específico, ou topônimo propriamente dito”. A exemplo, *igarapé Tucumã*, em que o elemento genérico ‘igarapé’ indica o tipo de acidente nomeado e o elemento específico ‘*Tucumã*’ configura-se como o topônimo propriamente dito. Para a classificação taxonômica de topônimos compostos, Dick usa o primeiro formante como referência. No caso de “córrego Estrela Azul,” por exemplo, “Estrela” atua como núcleo do sintagma toponímico.

Outrossim, Dick (1992) também esclarece que a formação do sintagma toponímico pode ocorrer por justaposição: processo de composição em que duas palavras se unem para formar uma nova palavra, sem perda de fonemas ou acentuação (ex.: *Rio*

Grande), ou por aglutinação: que consiste na junção de duas ou mais palavras que se unem para formar uma terceira palavra, no entanto uma delas ou mesmo todas as palavras sofrem mudanças em sua estrutura, ganhando ou perdendo letras, fonemas ou morfemas, como no topônimo *Paragominas*, que nomeia uma das regiões investigadas nesta pesquisa. Vale registrar que o nome Paragominas resulta da aglutinação de Pará, Goiás e Minas, estados de origem dos migrantes que formaram a cidade (Portal Amazônia, 2023).

Dick (1992) também analisou os topônimos sob uma perspectiva morfológica, classificando-os em simples, compostos e híbridos. O topônimo simples é constituído por um só termo, acompanhado ou não por sufixo, como em igarapé *Solapo* e igarapé *Timboteua*. Já o topônimo composto é formado por mais de um termo, a exemplo: rio *Braço do Urumajó* e rio *Mato Grosso*. E o topônimo híbrido, por sua vez, resulta da combinação de elementos de diferentes línguas, como em igarapé *Campinaçu* – campina (LP) + açu (LT) e igarapé *Sapocoara* – sapo (LP) + coara (LT). Segundo Dick (1992, p.14) o topônimo híbrido é “aquele topônimo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências; a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa”. A equipe de pesquisa do Projeto ATEMS, pautando-se nas orientações de Dick (1992), marcam a diferença entre estrutura do topônimo e base linguística: simples; simples híbrido; composto e composto híbrido. Nessa perspectiva, foi considerado *simples híbrido* “o topônimo formado por um item lexical formado por mais de um estrato linguístico (Taquaral = taquara-Tupi + al-Português) e *composto híbrido* o designativo cuja estrutura reúne duas ou mais unidades lexicais oriundas de línguas diferentes (rio Indaiá do Sul = Indaiá-Tupi + Sul-Português)”. (Dargel; Isquerdo, 2020, p. 26).

O modelo teórico construído por Dick (1992) permite o reconhecimento da motivação toponímica e da estrutura linguística dos topônimos a partir de bases linguísticas sólidas. Nessa perspectiva, ao analisar o vocabulário dos seringueiros para a realização de sua tese de doutorado, Isquerdo (1996) percebeu a necessidade de subdividir os animotopônimos – “relativos à vida psíquica, à cultura espiritual” (Dick, 1992, p. 32) – em *animotopônimos eufóricos* e *animotopônimos disfóricos*. O primeiro revela expectativas otimistas acerca de um lugar (ex: igarapé *recanto*; igarapé *bom jardim*) enquanto o segundo evoca sentimentos ou associações negativas (ex: rio *desterro*; igarapé *do inferno*). Em síntese, o modelo teórico de Dick (1992) não apenas fundamenta a análise da motivação toponímica, mas também abre espaço para uma compreensão mais detalhada da estrutura linguística dos topônimos. A subdivisão proposta por Isquerdo

(1996) enriquece essa discussão, permitindo que se capturem as nuances emocionais associadas aos lugares.

Seguindo essa linha de aprofundamento, Pereira e Nadim (2017) propuseram uma “taxionomia para designações de parentesco que acompanham nomes próprios individuais” (Pereira; Nadim, 2017, p. 240), denominada parentistopônimo. Cabe registrar que as taxes propostas por esses pesquisadores seguem o mesmo critério de formação adotado por Dick (1990): a junção do termo de origem latina, que representa a motivação semântica do nome – como *artis*, *letra*, *acrônimo*, *parentis*, etc. – ao termo *topônimo*.

A próxima seção tem caráter histórico à medida que contextualiza o desenvolvimento dos estudos toponímicos sob a perspectiva de diferentes linguistas com foco nas pesquisas desenvolvidas no Brasil.

1.6 Percurso histórico dos estudos toponímicos

Ao longo do tempo, o homem atribuiu nome a lugares, seres, sentimentos e objetos para marcar território e facilitar a identificação de um espaço, no entanto o estudo do nome como disciplina oficial teve início somente no século XIX, na França, especificamente no ano de 1878, a partir dos trabalhos de Auguste Longnon. Na época o pesquisador priorizou a etimologia dos nomes e demais aspectos linguísticos a eles inerentes (Dick, 1992).

Após a morte de Longnon, Albert Dauzat ([1926] 1963) retomou os trabalhos na área com a realização de conferências, congressos, publicações, dentre outras contribuições. Dauzat foi além das pesquisas etimológicas, seus estudos contemplaram a significação da unidade lexical em função de topônimo, o que contribuiu para a consolidação e a expansão da Toponímia como um ramo da ciência onomástica. As pesquisas desenvolvidas por Dauzat possibilitaram o reconhecimento do topônimo como fonte de informação que exerce função cronológica capaz de especificar, distinguir e confirmar a ordem e a ocorrência de fatos históricos e linguísticos.

O ano de 1963 marca a evolução dos estudos toponímicos na França com a publicação da obra *Dictionnaire des noms de lieux de France*¹¹ escrita inicialmente por Albert Dauzat e finalizada por Charles Rostaing. Segundo esse linguista (Rostaing, 1997), a Toponímia ocupa-se do estudo da etimologia, do significado e da transformação dos

¹¹ “Dicionário de nomes de lugares na França” (Rostaing, 1997, p. 5, tradução nossa).

nomes de lugares, identificando “à qual camada populacional pertencem os topônimos e, consequentemente, qual a respectiva contribuição de cada um dos povos que ocuparam nosso país” (Rostaing, 1997, p. 3, tradução nossa)¹². Nessa perspectiva, percebe-se o papel social da Toponímia como ramo da Onomástica que contribui para a identificação de particularidades históricas e culturais, essenciais para o reconhecimento da identidade de uma região. Além da França, países como Bélgica, Holanda, Suíça, Alemanha, Itália, Catalunha e Portugal também avançaram em termos de pesquisas toponímicas. Dauzat ([1926]1963, p. 14, tradução nossa)¹³, por exemplo, aponta alguns pesquisadores com importantes contribuições na área.

Na Bélgica, existem numerosos toponimistas, desde Wauters, Tarlier e G. Kurth: citemos A. Carnoy, De Flou, Feiler, Mansion, Vannérus, A. Vincent, Van de Wijer. [...] Na Holanda, M. J. Winkler pesquisou sobre nomes de lugares e nomes de pessoas. A Suíça fez grandes esforços para a Toponímia. [...] O toponimista mais notável na Suíça francófona foi E. Muret. [...] a Suíça de língua alemã publicou um *Idiotikon* magistral. Obras importantes ficam por conta de MM. Aebischer e Hubschmied. As obras toponímicas na Alemanha são muito numerosas. Destacaremos apenas a obra clássica de Foerstemann, [...]. Na Itália, com C. Battisti, Bertoldi, Olivieri, Pieri, G. Serra, etc., esses estudos vêm se desenvolvendo desde o início do século. Na Inglaterra, a *Place-names Society* abriu uma vasta investigação e publicou importantes trabalhos. Na Catalunha, onde os primeiros trabalhos se devem a Balari e Juvany, o *Institut d'estudis catalans* preparou um levantamento em grande escala para a produção de um dicionário de Toponímia e Onomástica [...]. Finalmente em Portugal, J. Leite de Vasconcellos agrupou os seus estudos toponímicos em um de seus *Opusculos*.¹⁴

Com o reconhecimento da Toponímia como disciplina sistematizada, estudiosos de diferentes partes do mundo passaram a discutir acerca da nomeação de lugares, contribuindo com teorias e métodos voltados à classificação toponímica. Com isso, a partir da compreensão dos diferentes modelos taxonômicos e tendo em vista os aspectos

¹² “à quelle couche de population appartiennent les toponymes, et par conséquent quel est l’apport respectif de chacun des peuples qui ont occupé notre pays.” (Rostaing, 1997, p. 3)

¹³ A primeira edição da obra *Les noms de lieux. Origine et évolution: Villes et villages – pays – cours d’eau montagnés – lieux-dits*, de Albert Dauzat, foi publicada no ano de 1926. Para esta pesquisa foi consultada a edição publicada em 1963.

¹⁴ “En Belgique, les toponymistes sont nombreux, depuis Wauters, Tarlier et G. Kurth : citons A. Carnoy, De Flou, Feiler, Mansion, Vannérus, A. Vincent, Van de Wijer. [...] En Hollande, M. J. Winkler s’est occupé des noms de lieux et des noms de personnes. La Suisse a fait de gros efforts pour la toponymie. [...] Le toponymiste le plus remarquable de la Suisse romande fut E. Muret. [...] la Suisse alémanique a publié un magistral *Idiotikon*. Des travaux importants sont dus à MM. Aebischer et Hubschmied. Les travaux toponymiques d’Allemagne sont fort nombreux. Nous signalerons seulement l’ouvrage classique de Foerstemann, [...]. En Italie, avec C. Battisti, Bertoldi, Olivieri, Pieri, G. Serra, etc., ces études se développent depuis le début du siècle. En Angleterre, la *Place-names Society* a ouvert une vaste enquête et publie d’importants travaux. En Catalogne, où les premiers travaux sont dus à Balari y Juvany, l’*Institut d’estudis catalans* a préparé une enquête de grande envergure pour la confection d’un dictionnaire de toponymie et d’onomastique [...]. Enfin en Portugal, J. Leite de Vasconcellos avait groupé ses études toponymiques dans un de ses *Opusculos*. ” (Dauzat, [1926]1963, p. 14)

teóricos e metodológicos que subsidiam o desenvolvimento desta pesquisa, consideram-se os estudos de especialistas, como Dauzat ([1926] 1963), Vasconcelos (1931), Stewart (1954), Dick (1982; 1987; 1990; 1992; 1999; 2000; 2001; 2004; 2008), Salazar-Quijada (1985) e Trapero (1995), importantes contribuições para a área

Em meados do século XX, Albert Dauzat propôs um estudo sistematizado para além da toponímia francesa. Segundo Dick (1999), o pesquisador subdividiu a classificação toponímica em dois grandes grupos: topônimos provenientes da geografia física e topônimos provenientes da geografia humana. Além disso, Dauzat ([1926] 1963, p. 10, tradução nossa) também classificou os topônimos “por séries lógicas e por camadas históricas”¹⁵, propondo aos pesquisadores considerar a formação histórica dos nomes, agrupando-os com base no significado originário, evoluções fonéticas e gramaticais, transformações e substituição de um nome por outro (Dauzat, ([1926] 1963). A respeito dos topônimos provenientes da geografia física e da geografia humana, Tavares e Isquardo (2022, p. 3) pontuam que:

No primeiro grupo, estariam os nomes próprios motivados por acidentes orográficos, da hidrografia, da vegetação e da fauna; enquanto o segundo conjunto, conforme o mesmo autor, reuniria nomes motivados por elementos que remetem a lugares de passagem, estabelecimentos sedentários, vilas, cidades, indústrias, santuários, cores, características abstratas, além dos nomes de pessoas que são, com frequência, emprestados à toponímia.

No ano de 1931, Leite de Vasconcelos, filólogo português, publicou a obra *Opúsculos*, Volume III – Onomatologia. Nessa obra, o autor aborda a toponímia portuguesa, classificando os topônimos em três categorias: “classificação por língua, modos de formação toponímica e segundo as causas que lhes deram origem (flora, fauna, natureza do solo, história, religião etc.)” (Vasconcelos, 1931, p. 139). Quanto à língua de origem, o filólogo esclarece que em Portugal há “nomes de lugar pré-romanos, romanos, germânicos, árabicos, de procedência vária, e portugueses propriamente ditos” (Leite de Vasconcelos, 1931, p. 139). No que diz respeito à formação toponímica, Vasconcelos (1931) destaca a importância dos aspectos que influenciam a nomeação de um lugar, como o espaço geográfico, a língua nativa, as mudanças fonéticas etc. Por último, o filólogo categoriza os nomes quanto às causas denominativas – hidrografia (*Alago*), agricultura (*Roças*), caça (*Armadilhas*), história (*Batalha*), campos (*Agrelos*), natureza do solo (*Arneirós*), fauna (*Lobeira*), flora (*Juncal*) etc. (Leite de Vasconcelos, 1931, p. 149-150).

¹⁵ “par séries logiques et par couches historiques.” (Dauzat, [1926] 1963, p. 10)

Em 1954, ao estudar a toponímia norte-americana, o professor e escritor estadunidense George Rippey Stewart (1954, p. 2) definiu nove mecanismos para a classificação dos topônimos: “1) Descriptive names, 2) Possessive names, 3) Incident names, 4) Commemorative names, 5) Euphemistic names, 6) Manufactured names, 7) Shift names, 8) Folk etymologies, 9) Mistake names”¹⁶.

All naming of places stems from one basic motive, that is, the desire to identify a place and thus distinguish it from others. In order to do so, the namer makes use of one of several different mechanisms, e.g., description. (A desire to describe can scarcely be called his motive, unless the namer happens to be a self-conscious artist.) At the same time, however, other motives may be present in his mind, even consciously. He may be thinking, for instance, "I want to distinguish this place, and have some fun too"¹⁷ (Stewart, 1954, p. 1).

Os mecanismos de classificação de Stewart (1954) foram organizados com base no motivo e no mecanismo de nomeação toponímica. Assim, a primeira classificação denominada *Descriptive Names* (Nomes Descritivos) trata das características de um lugar específico, descrevendo aspectos reais ou fantasiosos que lembram o espaço nomeado. Stewart (1954) subdivide essa classificação em *Pure Description*, *Associative Description*, *Relative Description*¹⁸, mecanismos comumente mais utilizados. Além dos nomes descritivos, o autor também considera os topônimos que se originam de descrições falsas ou negativas (*False Description*, *Negative Description*), afirmando que eles raramente são utilizados uma vez que não descrevem as verdadeiras características de um lugar ou mesmo por serem atribuídos pelo nomeador em circunstâncias que fogem à normalidade.

Pure description- This specifies a quality genuinely and inalienably connected with the thing named [...]. *Associative description*- This specifies a trait rather loosely connected with the thing named. It might be said not so much to describe the thing itself as to identify it by means of something associated with it. *Relative description*- This specifies a relationship of the place to something else, e.g., Fourth Crossing, Lake

¹⁶ “1) Nomes Descritivos, 2) Nomes Possessivos, 3) Nomes Incidentais, 4) Nomes comemorativos, 5) Nomes Eufemísticos, 6) Nomes Manufaturados, 7) Nomes Deslocados, 8) Etimologias Populares; 9) Nomes errados” (Stewart, 1954, p.2, tradução nossa).

¹⁷ “Toda nomeação de lugares decorre de um motivo básico, isto é, o desejo de identificar um lugar e assim distingui-lo dos outros. Para fazer isso, quem nomeia utiliza um de vários mecanismos diferentes, por exemplo, a descrição. (Um desejo de descrever dificilmente pode ser chamado de seu motivo, a menos que o nomeador seja um artista autoconsciente.) Ao mesmo tempo, porém, outros motivos podem estar presentes em sua mente, mesmo conscientemente. Ele pode estar pensando, por exemplo: “Quero distinguir este lugar e me divertir também.” (Stewart, 1954, p.1, tradução nossa)

¹⁸ Descrição Pura, Descrição Associativa, Descrição Relativa. (Stewart, 1954, tradução nossa)

Superior. Here also may be included *compass-point names* and *mile-post names* [...] ¹⁹ (Stewart, 1954, p. 3).

O segundo mecanismo proposto por Stewart (1954), os *Possessive Names* (Nomes Possessivos), a exemplo dos que norteiam os nomes associativos-descritivos, reporta-se ao sentimento e perspectiva do denominador acerca de um lugar. Em inglês, os topônimos classificados como *Possessive Names* são, via de regra, marcados pela utilização de palavras que indicam relação de posse entre o nomeador e o lugar nomeado. Stewart (1954) subdividiu os *Possessive Names* em três classificações: *Personal Names*, *Ethnic Names* e *Mythological Names*. Os *Personal Names* (Nomes Pessoais), são topônimos comuns que estão presentes em grande parte do mundo, como em igarapé *Joana* (Aurora do Pará/ PA) e igarapé *Romualdo* (Paragominas/PA). Em contrapartida, os *Ethnic Names* (Nomes Étnicos) são topônimos que se reportam às características específicas do lugar de nomeação, como aspectos naturais, sociais, culturais e econômicos

The term ethnic has not been much used by American scholars, but seems better than the more common *tribal*, which is hardly fitting for such names as Chinese and American. *Gentile* has also been used as a technical term in this sense, but it is likely to cause even more confusion (Stewart, 1954, p.4).

Os *Mythological Names*, por seu turno, se referem a crenças e seres sobrenaturais, como ocorre com o topônimo *Mãe do Rio* que nomeia um igarapé do município de Irituia/PA. Nessa região, esse nome é atribuído a um ser mitológico protetor das águas. O terceiro mecanismo de classificação de Stewart (1954), os *Incident Names*, tem como proposta a identificação de lugares com base em acontecimentos que marcaram uma localidade, diferente dos *Descriptive Names* que não se reportam a características fixas, mas a atribuição de nomes de lugares a partir de episódios eventuais associados à existência de uma localidade. Por se reportar a acontecimentos fortuitos, pode haver divergência de informações na motivação em torno dos nomes classificados como *Incident Names*, bem como dificuldade na identificação da veracidade das informações até então atribuídas à origem da nomeação.

¹⁹ *Descrição pura* - Especifica uma qualidade genuína e inalienavelmente ligada à coisa nomeada [...]. *Descrição associativa* - Especifica uma característica vagamente conectada com a coisa nomeada. Pode-se dizer não tanto para descrever a coisa em si, mas para identificá-la por meio de algo associado a ela. *Descrição relativa*- Especifica uma relação do local com outra coisa, por exemplo, Quarta Travessia, Lago Superior. Aqui também podem ser incluídos *nomes de pontos cardeais* e *nomes de postos de milhas* [...]. (Stewart, 1954, p.3, tradução nossa).

Stewart (1954) também identificou os *Commemorative Names* (nomes comemorativos) que se reportam a nomes já atribuídos que são reutilizados na nomeação de um lugar com o propósito de conferir respeito, honra e homenagem a alguém ou a um acontecimento. “In this instance the secondary motive, i.e., commemoration, or at least a desire to perpetuate the old name for some reason, may be considered essential”²⁰ (Stewart, 1954, p. 6). Importa mencionar que nem todos os nomes provenientes de transferências devem ser classificados como *Commemorative Names*. Para Stewart, o importante nessa classificação é o papel honorífico atrelado à significação do nome.

Considerada uma das menos abrangentes das classificações de Stewart (1954), os *Euphemistic Names* (Nomes Eufemísticos) contemplam as idealizações e as perspectivas do nomeador sobre o lugar nomeado. Essa classificação se diferencia das demais por reportar-se ao futuro. Além dessa, o toponimista apontou os *Manufactured Names* (Nomes fabricados), que designam nomes criados a partir “from recombined sounds or letters, out of fragments of old words, from initials, by backward spellings, by reversal of syllables, and so forth”²¹ (Stewart, 1954, p. 8-9).

O sétimo mecanismo definido por Stewart (1954) foi o *Shift Names* (Nomes de substituição ou Nomes de Transferência). Essa classificação se refere a nomes substituídos e/ou transferidos de um lugar para outro apenas com a troca do elemento genérico, como ocorreu com o topônimo *White Mountain*, substituído por *White Lake* (Stewart, 1954). Em alguns casos os *Shift Names* podem ser classificados como *Descriptive Names*. Todavia, Stewart destaca que, embora alguns nomes coincidam com as características do lugar nomeado, é importante que haja distinção entre essas classificações. “*Shift Names* differ in that they are really not descriptive at all, and are often actually misleading. The possibility, however, cannot be ruled out that a *shift name* may also be descriptive”²² (Stewart, 1954, p. 9).

Considerando a comunicação como imprescindível para a vida em sociedade e a língua como elemento de interação, Stewart (1954) classificou como *Folk Etymologies* os nomes provenientes das particularidades linguísticas de uma região. Stewart (1954) também identificou os *Mistake Names* (Nomes Errados): os “Mistake names, however,

²⁰ “Neste caso, o motivo secundário, isto é, a comemoração, ou pelo menos um desejo de perpetuar o antigo nome por alguma razão, pode ser considerado essencial” (Stewart, 1954, p. 6, tradução nossa).

²¹ “...da recombinação de sons ou letras, de fragmentos de palavras antigas, de iniciais, por grafia invertida, por inversão de sílabas, e assim por diante.” (Stewart, 1954, p. 8-9, tradução nossa).

²² “Os nomes de substituição se diferem porque não são realmente descritivos e muitas vezes são enganosos. A possibilidade, no entanto, não pode ser descartada de que um nome de substituição também possa ser um nome descritivo” (Stewart, 1954, p. 9, tradução nossa).

arise from what might be called the operations of chance and mis-chance, e.g., typographical errors, illegible handwriting, careless copying, faulty enunciation, faulty hearing²³”

Em 1985, na Venezuela, sob uma perspectiva antropológica, Adolfo Salazar-Quijada definiu a Toponímia como “aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socio-económicos y antro-po-lingüísticos”²⁴ (Salazar-Quijada, 1985, p. 18). Para o pesquisador venezuelano o estudo toponímico permite o reconhecimento histórico e cultural de uma área geográfica, sendo importante para o acervo científico e patrimonial de um país.

Em sua proposta, Salazar-Quijada subdivide a classificação toponímica a partir de cinco aspectos: a) elementos; b) extensão; c) localização; d) aplicação e e) motivos. De acordo com Aguilera (1999, p. 128), “o próprio Salazar-Quijada admite que há topônimos de difícil catalogação, além de existirem no ato da denominação os mais variados motivos, dificultando assim a elaboração de uma taxonomia que abranja todos eles”. O primeiro aspecto, *os elementos*, corresponde à formação dos topônimos que pode ser simples, apenas com elementos genéricos, ou composta, formada por um elemento genérico (rio, lago, igarapé etc.) e um ou mais elementos específicos (Caeté, Santa Rita, Aurora etc.).

O elemento *extensão* diz respeito ao tamanho do acidente que influencia na nomeação e serve como referência para o reconhecimento do topônimo. “Según su extensión, o tamaño del accidente que determina los topónimos se clasifican en: a. Microtopónimos. b. Mesotopónimos y, c. Macrotopónimos” (Salazar-Quijada, 1985, p. 22). O aspecto *localização* contempla duas categorias, a *terrestre*, que indica acidentes que estão presentes na terra, e a *extraterrestre* que se refere a elementos do universo, externo ao planeta Terra (Salazar-Quijada, 1985).

Considerando o significado e/ou motivação do nome, a categoria *aplicação* está subdividida em: *actinômicos* – nomes atribuídos a acidentes costeiros; *astinômicos* – nomes aplicados a acidentes urbanos ou cidades; *corônimos* – nomes que descrevem uma localidade ou região; *insunônimos* – nomes de ilhas, arquipélagos e recifes; *hidrônimos* – nomes que se referem a mares, oceanos, correntes de água, lagos etc.; *odônimos* – nomes

²³ “Nomes errados, no entanto, surgem do que pode ser chamado de operações de acaso e azar, por exemplo, erros tipográficos, escrita ilegível, cópia descuidada, enunciação defeituosa, audição defeituosa” (Stewart, 1954, p. 10, tradução nossa).

²⁴ “... aquele ramo da Onomástica que trata do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspetos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos.” (Salazar-Quijada, 1985, p. 18, tradução nossa).

de caminhos, autopistas e ruas; *orônimos* – nomes de montanhas; *epeleónimos* – nomes de grutas e formações subterrâneas; *selenônimos* – nomes aplicados a acidentes lunares.

Por último, Salazar-Quijada classifica os nomes com base na *motivação*. Essa categoria é subdividida em *fisiotopônimos* – nomes que descrevem características naturais; *zootopônimos* – nomes que se referem à fauna; *fitotopônimos* – nomes que se referem à flora; *minerotopônimos* – nomes de índole mineral; *epotopônimos* – nomes que homenageiam personagens históricos; *hagiotopônimos* – nomes de santos ou santas; *somatotopônimos* – nomes relacionados às características físicas do ser humano, como partes do corpo ou alguma doença; *animotopônimos* – nomes que revelam as perspectivas ou o estado de ânimo do denominador; *cognomotopônimos* – nomes de pessoas, apelidos ou gentílicos; *pragmatopônimos* – nomes de objetos e utensílios e, por último, os *topotopônimos* – topônimos que fazem referência a outros topônimos. “Esses nomes também podem ser denominados topônimos descritivos, já que sugerem ou descrevem, como o nome indica, as características de determinados acidentes”.²⁵ (Salazar-Quijada, 1985, p. 25, tradução nossa).

No Brasil, pode-se dizer que os estudos toponímicos iniciaram no ano de 1901 com a publicação da obra *O Tupi e a Geografia Nacional*, de Theodoro Sampaio, obra clássica voltada para o estudo de topônimos de origem Tupi. Após o livro de Sampaio, novos trabalhos foram surgindo. No ano de 1961, Levi Cardoso publicou a obra *Toponímia Brasília*, um estudo dedicado à Toponímia Brasília Amazônica:

O livro precioso de Teodoro Sampaio, o nunca assaz louvado *O tupi na geografia nacional*, foi, entretanto, uma aberta, uma picada, uma clareira, apenas, no imenso cipoal da contribuição das línguas americanas. Teodoro Sampaio [...] não só abriu o caminho como, e principalmente, apontou o rumo em que deviam ser orientados os futuros trabalho sobre a toponímia brasileira. (Cardoso, 1961, p. 17).

Em 1965, Drumond publicou o livro *Contribuição do bororo à toponímia brasileira*, obra apresentando resultados de uma pesquisa realizada na etnia bororo que, à época, concentrava o maior número de povos indígenas da região Centro-Oeste do Brasil (Drumond, 1965, p. 7). Somente após as pesquisas desenvolvidas por Levy Cardoso (1961) e Carlos Drumond (1965) é que os estudos toponímicos no Brasil começaram a ter maior visibilidade.

²⁵ “Estos nombres se pueden denominar también topónimos descriptivos, ya que sugieren o describen, como su nombre lo indica, las características de determinados accidentes.” (Salazar-Quijada, 1985, p. 25)

Em 1980, com a defesa de tese de Doutorado de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxonômicos*²⁶, orientada por Carlos Drumond, os estudos toponímicos no Brasil alcançaram novos rumos. Seguindo diretrizes propostas por Dauzart (1926) para a toponímia francesa, Dick fortaleceu os estudos toponímicos no país com contribuições teóricas e metodológicas adaptadas à realidade brasileira.

Tendo em vista o papel fundamental dos estudos toponímicos, Dick (1990) considera que, para além de fatores linguísticos, os topônimos são mais do que simples designações de locais, pois refletem aspectos geográficos, históricos e sociais que contribuíram para a nomeação de um espaço geográfico. Posto isso, os topônimos atuam como “verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população” (Dick, 1990, p. 22). Dick trata ainda da função social do topônimo, como a delimitação de território, marcação de fronteiras e construção do senso de pertencimento. A linguista analisa como os nomes são usados nas interações cotidianas e como influenciam a percepção do espaço. Em sua proposta, explora o impacto da substituição de nomes tradicionais por nomes modernos e questiona as narrativas dominantes que interferem na nomeação de um lugar.

Em síntese, a proposta metodológica de Dick ([1980] 1990;1992) consiste em analisar a estrutura morfológica dos topônimos e analisar a motivação toponímica que, de acordo com Dick (1990, p. 39), é subdividida em dois momentos: “primeiro na intencionalidade que anima o denominador, de ordem objetiva ou subjetiva, depois na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco”.

Comparando os modelos classificatórios até aqui mencionados, pode-se afirmar que Salazar-Quijada (1985) tem uma abordagem focalizada na análise semântica e etimológica dos topônimos. O antropólogo, além de enfatizar a origem dos nomes de lugares e como eles evoluíram ao longo do tempo, também discute como os topônimos podem expressar identidades culturais e sociais. Mesmo focalizando a motivação toponímica, a proposta de Salazar-Quijada torna-se pouco prática, pois requer que o pesquisador retorne a outras classificações (dentro do próprio modelo) para se chegar à classificação final de um topônimo. Por outro lado, por contemplar um maior número de taxes o modelo de Dick (1992) torna-se mais usual. A linguista, além de focalizar com

²⁶ Título da versão da tese publicada no ano de 1990: *Motivação toponímica e a realidade brasileira*.

maior abrangência o fenômeno da motivação, também aborda a toponímia sob uma perspectiva interdisciplinar, integrando em suas análises aspectos sociológicos e antropológicos que estimulam o pesquisador a refletir acerca da história, cultura e identidade de povos que habitaram uma região.

Enquanto Dick (1992) sistematiza o modelo de classificação taxonômica em vinte e sete taxes, subdivididas em taxonomias de natureza física e taxonomias de natureza antropocultural, Dauzat ([1926] 1963) privilegiara a investigação etimológica dos nomes propondo um método que se constitui em duas tendências: tendência mística e tendência realista. Ao se comparar as teorias de Dauzat ([1926] 1963) com as de Leite de Vasconcelos (1931), nota-se que ambos se propõem a investigar a etimologia dos nomes, no entanto, o primeiro se preocupa com a interpretação, enquanto o segundo se detém ao estudo do significado. Além de Dauzat ([1926] 1963) e de Vasconcelos (1931), Stewart (1954) propõe um modelo de classificação baseado nos motivos extralinguísticos que influenciam a nomeação de um espaço geográfico.

Sobre o modelo de Stewart, Dick (1990, p. 50-51) considera que:

Apesar de entender o autor serem os “mecanismos” ou “modos” de nomeação o ponto mais importante em qualquer formulação taxonômica, releva o fato de que sua interligação aos “motivos” poderá ser logo percebida, desde que nem sempre os dois fatores podem estar completamente dissociados, em uma relação de total independência.

Dick (1990, p. 51) pondera que Stewart (1954) não tratou da motivação toponímica porque, segundo ele, o estudo da motivação depende de questões que envolvem noções aprofundadas da psicologia humana e mais importante do que os motivos é a natureza semântica das denominações. “Nota-se que a técnica de abordagem empregada força-o, a cada passo, a lançar mão de hipóteses explicativas da origem do topônimo, situando-se o seu modelo taxonômico em uma perspectiva oposta àquela por nós apresentada” (Dick, 1990, p. 52).

Por sua vez, Maximiano Trapero, pesquisador da toponímia de Canária/Espanha, em sua obra *Para una teoría lingüística de la toponimia: estudios de toponimia canaria* (1995), trouxe importantes contribuições acerca da relação entre signo linguístico e signo toponímico. O linguista retoma e amplia o conceito de signo, aprofundando-se na relação entre significante e significado, conforme o excerto a seguir:

Um significado não é “o que expressa um significante”, pois, se assim fosse, a vinculação entre os dois planos do signo linguístico condicionaria o princípio da arbitrariedade. O significado é uma “unidade” linguística que existe na

medida em que se manifesta por meio de um significante, sem dúvida, mas que se configura independentemente dos significantes, em relação com os demais significados do sistema, e que se fixa a um significante para manter sua identidade (Trapero, 1995, p. 59, tradução nossa)²⁷.

De acordo com Trapero (1995), o topônimo não possui um significado intrínseco, mas sim uma função de designação, pois o significado só é atribuído quando o falante tem conhecimento da realidade do local nomeado. Nesse sentido, o entendimento de um topônimo transcende a linguagem e exige que o falante possua informações sobre o contexto extralinguístico, como aspectos históricos, culturais e geográficos do lugar. Para o linguista, o significado de um topônimo é dinâmico e surge a partir de uma relação entre o sistema linguístico e o ambiente físico e social.

Trapero (1995) destaca que a toponímia não deve ser analisada apenas como um inventário de nomes, mas como uma manifestação linguística vinculada às condições históricas e culturais de uma sociedade. Ele argumenta que o ato de nomear lugares reflete um processo de adaptação linguística em que os primeiros habitantes de uma região, diante de uma geografia desconhecida, utilizam um vocabulário pré-existente para atribuir nomes às características físicas do território. Essa ideia é expressa na seguinte passagem: “Os primeiros povoadores de um determinado território, ao se depararem com uma geografia ainda não nomeada [...], recorrem, em geral, a um vocabulário preexistente que se adeque às características do acidente geográfico que desejam nomear.” (Trapero, 1997, p. 246, tradução nossa)²⁸

Dessa forma, Trapero considera que a criação de topônimos é motivada por elementos externos ao signo linguístico, como a geografia local e a cultura dos habitantes, alinhando-se à teoria da motivação. Ele considera que os topônimos não são arbitrários, mas resultado de escolhas condicionadas pelas características do ambiente físico e social, que muitas vezes estão explícitas na formação do nome. Por exemplo, um acidente geográfico pode receber um nome relacionado à sua forma, cor, vegetação ou à percepção cultural de seus primeiros habitantes.

²⁷ “Un significado no es “lo que expresa un significante”, pues de ser así la vinculación entre los dos planos del signo lingüístico condicionaría el principio de la arbitrariedad. El significado es una “unidad” lingüística que existe en cuanto se manifiesta a través de un significante, eso sí, pero que se configura al margen de los significantes, en relación con los otros significados del sistema, y que se fija a un significante para mantener su identidad” (Trapero, 1995, p. 59).

²⁸ “los primeros pobladores de un territorio cualquiera que se enfrentan a una geografía sin bautizar [...] echan mano generalmente de um vocabulario preexistente que se acomode a las características del accidente geográfico que quieren nombrar” (Trapero, 1997, p. 246).

Trapero (1995) também explora a interação entre o sistema linguístico e as experiências dos falantes. Segundo ele, a relação entre significante e significado nos topônimos não é fixa, mas sim flexível e sujeita a mudanças históricas. Isso ocorre porque a motivação inicial de um topônimo pode se perder ao longo do tempo, sendo reinterpretada por gerações posteriores.

Desse breve paralelo entre os modelos de classificação toponímica, observa-se que a proposta metodológica de Dick (1992) focaliza o conteúdo semântico dos topônimos e a intenção do denominar no ato da nomeação. Por se constituir um importante instrumento para aferição “objetiva das causas motivadoras dos acidentes geográficos” (Dick, 1990, p. 24), o modelo teórico-metodológico da toponimista brasileira, mesmo depois de muitos anos, continua sendo utilizado com êxito por pesquisadores de diferentes regiões do Brasil.

Em se tratando da cronologia dos estudos toponímicos no Brasil, Isquerdo (2012b, p. 17) a sistematiza em três fases. A primeira entre os anos de 1901 e 1979; a segunda, entre 1980 e 1990, e a terceira, a partir da década de 1990. Isquerdo (2020) propõe ainda uma quarta fase para os estudos toponímicos a partir do ano de 2010. O Quadro 2, a seguir, sintetiza os acontecimentos que marcaram cada período.

Quadro 2 – Evolução dos estudos toponímicos no Brasil - síntese

Período	Cronologia dos estudos toponímicos no Brasil
1901-1979	Os estudos toponímicos no Brasil estavam voltados aos topônimos de origem indígena. Na época, os trabalhos de Sampaio (1901), Levy Cardoso (1961) e Drumond (1965) marcaram os estudos na área (Isquerdo, 2012b, p. 17).
1980-1990	Dick defende a sua tese de Doutorado em 1980, com contribuições que alavancaram os estudos toponímicos no Brasil. O modelo teórico construído por Dick para a toponímia brasileira considerou as três camadas étnicas que marcaram a formação do país – o branco, o índio e o negro – e as bases da formação do português brasileiro (Isquerdo, 2012b, p. 20).
Década de 1990	As pesquisas toponímicas expandem-se para além da USP, com o surgimento de projetos de atlas toponímicos em diversas universidades brasileiras (Isquerdo, 2012b). O ATEPAR (Atlas Toponímico do Estado do Paraná) foi o primeiro, iniciado em 1998 na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Posteriormente, outros projetos surgiram, como o ATEMS (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul), na UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), entre 2002-2006 (primeira etapa); o ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais), na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), desde 2005; e o ATITO (Atlas Linguístico de Origem Indígena do Estado do Tocantins), resultado da tese de Doutorado de Karylleila Santos Andrade, da UFT (Universidade Federal do Tocantins), publicado em 2008.
2010 até a atualidade	A partir de 2010, observa-se uma significativa expansão das pesquisas toponímicas em universidades de todas as regiões do Brasil, acompanhadas pela

	produção de dissertações e teses de doutorado vinculadas a programas de pós-graduação. Essa fase também marca a implementação de novos projetos de atlas toponímicos, como o ATA OB (Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira) na UFC (Universidade Federal do Acre), o ATOBAH (Atlas Toponímico da Bahia) na Universidade Estadual da Bahia e o ATEMA (Atlas Toponímico do Estado do Maranhão) na UEMA (Universidade Estadual do Maranhão/Balsas), entre outros (Isquerdo, 2020).
--	---

Fonte: Organizado pela autora com base em Isquerdo (2012b, p. 17-22).

A seção 2 apresenta os aspectos históricos e geográficos que constituem a região intermediária de Castanhal/PA, com destaque para as regiões imediatas de Castanhal, Bragança e Paragominas.

SEÇÃO 2

ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA REGIÃO INTERMEDIÁRIA DE CASTANHAL/PA

Composta por sete Estados – Acre (AC), Amapá (AP), Amazonas (AM), Pará (PA), Rondônia (RO), Roraima (RR) e Tocantins (TO) –, a região Norte do Brasil é uma das mais diversas do país em termos de riquezas naturais, culturais e históricas e a maior em extensão territorial dentre as cinco regiões brasileiras, com uma área equivalente a 45,2% do território nacional (IBGE, 2022). Apesar dessa dimensão, é a região menos populosa do Brasil, com uma densidade demográfica de 4,51 habitantes/km² (IBGE, 2022). A Amazônia, maior floresta tropical do mundo, é o grande tesouro da região Norte por abrigar uma imensa variedade de fauna e flora, além de ser território de povos indígenas e ribeirinhos. A riqueza da biodiversidade amazônica não se limita apenas à floresta, mas se estende aos rios que cortam a região, como o Rio Amazonas, proporcionando paisagens deslumbrantes e únicas, que colaboram com a importância ecossistêmica do bioma amazônico para o equilíbrio climático global e a manutenção de recursos hídricos essenciais para todo o país.

Além disso, a cultura amazônica é fortemente marcada por lendas e mitos tradicionais que refletem o respeito e conexão dos povos locais com a natureza e o imaginário popular. Lendas como a do boto cor-de-rosa, que, segundo a tradição, transforma-se em um belo rapaz para seduzir moças ribeirinhas durante as festas, e a da Iara, uma sereia que encanta e leva pescadores ao fundo dos rios, são narrativas que expressam o vínculo das comunidades com o ambiente natural. Outro mito bastante presente é o da Cobra Grande, uma serpente gigantesca que habita os rios e lagos e é vista como guardiã das águas e dos segredos da floresta. As águas têm um papel determinante na Amazônia, influenciando o comportamento da população de maneira única em comparação com outras áreas do Brasil. Conforme destaca Gallo (1981), os eventos sociais na região são regulados pelos ciclos das águas, que definem seu ritmo e duração. Assim, os elementos do folclore amazônico reforçam as tradições locais e são passados de geração em geração como parte do patrimônio cultural.

Entre os estados que integram a região Norte, o Pará é uma das 27 unidades federativas do Brasil e a segunda maior unidade da federação, depois do Amazonas. Dividido em 144 municípios, com área territorial de 1.245.870, 704 km² e densidade entre 6,52 habitantes/km², o Pará representa 29,73% da Amazônia (IBGE, 2022). O estado

possui uma estimativa populacional de 8.120.131 habitantes e registra a pontuação de 0,69 em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano, ficando no ranking de 23º em relação aos demais estados do Brasil (IBGE, 2022). A economia local é fortalecida pela exportação de recursos minerais, especialmente minério de ferro, bauxita e manganês, que são fundamentais para a indústria siderúrgica nacional (SEDEME, 2020), além da agricultura e exploração sustentável de produtos nativos da floresta, como açaí, castanha-do-pará e óleos vegetais, que contribuem para o desenvolvimento econômico e social de comunidades da região.

Com influências indígenas, africanas e europeias, a cultura no estado do Pará é bastante rica e diversificada. Reconhecido pela culinária típica, manifestações artísticas e festividades tradicionais, como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém (capital do estado), considerado uma das maiores manifestações religiosas do Brasil, o Pará é predominantemente coberto pela Floresta Amazônica. Além da Amazônia, o estado também possui outros ecossistemas importantes, como áreas de manguezais e rios que abrigam diversas espécies aquáticas, além de áreas de cerrados e campos naturais em algumas regiões. O povoamento histórico do Pará deixou marcas na cultura, na toponímia, na arquitetura e na identidade do estado. Entre os povos que habitaram a região, destacam-se os europeus, os africanos e os indígenas de diferentes etnias, como os Tupinambá, os Mundurucu, os Kayapó, os Tembé etc.

O estado do Pará também é um verdadeiro berço de mitos e lendas, que refletem o imaginário popular e a rica diversidade cultural da região. Muitas dessas histórias foram transmitidas de geração em geração e continuam vivas na memória dos paraenses, misturando influências indígenas, africanas e europeias. Narrativas como a da Matinta Pereira, uma velha bruxa que se transforma em uma ave agourenta para assombrar as pessoas, e o Mapinguari, criatura lendária de um olho só e com uma boca no estômago, que protege as florestas, revelam um universo de seres fantásticos e forças sobrenaturais que, para muitos, habitam a floresta amazônica e interagem com os habitantes locais.

Originada no Pará e propagada pelo Norte do Brasil, a Cobra Norato é um dos mitos mais marcantes da Amazônia paraense. A história conta que Norato, um jovem amaldiçoado, se transforma em uma enorme cobra que percorre os rios e igarapés do Pará. Sua presença evoca tanto o perigo quanto a fascinação que as águas exercem sobre os moradores. Segundo a lenda, ele só se libertaria de sua forma monstruosa se alguém tivesse coragem de matá-lo enquanto dormisse na forma de serpente (Nascimento, 2022). A Cobra Norato representa a força das águas e a ideia de transformação ligada à natureza.

Em termos de divisão territorial, o Pará organiza seus 144 municípios em 7 regiões geográficas intermediárias²⁹: Belém, Castanhal, Marabá, Redenção, Santarém, Altamira e Breves, e 21 regiões geográficas imediatas³⁰: Belém, Cametá, Abaetetuba, Castanhal, Bragança, Capanema, Paragominas, Capitão Poço, Marabá, Parauapebas, Tucuruí, Redenção, São Felix do Xingu, Xinguara, Santarém, Itaituba, Oriximiná, Altamira, Almeirim, Breves e Soure. Entre as regiões intermediárias, Castanhal (área de investigação desta pesquisa) se sobressai por ser um importante polo de desenvolvimento econômico, social e cultural na Amazônia paraense e compreende o maior número de municípios (39 municípios) e quantidade de regiões imediatas (5 regiões: Castanhal, Paragominas, Bragança, Capanema e Capitão Poço) quando comparada às demais regiões intermediárias do estado.

Em termos econômicos, a região intermediária de Castanhal tem na produção agrícola, especialmente na fruticultura e na produção de açaí, uma importante fonte de sustento e geração de empregos. Além disso, a região é conhecida pela produção e comercialização de cerâmica vermelha, atividade que contribui para o fortalecimento da economia regional. Do ponto de vista social, a região intermediária de Castanhal abriga uma diversidade de culturas e tradições que refletem a identidade do povo paraense. As comunidades locais preservam seus costumes, festividades e artesanato, incentivando a manutenção das tradições regionais. Entre os cinco municípios que integram a região intermediária de Castanhal, as cidades de Castanhal, Bragança e Paragominas são as maiores em número de habitantes, economia e área territorial.

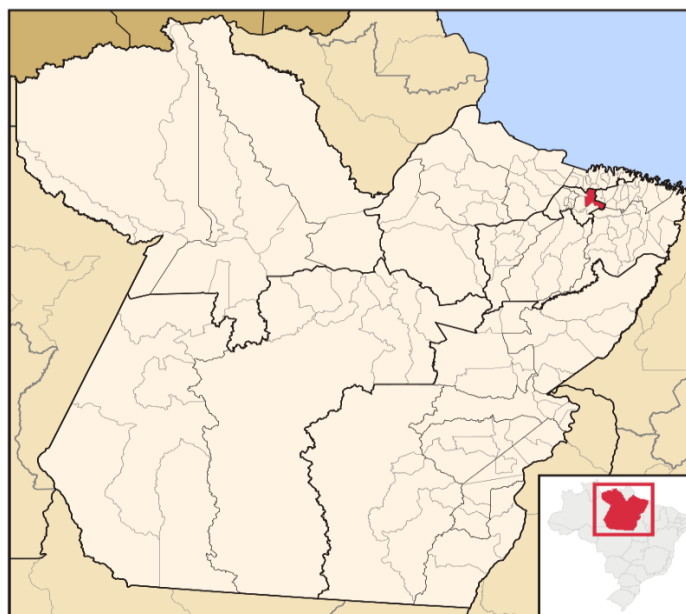
Fundada em 1853, Castanhal fica localizada na região norte do estado do Pará a 65 km de Belém (capital). A cidade possui uma rica cultura local, que combina influências indígenas, portuguesas e afro-brasileiras. Elevada à categoria de município no ano de 1932, Castanhal teve sua origem atribuída à presença de colonos e imigrantes nordestinos

²⁹ A região geográfica intermediária “é um recorte regional que corresponde a uma escala intermediária entre as Unidades da Federação e as Regiões Geográficas Imediatas. Essas regiões organizam o território por meio de um polo de hierarquia superior diferenciado, a partir dos fluxos de gestão privado e público e da existência de funções urbanas de maior complexidade, como serviços médicos especializados, ou grandes universidades.” (IBGE, 2017). Disponível em: <<https://atlasescolar.ibge.gov.br/brasil/3032-regionalizacao.html>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

³⁰ A região geográfica imediata “é um recorte regional que tem na rede urbana o seu principal elemento de referência. É definida a partir de Centros Urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações, tais como: compra de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de serviços públicos, como postos de atendimento do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, do Ministério do Trabalho, e de serviços judiciários, entre outros.” (IBGE, 2017). Disponível em: <<https://atlasescolar.ibge.gov.br/brasil/3032-regionalizacao.html>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

(IBGE, 2017). A localização estratégica do município o torna um ponto de conexão entre várias cidades do estado do Pará, como Santa Maria, São Miguel do Guamá e Capanema. Em 2011, através da Lei Complementar n. 076, de 28 de dezembro de 2011, publicada no DOE nº 32.066, de 29/12/2011, Castanhal passou a constituir a região metropolitana de Belém (IBGE, 2015). A existência de grandes universidades, bancos, órgãos administrativos e empresas que auxiliam na modernização da cidade contribuíram para a metropolização do município.

Figura 2 – Localização do município de Castanhal no estado do Pará



Fonte: Abreu (2006a).

A formação étnica do Nordeste Paraense, decorrente das incursões realizadas pelos portugueses promoveu a construção da estrada de ferro de Belém-Bragança, um marco histórico para o desenvolvimento de Castanhal, que recebeu esse nome devido à presença de uma grande castanheira em uma de suas estações (IBGE, 2022). No ano de 1970, Castanhal ficou conhecida como “Cidade Modelo” por ser considerada como núcleo urbano de maior progresso quando comparada a outras localidades do estado do Pará (Barros, 2014). Belém e Castanhal são interligadas por meio da rodovia BR-316, o que ressalta a forte interação entre a capital e a região metropolitana (Ribeiro, 2016).

Criada pelo IBGE em 2017, a região imediata de Castanhal é uma das 21 regiões imediatas do estado do Pará e uma das 5 regiões imediatas que integram a região geográfica intermediária de Castanhal. Com uma área territorial de 10.405, 038 km² e uma população de aproximadamente 509.095 habitantes (IBGE, 2022), a região imediata de

Castanhal é constituída por 14 municípios, sendo: Castanhal, Curuçá, Igarapé-Açu, Inhangapi, Irituia, Magalhães Barata, Maracanã, Marapanim, Santa Maria do Pará, São Domingos do Capim, São Francisco do Pará, São João da Ponta, São Miguel do Guamá e Terra Alta, e, ainda, por 93 vilas, 28 distritos e 10 agrovilas (IBGE, 2020). O setor industrial e a agropecuária, principalmente a produção e a comercialização de pimenta do reino, fortalecem a prestação de serviços e o comércio da região, contribuindo diretamente para o desenvolvimento econômico do estado do Pará.

O município de Bragança, popularmente conhecida como “cidade da farinha e da marujada”, é um dos municípios mais antigos da Amazônia. Ocupada por franceses em meados de 1600, durante a expedição La Ravardière, e colonizada por portugueses, alguns anos mais tarde, Bragança foi constituída como município em 1854. Remontando aos primórdios de sua ocupação, o município tem um constante papel de destaque no cenário regional, inicialmente no âmbito da navegação costeira, mais tarde enquanto ponta de trilhos da Estrada de Ferro de Bragança e, na atualidade, como uma das principais cidades do extremo Nordeste do Pará (Ribeiro, 2016).

Com uma arquitetura antiga e um dos espaços urbanos mais densos do estado, Bragança possui uma área territorial expressa em 2.124,734 Km² e uma população de aproximadamente 123.082 habitantes (IBGE, 2022). O município fica a 200km de Belém, capital do estado do Pará, e possui uma economia que gira basicamente em torno da agricultura, das atividades pesqueiras e do comércio. O centro comercial de Bragança se destaca pela comercialização de farinha de mandioca, reconhecida regionalmente como farinha de Bragança. Além disso, a venda de peixes e mariscos para diferentes cidades do estado do Pará e também para outras regiões do Brasil contribuem para o crescimento econômico do município.

Figura 3 – Localização do município de Bragança no estado do Pará



Fonte: Abreu (2006b).

A região imediata de Bragança é composta por seis municípios, que são: Augusto Corrêa, Bragança, Cachoeira do Piriá, Santa Luzia do Pará, Tracuateua e Viseu, e por 104 vilas, 17 distritos e 9 agrovilas, distribuídos em uma área territorial de 12.831,377 km². Com uma população de aproximadamente 294.942 habitantes (IBGE, 2022), a região tem na pesca e na produção de farinha de mandioca a preservação da identidade cultural e a manutenção de saberes repassados ao longo de gerações.

A cidade de Paragominas, localizada no Sudeste do Pará, foi fundada oficialmente em 4 de janeiro de 1965, durante o governo de Jarbas Passarinho. Com uma população estimada em mais de 100.000 habitantes, o município possui uma área territorial de aproximadamente 19.342,254 km² formada por extensas florestas e plantios agrícolas (IBGE, 2022). A ocupação da área que mais tarde daria origem à cidade de Paragominas está relacionada ao povoamento do estado do Pará ainda na década de 50. A partir da abertura de rodovias e projetos de colonização o município foi povoado por camponeses, pioneiros na região, antes da construção da rodovia Belém-Brasília.

Figura 4 – Localização do município de Paragominas no estado do Pará



Fonte: Abreu (2006c).

A existência de grandes empresas no município de Paragominas, entre as quais, empresas madeireiras, fábricas de compensados, fábricas de laminados, beneficiamento de carvão vegetal, indústrias de móveis e de artesanatos, atrai uma massa expressiva migratória provenientes de diferentes regiões do país. Além disso, o dinamismo econômico da cidade também é promovido por outras atividades, como a produção de soja, a piscicultura, a agroindústria, a pecuária bovina, o extrativismo madeireiro, a agricultura e o extrativismo mineral, com a exploração da bauxita (Callou, 2017). Tais atividades influenciam de forma direta no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) da região, que teve um aumento de 61,83% entre os anos de 2018 e 2021 (IBGE, s.d). Segundo dados publicados pelo IBGE, no ano de 2023, Paragominas é considerada uma das cidades mais ricas do Brasil, no agronegócio, ocupando a 61ª posição entre 100 cidades. Na região norte, o município assume a primeira posição, sendo exemplo de sustentabilidade, desenvolvimento e inovação tecnológica.

A região imediata de Paragominas conta com um total de 290.462 habitantes distribuídos em uma área territorial de 37.196, 578 km² (IBGE, 2022). Composta por 6 municípios: Paragominas, Aurora do Pará, Dom Eliseu, Ipixuna do Pará, Mãe do Rio e Ulianópolis, e por 19 vilas, 6 distritos e 7 agrovilas, a região se dedica à criação de

bovinos, exploração e comercialização de madeira e produção de grãos. Com isso, desempenha um papel fundamental na economia e no desenvolvimento do estado do Pará.

Sanados os aspectos históricos e geográficos das regiões em estudo, esta análise avança para o exame do percurso metodológico adotado. Na próxima seção, serão detalhados os métodos, técnicas e procedimentos utilizados para a coleta, organização e análise dos dados que fundamentam a presente pesquisa, fornecendo uma base sólida para as interpretações e discussões subsequentes.

SEÇÃO 3

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Estando esta tese vinculada aos estudos toponímicos e considerando, sobretudo, as contribuições de Dick (1982; 1987; 1990; 1992; 1999; 2000; 2001; 2004; 2008) e de Dargel e Isquerdo (2020), esta seção é destinada à descrição do percurso metodológico trilhado em busca de respostas para as hipóteses estabelecidas e para o alcance dos objetivos desta pesquisa. Esta seção está dividida em duas subseções: a primeira aborda a apresentação e a discussão dos aspectos metodológicos, enquanto a segunda trata da sistematização e análise dos dados. De modo geral, o capítulo focaliza a metodologia adotada, ancorando-se nos fundamentos teórico-metodológicos da *Onomástica* e da *Toponímia*, como descrito na sequência.

3.1 Os aspectos metodológicos da pesquisa

Conforme já apontado na introdução, a tese em curso tem como objetivo analisar a toponímia dos acidentes físicos rurais e a macrotoponímia dos acidentes humanos urbanos que integram a macrotoponímia das regiões imediatas de Castanhal, Bragança e Paragominas, no estado do Pará, com vistas a compreender como os topônimos em estudo refletem interações entre os habitantes, o ambiente geográfico e os eventos históricos, e em que proporção contribuem para a preservação da cultura e da identidade local. As três regiões selecionadas como universo de pesquisa se destacam pela ampla área territorial, número populacional e significativo desenvolvimento econômico.

Tendo em vista o interesse em identificar as causas denominativas na nomeação dos lugares a que este estudo se propõe investigar, as perguntas que dão subsídio a esta pesquisa são postas da seguinte forma: i) Que razões motivaram a nomeação dos acidentes físicos rurais e dos acidentes humanos urbanos da região intermediária de Castanhal/PA? ii) Em que proporção a língua portuguesa e as línguas indígenas se perpetuam na toponímia das regiões imediatas de Bragança, Castanhal e Paragominas? Essas perguntas são norteadas pelo pressuposto de que a toponímia é um campo interdisciplinar com interfaces entre a Linguística, a Geografia, a História e a Antropologia, essenciais para a compreensão do papel simbólico e funcional dos nomes no espaço geográfico.

Mediante essas indagações e com tons de inquietação estabeleceram-se as seguintes hipóteses: i) a nomeação dos acidentes físicos rurais e dos acidentes humanos urbanos das regiões analisadas está relacionada à busca pela reafirmação da identidade

local, refletindo tanto a relação histórica com o ambiente físico quanto os valores culturais das comunidades indígenas e coloniais, em um processo de representação e ressignificação territorial; ii) a toponímia da área investigada reflete a interação entre a língua portuguesa e as línguas indígenas, com a presença de nomes híbridos que preservam elementos da cultura local.

O *corpus*, que reúne um total de 1.001 topônimos, sendo que 707 (setecentos e sete) topônimos nomeiam acidentes físicos rurais e 294 (duzentos e noventa e quatro) topônimos nomeiam acidentes humanos urbanos, foi extraído de mapas oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), especificamente de mapas municipais³¹ (IBGE, 2020), com escalas que variam de 1:700 a 1:6,000 e de mapas municipais para fins estatísticos³² (IBGE, 2010), cujas escalas variam de 1:50,000 a 1:300,000.

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas principais. A primeira consistiu no levantamento, leitura e fichamento de referenciais teóricos fornecidos pela Linguística, Etnolinguística, Lexicologia, Onomástica e, particularmente, pela Toponímia. Simultaneamente, realizou-se o levantamento e o registro dos topônimos que designam os acidentes físicos rurais e os acidentes humanos urbanos da macrotoponímia dos municípios de Castanhal, Bragança e Paragominas. Os topônimos coletados foram organizados em uma planilha no *Microsoft Excel*.

A segunda etapa centrou-se na sistematização dos dados e na primeira fase da análise do *corpus*, posteriormente organizado em quadros, cuja estrutura pautou-se na ficha lexicográfico-toponímica elaborada por Dick (2004, p. 130) para o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), acrescidos por elementos da ficha do projeto ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (Dargel; Isquierdo, 2020), que também se pautou no modelo original de Dick (2004). Essa abordagem permitiu a elaboração de um modelo ajustado às demandas específicas desta tese, garantindo melhor sistematização e visualização dos dados analisados.

³¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Coleção de Mapas Municipais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-municipais/31452-colecao-de-mapas-municipais.html?edicao=31454&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 05 jun. 2024.

³² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mapas Municipais para Fins Estatísticos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html?caminho=cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demo_grafico_2010/mapas_municipais_estatisticos/. Acesso em: 05 jun. 2024.

As análises linguísticas e taxonômicas dos topônimos foram realizadas com base nas informações contidas nos seguintes dicionários: dicionários de língua portuguesa (Houaiss, 2017, Aulete, 2011), dicionários de línguas indígenas (Barbosa, 1951; Cunha, 1998; Sampaio, 1987), dicionários etimológicos (Cunha, 2010; Nascentes, 1955) e *sites* de prefeituras.

Os dados numéricos e percentuais desta tese foram apresentados em forma de gráficos e tabelas que ilustraram quantitativamente e qualitativamente as categorias analisadas. A análise quantitativa considerou a língua de origem, a taxonomia e a estrutura morfológica das denominações, enquanto a análise qualitativa examinou a motivação semântica dos topônimos em estudo. É importante ressaltar que o uso combinado de análises quantitativas e qualitativas visou garantir maior robustez aos resultados desta pesquisa.

Alguns topônimos não foram classificados segundo a taxonomia em razão da não identificação de fontes linguísticas e/ou etimológicas confiáveis acerca dos itens lexicais elevados à categoria de topônimos. Nesses casos, o campo “taxonomia” foi preenchido com a sigla “NC” (não classificado), enquanto os campos referentes à língua de origem, estrutura morfológica e etimologia receberam a sigla “NI” (não identificado). Além disso, alguns topônimos aparecem repetidamente em diferentes municípios, situação em que foram mantidos por integrarem a toponímia das regiões em estudo. A seguir, são descritos os procedimentos adotados para a sistematização dos dados em análise.

3.2 Sistematização e análise dos dados

Os 1.001 topônimos que constituem o *corpus* da pesquisa foram organizados primeiramente em planilha *EXCEL*, cuja estrutura foi elaborada com base na ficha lexicográfico-toponímica elaborada por Dick (2004) e na versão adaptada da ficha de Dick (2004) ao projeto ATEMS (Dargel; Isquardo, 2020). Em conformidade com os objetivos delineados para este estudo, a planilha utilizada para organização do *corpus* contempla as seguintes informações: região intermediária, região imediata, município, acidente geográfico, topônimo, taxonomia, língua de origem, estrutura morfológica, outras informações linguísticas e/ou etimologia e referências. Para esta tese, os dados previamente registrados em planilha *EXCEL*, foram organizados em três modelos de quadros categorizados por municípios, acidentes humanos urbanos e acidentes físicos rurais. A estrutura desses quadros foi elaborada com base nas informações contidas na planilha, facilitando a sistematização e a análise do *corpus*.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, itens como histórico e contexto, presentes tanto na ficha lexicográfico-toponímica de Dick quanto na ficha do projeto ATEMS, não foram considerados. Os itens mesorregião e microrregião, que figuram na ficha do projeto ATEMS, foram substituídos por região intermediária e região imediata, em razão da atualização da divisão geográfica regional do Brasil (IBGE, 2017). Os quadros destinados aos acidentes humanos urbanos e aos acidentes físicos rurais foram organizados por regiões imediatas, neste caso: Castanhal, Bragança e Paragominas.

Na sequência, apresenta-se a ficha do projeto ATESP e a ficha do projeto ATEMS.

Figura 5 - Ficha lexicográfico-toponímica do projeto ATESP (Dick, 2004)

Projeto ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
Ficha lexicográfico-toponímica

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (DLCV-DL/USP)

Subárea: Toponímia Geral e do Brasil

Localização - Município:		
Topônimo:	A.G.:	Taxionomia:
Etimologia:		
Entrada Lexical:		
Estrutura Morfológica:		
Histórico:		
Informações Enciclopédicas:		
Contexto:		
Fonte:		
Pesquisador:	Revisor:	
Data de Coleta:		

Fonte: Dick (2004, p. 130).

Figura 6 - Ficha Lexicográfico-toponímica do projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul) (continua)

Localização/Município:
Mesorregião
Microrregião
Acidente
Topônimo
Variante cartográfico-lexical
Tipo de elemento geográfico (físico/humano)
Área (rural/urbana)
Classificação toponímica
Língua de origem
Etimologia
Entrada lexical
Estrutura morfológica do topônimo
Histórico
Informações enciclopédicas
Contexto
Fonte (dados do mapa oficial do IBGE)
Referências bibliográficas
Coordenador
Pesquisador
Revisor
Responsável pelo lançamento no Sistema de Dados
Data da coleta do topônimo

Fonte: Dargel; Isquerdo (2020, p. 28-30)

O Quadro 3, na sequência, traz uma síntese das informações tomadas como base para a elaboração dos quadros que integram o capítulo subsequente.

Quadro 3 – *Corpus* da pesquisa: dados considerados (continua)

ITENS	CONTEÚDO
Região Intermediária	“Recorte regional que corresponde a uma escala intermediária entre as Unidades da Federação e as Regiões Geográficas Imediatas. Essas regiões organizam o território por meio de um polo de hierarquia superior diferenciado, a partir dos fluxos de gestão privado e público e da existência de funções urbanas de maior complexidade, como serviços médicos especializados, ou grandes universidades” (IBGE, 2017).
Região Imediata	“Recorte regional que tem na rede urbana o seu principal elemento de referência. É definida a partir de Centros Urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações” (IBGE, 2017).
Município	Divisão administrativa em que está localizado o topônimo em estudo.
Elemento Geográfico	Elemento genérico do sintagma toponímico. Ex.: Acidentes físicos – rio, igarapé, lago, cachoeira, córrego etc. Acidentes Humanos – vila, distrito, município.
Topônimo	Nome do acidente geográfico propriamente dito (elemento específico do sintagma toponímico).

Etimologia	Parte da linguística que busca compreender a origem e a formação histórica das palavras (Nascentes, 1955).
Taxonomia	Classificação toponímica de acordo com o modelo taxonômico de Dick (1990;1992).
Língua de Origem	Língua de origem dos Topônimos: ex. língua indígena (Tupi, Nheengatu etc.), língua portuguesa e línguas estrangeiras como o inglês e o espanhol.
Estrutura Morfológica	Classificação dos topônimos segundo as categorias: simples, composto, simples híbrido e composto híbrido.

Fonte: Elaboração da autora

A seguir, observa-se o modelo dos quadros utilizados para apresentação dos dados que compõem o *corpus* desta pesquisa, conforme exibido na próxima seção. Cabe ressaltar que serão utilizados três modelos organizados por municípios, acidentes físicos e acidentes humanos.

Quadro 4 – Modelo do quadro utilizado para apresentação dos dados do *corpus* toponímico: Municípios que constituem as regiões imediatas de Bragança, Castanhal e Paragominas

Região Intermediária	Região Imediata	Elemento Geográfico	Topônimo	Taxe	Língua de Origem	Estrutura Morfológica	Outras Informações Linguística e/ou Etimologia
Castanhal	Bragança	Município	Augusto Corrêa	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Município	Maracanã	Zootopônimo	LT	Simples	Maracanã: “design. comum a diversas aves psitacíformes, esp. dos gêneros. Propyrrhura, Diopsittaca e Aratinga, da família dos psitacídeos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Município	Ipixuna	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Y: “a água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi. Segundo o tema, com que se combina, toma as formas: hy, gy, yg, e conforme as corruptelas: hu, u, cu” (Sampaio, 1987). Pixuna: “preto, escuro, evoluiu de pytuna - ·noite, em tupi, onde preto normal é una (suna, runa)” (Sampaio, 1987).

Quadro 5 – Modelo do quadro utilizado para apresentação dos dados do *corpus* toponímico: topônimos de acidentes físicos

Região Intermediária	Região Imediata	Município	Elemento Geográfico	Topônimo	Taxe	Língua de Origem	Estrutura Morfológica	Outras Informações Linguística e/ou Etimologia
Castanhal	Bragança	Bragança	Rio	Caeté	Fitotopônimo	LT	Simples	Caeté: “ corr. Caa etê, a mata real, constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga. Alt. Caheté, Cahité ” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	Rio	Mearim	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Mearim: “ Meary: corr. Mbiá-r-y, o Rio do povo; o Rio da gente navegar. Pode ser também corrupção de mbiar-y, o Rio dos prisioneiros, ou onde se tomam cativos. Maranhão” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	Rio	Acampamento	Sociotopônimo	LP	Simples	Acampamento: “ Ato ou efeito de acampar; local onde tais pessoas se instalam ” (Houaiss, 2017).

Quadro 6 – Modelo do quadro utilizado para apresentação dos dados do *corpus* toponímico: topônimos de acidentes humanos urbanos da macrotoponímia das regiões em estudo

Região Intermediária	Região Imediata	Município	Elemento Geográfico	Topônimo	Taxe	Língua de Origem	Estrutura Morfológica	Outras Informações Linguística e/ou Etimologia
Castanhal	Bragança	Bragança	Distrito	Tijoca	Litotopônimo	LT	Simples	Tijoca: “Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Agrovila	Cumaru	Fitotopônimo	LT	Simples	Cumaru: “ <i>corr.</i> Cumborí, o que excita a língua. Nome indígena da <i>Dipterix odorata</i> , de sementes de um cheiro suavíssimo, as chamadas favas de tonca, empregadas para comunicarem o seu aroma ao tabaco. Amazonas” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	Vila	União	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	União: “ajuste, contrato, convenção ou harmonização entre duas ou mais pessoas; ligação, aliança ou unidade” (Houaiss, 2017).

A utilização da taxonomia de Dick (1990;1992) para classificação do *corpus* toponímico se justifica não só pelo modelo adequar-se aos objetivos desta pesquisa, como também por se tratar de uma proposta teórica que contempla um importante número de categorias toponímicas. Além da proposta de Dick (1990;1992), a classificação taxonômica dos dados do *corpus* também considerou as contribuições de Isquendo (1996, p. 118), que subdividiu os Animotopônimos em *eufóricos* e *disfóricos*, bem como de Pereira e Nadim (2017), responsáveis pela proposição da taxonomia denominada *parentistopônimo*.

Elucidados os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta tese, a próxima seção reúne os dados que compõem o *corpus* em estudo.

SEÇÃO 4

O *CORPUS* DA PESQUISA: SISTEMATIZAÇÃO

Nesta seção, apresenta-se o conjunto de 1.001 topônimos que compõem a base de dados desta pesquisa. O objetivo, em uma perspectiva mais ampla, é analisar os nomes dos acidentes físicos rurais (como córregos, rios, lagoas, serras) e dos acidentes humanos urbanos (como municípios, distritos, vilas, povoados), pertencentes às regiões de Bragança, Castanhal e Paragominas. Essas regiões abrangem 26 municípios, 216 vilas, 51 distritos e 26 agrovilas, conforme dados do IBGE (2020). A análise foi realizada de acordo com as orientações teóricas adotadas, com especial atenção à motivação toponímica na nomenclatura geográfica do território.

Esta seção organiza o *corpus* pesquisado em três quadros, estruturados por municípios, acidentes humanos urbanos e acidentes físicos rurais, que foram elaborados com base na ficha lexicográfico-toponímica proposta por Dick (2004) e em elementos do projeto ATEMS (Dargel; Isquendo, 2020), conforme detalhado na seção 3. A estrutura dos quadros inclui itens como: região intermediária, região imediata, elemento geográfico, topônimo, taxonomia, língua de origem, estrutura morfológica e outras informações linguísticas e/ou etimológicas. A opção por sistematizar os dados em quadros foi motivada pela quantidade de topônimos que compõem o corpus.

Na sequência, apresentam-se os dados da pesquisa, acompanhados de sua respectiva análise.

Quadro 7 - Municípios que constituem as regiões imediatas de Bragança, Castanhal e Paragominas (continua)

Região Intermediária	Região Imediata	Elemento Geográfico	Topônimo	Taxe	Língua de Origem	Estrutura Morfológica	Outras Informações Linguística e/ou Etimologia
Castanhal	Bragança	Município	Bragança	Corotopônimo	LP	Simples	Bragança: “Bragança é uma cidade raiana portuguesa e capital da sub-região das Terras de Trás-os-Montes, pertencendo à região do Norte e ao distrito de Bragança” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Município	Augusto Corrêa	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Bragança	Município	Cachoeira do Piriá	Hidrotopônimo	LP+LT	Composto híbrido	Cachoeira: “Torrente de água que corre ou cai formando cachão (no sentido de “borbotão, turbilhão” (Houaiss, 2017). Piriá: “s. Povoação do Pará. De pira, peixe; á,

							em abundancia” (Bueno, 1987).
Castanhal	Bragança	Município	Santa Luzia do Pará	Hagiotopônimo	LP+LP+LT	Composto Híbrido	—
Castanhal	Bragança	Município	Tracuateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Tracuá: “formiga da Amazônia, que vive em cupinzeiros arborícolas abandonos e formam colônias numerosas” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua,

							mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Bragança	Município	Viseu	Corotopônimo	LP	Simples	Viseu: “ Cidade de Portugal com mais de 2500 anos de história ” (Almeida, 2017, p. 6).
Castanhal	Paragominas	Município	Aurora do Pará	Animotopônimo eufórico	LP+LT	Composto	Aurora: “Claridade que aponta o início da manhã, antes do nascer do sol” (Houaiss, 2017). Pará: “ O mesmo que mbari, ou mari, s., o mar. Segundo Batista Caetano compõe-se de y-p,-ri, e significa - águas todas colhe - isto é, o colecionador das águas. No tupi - pará - é o rio volumoso,

							o caudal. O vocábulo para significa também variedade, policromia, e, como derivado de parab, funciona como adjetivo, significando: vários, variegado, multicolor” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Município	Dom Eliseu	Axiotopônimo	LP+LP	Composto	Dom: “1. Título honorífico que precede o nome de batismo, aplicado a monarcas e príncipes ou a membros da nobreza de Portugal e Espanha; 2. Título concedido pelo rei a homens ilustres que prestaram grandes serviços á corte” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Município	Ipixuna	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Y: “A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi. Segundo o tema, com que se

							combina, toma as formas: hy, gy, yg, e conforme as corruptelas: Hu, u, cu” (Sampaio, 1987) Pixuna: “preto, escuro, envolveu de pytuna – noite, em tupi, onde preto normal é uma (suna, runa)” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Município	Mãe do Rio	Mitotopônimo	LP+LP	Composto	Mãe do rio: “Lenda Amazônica, a Boiúna (do tupi mboy’una: cobra preta) mito hídrico de origem ameríndia, simbolizado por enorme e voraz serpente escura, capaz de tomar a forma de qualquer embarcação e, mais raramente, de uma mulher, mãe-d ‘água” (Prefeitura de Mãe do rio, 2017).

Castanhal	Paragominas	Município	Paragominas	Corotopônimo	LT+LP+LP	Composto Híbrido	Paragominas: “Uma junção de Pará: Estado onde seria fundada a cidade, Goiás: em homenagem aos componentes que colonizou a cidade, Minas: Estado de origem do idealizador da cidade, Célio Miranda, prestando uma homenagem aos requerentes das 200 Glebas de terras, investidores em sua maioria eram mineiros” (Portal Amazônia, 2023).
Castanhal	Paragominas	Município	Ulianópolis	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Município	Castanhal	Fitotopônimo	LP	Simples	Castanhal: “Extenso aglomerado de castanheiras em determinada área” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Município	Curuçá	Ergotopônimo	LT	Simples	Curuçá: “Corr. Da palavra portuguesa Cruz, tal como a usavam

							os índios catecúmenos” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Município	Igarapé-Açu	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Igarapé: “Riacho que nasce na mata e deságua em rio” (Houaiss, 2017). Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Município	Inhangapi	Mitotopônimo	LT+LT	Composto	Anhangá: “s.c. ã-nhã, a alma errante, o espírito que anda vagando; o gênio andejo, o diabo. <i>Alt.</i> Inhan, Inhang; Aignan” (Sampaio, 1987). Api: “tr. relar em; acertar em; atirar pedra em; tropeçar em” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Município	Irituia	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Iry: “Corr. Yri, o cacho denominação de uma palmeira que dá frutos em cacho. Muito conchegados. (Antrocaryum

							Ayrí, Mart.). Alt. Ayrí” (Sampaio, 1987). Tuya: “A velhice, a idade avançada” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Município	Magalhães Barata	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Município	Maracanã	Zootopônimo	LT	Simples	Maracanã: “design. Comum a diversas aves psitacíformes, esp. Dos gêneros. Propyrrhura, Diopsittaca e Aratinga, da família dos psitacídeos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Município	Marapanim	Zootopônimo	LT	Simples	Marapanim: “Borboletinhas d’agua ou do mar” (IBGE, 2022).
Castanhal	Castanhal	Município	Santa Maria do Pará	Hagiotopônimo	LP+LP+LT	Composto híbrido	—
Castanhal	Castanhal	Município	São Domingos do Capim	Hagiotipônimo	LP+LP+LT	Composto híbrido	São: “Santo, indivíduo, canonizado pela igreja” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Município	São Francisco do Pará	Hagiotopônimo	LP+LP+LT	Composto híbrido	São: “Santo, indivíduo, canonizado pela igreja” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Município	São José da Ponta	Hagiotopônimo	LP+LP+LP	Composto	São: “Santo, indivíduo, canonizado pela igreja” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Município	São Miguel do Guamá	Hagiotopônimo	LP+LP+LT	Composto Híbrido	São: “Santo, indivíduo, canonizado pela igreja” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Município	Terra Alta	Geomorfotopônimo	LP+LP	Composto	Terra: “a superfície sólida da crosta terrestre onde pisamos, construímos etc.; chão, solo” (Houaiss, 2017).

Fonte: Elaborado pela autora.

Região Intermediária	Região Imediata	Município	Elemento Geográfico	Topônimo	Taxe	Língua de Origem	Estrutura Morfológica	Outras Informações Linguística e/ou Etimologia
Castanhal	Bragança	Bragança	lago	Povo, do	Poliotopônimo	LP	Simples	Povo: “conjunto de pessoas que vivem em comunidade num determinado território; nação, sociedade” (Nascente, 1995).
Castanhal	Bragança	Bragança	lago	Campo de Cima	Geomorfotopônimo	LP+LP	Composto	Campo: “terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; campina” (Houaiss, 2017). Cima: “a parte superior de alguma coisa; alto, cume, cimeira, topo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Bragança	rio	São Luís	Hagiotopônimos	LP+ Francês	Composto híbrido	—
Castanhal	Bragança	Bragança	rio	Caeté	Fitotopônimo	LT	Simples	Caeté: “corr. Caa etê, a mata real, constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga. Alt. Caheté, Cahité” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Bragança	Bragança	rio	Jenipapo-Mirim	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Jenipapo: “corr. Yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe yandi-ipab, e significa fruto das extremidades que dá suco” (Sampaio, 1987). Mirim: “adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. miri, mi, mini, im, i.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Bragança	Bragança	rio	Urumajó	NC	NI	NI	Urumajó: NI

Castanhal	Bragança	Bragança	rio	Braço do Urumajó	Hidrotopônimo	LP+NI	Composto	Braço: “cada uma das divisões do curso de um rio da foz, quando há delta; estuário; porção do mar que penetra numa abertura funda e relativamente estreita na costa; esteiro” (Houaiss, 2017). Urumajó: NI
Castanhal	Bragança	Bragança	rio	Grande	Dimensiotopônimo	LP	Simples	Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	ilha	Coroa Comprida	Ergotopônimo	LP+LP	Composto	Coroa: “ornamento de formato circular us. sobre a cabeça com insígnia de soberania ou nobreza, como emblema de vitória, como enfeite etc”(Houaiss, 2017). Comprida: “ adj. extenso ou longo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	ilha	Coco, do	Fitotopônimo	LP	Simples	Coco: “fruto do coqueiro (Cocos nucifer), do tipo drupa, grande e ovoide, com casca (epicarpo) impermeável e polpa (mesocarpo) fibrosa, o que permite a sua flutuação e disseminação pelos mares, a envolver um endocarpo duro e globoso, com três poros, que encerra uma semente peculiar, de albume (endosperma) líquido, o qual, com amadurecimento do fruto, se torna carnoso, lactescente e oleaginosa, formando uma camada aderida à face interna do endocarpo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	rio	Pedras, das	Litotopônimo	LP	Simples	Pedra: “matéria mineral sólida, dura, constituída da natureza das rochas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	rio	Meio, do	Cardinotopônimo	LP	Simples	Meio: “dividir em duas partes iguais; repartir ao meio; amear” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	rio	Vermelho	Hidrotopônimo	LP	Simples	Vermelho: “que tem cor do sangue; encarnado, berne” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	rio	Emborai	NC	NI	NI	Emborai: NI
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	rio	Gurupi	Litotopônimo	LT	Simples	Gurupi: “Diamante Puro” (Prefeitura de Gurupi, 2024).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	igarapé	Areia, de	Litotopônimo	LP	Simples	Areia: “Massa solta, pulverulenta, que reúne grânulos, cujo tamanho convencional está compreendido entre 0,06 mm e 2 mm, resultantes da desagregação de rochas siliciosas, graníticas ou argilosas pela ação corrente ou da chuva, o ar, o intemperismo etc., e que é encontrado no leito dos rios, dos mares, nas praias e desertos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	igarapé	Porco, de	Zootopônimo	LP	Simples	Porco: “mamífero da fam. dos suídeos, originário do javali selvagem do velho Mundo e encontrado em todo mundo como animal doméstico” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	cachoeira	Maria Suprema	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	cachoeira	Tauari	Fitotopônimo	LT	Simples	Tauari: “design. comum a algumas plantas de diferentes gên. da fam. das lecitidáceas, de árvores de grande porte,

								cuja madeira é de bia qualidade” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	igarapé	Rodeia	Morfotopônimo	LP	Simples	Rodeio: “Ação ou efeito de rodear; rodeamento” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	cachoeira	Itapeva	Litotopônimo	LT+LT	Composto	Ita: “Y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro” (Sampaio, 1987). Peba: “adj. Plano, chato, baixo, rasteiro, inferior. É o nome de uma qualidade de tatu, o Dasypus seynctus, L. Alt. Pé, Péua, Peva” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	cachoeira	Mamuirá	NC	NI	NI	Mamuirá: NI
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	cachoeira	Maguari	Zootopônimo	LT	Simples	Maguari: “Ave ciconiforme da família dos ciconídeos (Ciconia maguari), encontrada em grande parte da América do Sul, sendo comum no Rio Grande do Sul e restrita na Amazônia e no nordeste do Brasil; de plumagem branca, rêmiges, coberteiras superiores e cauda negra, região perioftálmica e base do bico nuas e vermelhas; cauauã, cauauã, cegonha, jaburu-moleque, João-grande, maguarim, mauari, tabujajá, tapucaia, tubaiaia [Espécie que sofre pressão de caça na Amazônia.]” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	cachoeira	Cicantã	Fitotopônimo	Ticuna	Simples	Cicantã: “Árvore a resina do Cicantã é boa para cheirar e assim aliviar a dor de cabeça. Serve também para espantar a cobra grande. Tchare” (Grube, 1998).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	cachoeira	Omelar	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	cachoeira	Algibeira	Ergotopônimo	Árabe	Simples	Algibeira: “pequeno bolso integrado à roupa, ger, cosido pelo lado de dentro do vestiário; sacola” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Santa Lúzia do Pará	rio	Alto Rio Guama	Cardinotopônimo	LP+ LP+ LT	Composto Híbrido	Alto: “de grande dimensão vertical; de altura superior à média; elevado” (Houaiss, 2017). Guama: “peixe-coelho” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Bragança	Santa Lúzia do Pará	igarapé	Tacuruba	Ergotopônimo	LT	Simples	Tacuruba: “tripé formado por três pedras soltas, sobre o qual se assenta a panela; itacurua, tacuru, tacurua” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Santa Lúzia do Pará	igarapé	Onça, de	Zootopônimo	LP	Simples	Onça: “designação genérica de alguns felídeos brasileiros de grande porte” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Santa Lúzia do Pará	igarapé	Capoeira	Fitotopônimo	LT	Simples	Capoeira: “vegetação que surge logo após a derrubada ou queimada da mata primária, pelo fato de o solo não está inteiramente degradado” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Santa Lúzia do Pará	igarapé	Cabeça de Porco	Somatopônimo	LP +LP	Composto	Cabeça: “uma das grandes divisões do corpo humano constituída pelo crânio e pela face e que contém o encéfalo e os órgãos da visão, audição, olfato e paladar” (Houaiss, 2017).

								Porco: “mamífero da fam. dos suídeos, originário do javali selvagem do velho Mundo e encontrado em todo mundo como animal doméstico” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Santa Lúzia do Pará	rio	Sujo	Animotopônimo disfórico	LP	Simples	Sujo: “que não é ou não está limpo; cheio ou coberto de sujeira; porco, imundo, emporcalhado” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Santa Lúzia do Pará	igarapé	Piquiá	Fitotopônimo	LT	Simples	Piquiá: “pequiá; Pequiá: árvore das Guianas e Brasil, de flores amarelo-claras, em racemos, e drupas subglobosas, com polpa comestível após cocção, sementes oleaginosas, também comestíveis [...]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Santa Lúzia do Pará	igarapé	Tauari	Fitotopônimo	LT	Simples	Tauari: “design. comum a algumas plantas de diferentes gên. da fam. das lecitidáceas, de árvore de grande porte, cuja madeira é de boa qualidade”(Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Tracuateua	ilha	Cerrado	Geomorfotopônimo	LP	Simples	Cerrado: “ terreno plano, com longos períodos de seca, onde ocorre esse tipo de vegetação; campo, cerrado, cerradal” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Tracuateua	ilha	Madeira, da	Fitotopônimo	LP	Simples	Madeira: “tecido construído esp. de celulose e lignina, formado pelo desenvolvimento de xilema, secundário dos caules, ramos e raízes de árvores e arbustos; lenho” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Tracuateua	lago	Grande	Dimensiotopônimo	LP	Simples	Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Bragança	Tracuateua	ilha	Cipó, do	Fitotopônimo	LT	Simples	Cipó: “design. comum às plantas lenhosas, trepadeiras, características das matas tropicais, de ramos delgados e flexíveis, que fixam por meio de acúleos, de gavinhas ou por enrolarem-se aos caules e ramos de árvores e arbustos; corda (STP), cipó” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Tracuateua	ilha	Minhoca, da	Zootopônimo	LP	Simples	Minhoca: “design. comum aos animais anelídeos, da classe dos oligoquetas, esp. os de hábitos terrestres, os quais são caçadores incessantes de túneis e galerias e apresentam colorido cinzento ou róseo; bichoca, isca [Além de importante item alimentar na dieta de uma infinidade de animais, é largamente us. como isca para pesca.]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Tracuateua	rio	Branco	Hidrotopônimo	LP	Simples	Branco: “que tem cor da cal, do leite, da neve recentemente caída” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Tracuateua	rio	Meio da Vila dos Neves, do	Cardinotopônimo	LP+ LP+ LP	Composto	Meio: “dividir em duas partes iguais; repartir ao meio; amear” (Houaiss, 2017). Vila: “povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia” (Houaiss, 2017). Neves: “Neves é um sobrenome português de origem italiana. Ele surgiu a partir do título da Virgem Maria que também é conhecida como Nossa Senhora das Neves” (Neves, 2008).

Castanhal	Bragança	Tracuateua	lago	Caraná, do	Fitotopônimo	LT	Simples	Caraná: “design. comum a várias plantas da farm. das palmas, esp. dos gên. Mauritia e Mauritiella, com folhas flabeliformes e frutos bacáceos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Tracuateua	rio	Pedras, das	Litotopônimo	LP	Simples	Pedra: “matéria mineral sólida, dura, constituída da natureza das rochas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Tracuateua	rio	Tracuateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Tracua: “formiga da Amazônia, que vive em cupinzeiros arborícolas abandonados e forma colônias numerosas” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Bragança	Viseu	rio	Prata, da	Litotopônimo	LP	Simples	Prata: “elemento químico de número atômico” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	ilha	Grande	Dimensiotopônimo	LP	Simples	Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	rio	Vermelho	Hidrotopônimo	LP	Simples	Vermelho: “que tem cor do sangue; encarnado, berne” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	rio	Piriá	Zootopônimo	LT	Simples	Piriá: “s. Povoação do Pará. De pira, peixe; á, em abundancia” (Bueno, 1987).

Castanhal	Bragança	Viseu	ilha	Dantas	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Viseu	igarapé	Areia, de	Litotopônimo	LP	Simples	Areia: “Massa solta, pulverulenta, que reúne granículos, cujo tamanho convencional está compreendido entre 0,06 mm e 2 mm, resultantes da desagregação de rochas siliciosas, graníticas ou argilosas pela ação corrente ou da chuva, o ar, o intemperismo etc., e que é encontrado no leito dos rios, dos mares, nas praias e desertos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	igarapé	Limondeua	Fitotopônimo	Espanhol + LGA	Composto Híbrido	Limón: “limão” (Michaelis, 2014). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Bragança	Viseu	igarapé	Pedra, de	Litotopônimo	LP	Simples	Pedra: “matéria mineral sólida, dura, constituída da natureza das rochas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	cachoeirinha	Dois	Numerotopônimo	LP	Simples	Dois: “um mais um; o número cardinal logo acima de um” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Bragança	Viseu	rio	Peritoró	Corotopônimo	LT	Simples	Peritoró: “é um município brasileiro do estado do Maranhão localizado geograficamente no leste maranhense” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	igarapé	Santo Antônio	Hagiotopônimos	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Bragança	Viseu	igarapé	Aningal	Fitotopônimo	LT+LP	Simples híbrido	Aninga: “planta de caule arborescente (<i>aphilodendron speciosum</i>), da farm. das aráceas, nativa do Brasil (ES, MG, RJ), de sementes de raízes com propriedades antelmínticas, folhas lobadas, flores em espiga, protegidas por espata verde e de margens avermelhadas, e bargas amarelas; aningaíba, aringaíba” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	rio	Capim	Fitotopônimo	LT	Simples	Capim: “design. comum a várias spp. de diferentes gên. das farm. das gramíneas e das ciperáceas, a maioria us. como forrageira” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Caratateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Carata: “s. f. (bot.) espécie de áloe que vegeta na América e pertence ao gênero bromélia (<i>Bromelia karatas</i>)” (Aulete, 2011). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime

								sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Jabuti Maior	Zootopônimo	LT+LP	Composto híbrido	Jabuti: “design. comum aos quelônios, terrestres e herbívoros, da farm. dos testudinídeos, de carapuça alta, em forma de domo, patas posteriores tubulares, semelhantes às dos elefantes, dedos curtos, com garras e movimentos lentos” (Houaiss, 2017). Maior: “que supera outro número, grandeza, extensão” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	ilha	Capim	Fitotopônimo	LT	Simples	Capim: “design. comum a várias spp. de diferentes gên. das farm. das gramíneas e das ciperáceas, a maioria us. como forrageira” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	rio	Boa Vista	Animotopônimo eufórico	LP + LP	Composto	Boa: “situação ou estado de quem sente prazer, constantemente, ou de quem desfruta de algum tipo de conforto, vantagens etc” (Houaiss, 2017). Vista: “ aquilo que se apresenta ao olhar, que se vê; cena, cenário, panorama” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	ilha	São Benedito	Hagiotopônimo	LP + LP	Composto	—
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Maracaxi	Ergotopônimo	LT	Simples	Maracaxi: “Maracá-ti. A proa ou pontal de Maracá., espécie de barca que trazia a proa um Maracá. Pará” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Pedras, das	Litotopônimo	LP	Simples	Pedra: “matéria mineral sólida, dura, constituída da natureza das rochas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Surubiju	Zootopônimo	LT	Simples	Surubiju: “Çooroby-ú, come o surubim, ou onde há surubim. Pode se, r também corrupção de çooroby-ú, o surubim-escuro” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Ipetinga	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Ipetinga: “Ypé~tinga, a casca branca” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Cachoeira	Hidrotopônimo	LP	Simples	Cachoeira: “torrente de água que corre ou cai formando cachão (no sentido de 'borbotão, turbilhão')” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Cedeua	NC	NI	NC	Cedeua: NC
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	São Mateus	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Jabuti Maior	Zootopônimo	LP+LT	Composto híbrido	Jabuti: “design. comum aos quelônios, terrestres e herbívoros, da farm. dos testudinídeos, de carapuça alta, em forma de domo, patas posteriores tubulares, semelhantes às dos elefantes, dedos curtos, com garras e movimentos lentos” (Houaiss, 2017). Maior: “ que supera oito em número, grandeza, extensão” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	rio	São Caetano	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—

Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Caratateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Carata: “s. f. (bot.) espécie de álve que vegeta na América e pertence ao gênero bromélia (<i>Bromelia karatas</i>)” (Aulete, 2011). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Jaguara	Zootopônimo	LT	Simples	Jaguara: “Yaguá-rá, tirado da onça, a ficção de onça. É o nome de um folgado, que se fazia, entre os catecúmenos, com o disfarce de uma onça, envolta em palhas ou folhas secas. Pode ser também de Jaguar-ã, a onça erguida, ou de pé” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Joana	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Matamata	Fitotopônimo	LT	Simples	Matamata: “árvores de até 35 m (<i>Eschweilera coriacea</i>), da fam. das lecitidáceas, nativa da Amazônia” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Coité	Ergotopônimo	LT	Simples	Coité: “Cúi-eté, vasilha verdadeira, capaz; a cuia” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Repartimento	Hidrotopônimo	LP	Simples	Repartimento: “fusão de rios em um só” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Sororoca	Fitotopônimo	LT	Simples	Sororoca: “planta (Phenakospermum guuanense) da fam. das musáceas, nativa das Guianas e Brasil (AM, MT), de folhas dispostas em leque, inflorescências terminais com grandes brácteas em formas de barco de flores alvas; bananeira-brava, bananeira-de-leque, sororoca. pacova-sororoca” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Candiru-miri	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Candiru: “design. comum aos peixes teleósteos siluriformes das fam. dos tricomictéridos e cetopsídeos, ger. de distribuição amazônica, hematófagos, capazes de parasitar as brânquias de outros peixes e penetra em orifícios naturais de animais e da espécie humana, podendo causar ferimentos graves e até a morte” (Houaiss, 2017). Mirim: “adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. miri, mi, mini, im, i.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	rio	Remo, do	Ergotopônimo	LP	Simples	Remo: “harte de madeira ou metal leve, com extremidade achatada, plana ou curva, us. para impulsionar embarcação à força dos braços humanos” (Boudin, 1978).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Limão	Fitotopônimo	LP	Simples	Limão: “fruto do limoeiro; limão-amargo, limão-azedo” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	igarapé	Imperaçu	NC	NI +LT	Composto	Impe: NI Açu: “ de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	ilha	Jabuti Maior, do	Zootopônimo	LT+LP	Composto híbrido	Jabuti: “design. comum aos quelônios, terrestres e herbívoros, da farm. dos testudinídeos, de carapuçã alta, em forma de domo, patas posteriores tubulares, semelhantes às dos elefantes, dedos curtos, com garras e movimentos lentos” (Houaiss,2017). Maior: “ que supera outo em número, grandeza, extensão” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Verde	Hidrotopônimo	LP	Simples	Verde: “que tem a cor das folhas da maioria das plantas e da esmeralda; cuja cor ou pigmento se obtém misturando amarelo e azul” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Bananal	Fitotopônimo	LP+LP	Simples	Bananal: “extenso aglomerado de bananeiras em determinada área; bananeiral, pacobal, pacoval” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Patos, dos	Zootopônimo	LP	Simples	Pato: “design. comum às aves anseriformes da farm. dos anatídeos, aquáticos, que ger. possuem grande porte; ipeca” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Acampamento	Sociotopônimo	LP	Simples	Acampamento: “Ato ou efeito de acampar; local onde tais pessoas se instalam” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	corrego	Prata, da	Litotopônimo	LP	Simples	Prata: “elemento químico de número atômico” (Houaiss,2017).

Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Ourinho	Litotopônimo	LP	Simples	Ourinho: “elemento química de número atômico 79 (símb.: Au) [Us. em joalheria, próteses, dentárias, refletores de luz infravermelha, vidros coloridos, medicamentos etc.]” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Lajeado, do	Litotopônimo	LP	Simples	Lajeado: “diz-se de ou superfície (piso, parede ou teto) revertida de lajes” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Novo	Cronotopônimo	LP	Simples	Novo: “que nasceu ou apareceu recentemente; que se encontra no início de um ciclo, de um processo” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Pedras, das	Litotopônimo	LP	Simples	Pedra: “matéria mineral sólida, dura, constituída da natureza das rochas” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Sarapoí	Zootopônimo	LT	Simples	Sarapó: “peixe teleósteo afidiiforme da família dos carapídeos (Carapus fasciatus), encontrado em vários rios do Brasil, de até 32 cm de comprimento, pardo, com faixa irregulares, nadadeiras peitoris pequenas, dorsal e ventral ausentes e anal muito desenvolvida; carapó, espada, ituí, ituípinima, ituí-terçado, peixe-espada, sarapó-tuvira, tira-faca, tuvira” (Sampaio, 1987). I: suf. Diminutivo” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Azul	Hidrotopônimo	LP	Simples	Azul: “a cor do céu sem nuvens, de dia” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Mutum, do	Zootopônimo	LT	Simples	Mutum: “design. comum às aves galiformes da família dos cracídeos, florestais, dos gên. Crax é Mitu, com várias spp. Ameaçadas de extinção, de

								plumagem ger. negra, tapete com penas encrespadas ou lisas e bico com cores vivas” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Pratinha	Litotopônimo	LP	Simples	Pratinha: “elemento químico de número atômico” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Estrela Azul	Astrotopônimo	LP+LP	Composto	Estrela: “corpo celeste produtor e emissor de energia, com luz própria, e cujo deslocamento na esfera celeste é quase imperceptível ao observado na Terra; estela” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Pimenta	Fitotopônimo	LP	Simples	Pimenta: “design. comum a diversas plantas do gên. Capsicum, da família das solanáceas, nativas da América tropical, muito cultivadas pelos frutos, que são bagas com numerosas sementes, de coloração verde, amarela ou vermelha, us. como condimento picante [A maioria das spp.cultivadas, incluindo os pimentões, derivam de C. annuum var. annuum e são classificadas em grupos,basicamente conforme as características do fruto]” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Água Branca	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss,2017). Branca: “ que tem a cor de cal, do leite, da neve, recentemente caída” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	União	Animotopônimo eufórico	LP	Simples	União: “ajuste, contrato, convenção ou harmonização entre duas ou mais pessoas; ligação, aliança ou unidade” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Água Azul	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss,2017). Azul: “a cor do céu, sem nuvens, de dia” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Concrem	NC	NI	NI	Concrem: NI
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Marajó	Corotopônimo	LT	Simples	Marajó: “Ilha costeira do tipo fluviomarítima situada na Área de Proteção Ambiental do arquipélago do Marajó, no estado do Pará, no Brasil” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Patos, dos	Zootopônimo	LP	Simples	Pato: “ designação comum às aves anseriformes da fam. Dos anatídeos, aquáticas, que ger. Possuem grande porte; ipeca” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Topázio	Litotopônimo	LP	Simples	Topázio: “fluossilicato de alumínio ortorrômbico, de cor variável, que forma massas irregulares ou cristais prismáticos e que constitui uma das mais importantes pedras preciosas; topázio do Brasil, topázio gota-d'agua, topázio-precioso, topázio Schneken” (Houaiss,2017).

Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Duas Barras	Numerotopônimo	LP+LP	Composto	Duas: “na quantidade dois” (Houaiss,2017). Barras: “peça alongada e estreita, reta e rígida, de madeira, metal, gelo etc” (Houaiss, 2017)
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Cristal	Litotopônimo	LP	Simples	Cristal: “mineral incolor e translúcido” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Água da Luz	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H²O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss,2017). Luz: “a iluminação que procede o sol durante o dia; luz do dia; claridade” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	igarapé	Onça, da	Zootopônimo	LP	Simples	Onça: “designação genérica de alguns felídeos brasileiros de grande porte” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Marajoara	Etnotopônimo	LT	Simples	Marajoara: “O natural ou habitante da ilha de Marajó PA, situada na foz do Rio Amazonas” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Pratinha	Litotopônimo	LP	Simples	Prata: “elemento químico de número atômico” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Surubiju	Zootopônimo	LT	Simples	Surubiju: “Çooroby-ú, come o surubim, ou onde há surubim. Pode se, r também corrupção de çooroby-ú, o surubim-escuro” (Houaiss,2017).

Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Acampamento	Sociotopônimo	LP	Simples	Acampamento: “Ato ou efeito de acampar; local onde tais pessoas se instalam” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Lagoa, da	Hidrotopônimo	LP	Simples	Lagoa: “pequena extensão de água estagnada; charco” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Santa Lúcia	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	igarapé	Água Suja	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss, 2017). Sujo: “que não é ou não está limpo; cheio ou coberto de sujeira; porco, imundo, emporcalhado” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Água Suja	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Pimenta, do	Fitotopônimo	LP	Simples	Pimenta: “design. comum a diversas plantas do gên. Capsicum, da família das solanáceas, nativas da América tropical, muito cultivadas pelos frutos, que são bagas com numerosas sementes, de coloração verde, amarela ou vermelha, us. como condimento picante [A maioria das spp. cultivadas, incluindo os pimentões, derivam de C. annuum var. annuum e são classificadas

								em grupos, basicamente conforme as características do fruto]” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Ourinho, do	Litotopônimo	LP	Simples	Ouro: “elemento química de número atômico 79 (símb.:Au) [Us. em joalheria, próteses, dentárias, refletores de luz infravermelha, vidros coloridos, medicamentos etc.]” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Itinga	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Utinga: “corr. Y-tinga, a água ou rio branco. Alt. Otinga, Itinga” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	rio	Gurupi	Litotopônimo	LT	Simples	Gurupi: “Diamante Puro” (Prefeitura de Gurupi, 2024).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	igarapé	Cristo	Hierotopônimo	Grego	Simples	Cristo: “aquele que é ungido, consagrado [Designação única e específica para Jesus, filho de Deus.]” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	córrego	Unido	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	União: “ajuste, contrato, convenção ou harmonização entre duas ou mais pessoas; ligação, aliança ou unidade” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	igarapé	Pratinha	Litotopônimo	LP	Simples	Pratinha: “elemento químico de número atômico” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	ilha	Jipioca	Fitotopônimo	LT	Simples	Jipioca: “trepadeira lenhosa (Entada paranaguana) da família das leguminosas, subfam. mimosoídea, nativa do Brasil (AM) de raízes agriocetes, us. contra a caspa, folhas penadas e flores sésseis, esbranquiçadas” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	igarapé	Santo Antônio	Hagiotopônimo	LP+LP	Simples	—

Castanhal	Paragominas	Ipixuna	igarapé	Campos, dos	Geomorfotopônimo	LP	Simples	Campo: “terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; campina; terreno destinado à agricultura ou às pastagens” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	igarapé	Itaquiteua	Litotopônimo	LT+LGA	Composto	Itaquí: “Itaky; Itaky: escrito comumente Itaky; e. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar” (Sampaio, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	igarapé	Cachoeirinha	Hidrotopônimo	LP	Simples	Cachoeira: “torrente de água que corre ou cai formando cachão (no sentido 'borbotão, turbilhão’)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	igarapé	Fortaleza	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Fortaleza: “qualidade ou caráter de forte; força, vigor, robusto” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	igarapé	Goiabal	Fitotopônimo	LP+LP	Simples	Goiabal: “extenso aglomerado de goiabeiras em determinada área” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	igarapé	Pacuí	Zootopônimo	LT	Simples	Pacu: “pag-ú, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca.

								é o peixe fluvial <i>Prochilodus argenteus</i>” (Sampaio, 1987). I: “suf. Diminutivo” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	rio	Candiru-açu	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Candiru-açu: “ peixe teleósteo siluriforme da família dos cetopsídeos (<i>Cetopsis caecutiens</i>), de Rio Branco (AC) e do Peru, com até 28 cm de comprimento, dorso cinéreo-pardo, flancos cinzentos, ventre mais claro nadadeiras caudal emarginada; candiru-branco, candiru-guaçu” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	rio	Capim	Fitotopônimo	LT	Simples	Capim: “design. comum a várias spp. de diferentes gên. das fam. das gramíneas e das ciperáceas, a maioria us. como forrageira” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna	igarapé	Carauata-açu	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Carauatá: “caraguatá; Caraguatá: Carauá-tã, o carauá rijo, duro; Carauá: talo armado de espinho, nervura farpada; bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel. Alt. Crauá. Norte do Brasil” (Sampaio, 1987). Açu: “ de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	igarapé	Mãe-do-Rio	Mitotopônimo	LP+LP	Composto	Mãe do rio: “ Lenda amazônica, a Boiúna (do tupi mboy'una: cobra preta) mito hídrico de origem ameríndia, simbolizado por enorme e voraz serpente escura, capaz de tomar a forma de qualquer embarcação e, mais

								raramente, de uma mulher, mãe-d'água” (Prefeitura de Mãe do Rio, 2017).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	igarapé	Ajará	Fitotopônimo	LT	Simples	Ajará: “árvore (Pradosia pedicellata) da família das sapotáceas, com frutos bacáceos comestíveis, nativa da Amazônia” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	igarapé	Moquem	Ergotopônimo	LT	Simples	Moquem: “corr. mocaé ou mô-caê, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquem” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	igarapé	Jaguara	Zootopônimo	LT	Simples	Jaguara: “Yaguá-rá, tirado da onça, a ficção de onça. É o nome de um folguedo, que se fazia, entre os catecúmenos, com o disfarce de uma onça, envolta em palhas ou folhas secas. Pode ser também de Jaguar-ã, a onça erguida, ou de pé” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	igarapé	Jaguara, de	Zootopônimo	LT	Simples	Jaguara: “Yaguá-rá, tirado da onça, a ficção de onça. É o nome de um folguedo, que se fazia, entre os catecúmenos, com o disfarce de uma onça, envolta em palhas ou folhas secas. Pode ser também de Jaguar-ã, a onça erguida, ou de pé” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	igarapé	Peripindeua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Peri: “junco, esteira” (Bueno, 1987). Pin: “picar (a abelha)” (Bueno, 1987).

								Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	igarapé	Arauari	Zootopônimo	LT	Simples	Arauari: “Nome de uma arara vermelha menor. Amazonas” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	rio	Gurupi	Litotopônimo	LT	Simples	Gurupi: “Diamante Puro” (Prefeitura de Gurupi, 2024).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Sete, do	Numerotopônimo	LP	Simples	Sete: “seis mais um; o número cardinal logo acima de seis” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Prego, do	Ergotopônimo	LP	Simples	Prego: “haste ger. roliça e fina de metal, com ponta numa extremidade e uma parte larga e achatada na outra (a cabeça), que se crava em algum objeto para uni-lo ou fixá-lo a outro, ou para nela se pendurar algo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Água Sujinha	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H²O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss, 2017). Sujo: “que não é ou não está limpo; cheio ou coberto de sujeira; porco,

								imundo, emporcalhado” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	rio	Urai	Hidrotopônimo	LT	Simples	Urai: “rio dos pássaros. De guiray” (Bueno, 1987).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Água Suja	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss, 2017). Sujo: “que não é ou não está limpo; cheio ou coberto de sujeira; porco, imundo, emporcalhado” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Correntão, do	Hidrotopônimo	LP+LP	Simples	Correntão: “rio com fluxo de água caudaloso; Rio torrencial” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Vila Bufete, da	Poliotopônimo	LP+Francês	Composto Híbrido	Vila: “povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia” (Houaiss, 2017). Bufete: “ s. m. mesa em que se dispõe a baixela e todos os mais aprestos necessários para uma refeição; aparador. Mesa em que são servidos os vinhos, refrescos, doces e iguarias às pessoas convidadas a um baile ou função. Lugar numa estação de caminho de ferro, onde está servida a mesa para os viajantes. (P. us.) Secretária; papaleira. Caixa em forma

								de mesa, de que usam os engenheiros em serviço de campo. F. fr. <i>Buffer</i> ” (Aulete, 2011).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Macumba	Hierotopônimo	Quimbundo	Simples	Macumba: “designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas (p.ex., de Angola e do Congo), e também ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Ariranha, da	Zootopônimo	LP	Simples	Ariranha: “mamífero carnívoro, diurno e semiaquático, da família dos mustelídeos (<i>Pteronura brasiliensis</i>), encontrada da Venezuela e Colômbia ao Norte da Argentina; com cerca de 1 metro de comprimento, corpo marrom, garganta manchada e creme e cauda achatada em forma de onça-d’água [vive em bandos e se alimenta basicamente de peixes.]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Capoeira	Fitotopônimo	LT	Simples	Capoeira: “vegetação que surge logo após a derrubada ou queimada da mata primária, pelo fato de o solo não está inteiramente degradado” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Piriazinho, do	Zootopônimo	LT+LP	Composto	Piriá: “s. Povoação do Pará. De <i>pira</i> , peixe; <i>á</i> , em abundância ” (Bueno, 1987).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	igarapé	Prego, do	Ergotopônimo	LP	Simples	Prego: “haste ger. roliça e fina de metal, com ponta numa extremidade e uma parte larga e achatada na outra (a cabeça), que se crava em algum objeto

								para uni-lo ou fixá-lo a outro, ou para nela se pendurar algo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	rio	Coaraci-Paraná	Mitotopônimo	LT+LT	Composto	Coaracy: “Co-ara-cy, a origem deste tempo; a mãe deste dia. Nome dado ao sol. V. Guaracy” (Sampaio, 1987). Paraná: “ 1. Braço de rio caudaloso, separado do curso principal por uma ou várias ilhas; 2. Canal entre dois rios” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas I	rio	Capim	Fitotopônimo	LT	Simples	Capim: “design. comum a várias spp. de diferentes gên. das fam. das gramíneas e das ciperáceas, a maioria us. como forrageira” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Chapéu Virado	Ergotopônimo	LP+LP	Composto	Chapéu: “peça do vestuário masculino e feminino destinado a cobrir a cabeça, us. normalmente para sair e que consta, em princípio, de uma copa enformada ou não e de aba mais ou menos larga, podendo ser de diferentes materiais e assumir diversos aspectos” (Houaiss, 2017). Virado: “que alguém ou algo virou ou que virou por si mesmo; voltado, volvido” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Almas, das	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Alma: “conjunto formado por todas as atividades características da vida (pensamentos, afetividade, sensibilidade etc.) Compreendidas como manifestação de uma substância autônoma ou parcialmente autônoma em relação à materialidade do corpo” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Lontra, do	Zootopônimo	LP	Simples	Lontra: “design. comum aos mamíferos carnívoros do gên. Luta, da família dos mustelídeos, com oito spp., aquáticas ou semiaquáticas, encontradas em quase todo o mundo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Jauariteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Jauari: “javari” (Houaiss, 2017). Javari: “palmeira cespitosa de até 15 m (<i>Astrocaryum jauari</i>), nativa da Amazônia, de estipe aculeado, folhas penadas e tb. aculeadas, de que se fazem fibras us. em obras trançadas, e drupas obovoides, amarelas e avermelhadas, de que se extraem óleo da polpa e gorduras das sementes; coqueiro-javari, guará, jamari, jauari” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Seis, do	Numerotopônimo	LP	Simples	Seis: “cinco mais um; o número cardinal logo acima de cinco” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Tauary	Fitotopônimo	LT	Simples	Tauari: “design. Com uma algumas plantas de diferentes gên. da família das lecitidáceas, de árvores de grande porte, cuja madeira é de boa qualidade” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Quiriquiri	Zootopônimo	LP	Simples	Quiriquiri: “ s. m. ave de rapina falconídea (<i>Tinnunculus sparnerius cinnamominus</i>). Peixe doradideo de rio (<i>Doras costatus</i> , L.)” (Aulete, 2011).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Itaquiteua Grande	Litotopônimo	LT+LGA+LP	Composto Híbrido	Itaquí: “Itaky” (Sampaio, 1987). Itaky: “escrito comumente Itaky; e. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar” (Sampaio, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014). Grande: “ Que tem dimensões avantajadas [Antôn.: pequeno.]” (Aulete, 2011).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Oito	Numerotopônimo	LP	Simples	Oito: “sete mais um; o número cardinal logo acima de sete” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Paragominas	Paragominas II	rio	Timbó-Açu	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Timbó-açu: “árvore grande (Magonia pubscens) da família das saindáceas, nativa do Brasil (PI,CE,MG,GO,MT), de casca lisa,folhas compostas,flores muito fragantes,frutos capsulares e sementes oleaginosas,tingui,tingui-capeta [Os frutos são us. como sabão, o mel de seu pólen é venenoso,as folhas são us. para tinguijar]” (Houaiss, 1987).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	rio	Anajá	Fitotopônimo	LT	Simples	Anajá: “inajá; Inajá: palmeira de até 20 m (Maximiliana maripa), nativa do Brasil (AMAZ, C.-O.), de estipe anelado, com ótimo palm ito, folhas dispostas em cinco direções, inflorescências interfoliares, frutos com polpa succulenta, comestível, e amêndoa de que se extrai óleo amarelo, tb. comestível; anaiá, anajá, anajazeiro, aritá, inajazeiro, maripá, najá” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Puritirá	Ergotopônimo	LT+LT	Composto	Pyri: “corresponde a com, para, em, a, equivalendo ao latim ad, com acusativo. Exs.: Açó Cunhambebe pyri, vou ter com Cunhambebe; Ajur nde pyri, venho para ti, ou à tua procura. Alguns autores escrevem puri, pyre, pire, e até pere” (Sampaio, 1987). Tyra: “o cano,o tudo,a cânola. Alt.Tir, Tur significa também - monte,acúmulo,acervo,montão” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	rio	Matamatá	Fitotopônimo	LP	Simples	Matamatá: “angios árvore de até 35 m (Eschweilera coriacea), da fam. das lec

								itidáceas, nativa da Amazônia, com co pa ger. globosa e densa, madeira nobre, pesada, forte e resistente, folhas oblon gas, subcoriáceas, flores brancas ou am areladas, perfumadas, em panículas, e pixídios com sementes oleaginosas, mu ito procuradas pela fauna; marão-vermelho, matamatá-branco” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragomina s II	rio	Cauaxi	Zootopônimo	LT	Simples	Cauxi: “Esponja d’água doce que contém espículas silicosas, cuja cinza se emprega para temperar o barro destinado ao trabalho do oleiro. É um desengordurante que, transmitindo homogeneidade à massa plástica, dá à composição cerâmica resistência depois de queimada, diminuindo assim a fragilidade da louça” (Moraes, 2013).
Castanhal	Paragominas	Paragomina s II	rio	Água Boa	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss, 2017). Boa: “Fem. De bom.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Paragominas	Paragomina s II	rio	Camaoi	NC	NI	NI	Camaoi: NI
Castanhal	Paragominas	Paragomina s II	igarapé	Água Azul	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss, 2017).

								Azul: “a cor do céu, sem nuvens, de dia” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas II	igarapé	Marambaia	Geomorfotopônimo	LT+LT	Composto	Marambaia: “corr. Mbará-mbai, o cerco do mar, a restinga, língua arenosa cercando o mar. Rio de Janeiro. Pode ser também marâmbaia, a cerca ou paliçada de guerra. V. Marã” (Sampaio, 1967).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	rio	Tauari	Fitotopônimo	LT	Simples	Tauari: “design. Comum a algumas plantas de diferentes gên. da família das lecitidáceas, de árvores de grande porte, cuja madeira é de boa qualidade” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	rio	Surubiju	Zootopônimo	LT	Simples	Surubiju: “Çooroby-ú, come o surubim, ou onde há surubim. Pode se, r também corrupção de çooroby-ú, o surubim-escuro” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	igarapé	Romualdo	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Paragominas	Paragominas	igarapé	Braço Forte	Somatotopônimo	LP+LP	Composto	Braço: “segmento de cada um dos membros superiores do homem e dos quadrúmanos, que se estende da articulação escapuloumeral à do cotovelo” (Houaiss, 2017). Forte: “que tem grande força física e/ou orgânica; cujos músculos são bem desenvolvidos, robusto, vigoroso” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Paragominas	Paragominas	igarapé	Saravá	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Saravá: “us. como forma de saudação; salve” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	igarapé	Inferno, do	Animotopônimo Disfórico	LP	Simples	Inferno: “para os cristãos lugar ou situação pessoal em que as almas pecaminosas se encontram após a morte, submetidas a penas eternas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	rio	Carrapatinho	Zootopônimo	LP	Simples	Carrapato: “design. comum aos ácaros da família dos ixodídeos e argasídeos, que reúne cerca de 800 vertebrados terrestres; carraça, carrapata” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	rio	Croatá	Fitotopônimo	LT	Simples	Croatá: “planta apífita e estolonífera (<i>Quesnelia liboniana</i>) da família das broneliáceas, nativa do Brasil (RJ), com poucas folhas, dispostas em roseta estreita e afunilada, de bordos serreados, e floresce sépalas vermelhas e pétalas azuis; gravatá” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	cachoeira	Mucura Aruá	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Mucura: “gambá” (Houaiss, 2017). Aruá: “adj. Quietos, mansos, pacíficos, bem-parecidos. É o nome de uma tribo indígena da ilha de Marajó, Pará” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	cachoeira	Lavadeira	Sociotopônimo	LP	Simples	Lavadeira: “Mulher que tem por ofício a lavagem de roupas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	cachoeira	Jacuacanga	Somatotopônimo	LT+LT	Composto	Jacuacanga: “corr. Yacú-acanga, a cabeça de jacu. Pode ser ainda yaguá-canga, a caveira ou ossada da onça. É uma planta borraginácea, (<i>Tiaridium indicum</i>)” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Paragominas	Paragominas	cachoeira	Madalena	Antropotônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Paragominas	Paragominas	cachoeira	Canindé-açu	Zootônimo	LT+LT	Composto	Canindé: “arara de barriga amarela” (Houaiss, 2017). Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	cachoeira	Cupijó	Hidrotônimo	LT	Simples	Cupijó: “O Cupijó é um dos mais encantadores e imponentes rios da Amazônia Tocantina, abrigando vários vilarejos; suas águas geladas encontram-se cercadas de balneários” (Domingues; Valente, 2020).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	igarapé	Coaraci-Paraná	Mitotônimo	LT+LT	Composto	Coaracy: “Co-ara-cy, a origem deste tempo; a mãe deste dia. Nome dado ao sol. V. Guaracy” (Sampaio, 1987) . Paraná: “ 1. Braço de rio caudaloso, separado do curso principal por uma ou várias ilhas; 2. Canal entre dois rios” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Anil	Hidrotônimo	Árabe	Simples	Anil: “1. m.q. azul; 2. diz-se de certa tonalidade de azul” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Surubiju	Zootônimo	LT	Simples	Surubiju: “Çooroby-ú, come o surubim, ou onde há surubim. Pode se, r também corrupção de çooroby-ú, o surubim-escuro” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Faiscão	Ergotônimo	LP	Simples	Faisca: “fragmento luminoso que se desprende de um corpo em brasa ou é resultante do atrito de dois corpos; chispa, fagulha, centelha” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Onça, da	Zootopônimo	LP	Simples	Onça: “designação genérica de alguns felídeos brasileiros de grande porte” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Buarque	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Piriá	Zootopônimo	LT	Simples	Piriá: “ s. Povoação do Pará. De <i>pira</i> , peixe; <i>á</i> , em abundância. ” (Bueno, 1987)
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Ouro, do	Litotopônimo	LP	Simples	Ouro: “elemento química de número atômico 79 (símb.:Au) [Us. em joalheria, próteses, dentárias, refletores de luz infravermelha, vidros coloridos, medicamentos etc.]” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Água Branca	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss,2017). Branca: “ que tem a cor de cal, do leite, da neve, recentemente caída” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Açailândia	Fitotopônimo	LT+LP	Simples Híbrido	Açaí: “Palmeiras cespitosa de até 25 m (Euterpe oleracea), nativa da Venezuela, Colômbia, Equador, Guianas e Brasil (AM, PA,AP,MA),de estipe anelado e frutos roxo-escuros de polpa comestível, assim como o palmito; açaí-branco, açaí do Pará, açazeiro, juçara, palmera-açaí, Palmeira jiçara, palmito, palmito,

								pináculo, piriá, tucaniei, uaçai” (Houaiss, 2017). Landia: “ Terra ou lugar de” (Estraviz, 2024).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Cabeludo	Somatotopônimo	LP	Simples	Cabeludo: “ que ou o que tem cabelos longos e/ou abundantes” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Prata, da	Litotopônimo	LP	Simples	Prata: “elemento químico de número atômico” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Itinga	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Utinga: “ <i>corr.</i> Y-tinga, a água ou rio branco. <i>Alt.</i> Otinga, Itinga” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Bonito	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Bonito: “ Cuja forma, feições, colorido, som, ambiente etc. suscita prazer estético, agrada ao ouvido, e/ou comove” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Bananal	Fitotopônimo	LP+LP	Simples	Bananal: “extenso aglomerado de bananeiras em determinada área; bananeiral, pacobal, pacoval” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Maturi	Fitotopônimo	LT	Simples	Maturi: “Maturim, no Ceará), o caju ainda muito verde, ou antes, a castanha, quando só tem um embrião na polpa” (Bueno, 1987).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Faiscão	Ergotopônimo	LP	Simples	Faisca: “fragmento luminoso que se desprende de um corpo em brasa ou é resultante do atrito de dois corpos; chispa, fagulha, centelha” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Anajá	Fitotopônimo	LT	Simples	Anajá: “inajá; Inajá: palmeira de até 20 m (Maximiliana ma ripa), nativa do Brasil (AMAZ, C.-

								O.), de estipe anelado, com ótimo palm ito, folhas dispostas em cinco direções, inflorescências interfoliares, frutos com polpa suculenta, comestível, e amêndoa de que se extrai óleo amarelo, tb. comestível; anaiá, anajá, anajazeiro, aritá, inajazeiro, maripá, najá” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Igarapé	Tucuri	Fitotopônimo	LT	Simples	Tucuri: “ buçu; Buçu: palmeira de até 10 m (Manicaria saccifera), nativa da América tropical, com estipe que conserva as bainhas dos pecíolos secos, folhas de 2 a 8 m, eretas, lanceoladas, com ápice bífido, inteiras ou partidas, espata fusiforme e drupas escamosas, globosas ou bilobadas ou trilobadas; coqueiro-buçu, tucuri, turiri, tururi ” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Marajoara	Etnotopônimo	LT	Simples	Marajoara: “O natural ou habitante da ilha de Marajó PA, situada na foz do Rio Amazonas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Anta, da	Zootopônimo	LP	Simples	Anta: “mamífero perissodáctilo, florestal, da farm. dos tapirídeos (Tapirus terrestris), que ocorre na Colômbia ao Sul do Brasil; de corpo robusto e de grande porte, chegando a atingir 2 m de comprimento e a pesar 250 kg, pelos lisos, curtos e de coloração marrom escuro, nariz e lábio superior prolongados formando uma tromba” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	corrego	Jari	Geomorfotopônimo	LT	Simples	Jari: “ buraco” (Cardoso, 1961).

Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Gurupi	Litotopônimo	LT	Simples	Gurupi: “Diamante Puro” (Prefeitura de Gurupi, 2024).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Febronio	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Cabeludo	Somatotopônimo	LP	Simples	Cabeludo: “que ou o que tem cabelos longos e/ou abundantes” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Campinho	Geomorfotopônimo	LP	Simples	Campo: “terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; campina; terreno destinado à agricultura ou às pastagens” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Vinte e Nove	Numerotopônimo	LP+LP	Composto	Vinte e Nove: “vinte mais nove; o número cardinal logo acima do vinte e oito” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Prata, da	Litotopônimo	LP	Simples	Prata: “elemento químico de número atômico” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Gapó, do	Fitotopônimo	LP	Simples	Gapó: “igapó; Igapó: vegetação baixa e uniforme da região da floresta amazônica, pobre em espécies, com árvores afastadas e numerosos epífitos (mata de igapó)” (Houaiss, 2017)
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	igarapé	Ouro, do	Litotopônimo	LP	Simples	Ouro: “elemento química de número atômico 79 (símb.:Au) [Us. em joalheria, próteses, dentárias, refletores de luz infravermelha, vidros coloridos, medicamentos etc.]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	rio	Concrein	NC	NI	NI	Concrein: NI

Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	São João	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Castanhal	rio	Marapanim	Zootopônimo	LT	Simples	Marapanim: “ Borboletinhas d’água ou do mar” (IBGE, 2022).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Rodrigues, do	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Couro de Cutia	Somatotopônimo	LP+LT	Composto híbrido	Couro: “tecido epitelial espesso e resistente” (Houaiss, 2017). Cutia: “Bras. Zool. Nome comum dado aos roedores do gên. <i>Dasyprocta</i> , da fam. dos dasiproctídeos, com até 60 cm de comprimento, cauda e pelo muito curtos. [F.: Do tupi <i>aku'ti</i> . Tb.: <i>aguti</i> .]” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Apeú	Hodotopônimo	LT+LT	Composto	Apé: s. “O caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama” (Sampaio, 2017). U: “corr. Y, s. A água, o líquido, o rio. A pronúncia difícil da vogal gutural y deu origem às formas u, hu, gu, que aparecem com afixos ou sufixos na composição dos vocabulários” (Sampaio, 1967).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Areal, do	Litotopônimo	LP	Simples	Areal: “superfície de grande extensão coberta de areia; areão” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Janjão	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Fonte Boa	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Fonte: “nascente de água; olho-d'água; mina, minadouro” (Houaiss, 2017).

								Boa: “situação ou estado de quem sente prazer, constantemente, ou de quem desfruta de algum tipo de conforto, vantagens etc” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Pacuquara	Ecotopônimo ³³	LT+LT	Composto	Pacu: “pag-ú, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca. é o peixe fluvial <i>Prochilodus argenteus</i> ” (Sampaio, 1987). Quara: “o furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio. Alt. Quá” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Marapanim	Zootopônimo	LT	Simples	Marapanim: “ Borboletinhas d’água ou do mar” (IBGE, 2022).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Praquiquara	NC	NI+LT	Composto	Praqui: NI Quara: “o furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio. Alt. Quá” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Itaqui	Litotopônimo	LT	Simples	Itaqui: “Itaky; Itaky: escrito comumente Itaky; e. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Caapiranga	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Caá: “a folha, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate. Alt. Cá” (Sampaio, 1987). Piranga: “vermelho, corado, ruivo, rubro, pardo. Alt. Piran, Pirã” (Sampaio, 1987).

³³ O topônimo *Pacuquara* foi classificado como ecotopônimo, por resultar da junção de *pacu* (peixe de água doce) e *quara* (do tupi, “furo, cova, buraco; esconderijo, refúgio”(Sampaio 1987)), entendendo-se como “habitação” ou “casa do peixe pacu”.

Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Macapazin ho	Fitotopônimo	LT	Simples	Macapa: “corr. Macá-pá, contração de macá-paba, a estância das macabas, o pomar de macabas. Pará. V. Macaba. ” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Castanhal	Fitotopônimo	LP+LP	Simples	Castanhal: “extenso aglomerado de castanheiras em determinada área” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Tracua	Zootopônimo	LT	Simples	Taracua: “tracua; Tracua: formiga (Camponotus femoratus) da Amazônia, que vive em cupinzeiros arborícolas abandonados e forma colônias numerosas [É agressiva e solta cheiro forte quando esmagada]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Grande	Dimensiotopônimo	LP	Simples	Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Dezenove	Numerotopônimo	LP	Simples	Dezenove: “dez maisnove; o número cardinal logo acima de dezoito” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Vinte e Dois, do	Numerotopônimo	LP+LP	Composto	Vinte e dois: “vinte mais dois; o número cardinal logo acima de vinte de dois” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Espirito Santo	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Espírito santo: “ser supremo; Deus. 6. sopro criado de Deus (nos textos bíblicos) ” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Defunto	Animotopônimo Disfórico	LP	Simples	Defunto: “que ou quem morreu; falecido” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Diretoria	Sociotopônimo	LP	Simples	Diretoria: “equipe presidida por um diretor, que dirige uma instituição; direção” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Pampulha	Corotopônimo	LP	Simples	Pampulha: “Em Latim, PAMPANUS era a haste da videira coberta de flores e frutos. Mais tarde, este nome foi aplicado também a uma flor amarela parecida com a margarida. Em Arquitetura, “pâmpano” é o nome de um festão de parreira com seus frutos. O seu diminutivo, PAMPANUCULUM, PAMPANUCLU, teria gerado “Pampulha”. Em Lisboa há um bairro assim chamado, provavelmente devido à quantidade das citadas flores, cujo nome foi repetido em Belo Horizonte.” (Disponível em: https://origemdapalavra.com.br/palavras/pampulha/ . Acesso em 28/jul/25).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Moura	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Santa Cruz	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Igarapé	Bacabal	Fitotopônimo	LT+LP	Simples híbrido	Bacabal: “extenso aglomerado de bacabas em determinada área” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Igarapé	Camara	Fitotopônimo	LT	Simples	Camará: “corr. Caá-mbará, a planta variegada; a planta de folhas de várias cores. Alt. Cambará, Capará” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Castanhal	Castanhal	Igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Igarapé	Pitimandeu a	NC	NI+LGA	Composto	Pitiman: NI Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Igarapé	Maratateua	Fitotopônimo	LT + LGA	Composto	Marata: “s. f. casta de uva, o mesmo que bom-vedro” (Aulete, 2011). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).

Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Bacuri	Fitotopônimo	LT	Simples	Bacuri: “grande árvore (Plantoni esculenta), da família das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira, nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas, com polpa branco-amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, landirana” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Tauari	Fitotopônimo	LT	Simples	Tauari: “design. Com uma algumas planta de diferentes gên. da família das lecitidáceas, de árvores de grande porte, cuja madeira é de boa qualidade” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Inhangapi	Mitotopônimo	LT	Simples	Anhanga: “s.c. ã-nhã, a alma errante, o espírito que anda vagando; o gênio andejo, o diabo. <i>Alt.</i> Inhan, Inhang; Aignan” (Sampaio, 1987). Api: “tr. relar em ; acertar em ; atirar pedra em ; tropeçar em” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Lourenço, do	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Timboteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Timbó: “design. comum a várias plant as das fam. das leguminosas e das sapi ndáceas, ger. com casca e/ou raízes us. para tinguijar” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém,

								abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Recanto	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Recanto: “lugar escondido ou mais afastado; canto mais abrigado das vistas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Cachoeira	Hidrotopônimo	LP	Simples	Cachoeira: “torrente de água que corre ou cai formando cachão (no sentido 'borbotão, turbilhão)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	São Joaquim	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Castanhal	rio	Maracanã	Zootopônimo	LT	Simples	Maracanã: “design. comum a diversas aves psitacíformes, esp. dos gên. Propyrrhura, Diopsittaca e Aratinga, da família dos psitacídeos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	igarapé	Craueteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Crauá: “caroá; Caroá: gravatá; Gravatá: designação com um às plantas pertencentes à vários gêneros da família das broméliáceas, epífitas e terrestres, bastante cultivadas como ornamentais” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este

								tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Rio	Mocajuba	Fitotopônimo	LT	Simples	Mocajúba: “o fruto chamado em algumas partes - côco de catarro” (Bueno 1987).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Rio	Curuçá	Ergotopônimo	LT	Simples	Curuçá: “Corr. da palavra portuguesa cruz, tal como a usavam os índios catecúmenos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Igarapé	São Macário	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Furo	Maripanema	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Mari: “Nome genérico para as diversas espécies de cássias, entre os Tupis. Alt. Umarí; Umári; Umary: corr. Y-mory, por uba-mo-ri-y, a árvore que verte água; alusão ao fenômeno de, no inverno, dar tanta água dos olhos que chega a molhar o solo (Geoffroya spinosa, L.). Alt. Mary, Mariseiro” (Sampaio, 1987). Panema: “Adj. ruim, imprestável, inútil; infeliz, mal sucedido; pobre, fãlil, estéril. No Tupi-Guarani, Pané” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Castanhal	Curuçá	Igarapé	Engenho	Sociotopônimo	LP	Simples	Engenho: “estabelecimento industrial situado em zona canavieira e destinado á moagem da cana para o fabrico de açúcar, aguardente, rapadura; todo conjunto relativo á cultura e ao processamento da cana-de-açúcar” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Itororo	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Y: “a água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi. Segundo o tema, com que se combina, toma as formas: hy, gy, yg, e conforme as corruptelas: hu, u, cu” (Sampaio, 1987). Tororó: “O jorro, enxurro, a enxurrada. É voz onomatopaica. Alt. Chororó, Choró” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	praia	São Francisco	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Curuçá	praia	Grande	Dimensiotopônimo	LP	Simples	Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Cumarú	Fitotopônimo	LT	Simples	Cumarú: “design. comum a várias árvores do gên. Dipteryx, da família das leguminosas, subfam. Papilionoídea” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Curuçá	rio	Maraua	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Marahu: “corr. Ma-rã-ú, a coisa de sorver ou que se torna de sorvo. É o fruto da planta Passiflora. Alt. Maragú, Maracú” (Sampaio, 1987). A: “a semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	rio	Piquiá	Fitotopônimo	LT	Simples	Piquiá: “pequiá; Pequiá: árvore das Guianas e Brasil, de flores amarelo-claras, em racemos, e drupas subglobosas, com polpa comestível após cocção, sementes oleaginosas, também comestíveis” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	rio	Candeua	Somatotopônimo	LT+LGA	Composto	Canga: “O osso, o caroço, o núcleo; adj. seco, enxuto. Alt. Can, Cã” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Igaçaba	Ergotopônimo	LT	Simples	Igaçaba: “recipiente de barro, ger. de boca larga, us. para guardar líquidos, farináceos e outros gêneros; quiçaba” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	rio	Tijoca	Litotopônimo	LT	Simples	Tijoca: “corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Iiriteua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Iirirí: “corr. riri, a ostra, o molusco. Alt. Leri” (Sampaio, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É

								este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Piroquera	NC	NI	NI	Piroquera: NI
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Santo Antônio	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Itajuba	Litotopônimo	LT+LT	Composto	Itajuba: “Itá-yuba, a pedra amarela, o metal amarelo, o ouro. Alt. Itayú, Itajub” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Acaputeua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Acapu: “arvore que atinge 20 m ou mais (Vouacapoua americana), da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, nativa da Amazônia, de casca cinza-escura, folhas imparipenadas, folíolos de 15 cm, flores amarelo-douradas e vagens avermelhadas, ovóides e pontudas” (Houaiis, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	rio	Mearim	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Meary: “corr. “Mbiá-r-y, o Rio do povo; o Rio da gente navegar. Pode ser também corrupção de mbiar-y, o Rio dos prisioneiros, ou onde se tomam cativos. Maranhão” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Patrícia	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Curuçá	ilha	Mutucal	Zootopônimo	LT	Simples	Mutuca: “design. comum a todos os insetos dípteros da família dos tabanídeos, de corpo robusto e de tamanho médio e grande, sendo apenas as fêmeas hematófagas; butuca, moscardo, motuca, tavão [São incômodas ao gado e ao homem, devido às suas picadas dolorosas]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Mutucal	Zootopônimo	LT+LP	Composto híbrido	Mutuca: “design. comum a todos os insetos dípteros da família dos tabanídeos, de corpo robusto e de tamanho médio e grande, sendo apenas as fêmeas hematófagas; butuca, moscardo, motuca, tavão [São incômodas ao gado e ao homem, devido às suas picadas dolorosas]” (Houaiss, 2017). Al: “sufixo normal de origem latina, que ocorre em substantivos derivados de outros substantivos e exprime a ideia de conjunto ou quantidade” (Infopédia, 2024).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Pindoba	Fitotopônimo	LT	Simples	Pindoba: “design. comum a diversas plantas da família das palmas, esp. às do gên. Attalea; pindobeira, pindova” (Houais, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	rio	Grande	Dimensiotopônimo	LP	Simples	Grande: “de longa extensão; comprido, Grande” (Houais, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Seringa	Fitotopônimo	LP	Simples	Seringa: “AMAZ. nome da goma-elástica extraída de várias árvores do gên. Hevea” (Houais, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Cachoeira	Hidrotopônimo	LP	Simples	Cachoeira: “torrente de água que corre ou cai formando cachão (no sentido 'borbotão, turbilhão)’” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Prauajú	NC	NI	NI	Prauajú: NI

Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Araquaim	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Ará: “Nome dos papagaios grandes (Psittacus)” (Sampaio, 1987). Quai: “colo, pescoço, gargalo” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Jabotipucaia	Zootopônimo	LT	Simples	Jabuti: “design. comum aos quelônios, terrestres e herbívoros, da farm. dos testudinídeos, de carapuça alta, em forma de domo, patas posteriores tubulares, semelhantes às dos elefantes, dedos curtos, com garras e movimentos lentos” (Houaiss, 2017). Pucua: “tr. mexer, revolver; remar” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Iriteua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Irirí: “corr. riri, a ostra, o molusco. Alt.Leri” (Sampaio, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	ilha	Pacamorema, do	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Pacamo: “Peixe sapo; bagre sapo” (Barbosa, 1951). Rema: “fedorento” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Antonio Vicente	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Simoa, do	Antropotopônimo	LP	Simples	_____

Castanhal	Castanhal	Curuçá	ilha	Ipamonga	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Ypa: “Y-pá, contração de y-paba, a estância, ou pouso d'água, a lagoa. V. ipá” (Sampaio, 1987). Monga: “Grudar, lambusar; sujar (com c. pegajosa)” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Arqueiro	Sociotopônimo	LP	Simples	Arqueiro: “combatente armado de arco ou aquele que atira flechas com arco” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Cumari	Fitotopônimo	LT	Simples	Cumari: “corr. Cu-mbori, o que excita a língua. É o nome indígena da pimenta ” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	igarapé	Caleira	Ergotopônimo	LP	Simples	Caleira: “calha ou canaleta que conduz água acumulada, p.ex., da chuva” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	rio	Maracanã	Zootopônimo	LT	Simples	Maracanã: “design. comum a diversas aves psitacíformes, esp. dos gên. Propyrrhura, Diopsittaca e Aratinga, da família dos psitacídeos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Conceição	Antropotopônimo	LP	Simples	Conceição: “Forte, imponente e cheio de elegância, o nome feminino Conceição tem origem portuguesa e religiosa e surgiu a partir do latim conceptus, que quer dizer “fruto” ou “concepção”” (Neves, 2008).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Santo Antonio	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Florinda	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Beneditinho	Antropotopônimo	LP+LP	Simples	—

Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Rubi	Litotopônimo	LP	Simples	Rubi: “variedade de coríndon de cor vermelha, de alto valor gemológico, contendo pequena quantidade de cromo; rubi-cingalês, rubi-oriental” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Bom Intento	Animotopônimo Eufórico	LP+LP	Composto	Bom: “que corresponde plenamente ao que é exigido, desejado ou esperado quando à sua natureza, adequação, função, eficácia, funcionamento etc.” (Houaiss, 2017). Intento: “aquilo que se pretende fazer; desígnio, intenção, propósito, objetivo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Jutaí	Fitotopônimo	LT	Simples	Jutaí: “design. comum às árvores do gên. Hymenaea, da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinoídea, de frutos comestíveis e de que se extrai resina conhecida como copal; jataí, jataica, jati, jatibá,, jatubá, jetaí, jetaica, jitaí, jutaí, jutaica” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Apuí	Fitotopônimo	LT	Simples	Apuí: “árvore (Ficus fagifolia) da família das moráceas, nativa da Amazônia, com casca, folhas e raízes us. em infusão calmante e sedativa; apuizeiro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	rio	Taciateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Taci: “AMAZ. Formiga” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	rio	Jeju	Zootopônimo	LT	Simples	Jeju: “peixe teleósteo caracíformes da fam. dos uritrínídeos (Hoplerythrinus unitaeniatus) encontrado nas bacias dos rios Amazonas, Parnaíba, São Francisco e Paraguai; com cerca de 30 cm de comprimento, corpo dotado de faixa longitudinal e

								dorso escuro;jiju,traíra-pixuna,traíra-pixúria” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Curiteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Curi: “corr. Copií, o pinhão,o fruto do pinheiro” (Sampaio, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Piquiarana	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Piquiá: “pequiá; Pequiá: árvore das Guianas e Brasil, de flores amarelo-claras, em racemos, e drupas subglobosas, com polpa comestível após cocção, sementes oleaginosas, também comestíveis [...]” (Houaiss, 2017). Rana: “parecido com, mal feito, tosco” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Benedito Grande	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Jundiateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Jundia: “ bagre. No sentido de designação comum a vários peixes” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se

								Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Miritieira	Fitotopônimo	LT	Simples	Miríti: “buruti” (Houaiss, 2017). Buríti: “comum a plantas dos gên. Mauritia, Mauritiella, Trithrinax e Astrocaryum, da fam. das palmas, de folhas ger. penatífidas e flabeliformes, coletadas para coberturas de casas rústicas e esp. para extração de fibras, us. em inúmeras obras trançadas; buritizeiro, muritizeiro , murutizeiro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Cortiçal, do	Ecotopônimo	LP	Composto híbrido	Cortiço: “aglomeração de casas muito Pobres” (Houaiss, 2017). Al: “sufixo normal de origem latina, que ocorre em substantivos derivados de outros substantivos e exprime a ideia de conjunto ou quantidade” (Infopédia, 2024).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	igarapé	Serafim	Hierotopônimo	LP	Simples	Serafim: “espírito celeste da primeira hierarquia dos anjos,na Bíblia e na teologia cristã” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Pirajuara	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Pirajú: “corr. Pirá-yú, forma contrata de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado. São Paulo” (Sampaio, 1987). Ara: “O dia, o tempo; idade, vez; o que está no alto, em cima, de cima, na eminência; o mundo. Entre os índios do Amazonas, designa a parte do dia, do meio-dia às cinco horas.” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	Rio	Capim	Fitotopônimo	LT	Simples	Capim: “design. comum a várias spp. de diferentes gên. das farm. das gramíneas e das ciperáceas, a maioria us. como forrageira” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Tauari	Fitotopônimo	LT	Simples	Tauari: “design. comum a algumas plantas de diferentes gên. da fam. das lecitidáceas, de árvores de grande porte, cuja madeira e de boa qualidade” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Aracaua	Zootopônimo	LT	Simples	Aracauã: “Voz onomatopaica com que se designa a ave Herpetotheres cachinans, que ataca as cobras e que os índios tinham como protetora. Entre os guaranis é chamada Macaguá. E lenda amazônica que a Acauã se apodera do espírito das mulheres e as obriga a cantar com elas as três sílabas do seu nome” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Palheta	Ergotopônimo	Italiano	Simples	Palheta: “qualquer lâmina ou espátula para uso específico” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Canario	Zootopônimo	LP	Simples	Canário: “ ave passeriforme, silvestre, da fam. dos fringilídeos (Serinus canaria), encontrada originalmente nas ilhas canárias, Açores e ilha da Madeira, de dorso verde-oliváceo e partes inferiores amarelo-acinzentadas com estrias negras” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Jabuticaca	Fitotopônimo	LT	Simples	Jabuticaba: “ fruto da jabuticabeira; Fruta, jaboticaba” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	rio	Guamá	Zootopônimo	LT	Simples	Guamá: “peixe-coelho” (Barbosa, 1951).

Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Jurunas	Etnotopônimo	LT	Simples	Jurunas: “indígena pertencente ao grupo dos jurunas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Patauateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Pataua: “ s. m. (Bras.) planta oleaginosa palmácea (<i>Oenocarpus pataua</i>): Por todos os lados surgem fustes de palmeiras. São inajás portentosas... marajás, tucumás, <i>patauás</i>. Também dizem <i>batauá</i>.” (Aulete, 2011). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Tatuaia	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Tatu: “design. comum aos mamíferos xenartros da fam. dos dasipodídeos, encontrados do sul dos E.U.A. à Argentina, de corpo protegido por uma forte carapaça, formada por placas que se interligam através da pele grossa e córnea” (Houaiss, 2017). Aia: “Uaia. Subst. Como determinação de palavras composta é contr. De ruaia-suaua d-t soaia-sobaia, guar. Tuguay-huguay, cauda, rabo” (Miranda, 1944).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Jari	Geomorfotopônimo	LT	Simples	Jari: “ buraco” (Cardoso, 1961).

Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Iputinga	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Ipú: “C. Y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial,o olho-d'agua,fonte,minadouro” (Sampaio, 1987). Tinga: “adj. Branco,alvo,claro.Alt. Ti Tin” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Mata, da	Fitotopônimo	LP	Simples	Mata: “área coberta de plantas silvestres de porte diversos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Canario	Zootopônimo	LP	Simples	Canário: “ ave passeriforme, silvestre, da fam. dos fringilídeos (Serinus canaria), encontrada originalmente nas ilhas canárias, Açores e ilha da Madeira, de dorso verde-oliváceo e partes inferiores amarelo-acinzentadas com estrias negras” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Galho Grande	Fitotopônimo	LP+LP	Composto	Galho: “divisão ou subdivisão do caule das árvores e arbustos” (Houaiss, 2017). Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Cachoeira	Hidrotopônimo	LP	Simples	Cachoeira: “torrente de água que corre ou cai formando cachão (no sentido 'borbotão, turbilhão)” (Houaiss,2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Bacuri	Fitotopônimo	LT	Simples	Bacuri: “grande árvore (Platoni esculenta), da família das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira, nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas, com polpa branco-amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, landirana” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Pirateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Pirá: “peixe teleósteo, perciforme, da fam. dos malacantídeos (Malacanthus plumieri) encontrado no Atlântico Ocidental, sendo comum no litoral norte e

								nordeste do Brasil; com cerca de 60 cm de comprimento, corpo e focinho alongado, dorso azulado ou esverdeado-escuro, flancos amarelos, ventre esbranquiçado, nadadeira caudal lunada e com uma mancha escura” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Pau-Amarelo	Fitotopônimo	LP+LP	Composto	Pau: “qualquer madeira ou pedaço dela (p.ex., acha, lasca, vara, viga etc.)” (Houaiss, 2017). Amarelo: “ a cor da gema do ovo, do açafraão, do ouro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	São Bento	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Tarirateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Tarira: “traíra” (Houaiss, 2017). Traíra: “ peixe teleósteo, caraciforme, da fam. dos eritrínídeos (Hoplias malabaricus), encontrado em ambientes lênticos da América Central até a Argentina e de ampla distribuição no Brasil” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local

								indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Graciosa, da	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Catita	Zootopônimo	LP	Simples	Catita: “ camundongo” (Houaiss, 2017). Camundongo: “ pequeno roedor da fam. dos murídeos [...], com cerca de 8 cm de comprimento, pelagem macia, cinzento-amarelada, mais clara nas partes inferiores, orelhas grandes e arredondadas e cauda nua e longa” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Jurujaia	Zootopônimo	LT	Simples	Jurujaia: “bôca aberta (diz-se também ostra)” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Canario	Zootopônimo	LP	Simples	Canário: “ ave passeriforme, silvestre, da fam. dos fringilídeos (Serinus canaria), encontrada originalmente nas ilhas canárias, Açores e ilha da Madeira, de dorso verde-oliváceo e partes inferiores amarelo-acinzentadas com estrias negras” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	igarapé	Jacundá	Zootopônimo	LT	Simples	Jacundá: “corr. Yacú-né,o indivíduo retorcido ou travado. É um peixe fluvial,vagaroso,que se deixa apanhar à mão” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	rio	Marapanim	Zootopônimo	LT	Simples	Marapanim: “ Borboletinhas d’agua ou do mar” (IBGE, 2022).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	das Panelas	Ergotopônimo	LP	Simples	Panela: “recipiente quase sempre redondo, largo e de altura variável, dotado de alças ou cabo, us. na cocção de alimentos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Água Vermelha	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “ substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxidos de hidrogênio” (Houaiss, 2017). Vermelho: “que tem cor do sangue; encarnado, berne” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Pacas	Zootopônimo	LT	Simples	Paca: “grande roendo noturno (Agouti paca), a fam. dos dasiproctídeos, encontrado do México ao Sul do Brasil, ger. próximo a rios com cerca de 70 cm de comprimento a até 13 kg, cauda pequena e não visível e pelagem pardo-amarronzada, com três a quatro listras longitudinais formadas por grandes manchas brancas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Guata, da	Animotopônimo Eufórico	LT	Simples	Guatá: “passear, andar” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Noventa e Seis, do	Numerotopônimo	LP+LP	Composto	Noventa e seis: “noventa mais seis; o número cardinal logo acima de noventa e cinco” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Jambu-Açu	Fitotopônimo	LT	Composto	Jambu-açu: “planta (Piper consanguineum) da fam. das piperáceas,nativa das Guianas e Brasil (PA) de folhas elípticas, lanceoladas,flores com brácteas glanbras,em pequenas espigas,e bagas tetragonais” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Galho D'anta	Fitotopônimo	LP+Árabe	Composto Híbrido	Galho: “divisão ou subdivisão do caule das árvores e arbustos” (Houaiss, 2017). Anta: “Zool. Mamífero da fam. dos tapirídeos (<i>Tapirus terrestris</i>), originário da América do Sul, de focinho em forma de pequena tromba e cauda curta; TAPIR” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Moleque, do	Animotopônimo Disfórico	Quimbundo	Simples	Moleque: “garoto travesso; menino criado à solta; menino de rua” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Canarana	Fitotopônimo	LT	Simples	Canarana: “planta palustre (<i>Hymenachne amplexicaulis</i>) da fam. das gramíneas, nativa da Guiana e Amazônia, de folhas lanceoladas que fornecem excelente forragem e material para o fabrico de papel: canarana-de-folha miúda, rabo-de-raposa” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Pau-Amarelo	Fitotopônimo	LP+LP	Composto	Pau: “qualquer madeira ou pedaço dela (p.ex., acha, lasca, vara, viga etc.)” (Houaiss, 2017). Amarelo: “a cor da gema do ovo, do açafraão, do ouro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Aianga	Mitotopônimo	LT	Simples	Anhangá: “n. de um gênio da floresta; demônio” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Campelo, do	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	igarapé	Santo Antônio	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	Igarapé	Tendal	Ergotopônimo	LP	Simples	Tendal: “toldo fixo na primeira coberta de uma embarcação” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	Igarapé	Tucumã	Fitotopônimo	LT	Simples	Tucumã: “design. comum a algumas palmeiras dos gên. <i>Astrocaryum</i> e <i>Bractris</i> , nativa do Brasil” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	Igarapé	Jabuti	Zootopônimo	LT	Simples	Jabuti: “design. comum aos quelônios, terrestres e herbívoros, da farm. dos testudinídeos, de carapça alta, em forma de domo, patas posteriores tubulares, semelhantes às dos elefantes, dedos curtos, com garras e movimentos lentos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	Igarapé	Maracanã	Zootopônimo	LT	Simples	Maracanã: “design. comum a diversas aves psitacíformes, esp. dos gên. <i>Propyrrhura</i> , <i>Diopsittaca</i> e <i>Aratinga</i> , da família dos psitacídeos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	Igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	rio	Barreto	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	rio	Mocajuba	Fitotopônimo	LT	Simples	Mocajuba: “o fruto chamado em algumas partes - côco de catarro” (Bueno 1987).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	igarapé	Repartimento	Hidrotopônimo	LP	Simples	Repartimento: “fusão de rios em um só” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	rio	Mojuim	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Moju: “corr. Mboy-yú, o amarelado, ou parcadento; alusão à cor das águas que se fazem amarelas. Pode ser, ainda, uma corrupção de mboy-ú, que significa a cobra come, ou de onde há cobras. Maranhão” (Sampaio, 1987). Y: “a água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi. Segundo o tema, com que se combina,

								toma as formas: hy, gy-, yg, e conforme as corruptelas: hu, u, cu” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	Igarapé	Igaçaba	Ergotopônimo	LT	Simples	Igaçaba: “recipiente de barro, ger. de boca larga, us. para guardar líquidos, farináceos e outros gêneros; quiçaba” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	rio	Candeua	Somatotopônimo	LT+LGA	Composto	Canga: “O osso, o caroço, o núcleo; adj. seco, enxuto. Alt. Can, Cã” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	igarapé	Coqueiro	Fitotopônimo	LP	Simples	Coqueiro: “palmeira de até 30 m (Cocos nucifera), prov. originária das ilhas do pacífico de estipe cilíndrico, mais largo na base e curvado pela ação do vento, que ocorre e é cultivada (freq. as variedade anãs) em diversas regiões tropicais, esp. as litorâneas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	igarapé	São Francisco	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	rio	Desterro	Animotopônimo Disfórico	LP	Simples	Desterro: “ato ou efeito de desterrar; desterramento” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	rio	Guamá	Zootopônimo	LT	Simples	Guama: “peixe-coelho” (Barbosa, 1951).

Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	rio	Extrema	Cardinotopônimo	LP	Simples	Extrema: “o ponto mais distante que se pode alcançar com a vista” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	rio	Gravateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Gravatá: “design. comum às plantas pertencentes a vários gên. da fam. das bromeliáceas, epífitas e terrestres, bastante cultivadas como ornamentais; caraguatá, caravatá, caroá, caroatá, caruatá, caruatá-de-pau, coroá, coroatá, coroá-verdadeiro, craguatá, crauaçu, crauatá, crautá, cravatá, croá, curauá, curuá, curuatá, erva-do-gentio, erva-piteira, gragoatá” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Itaquiaçu	Litotopônimo	LT+LT	Composto	Itaqui: “Itaky; Itaky: escrito comumente Itaquy; e. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar” (Sampaio, 1987). Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Curuperé	Hidrotopônimo	LT	Simples	Curuperé: “espécie de arroio efêmero ou afluente de igarapé, que seca no verão. v. cuperé” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Maturiteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Maturi: “ (Maturim,no Ceará),o caju ainda muito verde, ou antes, a castanha, quando só tem um embrião na polpa” (Bueno, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Catuaí	Animotopônimo Disfórico	LT+LT	Composto	Catú: “adj. Bom, bonito; adv. Bem, bastante. É denominação de vários rios do Brasil” (Sampaio, 1987). Aí: “equivale a aim, sufixo, vale dizer, crespo, enrolado, rugoso, áspero, murcho” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Tatuiaia	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Tatu: “design. comum aos mamíferos xenartros da fam. dos dasipodídeos, encontrados do sul dos E.U.A. à Argentina, de corpo protegido por uma forte carapaça, formada por placas que se interligam através da pele grossa e córnea” (Houaiss, 2017). Aia: “Uaia. Subst. Como determinação de palavras composta é contr. De ruaia-suaua d-t soaia-sobaia, guar. Tuguay-huguay, cauda, rabo” (Miranda, 1944).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Matupiriteua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Matupiri: “design. comum aos peixes teleósteos,caracíformes, da fam. dos caracídeos,vulgarm. conhecidos como lombares,no sul, e piabas,no nordeste do Brasil” (Houaiss, 2017).

								Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Recanto	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Recanto: “lugar escondido ou mais afastado; canto mais abrigado das vistas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Apeteua-miri	Fitotopônimo	LT+LGA+LT	Composto	Ape: “planta (Urospatha caudata) da fam. das aráceas,nativa da Amazônia,de folhas grandes lobatas,e rizoma comestível,depois de assado” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014). Mirim: “adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco.Alt. miri, mi, mini, im, i.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Apeteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Ape: “planta (Urospatha caudata) da fam. das aráceas,nativa da Amazônia,de folhas grandes lobatas,e rizoma comestível,depois de assado” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme

								a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Craueteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Crauá: “caroá; Caroá: gravatá; Gravatá: designação com um às plantas pertencentes à vários gêneros da família das bromeliáceas, epífitas e terrestres, bastante cultivadas como ornamentais” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Itabocal	Litotopônimo	LT+LP	Composto híbrido	Itaboca: “Itá-boca, a pedra furada; o penedo solapado; a lapa, a caverna. All. Itaoca” (Sampaio, 1985).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Rio Branco	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Rio: “curso de água natural, mais ou menos torrencial, que ocorre de uma parte mais elevada para uma mais baixa e que deságua em outro rio, no mar ou num lago” (Houaiss, 2017). Branco: “que tem cor da cal, do leite, da neve recentemente caída” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Recanto	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Recanto: “lugar escondido ou mais afastado; canto mais abrigado das vistas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	rio	Jeju	Zootopônimo	LT	Simples	Jeju: “peixe teleósteo caraciformes da fam. dos uritrínídeos (Hoplerythrinus unitaeniatus) encontrado nas bacias dos rios Amazonas, Parnaíba, São Francisco e Paraguai; com cerca de 30 cm de comprimento, corpo

								dotado de faixa longitudinal e dorso escuro; jiju, traíra-pixuna, traíra-pixúria” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Aracuí	Fitotopônimo	LT	Simples	Aracuí: “acapu; árvore que atinge 20m ou mais (vouacapoua americana) da fam. das leguminosas, sub fam. cesalpinioídea, nativa da Amazônia de casca cinza-escura, folhas imparipenadas, folíolos de 15 cm, flores amarelo-douradas e vagens avermelhadas, ovóides e pontuda.” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Urucuri	Fitotopônimo	LT	Simples	Urucuri: “ouricuri; Ouricuri: palmeira de até 10 m (Syagrus coronata), nativa do Brasil (PI, PE a MG), de estipe com cicatrizes dos pecíolos em espiral e de cuja medula se produz farinha, folhas penatífidas, que servem como cobertura e para extração de fibras us. em chapéus, e frutos globosos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Aracutua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Aracu: “piaba” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Acari	Zootopônimo	LT	Simples	Acari: “Um peixe de água doce (Loricaria plecostomus). Alt. Cari” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Anajá	Fitotopônimo	LT	Simples	Anajá: “fruto da pindomba” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Galho Grande	Fitotopônimo	LP+LP	Composto	Galho: “divisão ou subdivisão do caule das árvores e arbustos” (Houaiss, 2017).

								Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Maturi	Fitotopônimo	LT	Simples	Maturi: “Maturim, no Ceará),o caju ainda muito verde, ou antes, a castanha, quando só tem um embrião na polpa” (Bueno, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Itaqui Mirim	Litotopônimo	LT+LT	Composto	Itaqui: “Itaky; Itaky: escrito comumente Itaquy; e. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar” (Sampaio, 1987). Mirim: “adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco.Alt. miri, mi, mini, im, i.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Uchiteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Uxi: “ árvore alta (Endopleura uchi) da fam. das humiriáceas, nativa da Amazônia, de tronco reto e liso, casca acinzentada, madeira de boa qualidade, folhas denteadas e drupas comestíveis, com sementes oleaginosas” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Itaqui Açú	Litotopônimo	LT+LT	Composto	Itaqui: “Itaky; Itaky: escrito comumente Itaquy; e. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar” (Sampaio, 1987). Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Apuí	Fitotopônimo	LT	Simples	Apuí: “árvore (Ficus fagifolia) da família das moráceas, nativa da Amazônia, com casca, folhas e raízes us. em infusão calmante e sedativa; apuizeiro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Menino Deus	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Menino: “criança ou adolescente do sexo masculino; garoto, guri, miúdo” (Houaiss, 2017). Deus: “ente infinito, eterno, sobrenatural e existente por si só; causa necessária e fim último de tudo que existe” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	São João	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	rio	Mururé	Fitotopônimo	LT	Simples	Mururé: “design. comum a numerosas plantas aquáticas de diferentes gên. e famílias” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Espírito Santo	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Espírito santo: “ser supremo; Deus. 6. sopro criado de Deus (nos textos bíblicos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Espírito Santo, do	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Espírito santo: “ser supremo; Deus. 6. sopro criado de Deus (nos textos bíblicos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Cuxiu	Zootopônimo	LT	Simples	Cuxiu: “design. comum aos macacos cebídeos do gên. Chiropotes, diurnos e frugívoros, com duas spp. amazônicas, de pelagem espessa, principalmente na cauda na preênsil e na barba, com topete formado por dois tufo de pelos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Capoteua	NI	NI+LGA	Composto	Capo: NI Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local

								indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	rio	Cuxiu	Zootopônimo	LT	Simples	Cuxiu: “design. comum aos macacos cebídeos do gên. Chiropotes, diurnos e frugívoros, com duas spp. amazônicas, de pelagem espessa, principalmente na cauda na preênsil e na barba, com topete formado por dois tufos de pelos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	igarapé	Arrisca Vida	Dirrematotopônimo	LP+LP	Composto	Arrisca: “expor a risco ou perigo” (Houaiss, 2017). Vida: “o período de um ser vivo compreendido entre o nascimento e a morte; existência” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	rio	Mocajuba	Fitotopônimo	LT	Simples	Mocajúba: “o fruto chamado em algumas partes - côco de catarro.” (Bueno 1987).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	rio	Piquiá	Fitotopônimo	LT	Simples	Piquiá: “pequiá; Pequiá: árvore das Guianas e Brasil, de flores amarelo-claras, em racemos, e drupas subglobosas, com polpa comestível após cocção, sementes oleaginosas, também comestíveis [...]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	rio	Maú	Fitotopônimo	Uapixana (Aruaque)	Simples	Maú: “árvore (Couratari guianensis) da fam. das lucitidáceas, nativa das Guianas e da Amazônia, com madeira de boa qualidade, folhas oblongas, flores róseas e pixídios pardacentos, couratari” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	rio	Areal	Litotopônimo	LP+LP	Simples	Areia: “Massa solta, pulverulenta, que reúne grânulos, cujo tamanho convencional está compreendido entre 0,06 mm e 2 mm, resultantes da desagregação de rochas siliciosas, graníticas ou argilosas pela ação corrente ou da chuva, o ar, o intemperismo etc., e que é encontrado no leito dos rios, dos mares, nas praias e desertos” (Houaiss, 2017).

								Al: “do suf.lat. -ālis,-āle (< -li, fonte tb. de -āris [ver -ar] por dissimilação, decorrente de um/ no fim do rad., ou, mais raramente, no meio ou no início do voc.; [...] do ponto de vista semântico, os voc. em -al apresentam, ger., as seguintes noções: [...] b) restritivamente, em vocábulos com a ideia de relativo ou pertencente a um lugar específico [...]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	igarapé	Chito, do	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	igarapé	Pedral	Litotopônimo	LP	Simples	Pedral: “relativo à pedra” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	rio	Branco	Hidrotopônimo	LP	Simples	Branco: “que tem cor da cal, do leite, da neve recentemente caída” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	igarapé	Rio Branco	Hidrotopônimo	LP+ LP	Composto	Rio: “curso de água natural, mais ou menos torrencial, que ocorre de uma parte mais elevada para uma mais baixa e que deságua em outro rio, no mar ou num lago” (Houaiss, 2017). Branco: “que tem cor da cal, do leite, da neve recentemente caída” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	igarapé	Umary	Fitotopônimo	LT	Simples	Umary: “ Y-mory, por uba-mo-ri-y, a árvore que verte água; alusão ao fenômeno de, no inverno, dar tanta água dos olhos que chega a molhar o solo (<i>Geoffroya spinosa</i> , L.). <i>Alt.</i> Mary, Mariseiro” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	igarapé	Ilha Nova	Geomorfotopônimo	LP+LP	Composto	Ilha: “extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia” (Houaiss, 2017).

								Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	ilha	Nova	Cronotopônimo	LP	Simples	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	rio	Marapanim	Zootopônimo	LT	Simples	Marapanim: “ Borboletinhas d’agua ou do mar.” (IBGE, 2022)
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	rio	Maracanã	Zootopônimo	LT	Simples	Maracanã: “design. comum a diversas aves psitacíformes, esp. dos gên. Propyrrhura, Diopsittaca e Aratinga, da família dos psitacídeos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Panelas, das	Ergotopônimo	LP	Simples	Panela: “recipiente quase sempre redondo, largo e de altura variável, dotado de alças ou cabo, us. na cocção de alimentos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Prata, do	Litotopônimo	LP	Simples	Prata: “elemento químico de número atômico” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Noventa e Seis, do	Numerotopônimo	LP+LP	Composto	Noventa e seis: “noventa mais seis; o número cardinal logo acima de 95” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Vinte, do	Numerotopônimo	LP	Simples	Vinte: “ dezenove mais um; o número cardinal logo acima de 19” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Curi	Litotopônimo	LT	Simples	Curi: “argila vermelha us. para tingir” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igareapé	Limão, do	Fitotopônimo	LP	Simples	Limão: “fruto do limoeiro; limão-amargo, limão-azedo” (Houaiss,2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Índios, dos	Etnotopônimo	LP	Simples	Índio: “originário de um grupo indígena e que é por este reconhecido como membro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Cumaru	Fitotopônimo	LT	Simples	Cumaru: “design. comum a várias árvores do gên. Dipteryx, da família das leguminosas, subfam. Papilionoídea” (Houaiss, 2017)
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Pratinha	Litotopônimo	LP	Simples	Prata: “elemento químico de número atômico” (Houaiss,2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Cajueiro	Fitotopônimo	LT	Simples	Cajueiro: “design. comum a plantas de diferentes gên. e fam., esp. às árvores e arbustos do gên. Anacardium, da fam. das anacardiáceas; caju, cajueiro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Pajura	Fitotopônimo	LT	Simples	Pajura: árvore de até 25 m (Pouteria speciosa) da fam. das sapotáceas, nativa da Amazônia, de folhas penínérveas, flores axilares brancacentas e drupas comestíveis” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	São João	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Abacate, do	Fitotopônimo	LP	Simples	Abacate: “fruto do abacateiro; abacatado” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Colono, do	Sociotopônimo	LP	Simples	Colono: “aquele que habita uma colônia; membro de uma colônia” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Santa Rita	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Primeiro Caripi	Numerotopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Primeiro: “que ou o que ocupa, numa sequência, a posição do número um” (Houaiss, 2017). Acari: “ s. Um peixe de água doce (Loricaria plecostomus). Alt. Cari” (Sampaio, 1987). Py: “Pé, avesso” (Bueno, 1987).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Pau Cheiroso	Fitotopônimo	LP+LP	Composto	Pau: “qualquer madeira ou pedaço dela (p.ex., acha, lasca, vara, viga etc.)” (Houaiss, 2017). Cheiroso: “ de que emana um bom cheiro, perfumado, oloroso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	rio	Caripi	Zootopônimo	LT	Simples	Acari: “ s. Um peixe de água doce (Loricaria plecostomus). Alt. Cari” (Sampaio, 1987). Py: “Pé, avesso” (Bueno, 1987).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Raposa	Zootopônimo	LP	Simples	Raposa: “design. comum a diversos mamíferos da fam. dos canídeos, esp. aqueles do gênero. Vulpes, com até 90 cm de comprimento, pernas relativamente curtas, focinho alongado, orelhas grandes e pontudas, cauda longa e de pelagem espessa” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Segundo Caripi	Numerotopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Segundo: “que ou o que ocupa, numa sequência, a posição do número dois” (Houaiss, 2017). Acari: “ s. Um peixe de água doce (Loricaria plecostomus). Alt. Cari” (Sampaio, 1987). Py: “Pé, avesso” (Bueno, 1987).

Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Siricueira	Zootopônimo	LT	Simples	Sirí: “cirí, o que corre, ou desliza. É o crustáceo conhecido. Alt. seri” (Sampaio, 1987). Cuéra: “adj. velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé” (Bueno, 1987).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Um, do	Numerotopônimo	LP	Simples	Um: “a quantidade de certa coisa tomada isoladamente e por inteiro; o número que detona a unidade; diz-se do primeiro elemento de uma série” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Seis, do	Numerotopônimo	LP	Simples	Seis: “cinco mais um; o número cardinal logo acima de cinco” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Tucumadeua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Tucumã: “palmeira de até 20 m (<i>Astrocaryum aculeatum</i>), ger. solitária, de estipe com faixas de espinhos negros, folhas ascendentes, inflorescência ereta, e frutos amarelos com tons avermelhados; acaiura, acuiuru, coqueiro-tucumã, tucum, tucumã-açu, tucumã-arara, tucum-açu, tucumãí-da-terra-firme, tucumãí-uaçu, tucumã-piririca, tucumã-purupuru, tucum-do-mato” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).

Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	João do Rego	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Siricueira	Zootopônimo	LT	Simples	Sirí: “cirí, o que corre, ou desliza. É o crustáceo conhecido. Alt. seri” (Sampaio, 1987). Cuéra: “adj. velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé” (Bueno, 1987).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Limão, do	Fitotopônimo	LP	Simples	Limão: “fruto do limoeiro; limão-amargo, limão-azedo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Timboteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Timbó: “design. comum a várias plantas das fam. das leguminosas e das sapindáceas, ger. com casca e/ou raízes us. para tinguíjar” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Tapiaí	Zootopônimo	LT	Simples	Tapiaí: “tocandira; Tocandira: design. comum a diversas spp. de formigas da subfam. dos poneríneos, exclusivamente carnívoras, caracterizadas pelo grande tamanho e pela presença de fortes ferrões” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Samauma	Fitotopônimo	LT	Simples	Samaúma: “sumaúma; Sumaúma: 1 árvore frondosa (Ceiba pentandra) da fam. das bombacáceas, nativa da América do Sul e da África (onde pode chegar a 70 m, sendo a maior árvore deste continente), com raízes tabulares, folhas digitadas, flores campanuladas brancas e cápsulas fusiformes, comestíveis quando verdes, com sementes de que se extrai óleo, envoltas por filamentos sedosos, a paina, com vários usos; árvore -da- lã, árvore-da-seda, baobá” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Tintateua	Ergotopônimo	LP+LGA	Composto híbrido	Tinta: “ substância constituída de um corante e de um aglutinante (ou de um coloide) e us. para pintura” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Tembaua	Somatotopônimo	LT+LT	Composto	Tembé: “O lábio inferior, o beijo; borda, margem, beira. Tembé é a forma absoluta: Rembé, Sembé, Guembé, são as relativas” (Houaiss, 2017). Aba: “gente, pessoa, individuo, homem. V. auá” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Pindobal	Fitotopônimo	LT+LP	Simples Híbrido	Pindoba: “design. comum a diversas plantas da família das palmas, esp. às do gên. Attalea; pindobeira, pindova” (Houais, 2017). Al: “sufixo normal de origem latina, que ocorre em substantivos derivados de outros substantivos e exprime a ideia de conjunto ou quantidade” (Infopédia, 2024)

Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Mato Grosso	Corotopônimo	LP+LP	Composto	Mato Grosso: “Mato Grosso é um dos estados do Centro-Oeste brasileiro.” (Governo do Mato Grosso, 2017)
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Matapi	Ergotopônimo	LT	Simples	Matapi: “ s. m. (Bras., Amazônia) espécie de massa oblonga, feita de jacitara. O mesmo que <i>cucura</i> .”. (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Pupuca	Animotopônimo Disfórico	LT	Simples	Pupuca: “esburacado” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Sapocoara	Zootopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Sapo: “ design. Comum ao anfíbios anuros em geral, e em particular aos anfíbios terrestres do gên. Bufo, da fam. dos bufonídeos, de pele rugosa e seca” (Houaiss, 2017). Quara: “ s. o furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio. Alt. Quá” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	igarapé	Jambu-Açu	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Jambu-açu: “planta (Piper consanguineum) da fam. das piperáceas,nativa das Guianas e Brasil (PA) de folhas elípticas, lanceoladas,flores com brácteas glanbras,em pequenas espigas,e bagas tetragonais” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé-Açu	rio	Peixe-Boi	Zootopônimo	LP+LP	Composto	Peixe-boi: “mamífero da família dos triquecídeos (Trichechus inunguis), encontrado em rios e lagos da bacia Amazônica, com até 2,8 m de comprimento, corpo cinzento com uma mancha esbranquiçada no peito e com nadadeiras alongadas e sem unhas; peixe-boi-da-amazônia” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	rio	Guamá	Zootopônimo	LT	Simples	Guama: “peixe-coelho” (Barbosa, 1951).

Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Apeú	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Apé: s. “O caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama” (Sampaio, 2017). U: “corr. Y, s. A água, o líquido, o rio. A pronúncia difícil da vogal gutural y deu origem às formas u, hu, gu, que aparecem com afixos ou sufixos na composição dos vocabulários” (Sampaio, 1967).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Inhangapi	Mitotopônimo	LT+LT	Composto	Anhanga: “s.c. ã-nhã, a alma errante, o espírito que anda vagando; o gênio andejo, o diabo. <i>Alt.</i> Inhan, Inhang; Aignan” (Sampaio, 1987); Api: “<i>tr.</i> relar em ; acertar em ; atirar pedra em ; tropeçar em” (Barbosa, 1951)
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Mata Boa	Fitotopônimo	LP+LP	Composto	Mata: “área coberta de plantas silvestres de porte diversos” (Houaiss, 2017). Boa: “situação ou estado de quem sente prazer, constantemente, ou de quem desfruta de algum tipo de conforto, vantagens etc” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Taiteua	Hidrotopônimo	LT+LGA	Composto	Tagy: “o mesmo que tay, braço ou galho de rio;furo, canal” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).

Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Catenduçú	NC	NI	NI	Catenduçú: NI
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Santa Cruz	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Itabocal	Fitotopônimo	LT+LP	Simples Híbrido	Itaboca: “Itá-boca, a pedra furada; o penedo solapado; a lapa, a caverna. All. Itaoca” (Sampaio, 1985) Al: “do suf.lat. -ālis,-āle (< -li, fonte tb. de -āris [ver -ar] por dissimilação, decorrente de um/ no fim do rad., ou, mais raramente, no meio ou no início do voc.; [...] do ponto de vista semântico, os voc. em -al apresentam, ger., as seguintes noções: [...] b) restritivamente, em vocábulos com a ideia de relativo ou pertencente a um lugar específico [...]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Patauateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Pataua: “ s. m. (Bras.) planta oleaginosa palmácea (<i>Oenocarpus pataua</i>): Por todos os lados surgem fustes de palmeiras. São inajás portentosas... marajás, tucumás, <i>patauás</i>. Também dizem <i>batauí</i>” (Aulete, 2011). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).

Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Pitimandeuá	NC	NI+LGA	Composto	Pitiman: NI Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Pacuquara	Ecotopônimo ³⁴	LT+LT	Composto	Pacu: “pag-ú, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comerou tomar a isca. é o peixe fluvial <i>Prochllodus argenteus</i>.” (Sampaio, 1987). Quara: “o furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio. Alt. Quá” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Murateua	Sociotopônimo	LT+LGA	Composto	Myra: “a gente, a pessoa. Alt. mura, mira” (Sampaio, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Pataueteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Pataua: “ s. m. (Bras.) planta oleaginosa palmácea (<i>Oenocarpus pataua</i>): Por todos os lados surgem fustes de palmeiras. São inajás portentosas... marajás, tucumás, <i>patauás</i>. Também dizem <i>batauí</i>” (Aulete, 2011).

³⁴ Cf. nota 33

								Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Maracanã	Zootopônimo	LT	Simples	Maracanã: “design. comum a diversas aves psitacíformes, esp. dos gên. Propyrrhura, Diopsittaca e Aratinga, da família dos psitacídeos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Cachoeira	Hidrotopônimo	LP	Simples	Cachoeira: “torrente de água que corre ou cai formando cachão (no sentido de 'borbotão, turbilhão')” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Timboteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Timbó: “design. comum a várias plantas das fam. das leguminosas e das sapindáceas, ger. com casca e/ou raízes us. para tinguir” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	igarapé	Tauari	Fitotopônimo	LT	Simples	Tauari: “design. comum a algumas plantas de diferentes gên. da fam. das lecitidáceas, de árvores de grande porte, cuja madeira é de boa qualidade” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Peripindeua	Fitotopônimo	LT+LT+LGA	Composto	Peri: “junco, esteira” (Bueno, 1987). Pin: “picar (a abelha)” (Bueno, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Itabocal	Litotopônimo	LT+LP	Simples Híbrido	Itaboca: “Itá-boca, a pedra furada; o penedo solapado; a lapa, a caverna. All. Itaoca” (Sampaio, 1985).
Castanhal	Castanhal	Irituia	rio	Itabocal	Litotopônimo	LT+LP	Simples Híbrido	Itaboca: “Itá-boca, a pedra furada; o penedo solapado; a lapa, a caverna. All. Itaoca” (Sampaio, 1985).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Pedras, dos	Litotopônimo	LP	Simples	Pedra: “matéria mineral sólida, dura, constituída da natureza das rochas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Açu de Cima	Dimensiotopônimo	LT+LP	Composto Híbrido	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017). Cima: “a parte superior de alguma coisa; alto, cume, cimeira, topo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Açu de Baixo	Dimensiotopônimo	LT+LP	Composto Híbrido	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017). Baixo: “que tem pouca altura” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	rio	Guamá	Zootopônimo	LT	Simples	Guamá: “peixe-coelho” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Xavier	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Irituia	rio	Arauaí	Zootopônimo	LT	Simples	Arauarí: “Nome de uma arara vermelha menor. Amazonas” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Damião	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Mãe do Rio	Mitotopônimo	LP+LP	Composto	Mãe do rio: “Lenda amazônica, a Boiúna (do tupi mboy'una: cobra preta) mito hídrico de origem ameríndia, simbolizado por enorme e voraz serpente escura, capaz de tomar a forma de qualquer embarcação e, mais raramente, de uma mulher, mãe-d'água” (Prefeitura de Mãe do Rio, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Umary	Fitotopônimo	LT	Simples	Umary: “Y-mory, por uba-mo-ri-y, a árvore que verte água; alusão ao fenômeno de, no inverno, dar tanta água dos olhos que chega a molhar o solo (<i>Geoffroya spinosa</i> , L.). <i>Alt.</i> Mary, Mariseiro” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Mamorana	Fitotopônimo	LT	Simples	Mamorana: “árvore de até 7 m (<i>Pachira aquatica</i>) da fam. das bombacáceas, de tronco inerte, grandes folhas digitadas, flores acastanhadas, alvas ou róseas, com numerosos estames brancos, cápsulas subglobosas, com sementes comestíveis, cruas ou assadas, nativa das Antilhas e do Brasil” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Irituia	rio	Irituia	Fitotopônimo	LT	Simples	Iry: “corr. “Yrí, o cacho Denominação de uma palmeira que dá frutos em cacho. muito conchegados. (Astrocaryum Ayrí, Mart.). Alt. Ayrí” (Sampaio, 1987). Tuya: “A velhice, a idade avançada” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Peripindeual	Fitotopônimo	LT+LT+LGA	Composto	Peri: “junco, esteira ” (Bueno, 1987). Pin: “picar (a abelha) ” (Bueno, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014). Al: “sufixo normal de origem latina, que ocorre em substantivos derivados de outros substantivos e exprime a ideia de conjunto ou quantidade” (Infopédia, 2024).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Borges	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Braço do Matutui	Hidrotopônimo	LP+NI	Composto	Braço: “cada uma das divisões do curso de um rio da foz, quando há delta; estuário; porção do mar que penetra numa abertura funda e relativamente estreita na costa; esteiro” (Houaiss, 2017). Matutui: NI

Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Matutui	NC	NI	NI	Matutui: NI
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Iauara	Mitotopônimo	LT	Simples	Jaguar: “corr. “Ya-guara, aquele que devora ou dilacera, o devorador. 109. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani. Alt. Jaguará,J aguara” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Braço do Iauara	Hidrotopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Braço: “cada uma das divisões do curso de um rio da foz, quando há delta; estuário; porção do mar que penetra numa abertura funda e relativamente estreita na costa; esteiro” (Houaiss, 2017). Jaguar: “corr. “Ya-guara, aquele que devora ou dilacera, o devorador. 109. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani. Alt. Jaguará,J aguara” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Açu de Cima	Dimensiotopônimo	LT+LP	Composto Híbrido	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017). Cima: “ a parte superior de alguma coisa; alto, cume, cimeira, topo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Camoti-Açu	Ergotopônimo	LT+LT	Composto	Cambucy: “Cambu-chi, o vaso d'água, o pote, cântaro. Alt. Camucy, Camucim, Camotim, Camoti. São Paulo. Pode proceder, ainda, de caá-mbocy, significando fruto de duas partes juntas” (Sampaio, 1987). Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Grande	Dimensiotopônimo	LP	Simples	Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Galho Grande	Fitotopônimo	LP+LP	Composto	Galho: “divisão ou subdivisão do caule das árvores e arbustos” (Houaiss, 2017). Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Jurujaia	Zootopônimo	LT	Simples	Jurujaia: “bôca aberta (diz-se também ostra)” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Braço do Jurujaia	Hidrotopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Braço: “cada uma das divisões do curso de um rio da foz, quando há delta; estuário; porção do mar que penetra numa abertura funda e relativamente estreita na costa; esteiro” (Houaiss, 2017). Jurujaia: “bôca aberta (diz-se também ostra)” (Barbosa, 1951).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Araual	Zootopônimo	LT	Simples	Arau: “ s. m. ave aquática, o mesmo que <i>airo</i> .” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Tari	Ergotopônimo	LT	Simples	Tari: “recipiente para frutas ou féculas” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Panelas, das	Ergotopônimo	LP	Simples	Panela: “recipiente quase sempre redondo, largo e de altura variável, dotado de alças ou cabo, us. na cocção de alimentos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Braço do Murureteua	Hidrotopônimo	LP+LT+LGA	Composto Híbrido	Braço: “cada uma das divisões do curso de um rio da foz, quando há delta; estuário; porção do mar que penetra numa abertura funda e relativamente estreita na costa; esteiro” (Houaiss, 2017). Mururé: “design. comum a numerosas plantas aquáticas de diferentes gên. e famílias” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se

								Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Patauateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Pataua: “ s. m. (Bras.) planta oleaginosa palmácea (<i>Oenocarpus pataua</i>): Por todos os lados surgem fustes de palmeiras. São inajás portentosas... marajás, tucumás, <i>patauás</i>. Também dizem <i>batauá</i>.” (Aulete, 2011). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Puraqueteua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Puraqué: “peixe-elétrico” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Murureteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Mururé: “design. comum a numerosas plantas aquáticas de diferentes gên. e famílias” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local

								indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Ajaraí	Fitotopônimo	LT	Simples	Ajaraí: “árvore (<i>Pradosia pedicellata</i>) da família das sapotáceas, com frutos bacáceos comestíveis, nativa da Amazônia” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Patauateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Pataua: “ s. m. (Bras.) planta oleaginosa palmácea (<i>Oenocarpus pataua</i>): Por todos os lados surgem fustes de palmeiras. São inajás portentosas... marajás, tucumás, <i>patauás</i> . Também dizem <i>batauá</i> .” (Aulete, 2011). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Chico, dos	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Uchiteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Uxi: “ árvore alta (<i>Endopleura uchi</i>) da fam. das humiriáceas, nativa da Amazônia, de tronco reto e liso, casca acinzentada, madeira de boa qualidade, folhas denteadas e drupas comestíveis, com sementes oleaginosas” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local

								indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Engenho, do	Sociotopônimo	LP	Simples	Engenho: “estabelecimento industrial situado em zona canavieira e destinado á moagem da cana para o fabrico de açúcar, aguardente, rapadura; todo conjunto relativo á cultura e ao processamento da cana-de-açúcar” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Castanhal	Fitotopônimo	LP	Simples	Castanhal: Extenso aglomerado de castanheiras em determinada área (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Panela	Ergotopônimo	LP	Simples	Panela: “recipiente quase sempre redondo, largo e de altura variável, dotado de alças ou cabo, us. na cocção de alimentos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	igarapé	Branco	Hidrotopônimo	LP	Simples	Branco: “que tem cor da cal, do leite, da neve recentemente caída” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	rio	Marapanim	Zootopônimo	LT	Simples	Marapanim: “ Borboletinhas d’agua ou do mar.” (IBGE, 2022).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	Vila Nova	Poliotopônimo	LP+LP	Composto	Vila: “povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia” (Houaiss, 2017). Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	Cogo	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	Fugido, do	Animotopônimo Disfórico	LP	Simples	Fugido: “que se retirou com precipitação, por medo, para se proteger etc.; que escapou; que verteu, que vazou” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	Gomes	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	Bacabal	Fitotopônimo	LT	Simples	Bacabal: “extenso aglomerado de bacabas em determinada área” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	Biteua	Litotopônimo	LT+ LGA	Composto	Yby: “A terra, o solo, o chão, o mundo. Alt. uba, Bu, Bo, Ibi, Bi, Vi, Vu, Vo” (Sampaio, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	São Cristóvão	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	Castelão	Ecotopônimo	LP	Composto	Castelo: “residencial real ou senhorial dotada de fortificações” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	São Marcos	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	Tatapari	Ergotopônimo	LT	Simples	Tatá: “o fogo, o Lume, a luz” (Sampaio, 1987). Parí: “O cercado para apanhar peixe, a caniçada, ou curral de peixe” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	rio	Taquari	Fitotopônimo	LT	Simples	Taquari: “árvore de até 7m (Mabeu paniculata), da família das euforbiáceas, nativa do Brasil (PA), com ramos tomentosos, folhas de forma variável e

								inflorescência com muitas flores e brácteas ovadas; abiori” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	igarapé	Catirina	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	rio	Cajutuba	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Caju: “design. comum aos frutos das árvores e arbustos do gên. Anacardium, da fam. das anacardiáceas, e tbm. a outros frutos, de diferentes gên. e famílias” (Houaiss, 2017). Tyba: “suf. abundancial; (xe): haver, abundar; multidão; jazida” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Bussuquara	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Buçu: “almeira de até 10 m (Manicaria saccifera), nativa da América tropical, com estipe que conserva as bainhas dos pecíolos secos, folhas de 2 a 8 m, eretas, lanceoladas, com ápice bifido, inteiras ou partidas, espata fusiforme e drupas escamosas, globosas ou bilobadas ou trilobadas; coqueiro-buçu, tucuri, turiri, tururi” (Houaiss, 2017). Quara: “o furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio. Alt. quá.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Curupipino	Fitotopônimo	LT+LP	Composto híbrido	Curu: “o fragmento, o pedacinho” (Sampaio, 1987). Pepino: “fruto do pepineiro; cocombro, cogombro” (Houaiss, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Inuçu	Geomorfotopônimo	LT	Simples	Inuçu: “corr. o campo grande” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Peri-Açu	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Piri: “o junco, planta aquática de que se fazem esteiras” (Sampaio, 1987).

								Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	rio	Escuro	Hidrotopônimo	LP	Simples	Escuro: “em que não há luz; que tem pouca ou nenhuma claridade” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	rio	Grande	Dimensiotopônimo	LP	Simples	Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Vila Nova	Poliotopônimo	LP+LP	Composto	Vila: “povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia” (Houaiss, 2017). Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	rio	Maracanã	Zootopônimo	LP	Simples	Maracanã: “design. comum a diversas aves psitacíformes, esp. dos gên. Propyrrhura, Diopsittaca e Aratinga, da família dos psitacídeos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	ilha	Cumaru, do	Fitotopônimo	LT	Simples	Cumaru: “design. comum a várias árvores do gên. Dipteryx, da família das leguminosas, subfam. Papilionoídea” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	praia	Marieta, da	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Maracanã	ilha	Algadoal, de	Fitotopônimo	LP	Simples	Algadoal: “extenso aglomerado de algodoeiros em determinada área” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	ilha	Maiandeua, de	Mitotopônimo	LT+LGA	Composto	Maya: “é o vocabulário português- mãe” (Bueno, 1987).

								Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	praia	Mocooca, do	Ecotopônimo	LT+LT	Composto	Mocó: “corr. Mo-coó, bicho que rói, animal roedor, (<i>Cavia rupestris</i>)” (Sampaio, 1987). Oca: “A casa, o coberto; o abrigo, refúgio, paradeiro. Alt. Og, Oka, Roca, Toca, segundo o tema. No tupi amazônico, Uca, Raca” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Mato Grosso	Corotopônimo	LP+LP	Composto	Mato Grosso: “Mato Grosso é um dos estados do Centro-Oeste brasileiro.” (Governo do Mato Grosso, 2017)
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Timboteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Timbó: “design. comum a várias plantas das fam. das leguminosas e das sapindáceas, ger. com casca e/ou raízes us. para tinguijar” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	São Bento	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—

Castanhal	Castanhal	Maracanã	rio	Caripi	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Acari: “ s. Um peixe de água doce (Loricaria plecostomus). Alt. Cari.” (Sampaio, 1987). Py: “Pé, avesso” (Bueno, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Desterro	Animotopônimo Disfórico	LP	Simples	Desterro: “ato ou efeito de desterrar; desterramento” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Joroca	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Cupiúba	Fitotopônimo	LT	Simples	Capiúba: “árvore de até 40 m (Goupia glabra) da família das celastráceas, das mais altas da Amazônia, com ramos ascendentes, madeira nobre, folhas coriáceas, flores esverdeadas e bagas polispérmicas pretas, de que se atrai óleo comestível; copiúba, copiúva, cupiúva, cutiúba, c utiubeira” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Joroca	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Tubo	Ergotopônimo	LP	Simples	Tubo: “qualquer estrutura cilíndrica e oca pela qual podem passar líquidos ou gases; canudo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Inuçu	Geomorfotopônimo	LT	Simples	Inuçu: “corr. o campo grande” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Limão	Fitotopônimo	LP	Simples	Limão: “fruto do limoeiro; limão-amargo, limão-azedo” (Houaiss,2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Cupiúba	Fitotopônimo	LT	Simples	Capiúba: “árvore de até 40 m (<i>Goupia glabra</i>) da família das celastráceas, das mais altas da Amazônia, com ramos ascendentes, madeira nobre, folhas coriáceas, flores esverdeadas e bagas polispérmicas pretas, de que se atrai óleo comestível; copiúba, copiúva, cupiúva, cutiúba, c utiubeira” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Arraial, do	Poliotopônimo	LP	Simples	Arraial: “povoado transitório de trabalhadores, esp. de atividades extrativas (garimpo, minas etc.)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Matapi	Ergotopônimo	LT	Simples	Matapi: “ s. m. (Bras., Amazônia) espécie de massa oblonga, feita de jacitara. O mesmo que <i>cucura</i> ” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Pindobal	Fitotopônimo	LT+LP	Simples híbrido	Pindoba: “design. comum a diversas plantas da família das palmas, esp. às do gên. <i>Attalea</i> ; pindobeira, pindova” (Houais, 2017). Al: “sufixo normal de origem latina, que ocorre em substantivos derivados de outros substantivos e exprime a ideia de conjunto ou quantidade” (Infopédia, 2024).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Tejuapara	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Teyu: “Ty- ú, o que come escondido; o largato. Alt. Teyú, Tiju” (Sampaio, 1987). Apara: “adj. curvo, torto, torcido, aleijado. Alt. apar, apá.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Laya, do	Antropotopônimo	LP	Simples	—

Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Avapiranga	Somatopônimo	LT+LT	Composto	Ava: “aba; Aba: Cabelo, pelo, lã, penugem, penas. No tupi do Amazonas, auá; na língua geral, aba, ava” (Sampaio, 1987). Piranga: “vermelho, corado, ruivo, rubro, pardo. Alt.Piran, Pirã” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Maturi	Fitotopônimo	LT	Simples	Maturi: “(Maturim,no Ceará),o caju ainda muito verde, ou antes, a castanha, quando só tem um embrião na polpa” (Bueno, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Preá	Zootopônimo	LT	Simples	Aperea: “apé-réa, mora no caminho, o que de contínuo se encontra nos caminhos. É o animal vulgarmente chamado preá (Cavia Apereá)” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Biribateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Biriba: “design. comum a árvores da fam. das anonáceas, esp. dos gên. Duguetia e Rollinia, que acorrem e/ou são cultivadas no Brasil, de folhas simples, flores freq. carnosas e frutos de bagas múltiplas, verdes, azulados, amarelados ou avermelhados, ger. escamosos, grandes, globosos e de polpa doce;biribazeiro” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Pirateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Pirá: “peixe teleósteo, perciforme, da fam. dos malacantídeos (Malacanthus plumieri) encontrado no Atlântico Ocidental, sendo comum no litoral norte e nordeste do Brasil; com cerca de 60 cm de comprimento, corpo e focinho alongado, dorso azulado ou esverdeado-escuro, flancos amarelos, ventre

								esbranquiçado, nadadeira caudal lunada e com uma mancha escura” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	rio	Chocaire	Antropotopônimo	LP	Simples	
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Arapiranga	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Arapiranga: “ara-piranga, o arrebol; as barras do dia. O papagaio-vermelho” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Jari	Geomorfotopônimo	LT	Simples	Jari: “buraco” (Cardoso, 1961).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Acaiaca	Fitotopônimo	LT	Simples	Acaiaca: “árvore grande (Cedrela fissilis) da fam. das meliáceas, nativa do Brasil, de casca grossa e rugosa, adstringente e emética, flores brancas, cápsulas lenhosas, e madeira de lei; acaiacá, acaju, acajucatinga, cedro, cedro-amarelo, cedro-branco, cedro-da-várzea, cedro-do-rio-de-janeiro, cedro-rosa, cedro-vermelho” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Raposa, da	Zootopônimo	LP	Simples	Raposa: “design. comum a diversos mamíferos da fam. dos canídeos, esp. aqueles do gênero. Vulpes, com até 90 cm de comprimento, pernas relativamente curtas, focinho alongado, orelhas grandes e pontudas, cauda longa e de pelagem espessa” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	São Bento	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	São Cristóvão	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Biteua	Litotopônimo	LT+ LGA	Composto	Yby: “A terra, o solo, o chão, o mundo. Alt. uba, Bu, Bo,Ibi,Bi,Vi,Vu,Vo” (Sampaio, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Castelão	Ecotopônimo	LP	Simples	Castelo: “residencial real ou senhorial dotada de fortificações” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	São Marcos	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Tatapari	Ergotopônimo	LT+LT	Composto	Tatá: “o fogo, o Lume, a luz” (Sampaio, 1987). Parí: “O cercado para apanhar peixe, a caniçada, ou curral de peixe” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	rio	Taquari	Fitotopônimo	LT	Simples	Taquari: “árvore de até 7m (Mabeu paniculata), da família das euforbiáceas, nativa do Brasil (PA), com ramos tomentosos, folhas de forma variável e inflorescência com muitas flores e brácteas ovadas; abiori” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Laranjal	Fitotopônimo	LP	Simples	Laranjal: “extenso aglomerado de laranjeiras em determinada área; narancharia, narandiba, naranjaria” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Tatuteua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Tatu: “design. comum aos mamíferos xenartros da fam. dos dasipodídeos, encontrados do sul dos E.U.A. à Argentina, de corpo protegido por uma forte carapaça, formada por placas que se interligam através da pele grossa e córnea” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	rio	São Paulo	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Samauma	Fitotopônimo	LT	Simples	Samaúma: “sumaúma; Sumaúma: 1 árvore frondosa (Ceiba pentandra) da fam. das bombacáceas, nativa da América do Sul e da África (onde pode chegar a 70 m, sendo a maior árvore deste continente), com raízes tabulares, folhas digitadas, flores campanuladas brancas e cápsulas fusiformes, comestíveis quando verdes, com sementes de que se extrai óleo, envoltas por filamentos sedosos, a paina, com vários usos; árvore -da- lâ, árvore-da-seda, baobá” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Guaxinim	Zootopônimo	LT	Simples	Guaxinim: “mamífero da fam. dos procionídeos (Procyon lotor), encontrado nas Américas do Norte e Central, de aspecto semelhante ao do mão-pelada, de

								quem se distingue esp. pelas patas esbranquiçadas; racum” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Caianã	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Umary	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Umary: “ Y-mory, por uba-mo-ri-y, a árvore que verte água; alusão ao fenômeno de, no inverno, dar tanta água dos olhos que chega a molhar o solo (<i>Geoffroya spinosa</i> , L.). <i>Alt.</i> Mary, Mariseiro” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Furinho	Hidrotopônimo	LP+LP	Simples	Furo: “trecho de água, em meio a arvoredos e plantas aquáticas, passível de ser navegado, pelo qual rios, ou rios e lagos, se comunicam” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	igarapé	Rita	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Maracanã	ilha	Marco, do	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Marapanim	rio	Marapanim	Zootopônimo	LT	Simples	Marapanim: “ Borboletinhas d’agua ou do mar” (IBGE, 2022).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Ananiteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Anani: “árvore de até 20m (<i>Symphonia globulifera</i>), da fam. das gutíferas, nativa da América do Sul, esp. do Brasil (AMAZ ao RJ), com resina amarela, us. na indústria e na medicina, madeira pesada, folhas oblongo-lanceoladas, botões florais globosos, vermelhos, e bagas verdes, tb. globosas, procuradas pela fauna; ananaseiro, pau-breu” (Houaiss, 2017).

								Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Braço Grande	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Braço: “cada uma das divisões do curso de um rio da foz, quando há delta; estuário; porção do mar que penetra numa abertura funda e relativamente estreita na costa; esteiro” (Houaiss, 2017). Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Grota Funda	Geomorfotopônimo	Italiano+LP	Composto Híbrido	Grota: “escavação na encosta de serra, morro ou Chapadão, provocada por erosão de águas das chuvas; em ribanceira de rio, causada por águas de enchentes” (Houaiss, 2017). Funda: “que está abaixo da superfície ou do nível; que tem profundidade; que adentra” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Timboteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Timbó: “design. comum a várias plantas das fam. das leguminosas e das sapindáceas, ger. com casca e/ou raízes us. para tinguir” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).

Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Mato Grosso	Corotopônimo	LP+LP	Composto	Mato Grosso: “Mato Grosso é um dos estados do Centro-Oeste brasileiro.” (Governo do Mato Grosso, 2017)
Castanhal	Castanhal	Marapanim	rio	Paramaú	Hidrotopônimo	LT+ Uapixana (Aruaque)	Composto Híbrido	Pará: “O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar. Segundo Batista Caetano compõe-se de y-pá-rá, e significa -águas todas colhe- isto é, o colecionador das águas. No tupi -Pará- é o rio volumoso, o caudal.” (Sampaio, 1987). Maú: “ave passeriforme, da fam. dos cotingídeos (Perissocephalus tricolor), de distribuição amazônica, com cerca de 35 cm de comprimento, plumagem parda, face e fronte nuas, bico, asas e cauda negros, coberteiras inferiores das asas brancas [..]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	LT	Simples	Açu: “de grande porte; avultado, volumoso” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	praia	Marudá, de	NC	NI	NI	Marudá: NI
Castanhal	Castanhal	Marapanim	praia	Crispim, de	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Crispim	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Solapo	Geomorfotopônimo	LP	Simples	Solapo: “cavidade na margem de rio ou igarapé, sob as raízes das árvores [Aí os peixes abrigam-se do calor do sol.]” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Jambu-Açu	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Jambu-açu: “planta (Piper consanguineum) da fam. das piperáceas,nativa das Guianas e Brasil (PA) de folhas elípticas, lanceoladas,flores com brácteas glanbras,em pequenas espigas,e bagas tetragonais” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Sapocoara	Zootopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Sapo: “ design. Comum ao anfíbios anuros em geral, e em particular aos anfíbios terrestres do gên. Bufo, da fam. dos bufonídeos, de pele rugosa e seca” (Houaiss, 2017). Quara: “s. o furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio. Alt. Quá” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Colônia, da	Poliotopônimo	LP	Simples	Colônia: “o lugar em que tais pessoas vivem ou se agrupam” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Bracinho	Hidrotopônimo	LP	Simples	Braço: “cada uma das divisões do curso de um rio da foz, quando há delta; estuário; porção do mar que penetra numa abertura funda e relativamente estreita na costa; esteiro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Boiuna	Zootopônimo	LT	Composto	Mboy: “A cobra, o ofídio em geral. Pronuncia-se Um boí ou ímboú. Alt. Boi, Boya, May ou Moya” (Sampaio, 1987). Una: “adj. Negro, preto, escuro. Alt. Un, U, Huna, Mu, Pixuna” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Urumateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Uruma: “pato: uruma-ran: marreco” (Boudin, 1978). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).

Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Boiuna	Zootopônimo	LT	Composto	Mboy: “A cobra, o ofídio em geral. Pronuncia-se Um boí ou ímboú. Alt. Boi, Boya, May ou Moya” (Sampaio, 1987). Una: “adj. Negro, preto, escuro. Alt. Un, U, Huna, Mu, Pixuna” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Grande	Dimensiotopônimo	LP	Simples	Grande: “de longa extensão; comprido, grande” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Passagem	Sociotopônimo	LP	Simples	Passagem: “lugar por onde se passa; passadouro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Sucuriuna	Zootopônimo	LT	Composto	Sucuri: “ serpente da família dos boídeos (Eunectes Murinus) , encontrada do norte da América do Sul até a Bolívia e Paraguai, de coloração marrom, verde ou olivácea, com grandes manchas pretas arredondadas” (Houaiss, 2017). Una: “adj. Negro, preto, escuro. Alt. Un, U, Huna, Mu, Pixuna” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Urumateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Uruma: “pato: uruma-ran: marreco” (Boudin, 1978). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).

Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Mata-Preguiça	Animotopônimo Eufórico	LP+LP	Composto	Matar: “fazer desaparecer, extinguir” (Houaiss, 2017). Preguiça: “estado de prostração e moleza, de causa orgânica ou psíquica, que leva o indivíduo à inatividade; desânimo, esmorecimento, indolência” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	São Miguel	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	São João	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Bragança	Corotopônimo	LP	Simples	Bragança: “Bragança é uma cidade raiana portuguesa e capital da sub-região das Terras de Trás-os-Montes, pertencendo à região do Norte e ao distrito de Bragança” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	rio	Maú	Fitotopônimo	Uapixana (Aruaque)	Simples	Maú: “árvore (Couratari guianensis) da fam. das lucitidáceas, nativa das Guianas e da Amazônia, com madeira de boa qualidade, folhas oblongas, flores róseas e pixídios pardacentos, couratari” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	rio	Mearim	Hidrotopônimo	LT+LT	Composto	Meary: “corr. “Mbiá-r-y, o Rio do povo; o Rio da gente navegar. Pode see também corrupção de mbiar-y, o Rio dos prisioneiros, ou onde se tomam cativos. Maranhão” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Catirina	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	São Marcos	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____

Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Simoa, do	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Araquaim	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Ará: “Nome dos papagaios grandes (Psittacus) ” (Sampaio, 1987). Quai: “colo, pescoço, gargalo” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	rio	Cajutuba	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Caju: “ design. comum aos frutos das árvores e arbustos do gên. Anacardium, da fam. das anacardiáceas, e tbm. a outros frutos, de diferentes gên.e famílias” (Houaiss, 2017). Tyba: “suf. abundancial; (xe): haver, abundar; multidão; jazida” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	ilha	Marapanim	Zootopônimo	LT	Simples	Marapanim: “ Borboletinhas d’agua ou do mar.” (IBGE, 2022)
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Prauajo	NC	NI	NI	Prauajo: NI
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Cachoeira	Hidrotopônimo	LP	Simples	Cachoeira: “torrente de água que corre ou cai formando cachão (no sentido de 'borbotão, turbilhão')” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Tatapari	Ergotopônimo	LT+LT	Composto	Tatá: “o fogo, o Lume, a luz” (Sampaio, 1987). Parí: “O cercado para apanhar peixe, a caniçada, ou curral de peixe” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Cumari	Fitotopônimo	LT	Simples	Cumari: “corr. Cu-mbori, o que excita a língua. É o nome indígena da pimenta” (Sampaio, 1987).

Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Antonio Vicente	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Arqueiro	Sociotopônimo	LP	Simples	Arqueiro: “combatente armado de arco ou aquele que atira flechas com arco” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Caveira	Somatotopônimo	LP	Simples	Caveira: “conjunto de ossos de um vertebrado morto, esp. ser humano; esqueleto” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Arsenio	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Breu, do	Animotopônimo Disfórico	Francês	Simples	Breu: “escuridão ou coisa muito escura” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	rio	Marudá	NC	NI	NI	Marudá: NI
Castanhal	Castanhal	Marapanim	igarapé	Sauá	Zootopônimo	LT	Simples	Sauá: “design. comum aos primatas florestais, do gên. Callicebus, da fam. dos cebídeos, com duas spp. Amazônicas e uma sp. do leste brasileiro; com até 60 cm de comprimento, cauda longa, pelagem longa, macia e de coloração avermelhada, amarelada ou preta; bizogue, boca-d'água, guigó, iapuça, japuça, saá, uaiapuça, uapuça, zogó, zogue-zogue [vivem em grupos e alimentam-se basicamente de frutos.]” (Houaiss, 2017).

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 9 – Toponímia dos acidentes humanos urbanos – macrotoponímia das regiões imediatas de Bragança, Castanhal e Paragominas (continua)

Região Intermediária	Região Imediata	Município	Elemento Geográfico	Topônimo	Taxe	Língua de Origem	Estrutura Morfológica	Outras Informações Linguística e/ou Etimologia
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Agrovila	da Campina	Geomorfotopônimo	LP	Simples	Campo: “terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; campina” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Agrovila	Bacabal	Fitotopônimo	LT+LP	Simples	Bacabal: “extenso aglomerado de bacabas em determinada área” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Agrovila	Iracema	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Agrovila	Pacuquara	Ecotopônimo ³⁵	LT+LT	Composto	Pacu: “pag-ú, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comerou tomar a isca. é o peixe fluvial <i>Prochilodus argenteus</i> .” (Sampaio, 1987). Quara: “o furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio. Alt. Quá” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Agrovila	Castelo Branco	Historiotopônimo	LP+LP	Composto	Humberto de Alencar Castelo Branco: “Militar, nascido na cidade de Fortaleza,

								estado do Ceará, em 20 de setembro de 1897. [...] Foi um dos principais articuladores do golpe militar de 1964, que depôs o presidente João Goulart. Através de eleição indireta passou a exercer o cargo de presidente da República em 15 de abril de 1964. Faleceu no Ceará, em 18 de julho de 1967, em acidente aéreo.” ³⁶
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Agrovila	Padre João Batista, do	Axiotopônimo	LP+LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Agrovila	Boa Vista	Animotopônimo eufórico	LP + LP	Composto	Boa: “situação ou estado de quem sente prazer, constantemente, ou de quem desfruta de algum tipo de conforto, vantagens etc” (Houaiss, 2017). Vista: “aquilo que se apresenta ao olhar, que se vê; cena,

³⁵ Cf. nota 33.

³⁶ Disponível em <https://presidentes.an.gov.br/index.php/arquivo-nacional/60-servicos/registro-de-autoridade/91-castello-branco> Acesso em 28 de julho de 2025.

								cenário, panorama” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Agrovila	Itaqui	Litotopônimo	LT	Simples	Itaqui: “Itaky; Itaky: escrito comumente Itaquy; e. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Distrito	Castanhal	Corotopônimo	LP	Simples	Castanhal: “Castanhal é um município brasileiro do estado do Pará, região norte do Brasil [...]” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Distrito	Apeú	Hodotopônimo	LT+LT	Composto	Apé: s. “O caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama” (Sampaio, 2017). U: “corr. Y, s. A água, o líquido, o rio. A pronúncia difícil da vogal gutural y deu origem às formas u, hu, gu, que aparecem com afixos ou sufixos na composição dos vocabulários” (Sampaio, 1967).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Vila	Espírito Santo	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Espírito santo: “ser supremo; Deus. 6. sopro criado de Deus (nos textos bíblicos)” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Castanhal	Vila	Bom Jesus	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Bom: “que corresponde plenamente ao que é exigido, desejado ou esperado quando à sua natureza, adequação, função, eficácia, funcionamento etc.” (Houaiss, 2017). Jesus: “1. Rel. Nas religiões cristãs, filho divinizado de Deus, crucificado para salvar a humanidade; CRISTO.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Castanhal	Vila	São Lourenço	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Vila	São João de Abade, de	Hagiotopônimo	LP+LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Vila	Livramento	Animotopônimo eufórico	LP	Simples	Livramento: “Ação ou resultado de livrar (-se)” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Vila	Boa Vista	Animotopônimo eufórico	LP + LP	Composto	Boa: “situação ou estado de quem sente prazer, constantemente, ou de quem desfruta de algum tipo de conforto, vantagens etc” (Houaiss, 2017).

								Vista: “ aquilo que se apresenta ao olhar, que se vê; cena, cenário, panorama” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Vila	Marahu	Fitotopônimo	LT	Simples	Marahu: “corr. Ma-rã-ú, a coisa de sorver ou que se toma de sorvo. É o fruto da planta <i>Passiflora</i> . <i>Alt.</i> Maragú, Maracú.” (Sampaio, 1987)
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Distrito	Curuçá	Corotopônimo	LT	Simples	Curuçá: “Município brasileiro do estado do Pará, pertencente à mesorregião do Marajó e sede da microrregião do salgado” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Distrito	Lauro Sodré	Antropotopônimo	LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Curuçá	Distrito	Murajá	NC	NI	Simples	Murajá: NI

Castanhal	Castanhal	Curuçá	Distrito	Ponta de Ramos	Geomorfotopônimo	LP+LP	Composto	Ponta: “Extremidade mais ou menos aguda de qualquer coisa: ponta de uma corda: ponta dos dedos: ponta de faca: ponta de um espinho.” (Aulete, 2011) Ramos: “Bot. Subdivisão do caule ou tronco das plantas; GALHO [Col.: <i>rama, ramada, ramagem, ramaria</i>.]” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Vila	do Seringal	Fitotopônimo	LP+LP	Simples	Seringal: “Conjunto ou plantação de seringueiras reunidas em determinada extensão de terra” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Vila	Tapiai	Fitotopônimo	LT	Simples	Tapia: “Os grãos de entrepernas, os testículos. Árvore frutífera da mata virgem.” (Sampaio, 1987)
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Vila	Caju	Fitotopônimo	LT	Simples	Caju: “design. comum aos frutos das árvores e arbustos do gên. <i>Anacardium</i> , da fam. das anacardiáceas, e tbm. a outros frutos, de diferentes gên. e famílias” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Vila	Cezário	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Vila	Mangueira	Fitotopônimo	LP	Simples	Mangueira: “Bot. Árvore da fam. das anacardiáceas (<i>Mangifera indica</i>), nativa da Índia, de copa grande, flores pequenas, brancas ou amarelas e esverdeadas, em cachos, muito cultivada nas regiões tropicais pelo fruto de polpa carnosa, a manga, do qual há muitas variedades” (Aulete, 2011).

Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Vila	Cupu	Fitotopônimo	LT	Simples	Cupu: “ (Bras., Norte) fruto semelhante ao cacau” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Vila	Livramento	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Livramento: “ Ação ou resultado de livrar (-se).” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Vila	São Luís do Caripi	Hagiotopônimo	LP+LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Vila	Curi, do	Fitotopônimo	LT	Simples	Curi: “corr. Copií, o pinhão, o fruto do pinheiro” (Sampaio, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Agrovila	Pantoja, do	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Distrito	Igarapé Açu	Corotopônimo	LT+LT	Composto	Igarapé- Açu: “ Município do estado do Pará, no Brasil” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Igarapé Açu	Distrito	Caripi	Zootopônimo	LT	Simples	Acari: “ s. Um peixe de água doce (Loricaria plecostomus). Alt. Cari.” (Sampaio, 1987). Py: “Pé, avesso” (Bueno, 1987).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Vila	Jundiá	Zootopônimo	LT	Simples	Jundiá: “ A cabeça armada de barbatanas, é o peixe d’água doce.” (Sampaio, 1987)
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Vila	Rocinha	Sociotopônimo	LP	Simples	Rocinha: “ pequena roça (roça + inha)” (Aulete, 2011).

Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Vila	Serraria	Sociotopônimo	LP	Simples	Serraria: “estabelecimento onde se serram madeiras” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Vila	Serraria São Miguel	Sociotopônimo	LP+LP+LP	Composto	Serraria: “estabelecimento onde se serram madeiras” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Vila	Boa Vista	Animotopônimo Eufórico	LP + LP	Composto	Boa: “situação ou estado de quem sente prazer, constantemente, ou de quem desfruta de algum tipo de conforto, vantagens etc” (Houaiss, 2017). Vista: “aquilo que se apresenta ao olhar, que se vê; cena, cenário, panorama” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Vila	Arajó	NC	NI	NI	Arajó: NI
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Vila	Patauateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Pataua: “ s. m. (Bras.) planta oleaginosa palmácea (<i>Oenocarpus pataua</i>): Por todos os lados surgem fustes de palmeiras. São inajás portentosas... marajás, tucumás, <i>patauás</i> . Também dizem <i>batauá</i> .” (Aulete, 2011). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e

								muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Agrovila	Cumarú	Fitotopônimo	LT	Simples	Cumarú: “design. comum a várias árvores do gên. Dipteryx, da família das leguminosas, subfam. Papilionoídea” (Houaiss, 2017)
Castanhal	Castanhal	Inhangapi	Distrito	Inhangapi	Corotopônimo	LT	Simples	Inhangapi: “Município Brasileiro do Estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	Vila	Canaã	Corotopônimo	LP	Simples	Canaã: “Antiga denominação da região correspondente à área do atual Estado da Palestina, do Estado de Israel da Faixa de Gaza, da Cisjordânia, de parte da Jordânia, do Líbano e de parte da Síria.” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Irituia	Vila	Bangu, do	Antropotopônimo	LP + LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Irituia	Vila	Santa Rosa	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Irituia	Vila	Godecio	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Irituia	Vila	Santa Ana do Jaraguara	Hagiotopônimo	LP+LP+LT	Composto híbrido	_____
Castanhal	Castanhal	Irituia	Vila	Santo Antônio	Hagiotopônimos	LP+ LP	Composto	_____

Castanhal	Castanhal	Irituia	Vila	Conceição	Antropotopônimo	LP	Simples	Conceição: “Forte, imponente e cheio de elegância, o nome feminino Conceição tem origem portuguesa e religiosa e surgiu a partir do latim conceptus, que quer dizer “fruto” ou “concepção”” (Neves, 2008).
Castanhal	Castanhal	Irituia	Vila	Betânia	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Irituia	Vila	Sião	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	Irituia	Distrito	Irituia	Corotopônimo	LT+LT	Composto	Irituia: “Município brasileiro localizado na região nordeste do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	Vila	Escorrega, de	Animotopônimo Disfórico	LP	Simples	Escorrega: “ Deslizar sob a ação do próprio peso, caindo ou não; Resvalar” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	Vila	Nazaré do Fugido, de	Antropotopônimo	LP+LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	Vila	Quatro Bocas, de	Numerotopônimo	LP+LP	Composto	Quatro: “Quantidade correspondente a três unidades mais uma” (Aulete, 2011). Boca: “ 7. Abertura, entrada” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	Vila	Nova	Cronotopônimo	LP	Simples	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	Vila	Hota	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	Vila	Calafate	Sociotopônimo	LP	Simples	Calafate: “Pessoa que calafeta (ger. como profissional), tapa fendas ou buracos (esp. de embarcação)” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	Distrito	Cafezal	Fitotopônimo	LP	Simples	Cafezal: “Aglomerado de cafeeiros mais ou menos próximos um do outro em uma certa área” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Magalhães Barata	Distrito	Magalhães Barata	Corotopônimo	LP+LP	Composto	Magalhães Barata: “Município brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Serraria	Sociotopônimo	LP	Simples	Serraria: “estabelecimento onde se serram madeiras” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Bacuri	Fitotopônimo	LT	Simples	Bacuri: “grande árvore (Plantoni esculenta), da família das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira, nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas, com polpa branco-amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, landirana” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	União	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	União: “ajuste, contrato, convenção ou harmonização entre duas ou mais pessoas; ligação, aliança ou unidade” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Quariquara	NC	NI	NI	Quariquara: NI
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Moca, do	Antropotopônimo	LP+LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Apeú, do	Hodotopônimo	LT+LT	Composto	Apé: s. “O caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama” (Sampaio, 2017). U: “corr. Y, s. A água, o líquido, o rio. A pronúncia difícil da vogal gutural y deu origem às formas u, hu, gu, que aparecem com afixos ou sufixos na composição dos vocabulários” (Sampaio, 1967).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Beira Mar	Geomorfotopônimo	LP+LP	Composto	Beira: “Lugar em que a água do mar, de rio etc. se encontra com a terra; Margem; Borda.” (Aulete, 2011). Mar: “A parte da superfície do planeta Terra que é formada por água salgada; Oceano” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Passagem	Hodotopônimo	LP	Simples	Passagem: “lugar por onde se passa; passadoiro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	São Roberto	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Quilômetro Trinta e Seis, do	Cardinotopônimo	LP+LP+LP	Composto	Quilômetro: “Metrol. Unidade de medida de comprimento equivalente a mil metros” (Aulete, 2011). Trinta: “Quantidade correspondente a 29 unidades mais uma” (Aulete, 2011).

								Seis: “ Quantidade correspondente a cinco unidade mais uma” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Mota, do	Antropotopônimo	LP	Simples	Mota: “ Mota é um popular sobrenome encontrado no Brasil e que possui várias possibilidades de origem” (Neves, 2008).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Penha, da	Antropotopônimo	LP	Simples	Penha: “Penha é um sobrenome classificado na onomástica da língua portuguesa como de origem toponímica, ou seja, baseado em alguma característica geográfica” (Neves, 2008).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Bom Jesus	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Bom: “que corresponde plenamente ao que é exigido, desejado ou esperado quando à sua natureza, adequação, função, eficácia, funcionamento etc.” (Houaiss, 2017). Jesus: “1. Rel. Nas religiões cristãs, filho divinizado de Deus, crucificado para salvar a humanidade; CRISTO.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Tamatateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Tamatá: “Amaz. m.q. tambuatá (Callichthys callichthys).” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa

								e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Vila	Tatuteua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Tatu: “design. comum aos mamíferos xenartros da fam. dos dasipodídeos, encontrados do sul dos E.U.A. à Argentina, de corpo protegido por uma forte carapaça, formada por placas que se interligam através da pele grossa e córnea” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tibia e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Distrito	Maracanã	Corotopônimo	LT	Simples	Maracanã: “Município brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Distrito	São Roberto	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	Maracanã	Distrito	Boa Esperança	Animotopônimo Eufórico	LP+LP	Composto	Boa: “Fem. De bom” (Aulete, 2011).

								Esperança: “ Expectativa otimista da realização daquilo que se almeja” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	Vila	Paraquembal	NC	NI	NI	Paraquembal: NI
Castanhal	Castanhal	Marapanim	Vila	Silva	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Marapanim	Distrito	Marapanim	Corotopônimo	LT	Simples	Marapanim: “ Município litorâneo brasileiro do estado do Pará” (IBGE, 2017).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	Distrito	Marudá	NC	NI	NI	Marudá: NI
Castanhal	Castanhal	Marapanim	Distrito	Matapiquara	Ergotopônimo	LT+LT	Composto	Matapi: “ s. m. (Bras., Amazônia) espécie de massa oblonga, feita de jacitara. O mesmo que <i>cucura</i> .”. (Aulete, 2011). Quara: “s. o furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio. Alt. Quá” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	Marapanim	Distrito	Monte Alegre do Maú	Geomorfotopônimo	LP+LP+NI	Composto	Monte: “ Grande Levação natural do solo.” (Aulete, 2011) Alegre: “ Em que há alegria (ambiente <u>alegre</u> ; casa <u>alegre</u> ; momento <u>alegre</u>).” (Aulete, 2011) Maú: NI

Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Taciateua	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Taci: “AMAZ. Formiga” (Houaiss, 2017). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Bom Intento	Animotopônimo Eufórico	LP+LP	Composto	Bom: “que corresponde plenamente ao que é exigido, desejado ou esperado quando à sua natureza, adequação, função, eficácia, funcionamento etc.” (Houaiss, 2017). Intento: “aquilo que se pretende fazer; desígnio, intenção, propósito, objetivo” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Apuí	Fitotopônimo	LT	Simples	Apuí: “árvore (Ficus fagifolia) da família das moráceas, nativa da Amazônia, com casca, folhas e raízes us. em infusão calmante e sedativa; apuizeiro” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Nova	Cronotopônimo	LP	Simples	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Anapolina	Antropotopônimo	LP	Simples	—

Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Silva	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Bem-te-vi	Zootopônimo	LP	Composto	Bem-te-vi: “Ave passeriforme da fam. dos tiranídeos (<i>Pitangus sulphuratus</i>), de cabeça preta, peito e abdome amarelos, muito conhecida por seu canto; ocorre do sul dos Estados Unidos à Argentina. ” (Aulete, 2011)
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Jeju, do	Zootopônimo	LT	Simples	Jeju: “peixe teleósteo caraciformes da fam. dos uritrínídeos (<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i>) encontrado nas bacias dos rios Amazonas, Parnaíba, São Francisco e Paraguai; com cerca de 30 cm de comprimento, corpo dotado de faixa longitudinal e dorso escuro;jiju,traíra-pixuna,traíra-pixúria” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Leitão	Zootopônimo	LP	Simples	Leitão: “Porco novo; Bácoro; Bacorinho.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Vinte, do	Numerotopônimo	LP	Simples	Vinte: “ dezenove mais um; o número cardinal logo acima de 19” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Jari, do	Geomorfotopônimo	LT	Simples	Jari: “ buraco” (Cardoso, 1961).
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Vinagre	Ergotopônimo	LP	Simples	Vinagre: “Condimento líquido produzido pela fermentação do ácido contido em certas bebidas, esp. o vinho, ou em certas frutas.” (Aulete, 2011).

Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	Zé Abel, do	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	São João Lourenço, Do	Hagiotopônimo	LP+LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Vila	São Silvério, de	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Castanhal	Santa Maria do Pará	Distrito	Santa Maria do Pará	Corotopônimo	LP+LP+LP	Composto	Santa Maria do Pará: “Município brasileiro do nordeste do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	Vila	Apeú, do	Hodotopônimo	LT+LT	Composto	Apé: s. “O caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama” (Sampaio, 1987). U: “corr. Y, s. A água, o líquido, o rio. A pronúncia difícil da vogal gutural y deu origem às formas u, hu, gu, que aparecem com afixos ou sufixos na composição dos vocabulários” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	Vila	Glória, do	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	Vila	Fé, da	Hierotopônimo	LP`	Simples	Fé: “Rel. Conjunto de dogmas e doutrinas que constituem um culto (<u>fé</u> cristã, <u>fé</u> judaica.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	Vila	Leitão	Zootopônimo	LP	Simples	Leitão: “Porco novo; Bácoro; Bacorinho.” (Aulete, 2011)

Castanhal	Castanhal	São Domingos do Capim	Distrito	São Domingos do Capim	Corotopônimo	LP+LP+LP	Composto	São Domingos do Capim: “Município brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	Vila	São José	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	Vila	Triângulo	Morfotopônimo	LP	Simples	Triângulo: “Geom. Figura geométrica fechada plana com três lados e três ângulos; polígono com três lados.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	Vila	Nova Marambaia	Cronotopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017). Marambaia: “corr. Mbará-mbai, o cerco do mar, a restinga, língua arenosa cercado o mar. Rio de Janeiro. Pode ser também marãmbaia, a cerca ou paliçada de guerra. V. Marã” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Francisco do Pará	Distrito	São Francisco do Pará	Corotopônimo	LP+LP+LT	Composto Híbrido	São Francisco do Pará: “Município brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	Vila	Mangueira	Fitotopônimo	LP	Simples	Mangueira: “Bot. Árvore da fam. das anacardiáceas (<i>Mangifera indica</i>), nativa da Índia, de copa grande, flores pequenas, brancas ou amarelas e esverdeadas, em cachos, muito cultivada nas regiões tropicais pelo fruto de polpa carnosa, a manga, do qual há muitas variedades” (Aulete, 2011).

Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	Vila	Nova	Cronotopônimo	LP	Simples	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São João da Ponta	Distrito	São João da Ponta	Corotopônimo	LP+LP+LP	Composto	São João da Ponta: “ Município brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Murateua	Sociotopônimo	LT+LGA	Composto	Myra: “a gente, a pessoa. Alt. mura, mira” (Sampaio, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Tatuaia	Zootopônimo	LT+LGA	Composto	Tatu: “ design. Comum aos mamíferos xenartros da fam. dos dasipodídeos encontrados do sul dos E.U.A. à Argentina, de corpo protegido por uma forte carapaça, formada por placas que se interligam através da pele grossa e córnea” (Houaiss, 2017). Aia: “ Uaia. Subst. Como determinação de palavras compostas é contr. De ruaia-suaia d-t-soaia-sobaia, guar. Tuguay-huguay, cauda, rabo” (Miranda, 1944).

Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Cabeceira	Hidrotopônimo	LP	Simples	Cabeceira: “Bras. Geo. Lugar onde nasce um rio; Nascente.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	São Jorge	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Sete de Setembro	Históriotopônimo	LP+LP	Composto	Sete de Setembro: “É considerada a representação mais consagrada e difundida do momento da independência do Brasil, sendo o gesto oficial da fundação do Brasil. Popularmente conhecido como o 7 de Setembro, é um feriado nacional, também chamado de Dia da Pátria.” ³⁷
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Celeste	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Carmo, do	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Menino Deus	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Menino: “Bebê do sexo masculino.” (Aulete, 2011) Deus: “Rel Teol. O ser supremo e perfeito, criador de todas as coisas.” (Aulete, 2011)

³⁷ Disponível em: <https://www2.fab.mil.br/musal/index.php/curiosidades-historicas-item-de-menu/958-7-de-setembro-dia-da-independencia>. Acesso em: 03 de agosto de 2025.

Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Bacabal	Fitotopônimo	LT	Simples	Bacabal: “extenso aglomerado de bacabas em determinada área” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Irmãos, dos	Parentistopônimo	LP	Simples	_____

Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Vila	Urucuriteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Urucuri: “corr. Yaricurí, e. y-arí-curí, o que dá cachos miúdos. Com esse nome se designam as palmeiras dos gêneros <i>Attalea excelsa</i> e <i>Cocos coronata</i>. Alt. Uricury, Ouricury, Aricury, Guaicury.” (Sampaio, 1987). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Distrito	São Miguel do Guamá	Corotopônimo	LP+LP+LP	Composto	São Miguel do Guamá: “Município

								brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Distrito	Urucuri	Fitotopônimo	LT	Simples	Urucuri: “corr. Yaricurí, e. y-arí-curí, o que dá cachos miúdos. Com esse nome se designam as palmeiras dos gêneros Attalea excelsa e Cocos coronata. Alt. Uricury, Ouricury, Aricury, Guaicury.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Distrito	Caju	Fitotopônimo	LT	Simples	Caju: “design. comum aos frutos das árvores e arbustos do gên. Anacardium, da fam. das anacardiáceas, e tbm. a outros frutos, de diferentes gên. e famílias” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Castanhal	São Miguel do Guamá	Distrito	Urucuteua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Urucu: “ O vermelhão, a planta que o produz (Bixa-Orellana).” (Sampaio, 1987) Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Castanhal	Terra Alta	Distrito	Terra Alta	Corotopônimo	LP+LP	Composto	Terra Alta: “ Município brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Vila	Verde	Cromotopônimo	LP	Simples	Verde: “que tem a cor das folhas da maioria das plantas e da esmeralda; cuja cor ou pigmento se obtém

								misturando amarelo e azul” (Houaiss,2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Vila	Nova	Cronotopônimo	LP	Simples	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Vila	Sorriso	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Sorriso: “Expressão de um rosto que sorri, que expressa alegria, satisfação, contentamento.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Vila	Maranhenses, dos	EtnotopônimoO	LP	Simples	Maranhenses: “Aquele ou aquela que nasceu ou que vive no Maranhão.” (Aulete, 2011).

Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Vila	Morenos, dos	Etnotopônimos	LP	Simples	—
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Vila	Mirinza, do	Fitotopônimo	LT+LP	Simples híbrido	Mirinza: “s. m. (Bras.) lugar em que abunda o mirim.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Vila	Machado	Ergotopônimo	LP	Simples	Machado: “Instrumento cortante de ferro, com cabo de madeira, us. para rachar lenha, derrubar árvore etc. com golpes fortes.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Vila	Perimirim, do	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Peri: “Piry, ou pirí, o junco.” (Sampaio, 1987) Mirim: “ <i>adj.</i> Pequeno, breve, pouco, miúdo; <i>adv.</i> um pouco. Alt. miri, mi, mini, im, i.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Distrito	Augusto Corrêa	Corotopônimo	LP+LP	Composto	Augusto Corrêa: “Município brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Distrito	Aturiaí	NC	NI	NI	Aturiaí: NI
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Distrito	Emboraí	NC	NI	NI	Emboraí: NI
Castanhal	Bragança	Augusto Corrêa	Distrito	Itapixuna	Litotopônimo	LT+LT	Composto	Ita: “ <i>e.</i> Y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá.” (Sampaio, 1987)

								Pixuna: “Preto, negro, escuro.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Muruci	Fitotopônimo	LT	Simples	Muruci: “Angios. Fruto do muricizeiro, nome de vários arbustos e árvores do gênero <i>Byrsonima</i> ; Murici; Baga-de-Pombo; Fruteira-de-perdiz.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Cumaru	Fitotopônimo	LT	Simples	Cumaru: “design. comum a várias árvores do gên. <i>Dipteryx</i> , da família das leguminosas, subfam. Papilionoídea” (Houaiss, 2017)
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	do Jutai	Fitotopônimo	LT	Simples	Jutai: “s. m. (Bras.) nome comum a várias árvores leguminosas-cesalpínáceas do gênero <i>Hymenaea</i> . Cf. <i>jatais</i> .” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Quilômetro Dezoito	Cardinotopônimo	LP+LP	Composto	Quilômetro: “Metrol. Unidade de medida de comprimento equivalente a mil metros” (Aulete, 2011). Dezoito: “Quantidade correspondente a dezessete mais um.” (Aulete, 2011)

Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Quilômetro Vinte e Um	Cardinotopônimo	LP+LP+LP	Composto	Quilômetro: “Metrol. Unidade de medida de comprimento equivalente a mil metros” (Aulete, 2011). Vinte e um: “Quantidade correspondente a vinte mais um.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Quilômetro Vinte e dois	Cardinotopônimo	LP+LP+LP	Composto	Quilômetro: “Metrol. Unidade de medida de comprimento equivalente a mil metros” (Aulete, 2011). Vinte e dois: “Quantidade correspondente a vinte mais dois.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Quilômetro Vinte e Três	Cardinotopônimo	LP+LP+LP	Composto	Quilômetro: “Metrol. Unidade de medida de comprimento equivalente a mil metros” (Aulete, 2011). Vinte e três: “Quantidade correspondente a vinte mais três.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Bandeira	Ergotopônimo	LP	Simples	Bandeira: “ Peça de pano, ger. retangular, com as cores e, às vezes, legendas e/ou símbolos representativos de uma nação, instituição, agremiação etc., ou com cores e/ou desenhos específicos para transmitir sinais, presa por um dos lados a uma haste, de modo que possa desenrolar-se e flutuar.” (Aulete, 2011).

Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Jari	Geomorfotopônimo	LT	Simples	Jari: “buraco” (Cardoso, 1961).
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Urubuí	Zootopônimo	LT	Simples	Urubu: “Zool. Nome comum dado às aves da fam. dos catartídeos, gên. <i>Coragyps e Cathartes</i> , que possuem cabeça e pescoço nus e se alimentam de carniça.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Urubuquara	Zootopônimo	LT+LT	Composto	Urubu: “Zool. Nome comum dado às aves da fam. dos catartídeos, gên. <i>Coragyps e Cathartes</i> , que possuem cabeça e pescoço nus e se alimentam de carniça.” (Aulete, 2011). Qua: “s. A atadura, cinta; a trama do tecido; o golpe, a pancada; o tiro, o estampido; adj. terno, delicado. Como forma contrata de quara, significa também - poço, cisterna, buraco, furo. V. Quara. Como modificação de cuá, significa - o meio, entre dois extremos.” (Sampaio, 1985)
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	São Tomé	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—

Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Retiro, do	Sociotopônimo	LP	Simples	Retiro: “Lugar isolado e/ou tranquilo, propício a descanso, meditação etc.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Paraibanos, dos	Etnotopônimo	LP	Simples	Paraibanos: “Relativo ou pertencente ao estado da Paraíba.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Curió, do	Zootopônimo	LT	Simples	Curió: “Zool. Pássaro canoro da fam. dos emberizídeos (<i>Oryzoborus angolensis</i>), das Américas do Sul e Central, com machos de plumagem negra, castanha no ventre e fêmeas de coloração acastanhada.; AVINHADO; BICUDO.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Lucas, dos	Antropotopônimo	LP	Simples	—

Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Taquandeua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Taquá: “ Forma contrata de taquara, c. ta-quara, o tronco ou haste furada. Alt., Tacuara, Tacuá.” (Sampaio, 1987) Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Caratateua, de	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Carata: “ s. f. (bot.) espécie de áloe que vegeta na América e pertence ao gênero bromélia (<i>Bromelia karatas</i>). ” (Aulete, 2011).

								Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Meio, do	Cardinotopônimo	LP	Simples	Meio: “dividir em duas partes iguais; repartir ao meio; amear” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Santa Rita	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Arraial	Poliotopônimo	LP	Simples	Arraial: “Cidade muito pequena; Povodo.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Bragança	Vila	Brasil	Corotopônimo	LP	Simples	Brasil: “Relativo ao Brasil, o que é seu natural ou habitante.” (Houaiss, 2017)

Castanhal	Bragança	Bragança	Distrito	Bragança	Corotopônimo	LP	Simples	Bragança: “ é uma das cidades mais antigas do estado do Pará, com quase quatro séculos de história.”(Prefeitura de Bragança, s/d)
Castanhal	Bragança	Bragança	Distrito	Almoço	Sociotopônimo	LP	Simples	Almoço: “Refeição substancial (a primeira do dia, sem contar o desjejum), ger. ao meio-dia ou nas primeiras horas da tarde.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Bragança	Distrito	Caratateua	Fitotopônimo	LT+LGA	Composto	Carata: “ s. f. (bot.) espécie de áloe que vegeta na América e pertence ao gênero bromélia (<i>Bromelia karatas</i>).” (Aulete, 2011). Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e

								pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem” (Stradelli, 2014).
Castanhal	Bragança	Bragança	Distrito	Nova Mocajuba	Cronotopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos). ” (Houaiss, 2017). Mocajúba: “o fruto chamado em algumas partes - côco de catarro.” (Bueno 1987).
Castanhal	Bragança	Bragança	Distrito	Tijoca	Litotopônimo	LT	Simples	Tijoca: “corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu.” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Bragança	Bragança	Distrito	Vila do Treme	Poliotopônimo	LP+LP	Composto	Vila: “ Povoação de importância inferior à da cidade e superior à da aldeia.” (Aulete, 2011) Treme: “ Causar forte trepidação em; Sacudir.” (Aulete, 2011)

Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Diquinho, do	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	São Francisco Mandomber	Hagiotopônimo	LP+LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Seringal	Fitotopônimo	LP	Simples	Seringal: “ Conjunto ou plantação de seringueiras reunidas em determinada extensão de terra..” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Boa Esperança do Seringal	Animotopônimo Eufórico	LP+LP+LP	Composto	Boa: “ Fem. De bom” (Aulete, 2011). Esperança: “ Expectativa otimista da realização daquilo que se almeja” (Aulete, 2011). Seringal: “ Conjunto ou plantação de seringueiras reunidas em determinada extensão de terra” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Maranhense	Etnotopônimo	LP	Simples	Maranhense: “ Aquele ou aquela que nasceu ou que vive no maranhão.” (Aulete, 2011)

Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Pico Vermelho	Geomorfotopônimo	LP+LP	Composto	Pico: “Cume agudo de montanha ou monte; CIMO.” (Aulete, 2011) Vermelho: “ que tem a cor do sangue.” (Aulete, 2022)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	São Sebastião	Hagiotopônimo	LP	Composto	—
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Moca, do	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Cigana	Etnotopônimo	LP	Simples	Cigana: “ Mulher pertencente ao povo cigano.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Moraes	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	São João	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Coceira	Animotopônimo Disfórico	LP	Simples	Coceira: “ (Sensação desconfortável, na superfície da pele, que provoca) forte de vontade ou impulso de se coçar; grande comichão; Prurido.) (Aulete, 2011)

Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Umbuzal	Fitotopônimo	LT	Simples	Umbuzal: “extenso aglomerado de umbuzeiros em determinada área; imbuzal.” (Houaiss, 2017)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Jiboia	Zootopônimo	LT	Simples	Jiboia: “ Zool. Grande serpente da fam. dos boídeos (<i>Boa constrictor</i>), não venenosa e constritora, que pode chegar a mais de 4m de comprimento e é encontrada nas Américas do Sul e Central; Cobra-de-viado.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	São Francisco	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Tatus, dos	Zootopônimo	LT	Simples	Tatu: “design. comum aos mamíferos xenartros da fam. dos dasipodídeos, encontrados do sul dos E.U.A. à Argentina, de corpo protegido por uma forte carapaça, formada por placas que se interligam através da pele grossa e córnea” (Houaiss, 2017).

Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Santo Antônio	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Guajara	Fitotopônimo	LP	Simples	Guajara: “s. m. (Bras.) árvore sapotácea. Arbusto sapotáceo (<i>Lucuma dissepala</i> , Ducke).” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	do Flexal	Ergotopônimo	LP+LP	Simples	Flechal: “Vara ou ripa transversal que sustenta os panos que cobrem o teto de uma barraca. ” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Faveira	Fitotopônimo	LP	Simples	Faveira: “ S . f. (Bras.) nome comum a diversas plantas leguminosas (<i>Schizolobium amazonicum</i> , M.; <i>Clitoria cearensis</i> , Hub.; <i>Dinizia excelsa</i> , Ducke, uma das árvores mais altas da flora brasileira.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	João Baiano	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	—

Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Cachoeirinha I	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Cachoeirinha: “Corrente ou torrente de água que, ao cair em um desnível do terreno, forma cachão (borbulhas); queda-d’água volumosa; Catarata; Salto.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Alegre	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Alegre: “Que sente alegria, contentamento; Contente.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Encruzinho	NC	NI	NI	Encruzinho: NI
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Cruz	Hierotopônimo	LP	Simples	Cruz: “Qualquer objeto ou adereço ou figura que represente a cruz da crucificação de Cristo.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Santa Cruz	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Santa: “Mulher que foi canonizada (Santa Luzia). [Abr.: S.]” (Aulete, 2011) Cruz: “Qualquer objeto ou adereço ou figura que represente a cruz da crucificação de Cristo.” (Aulete, 2011)

Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Bacuri	Fitotopônimo	LT	Simples	Bacuri: “grande árvore (Plantoni esculenta), da família das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira, nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas, com polpa branco-amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, landirana” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Campo	Geomorfotopônimo	LP	Simples	Campo: “terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; campina” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Cruz	Hierotopônimo	LP	Simples	Cruz: “Qualquer objeto ou adereço ou figura que represente a cruz da crucificação de Cristo.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Amadeu	Antropotopônimo	LP	Simples	

Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Vila	Camiranga	Zootopônimo	LT	Simples	Camiranga: “s. m. urubu-caçador.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Agrovila	Vila Tatus	Poliotopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Vila: “povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia” (Houaiss, 2017). Tatu: “design. comum aos mamíferos xenartros da fam. dos dasipodídeos, encontrados do sul dos E.U.A. à Argentina, de corpo protegido por uma forte carapaça, formada por placas que se interligam através da pele grossa e córnea” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Agrovila	Areia do Anelis	Litotopônimo	LP+LP	Composto	Areia: “Conjunto formado por minúsculos (de 0.06 a 2 milímetros) grãos produzidos pela erosão ou fragmentação de rochas graníticas, siliciosas ou argilosas, que cobre ger. praias, leitos de rios, desertos etc.” (Aulete, 2011)

Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Agrovila	Barraca da Farinha	Ecotopônimo	LP+LP	Composto	Barraca: “Estrutura com bancada e cobertura, us. por feirantes etc. para exporem seus produtos.” (Aulete, 2011) Farinha: “Pó obtido pela trituração de sementes e raízes (<u>farinha</u> de mandioca).” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Agrovila	Vila Santa Cruz	Poliotopônimo	LP+LP+LP	Composto	Vila: “Povoação de importância inferior à da cidade e superior à da aldeia.” (Aulete, 2011) Santa: “Mulher que foi canonizada (Santa Luzia). [Abr.: S.].” (Aulete, 2011) Cruz: “Qualquer objeto ou adereço ou figura que represente a cruz da crucificação de Cristo.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Agrovila	Alto do Bonito	Cardinotopônimo	LP+LP	Composto	Alto: “Que tem grande dimensão vertical.” (Aulete, 2011) Bonito: “ Que é agradável ou aprazível ao sentido da visão por apresentar harmonia de elementos quanto à forma, ao aspecto, cores ou tonalidades, traços, feições etc., ou por sensibilizar, causar comoção (bonita paisagem).” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Agrovila	Igarapé da Areia	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Igarapé: “Riacho que nasce na mata e deságua em rio” (Houaiss, 2017).

								Areia: “Massa solta, pulverulenta, que reúne grânulos, cujo tamanho convencional está compreendido entre 0,06 mm e 2 mm, resultantes da desagregação de rochas siliciosas, graníticas ou argilosas pela ação corrente ou da chuva, o ar, o intemperismo etc., e que é encontrado no leito dos rios, dos mares, nas praias e desertos” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Agrovila	Vila Amadeu	Poliotopônimo	LP+LP	Composto	Vila: “Povoação de importância inferior à da cidade e superior à da aldeia.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Agrovila	Bela Vista	Animotopônimo Eufórico	LP+LP	Composto	Bela: “Muito bonito, que tem proporções e traços que satisfazem a padrões estéticos de harmonia e beleza; Lindo.” (Aulete, 2011). Vista: “Paisagem que se vê a partir de algum ponto.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Cachoeira do Piriá	Distrito	Cachoeira do Piriá	Corotopônimo	LP+LT	Composto híbrido	Cachoeira do Piriá: “Município brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Santa Luzia do Pará	Vila	Pereiras, dos	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Bragança	Santa Luzia do Pará	Vila	Pimenteira	Fitotopônimo	LP	Simples	Pimenteira: “Bot. O mesmo que pimenta.” (Aulete, 2011)

Castanhal	Bragança	Santa Luzia do Pará	Vila	Fuzil	Ergotopônimo	LP	Simples	Fuzil: “Arma de fogo de repetição, automática e de cano longo, semelhante a uma espingarda.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Santa Luzia do Pará	Vila	Tamancuoca	NC	NI	NI	Tamancuoca: NI
Castanhal	Bragança	Santa Luzia do Pará	Vila	Avelino	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Santa Luzia do Pará	Vila	Tipitinga	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Tipi: “ <i>corr.</i> Typy, a fundura, o que está fundo. Designa a planta vulgo jarrinha (<i>Aristolochia</i>).” (Sampaio, 1987) Tinga: “adj. Branco, alvo, claro. Alt. Ti, Tin. ” (Sampaio, 1987)
Castanhal	Bragança	Santa Luzia do Pará	Vila	Nova	Cronotopônimo	LP	Simples	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Santa Luzia do Pará	Distrito	Santa Luzia do Pará	Corotopônimo	LP+LP+LP	Composto	Santa Luzia do Pará: “ Município Brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Tracuateua	Vila	Socorro	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Tracuateua	Vila	Martinho	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Tracuateua	Vila	Neves, dos	Antropotopônimo	LP	Simples	_____

Castanhal	Bragança	Tracuateua	Vila	Fátima	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Tracuateua	Vila	Nanan	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Tracuateua	Distrito	Tracuateua	Corotopônimo	LT+LGA	Composto	Tracuá: “Município Brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Rosa, do	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Silva, dos	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Verde	Cromotopônimo	LP	Simples	Verde: “que tem a cor das folhas da maioria das plantas e da esmeralda; cuja cor ou pigmento se obtém misturando amarelo e azul” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Nova	Cronotopônimo	LP	Simples	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Nova do Piquiá	Cronotopônimo	LP+LP	Composto	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017). Piquiá: “pequiá; Pequiá: árvore das Guianas e Brasil, de flores amarelo-claras, em racemos, e drupas subglobosas, com polpa comestível após cocção, sementes

								oleaginosas, também comestíveis” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Açaizal	Fitotopônimo	LT+LP	Simples	Açaizal: “Agrupamento de açazeiros num terreno.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Sapucaia II	Fitotopônimo	LT+LP	Composto híbrido	Sapucaia: “Nome comum a várias espécies do gên. <i>Lecythis</i> , da fam. das lecitidáceas, nativas do Brasil, de madeira resistente e cujos frutos têm sementes oleaginosas e comestíveis e são us. como cuias.” (Aulete, 2011) Dois: “Quantidade correspondente a uma unidade mais uma.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	São Francisco	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Sapucaia	Fitotopônimo	LT	Simples	Sapucaia: “Nome comum a várias espécies do gên. <i>Lecythis</i> , da fam. das lecitidáceas, nativas do Brasil, de madeira resistente e cujos frutos têm sementes oleaginosas e comestíveis e são us. como cuias.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Gomes	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Gomes, dos	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Jacinta, da	Zootopônimo	LP	Simples	Jacinta: “AMAZ m.q. libélula” (Houaiss, 2017)

Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Cardoso	Antropotopônimo	LP	Simples	_____
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Carrapatinho	Zootopônimo	LP	Simples	Carrapato: “design. comum aos ácaros da família dos ixodídeos e argasídeos, que reúne cerca de 800 vertebrados terrestres; carraça, carrapata” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Monte Hermon	Geomorfotopônimo	LP+LP	Composto	Monte: “Geog. Grande elevação natural do solo.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Meio, do	Cardinotopônimo	LP	Simples	Meio: “dividir em duas partes iguais; repartir ao meio; amear” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Santa Terezinha	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	_____
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	do Vinte e Cinco	Numerotopônimo	LP+LP	Composto	Vinte e Cinco: “Quantidade correspondente a vinte e quatro mais um.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Nova do Taboca	Cronotopônimo	LP+LP	Composto	Nova: “Informação recente (boas novas); Novidade.” (Aulete, 2011) Taboca: “Bot. Taquara.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Itapuriteua, de	Litotopônimo	LT+LGA	Composto	Itapui: “ <i>corr.</i> Itá-poi, a pedra delgada, ou em folhetas; o xisto, o folheto.” (Houaiss, 2017) Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo

								talvez com a pronúncia local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem.” (Stradelli, 2014)
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Cibrasa, da	Acronimotopônimo	LP	Simples	Cibrasa: “Cimentos do Brasil S/A.” (Clarissa, 2024).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Taxi	Zootopônimo	LP	Simples	Taxi: “(Norte) Designação atribuída a certas formigas do gênero <i>Pseudomyrma</i> , de ordinário alojadas nos pedúnculos das folhas do taxi-preto-da-mata. Também lhe chamam formiga-de-novato e simplesmente novato.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Cabeceira, de	Hidrotopônimo	LP	Simples	Cabeceira: “Bras. Geo. Lugar onde nasce um rio; Nascente.” (Aulete, 2011).
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Chapada, da	Geomorfotopônimo	LP	Simples	Chapada: “Geog. Terreno plano de grande extensão no topo de uma montanha; Planalto.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Bragança	Viseu	Vila	Toledo	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Bragança	Viseu	Distrito	Viseu	Corotopônimo	LP	Simples	Viseu: “Município Brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Bragança	Viseu	Distrito	Fernandes Belo	Antropotopônimo	LP+LP	Composto	—

Castanhal	Bragança	Viseu	Distrito	São José do Gurupi	Hagiotopônimo	LP+LP+LT	Composto Híbrido	Gurupi: A origem do nome "Gurupi" é do tupi antigo, significando "diamante puro" ou "pedra brilhante".
Castanhal	Bragança	Viseu	Distrito	São José do Piriá	Hagiotopônimo	LP+LP+LT	Composto Híbrido	Piriá: A palavra "piriá" tem origem na língua tupi-guarani, onde significa "pequeno roedor", mais especificamente, um tipo de cavia, parente do porquinho-da-índia. Também é usada no sentido de "rato d'água".
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	Vila	Monte Alegre	Geomorfotopônimo	LP+LP	Composto	Monte: "Geog. Grande elevação natural do solo." (Aulete, 2011). Alegre: "Que sente alegria, contentamento; Contento." (Aulete, 2011)
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	Vila	Cajueiro	Fitotopônimo	LT	Simples	Cajueiro: "design. comum a plantas de diferentes gên. e fam., esp. às árvores e arbustos do gên. Anacardium, da fam. das anacardiáceas; caju, cajueiro" (Houaiss, 2017).

Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	Vila	Ipitinga	Fitotopônimo	LT+LT	Composto	Ipitinga: “ corr. Ypé-tinga, a casca branca. ” (Houaiss, 2017)
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	Vila	Nova	Cronotopônimo	LP	Simples	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	Vila	Santana	Hagiotopônimo	LP	Simples	
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	Vila	Santo Antônio	Hagiotopônimo	LP+LP	Composto	—
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	Vila	Fátima	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	Vila	Repartimento	Hidrotopônimo	LP	Simples	Repartimento: “fusão de rios em um só” (Houaiss,2017).
Castanhal	Paragominas	Aurora do Pará	Distrito	Aurora do Pará	Corotopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Aurora do Pará: “Município Brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	Vila	Bom Sossego	Animotopônimo Eufórico	LP+LP	Composto	Bom: “ Que (coisa ou ser ou circunstância) corresponde, em quantidade ou em qualidade, às

								necessidades, à expectativa, ao que se tem como adequado e satisfatório para tarefa, função, funcionamento, atendimento etc.” (Aulete, 2011) Sossego: “ Estado de repouso ou sensação de tranquilidade.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	Vila	União	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	União: “ajuste, contrato, convenção ou harmonização entre duas ou mais pessoas; ligação, aliança ou unidade” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Dom Eliseu	Distrito	Dom Eliseu	Corotopônimo	LP+LP	Composto	Dom Eliseu: “Município Brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna do Pará	Vila	Pionteua	NC	NI+LGA	Composto	Pion: NI Tyua: “sufixo com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa. É este tyua, que aportuguesado deu tiba e tuba conforme a localidade e de acordo talvez com a pronúncia

								local indígena do y [...] Alguma vez se ouve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre ideia quantitativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem.” (Stradelli, 2014)
Castanhal	Paragominas	Ipixuna do Pará	Vila	Palmeirinha	Fitotopônimo	LP	Simples	Palmeira: “ Bot. Nome comum às plantas da fam. das palmas.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Paragominas	Ipixuna do Pará	Vila	Oliveira	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Paragominas	Ipixuna do Pará	Vila	Amor, do	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	Amor: “ Sentimento que faz alguém querer o bem de outrem ou de alguma coisa.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Paragominas	Ipixuna do Pará	Agrovila	Minas Pará	Litotopônimo	LP+LT	Composto Híbrido	Minas: “ Depósito subterrâneo de algum minério precioso, carvão, água etc.: jazida, filão, mineiro.” (Houaiss, 2017) Pará: “ O mesmo que mbari, ou mari, s., o mar. Segundo Batista Caetano compõe-se de y-p,-ri, e significa - águas todas colhe -

								isto é, o colecionador das águas. No tupi - pará - é o rio volumoso, o caudal. O vocábulo pará significa também variedade, policromia, e, como derivado de parab, funciona como adjetivo, significando: vários, variegado, multicolor” (Sampaio, 1987).
Castanhal	Paragominas	Ipixuna do Pará	Distrito	Ipixuna do Pará	Corotopônimo	LT+LT+LT	Composto	Ipixuna do Pará: “Município Brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	Vila	Nova	Cronotopônimo	LP	Simples	Nova: “que nasceu ou apareceu recentemente, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos)” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Mãe do Rio	Distrito	Mãe do Rio	Corotopônimo	LP+LP	Composto	Mão do rio: “ Município Brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Paragominas	Vila	União	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	União: “ajuste, contrato, convenção ou harmonização entre duas ou mais pessoas; ligação, aliança ou unidade” (Houaiss,2017).

Castanhal	Paragominas	Paragominas	Agrovila	Caípe	NI	NC	NI	Caip: NI
Castanhal	Paragominas	Paragominas	Distrito	Paragominas	Corotopônimo	LT+LP+LP	Composto híbrido	Paragominas: “Município Brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Vila	Arco-Íris	Meteorotopônimo	LP+LP	Composto	Arco-íris: “Arco, composto de faixas coloridas, que aparece no céu em consequência da dispersão da luz solar em gotículas de chuva.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Vila	União	Animotopônimo Eufórico	LP	Simples	União: “ajuste, contrato, convenção ou harmonização entre duas ou mais pessoas; ligação, aliança ou unidade” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Vila	Água Branca	Hidrotopônimo	LP+LP	Composto	Água: “substância (H ² O) líquido é incolor, insípida e inodoro, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio” (Houaiss, 2017).

								Branca: “ que tem a cor de cal, do leite, da neve, recentemente caída” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Agrovila	Areia Branca	Litotopônimo	LP+LP	Composto	Areia: “Massa solta,pulverulenta,que reúne granículos,cujo tamanho convencional está compreendido entre 0,06 mm e 2 mm,resultantes da desagregação de rochas siliciosas,graníticas ou argilosas pela ação corrente ou da chuva,o ar,o intemperismo etc.,e que é encontrado no leito dos rios,dos mares,nas praias e desertos” (Houaiss, 2017). Branca: “ que tem a cor de cal, do leite, da neve, recentemente caída” (Houaiss, 2017).
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Agrovila	Kawana	Antropotopônimo	LP	Simples	—
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Agrovila	Vida Nova	Animotopônimo Eufórico	LP+LP	Composto	Vida: “Condição da existência de alguns seres como os homens, animais e outros organismos, marcada por nascimento,

								desenvolvimento, envelhecimento e morte; Existência.” (Aulete, 2011) Nova: “Que marca o início de um processo, ciclo etc.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Agrovila	Bom Jesus	Hierotopônimo	LP+LP	Composto	Bom: “que corresponde plenamente ao que é exigido, desejado ou esperado quando à sua natureza, adequação, função, eficácia, funcionamento etc.” (Houaiss, 2017). Jesus: “1. Rel. Nas religiões cristãs, filho divinizado de Deus, crucificado para salvar a humanidade; CRISTO.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Agrovila	Floresta Gurupi Um	Fitotopônimo	LP+LT+LP	Composto Híbrido	Floresta: “ vasta extensão de terra coberta por denso conjunto de árvores e alguns arbustos; mata.” (Houaiss, 2017) Gurupi: “Diamante Puro” (Prefeitura de Gurupi, 2024).

								Um: “ Quantidade correspondente à unidade.” (Aulete, 2011)
Castanhal	Paragominas	Ulianópolis	Distrito	Ulianópolis	Corotopônimo	LP	Simples	Ulianópolis: “Município Brasileiro do estado do Pará” (Houaiss, 2017).

Fonte: Elaborado pela autora.

A seção 5 apresenta a análise dos dados toponímicos registrados nos quadros 7, 8 e 9 da desta seção.

SEÇÃO 5

ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção destina-se à análise dos dados que foram apresentados na seção anterior. Nesta fase são abordadas, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, as tendências gerais observadas na toponímia dos acidentes físicos e humanos das regiões imediatas de Bragança/PA, Castanhal/PA e Paragominas/PA. A análise quantitativa enfoca a frequência das taxas toponímicas e a língua de origem dos topônimos, enquanto a análise qualitativa examina a estrutura morfológica dos topônimos.

Conforme os quadros apresentados na seção anterior, um mesmo topônimo pode figurar como nome de diferentes acidentes geográficos. Esses topônimos não foram ignorados na análise e aparecem registrados neste estudo com o intuito de oferecer um panorama completo da toponímia das regiões investigadas. Posto isso, importa destacar que não foi possível recuperar informações sobre determinados topônimos. Nesses casos, conforme mencionado na sessão três, o campo “taxonomia” foi preenchido com a sigla “NC” (não classificado), enquanto os campos referentes à língua de origem, estrutura morfológica e etimologia receberam a sigla “NI” (não identificado). Vale ressaltar que para a análise do *corpus* toponímico foi utilizado o modelo teórico de Dick (1990,1992), Isquierdo (1996) e Pereira e Nadim (2017).

Por fim, os valores apresentados nos gráficos ao longo desta seção foram calculados de forma que a soma total das porcentagens em cada um deles corresponda a 100%, garantindo a representatividade completa dos dados analisados e permitindo uma visão proporcional e detalhada dos topônimos investigados.

A próxima subseção dedica-se à análise dos topônimos referentes aos acidentes físicos da região mediata de Bragança/PA.

5.1 Análise dos topônimos dos acidentes físicos da região imediata de Bragança/PA

Na Tabela 1 são apresentadas as informações quantitativas relativas aos topônimos analisados, expressas em valores relativos e absolutos, e distribuídas conforme os municípios que constituem a região imediata de Bragança, no estado do Pará.

Tabela 1 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Bragança/PA quanto à natureza dos nomes

Municípios	Natureza física		Natureza antropocultural		Não identificados		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Bragança	6	10,52%	2	3,50%			8	14,02%
Augusto Corrêa	5	8,80%	1	1,80%	1	1,75%	7	12,35%
Cachoeira do Piriá	8	14,03%	3	5,26%	1	1,75%	12	21,04%
Santa Luzia do Pará	5	8,80%	3	5,26%			8	14,06%
Tracuateua	10	17,54%	0				10	17,54%
Viseu	8	14,03%	4	7,01%			12	21,04%
Total	42	73,72%	13	22,83%	2	3,5	57	100%

Fonte: Elaboração da autora.

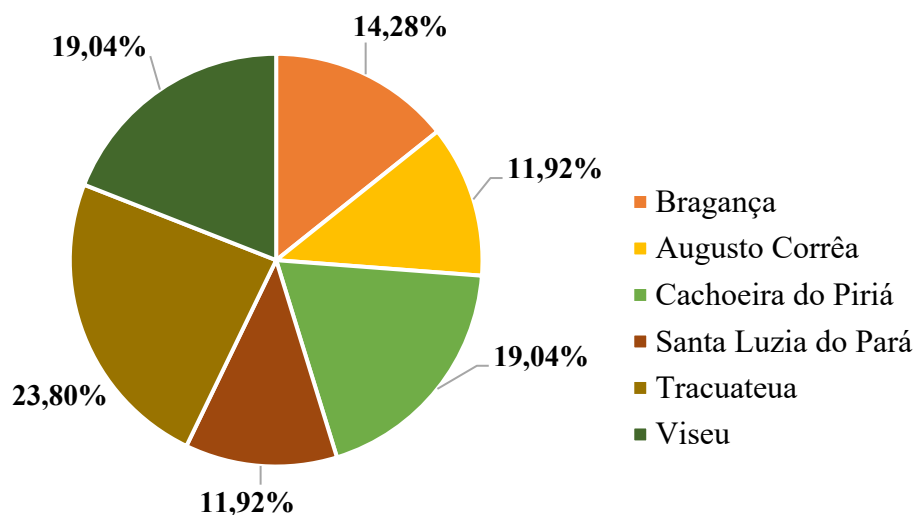
A Tabela 1 organiza o *corpus corpus* relativos aos nomes dos municípios que compõem a região em estudo em três classes distintas: topônimos de natureza física (Dick, 1992), topônimos de natureza antropocultural (Dick, 1992) e não identificados (topônimos sobre os quais não foi possível obter qualquer informação acerca da origem do item lexical que lhe deu origem). Os dados revelam a predominância de topônimos de natureza física, totalizando 42 ocorrências, o que representa 74% do total de topônimos identificados. Esse predomínio pode ser interpretado como um reflexo da forte ligação da população local com o ambiente natural e seus elementos geográficos, como rios, lagos e vegetação.

A categoria de natureza antropocultural, com 13 ocorrências, equivale a 23% do total de topônimos coletados na região. Esses topônimos indicam uma relação significativa com aspectos culturais e sociais, como nomes de pessoas, eventos históricos ou práticas culturais. A distribuição desses topônimos revela a importância da interação humana e da cultura local na formação da identidade regional, embora em uma escala menor em comparação com os topônimos de natureza física.

A categoria dos topônimos não identificados é a menor, com apenas duas ocorrências, o que corresponde a 3% do total. Nesse caso, os topônimos não foram classificados quanto à motivação devido à ausência de registros confiáveis sob a etimologia do item lexical da língua investido de função toponímica.

O Gráfico 1, na sequência, apresenta os dados quantitativos relativos aos topônimos de natureza física, expressos em valores percentuais e distribuídos de acordo com os municípios que compõem a região imediata de Bragança, no estado do Pará.

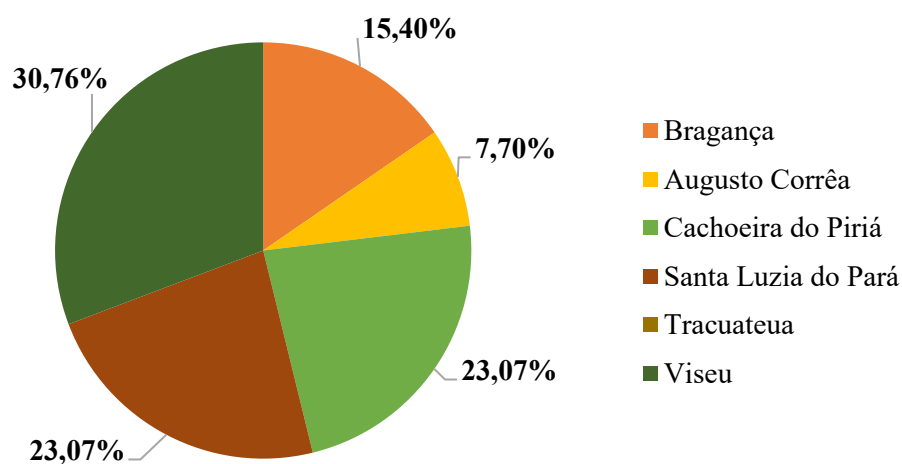
Gráfico 1 – Frequência de topônimos de natureza física da região imediata de Bragança/PA



Fonte: Elaboração da autora.

Por sua vez, o Gráfico 2 mostra a distribuição percentual dos topônimos de natureza antropocultural, distribuídos de acordo com os municípios que compõem a região imediata de Bragança, no estado do Pará.

Gráfico 2 – Frequência de topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Bragança/PA



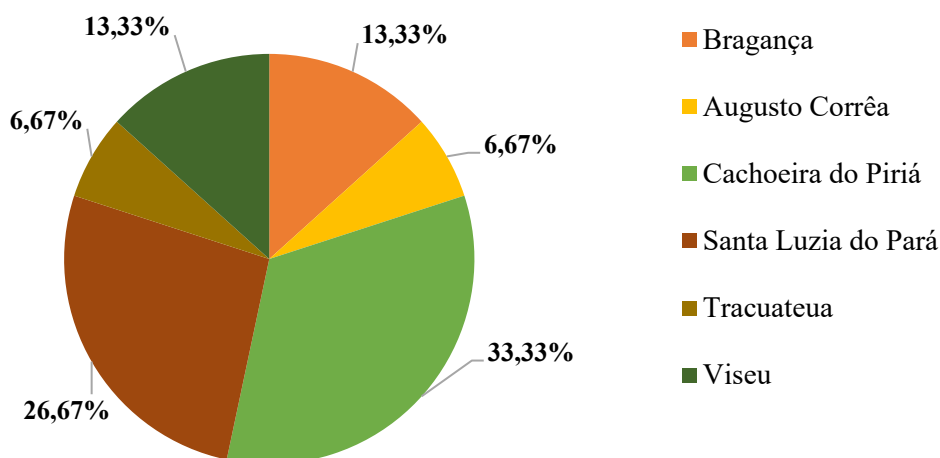
Fonte: Elaboração da autora.

A análise dos dados por município revela variações quanto ao número e ao tipo de topônimos. Cachoeira do Piriá e Viseu, por exemplo, têm os maiores índices de topônimos (12 cada), com prevalência significativa de topônimos de natureza física em Cachoeira do Piriá. Viseu, por sua vez, evidencia uma distribuição mais equilibrada entre topônimos de natureza física e antropocultural. O município de Tracuateua se destaca por não apresentar nenhum topônimo de natureza antropocultural, o que indica uma maior influência do ambiente natural sobre a toponímia local.

A predominância de topônimos de natureza física presume que, historicamente, a geografia desempenhou um papel crucial na identidade da região, enquanto a presença de topônimos de natureza antropocultural indica a relevância dos aspectos culturais na construção do espaço geográfico. O resultado desta etapa da análise não apenas reflete a relação da sociedade com o ambiente, mas também evidencia a importância da cultura local na nomeação dos lugares ao longo do tempo.

O *corpus* em estudo também demonstra a influência da língua Tupi na toponímia dos acidentes geográficos da região imediata de Bragança/PA. Dos cinquenta e sete topônimos examinados, quinze têm base Tupi, correspondendo a 25,50% do total. Esses dados refletem o processo de povoamento histórico do Pará, que deixou marcas na cultura, na toponímia, na arquitetura e na identidade do estado. Entre os povos que habitaram a região de Bragança, destacam-se os Tupinambá, falantes da língua Tupinambá. Durante a colonização, a necessidade de uma língua comum para a comunicação entre colonos e indígenas, especialmente na região de Bragança, resultou na formação da Língua Geral Amazônica. Essa língua, uma fusão de elementos da língua Tupinambá, do Português e de outras línguas locais (Araújo, 2019), tornou-se gradualmente a língua franca da região. No século XIX, a Língua Geral Amazônica passou a ser denominada Nheengatu, demonstrando a persistência do substrato indígena na toponímia regional (Araújo, 2019).

O Gráfico 3, a seguir, apresenta a distribuição percentual dos topônimos de origem Tupi nos municípios que constituem a região imediata de Bragança/PA.

Gráfico 3 - Frequência dos topônimos de base Tupi na região imediata de Bragança/PA

Fonte: Elaboração da autora.

A frequência de topônimos de base Tupi na região imediata de Bragança atesta tanto as diferentes dinâmicas de ocupação territorial quanto os processos históricos e culturais que influenciaram a nomenclatura geográfica da região. A predominância da ocorrência de topônimos em Cachoeira do Piriá, com 33,33% do total, indica que este município manteve uma maior preservação de nomes de origem indígena, o que está relacionado a uma menor interferência da colonização ou à presença mais significativa de comunidades indígenas ou descendentes que influenciaram a toponímia local. Esta prevalência demonstra um enraizamento cultural ou, alternativamente, um menor impacto de mudanças toponímicas associadas à expansão colonial.

Já municípios como Bragança e Santa Luzia do Pará, que compartilham 13,33% cada, evidenciam uma presença moderada de topônimos de base Tupi. Esse percentual aponta que, embora a influência indígena tenha sido relevante, ela possivelmente foi diluída ao longo do tempo, seja por mudanças de nomes induzidas por colonizadores, seja por outros processos de urbanização e modernização que podem ter suprimido ou modificado a nomenclatura toponímica tradicional. A menor frequência observada em Tracuateua (6,67%) e em Augusto Corrêa (6,67%) indica um cenário de maior transformação toponímica, no qual a presença indígena foi reduzida e os nomes nativos cederam lugar, em grande parte, a denominações de origem europeia, especialmente de cunho cristão. Essa substituição reflete a dinâmica de colonização ou os processos civilizatórios impostos pela administração colonial e pela igreja.

O registro de topônimos indígenas em Santa Luzia do Pará e em Cachoeira do Piriá justifica-se pela existência da comunidade indígena Tembé-Tenetehara localizada no município de Santa Luzia do Pará, a 49 km de Cachoeira do Piriá. São exemplos de topônimos de base Tupi no *corpus* analisado: rio *Caeté*; igarapé *Açu*; rio *Gurupi*; igarapé *Capoeira*; igarapé *Piquiá*; rio *Piriá*; rio *Peritoró* etc.

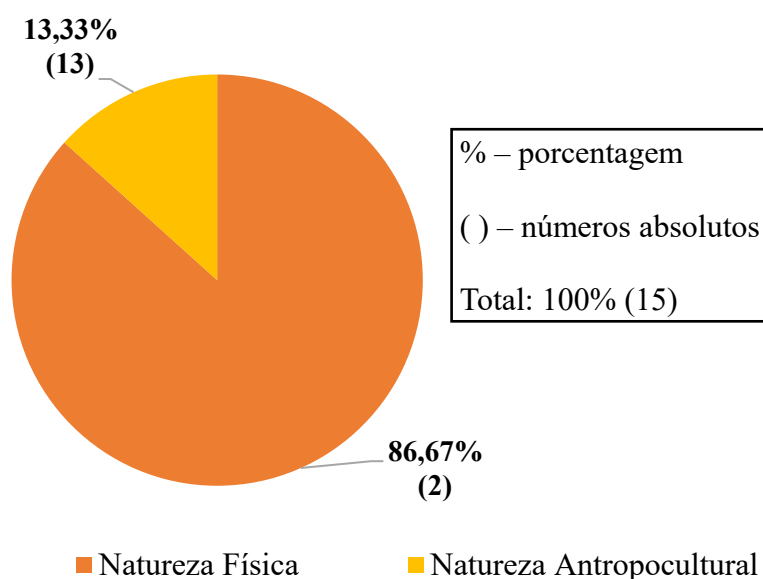
A ausência de topônimos de base Tupi em Viseu, conforme demonstrado no Gráfico 3, reflete um apagamento completo dessas referências toponímicas ou uma história de ocupação e urbanização que eliminou traços linguísticos de origem indígena. Essa ausência é particularmente relevante, pois levanta questões sobre os processos específicos que levaram à erradicação ou a não preservação desses nomes.

No geral, a análise dos dados do Gráfico 3 aponta para uma distribuição desigual em termos de topônimos indígenas na nomeação dos acidentes físicos rurais da região imediata de Bragança. Esse padrão demonstra que os municípios que constituem a região passaram por processos históricos distintos, que influenciaram a permanência ou o desaparecimento dessas referências linguísticas, refletindo, possivelmente, as diferentes trajetórias de colonização, resistência indígena e transformações sociais e econômicas ao longo do tempo. A preservação ou a substituição desses topônimos fornece, portanto, uma janela para se compreender as dinâmicas históricas e culturais que moldaram a identidade da região em estudo.

O Gráfico 3 evidencia, sobretudo, a influência linguística de povos que habitam ou habitaram determinado espaço geográfico e de particularidades ambientais na toponímia da região, com destaque para os nomes de animais (igarapé *de Onça*), de plantas e de frutos característicos da Amazônia (igarapé *Tauari*; igarapé *Piquiá*).

Na sequência, o Gráfico 4 traz a distribuição percentual dos topônimos de origem indígena, segundo a natureza da motivação toponímica.

Gráfico 4 – Frequência dos topônimos de origem Tupi da região imediata de Bragança/PA com base na natureza da motivação toponímica



Fonte: Elaboração da autora.

Os dados do gráfico 4 demonstram que as denominações relacionadas ao ambiente físico são predominantes na toponímia de origem indígena. Esse dado corrobora a ideia de que as línguas indígenas exercem importante influência na nomeação de acidentes geográficos, com destaque para os topônimos associados a elementos naturais. A recorrência dessas denominações reflete o universo lexical dos povos indígenas, especialmente naqueles casos em que a motivação semântica está ligada à flora e à fauna local.

Ao comparar os dados desta pesquisa com um estudo realizado no estado de Mato Grosso do Sul, percebe-se a importante influência dos povos indígenas na formação da toponímia brasileira. Essa abrangência contribui para a preservação de memórias históricas e linguísticas em diferentes contextos geográficos. A pesquisa de Camila André do Nascimento da Silva (2020), intitulada *A Toponímia Indígena em Mato Grosso do Sul: Um Estudo Etnolinguístico*, registrou que nesse estado da região Centro-Oeste do Brasil há uma predominância significativa de topônimos de origem Tupi (59,65%) e Guarani (5,65%), totalizando 65,30% de nomes com raízes indígenas (Silva, 2020). Esse panorama contrasta com os resultados obtidos na região imediata de Bragança, onde, conforme já mencionado anteriormente, 25,50% dos topônimos analisados têm origem na língua Tupi. É importante destacar que a pesquisa de Silva (2020) abrange todo o universo de topônimos de natureza física, de base indígena, do estado de Mato Grosso do

Sul, diferente deste estudo que se circunscreve a algumas regiões do Pará. Essa diferença metodológica, somada à maior concentração histórica de populações indígenas em Mato Grosso do Sul, especialmente nas regiões Sudoeste e de Iguatemi, ajuda a explicar a disparidade entre os percentuais. Apesar das diferenças, há um ponto em comum: a presença de topônimos híbridos. Na região de Bragança, predominam combinações do tipo LP + Tupi, enquanto em Mato Grosso do Sul as formações Tupi + LP são mais frequentes. Essas combinações refletem o contato linguístico e cultural entre as línguas indígenas e o português, marcando o legado das interações históricas entre os povos.

A Tabela 2, a seguir, detalha a frequência das taxes de natureza física e antropocultural na região de Bragança/PA, em valores relativos e absolutos.

Tabela 2 - Frequência das taxes de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na toponímia dos acidentes físicos da região imediata de Bragança/PA (continua)

Taxes ³⁸	Municípios												Total	
	BG ³⁹		AC ⁴⁰		CP ⁴¹		SP ⁴²		TC ⁴³		VS ⁴⁴			
Natureza Física	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Fitotopônimos	3	5,45%	1	1,81%	2	3,63%	3	5,45%	3	5,45%	2	3,63%	14	25,45%
Zootopônimos					2	3,63%	1	1,81%	2	3,63%	1	1,81%	06	10,09%
Litotopônimos			1	1,81%	2	3,63%			1	1,81%	3	5,45%	07	12,72%
Geomorfotopônimos	1	1,81%							1	1,81%			02	3,63%
Hidrotopônimo	1	1,81%	1	1,81%	1	1,81%			1	1,81%	1	1,81%	05	10,0%
Morfotopônimo					1	1,81%							01	1,81%
Dimensiotopônimos	1	1,81%	1	1,81%					1	1,81%	1	1,81%	04	7,27%
Cardinotopônimos			1	1,81%			1	1,81%	1	1,81%			03	5,45%
Natureza antropocultural														
Poliotopônimo	1	1,81%											01	1,81%
Hagiotopônimo	1	1,81%									1	1,81%	02	3,63%
Ergotopônimos			1	1,81%	1	1,81%	1	1,81%					03	5,45%
Animotopônimo Disfórico							1	1,81%					01	1,81%

³⁸ Não foram identificadas no *corpus* as seguintes taxes: *astrotopônimos*, *meteorotopônimos*, *cromotopônimos*, *animotopônimos eufóricos*, *axiotopônimos*, *cronotopônimos*, *ecotopônimos*, *etnotopônimos*, *dirrematotopônimos*, *hierotopônimos*, *mitotopônimos*, *historiotopônimos*, *hodotopônimos* e *sociotopônimo*.

³⁹ Bragança

⁴⁰ Augusto Corrêa

⁴¹ Cachoeira do Piria

⁴² Santa Luzia do Pará

⁴³ Tracuateua

⁴⁴ Viseu

Somatotopônimo							1	1,81%					01	1,81%
Antropotopônimos					2	3,63%					1	1,81%	03	5,45%
Numerotopônimo											1	1,81%	01	1,81%
Corotopônimo											1	1,81%	01	1,81%
Total	8		6		11		8		10		12		55	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Os dados da Tabela 2 demonstram que, dentre as taxes que apresentaram maior índice de frequência, os *fitotopônimos* (recorrentes em todos os municípios investigados) nomeiam o maior número de topônimos do *corpus* analisado, com 14 ocorrências (25, 2%). Considerando que o estado do Pará abriga uma rica biodiversidade de flora, os *fitotopônimos* atestam a presença e a valorização das plantas como organismos úteis para o dia a dia do nomeador e da população local, principalmente no que diz respeito à vegetação. São exemplos de *fitotopônimos* no *corpus* analisado, dentre outros: rio *Caeté*; cachoeira *Tauari*; igarapé *Capoeira*; ilha *da Madeira*; ilha *do Cipó*; lago *do Caraná*; igarapé *Aningal*. A presença dessas denominações aponta ainda para a forte influência indígena, principalmente da língua Tupi, no léxico do português brasileiro. Em se tratando de áreas rurais, é previsível que o *corpus* esteja relacionado a elementos físico-naturais característicos do ambiente. A dispersão equilibrada desses topônimos entre os municípios indica uma similaridade nas práticas de nomeação associadas à flora, o que é justificado pelas características ambientais homogêneas e pela cultura regional compartilhada.

Numa região como o Brasil, onde a vegetação exuberante, variada e intensa em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena deve, de contínuo, traduzir a feição local sob o ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características. A geografia aqui reflete nas denominações dos lugares a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de estranhar-se o frequente emprego de plantas, árvores, para individuar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente topográfico qualquer (Sampaio, 1987, p. 144).

Frutos como o piquiá e o jenipapo, por exemplo, figuram na toponímia da região imediata de Bragança, o que remete não só ao hábito de cultivo de plantas frutíferas, como também à importância desses alimentos para a subsistência local. A presença dos *fitotopônimos* como uma das categorias mais produtivas neste estudo confirma, pois, uma das tendências da toponímia brasileira: a valorização da flora na nomeação de lugares, em especial de acidentes físicos.

Além dos fitotopônimos, os litotopônimos, os zootopônimos e os hidrotopônimos também se destacaram no conjunto de dados analisados. Os litotopônimos representam a segunda categoria com maior índice de registro na toponímia estudada, evidenciando que o processo de nomeação de um lugar não acontece de maneira aleatória, mas está relacionado à importância do ambiente geográfico, especialmente de componentes físico-naturais como relevo, rochas e solo, tanto para o nomeador quanto para o espaço nomeado. Para Dick (1990), os topônimos de índole mineral são atribuídos em decorrência da natureza constitutiva do espaço nomeado. A região imediata de Bragança/PA é historicamente conhecida pela prática de garimpo, embora a intensidade dessa exploração tenha diminuído em comparação com o auge das atividades no século XIX. Na atualidade, a extração mineral está mais ligada à areia, ao barro e a pedras comuns, com ínfima presença de pedras preciosas, o que reflete a importância de litotopônimos como rio das Pedras e igarapé de Areia. A extração de areia é significativa, com áreas destinadas ao transporte do material para outras regiões, principalmente para a construção civil. Areia e barro também exercem papel econômico, pois Bragança conta com olarias e fábricas de telhas que aproveitam esses materiais na produção local, agregando valor à economia da região. Na atualidade a extração de areia e barro em Bragança não se restringe apenas ao atendimento das demandas locais. Esses materiais também desempenham um papel importante em outras regiões, sendo transportados para suprir necessidades da construção civil e da indústria em áreas além dos limites do município. “Litotopônimos mais comuns, que envolvem elementos como barro, lama, terra ou pedra, por exemplo, aparecem na nomenclatura geográfica brasileira em proporções significativas, principalmente o último deles” (Dick, 1990, p. 138).

Os zootopônimos revelam a conexão com a fauna local da região amazônica, nomeando acidentes físicos com animais emblemáticos. Exemplos incluem o igarapé *do Porco*, igarapé *de Onça*, rio *Tracuateua* e rio *Piriá*. Nesses casos, muitos animais têm dupla função: simbólica e utilitária. O porco, por exemplo, é amplamente utilizado como alimento, servindo como recurso de subsistência para as populações ribeirinhas. Da mesma forma, o peixe “pirá”, que dá nome ao rio Piriá, faz referência à abundância de pescado, um dos principais itens da dieta local, reforçando a relação entre o homem e a natureza. Entretanto, alguns animais também carregam simbolismo mitológico. A onça, evocada no igarapé *de Onça*, possui um papel significativo nas cosmologias indígenas, sendo vista como uma figura de poder, força e proteção. Na mitologia tupi, a onça é muitas vezes associada a espíritos de guerreiros ou seres sobrenaturais. Além disso, o

topônimo *Tracuateua*, que deriva do Tupi *taracurá* (nome de uma espécie de formiga amazônica) e *tyua* (abundância) revela o papel importante da fauna na caracterização do ambiente. A formiga *taracurá*, apesar de pequena, é conhecida por seu comportamento agressivo e por seu grande número, atributos que também têm analogias em mitologias indígenas, em que certos insetos são vistos como mensageiros ou símbolos de resistência. Ao observar a toponímia de Bragança/PA, nota-se que a fauna não apenas reflete aspectos práticos ligados à alimentação e à subsistência, como também desempenha um papel simbólico, agregando valores mitológicos e culturais aos nomes dos acidentes físicos.

Os hidrotopônimos correspondem a 10% dos topônimos de natureza física registrados na região imediata de Bragança, dando mostras da relevância das águas na constituição da paisagem e na vivência das populações locais. A presença de rios, igarapés, furos, lagoas e outras formações hídricas exerce papel central na organização territorial, histórica e econômica do município, sendo esses elementos fundamentais para o abastecimento, transporte, pesca e lazer. A escolha de nomes relacionados à água evidencia a íntima relação entre os habitantes e os cursos d'água, que funcionam como referenciais espaciais e simbólicos. Topônimos como rio Branco, rio Vermelho e rio Braço do Urumajó exemplificam essa dinâmica. O rio Branco e o rio Vermelho, por exemplo, remetem diretamente a características visuais da água e do solo, relacionadas à coloração de suas margens ou sedimentos. Já o topônimo rio Braço do Urumajó, por sua vez, indica uma ramificação de um curso d'água maior, estabelecendo conexões com o rio Urumajó, importante na hidrografia local. Esses nomes revelam não apenas aspectos da geografia física da região, mas também a percepção dos moradores em relação às águas que os cercam, reafirmando a centralidade dos elementos hídricos na construção da identidade toponímica de Bragança.

A análise do *corpus* como um todo põe em evidência a influência da realidade extralinguística na nomeação de acidentes físicos da região imediata de Bragança/PA. Além dos *fitotopônimos* (25,45%), *litotopônimos* (12,72%) , *zootopônimos* (10,0%) e *hidrotopônimos* (10,0%), outras 13 taxes também integram os dados deste estudo, sendo quatro de natureza física: *geomorfotopônimos* (3,63%); *morfotopônimos* (1,81%); *dimensiotopônimos* (7,27%); *cardinotopônimos* (5,45%), e oito de natureza antropocultural: *poliotopônimos* (1,81%); *hagiotopônimos* (3,63%); *ergotopônimos* (5,45%); *animotopônimos* *disfórico* (1,81%); *somatotopônimos* (1,81%); *antropotopônimos* (5,45%); *numerotopônimos* (1,81%); *corotopônimos* (1,81%).

A presença de *hagiotopônimos* como em igarapé *São Luís* e igarapé *Santo Antônio*, respectivamente, nos municípios de Bragança e Viseu, apontam para raízes religiosas características desses territórios, manifestadas em procissões e festividades cristãs, como a Marujada: Procissão de São Benedito que, com mais de 200 anos de Tradição (Bersa, 2023), reúne centenas de fiéis anualmente para uma comemoração que envolve dança, cores, confraternização e alegria.

Desde a antiguidade, ao adentrar um território desconhecido, o homem teve a necessidade de nomear aspectos da sua descoberta. A motivação atrelada à escolha do nome reflete perspectivas, sentimentos e, principalmente, as características de um espaço geográfico. As cores povoam o imaginário de diferentes formas, principalmente na escolha do nome de um lugar, uma vez que provocam estímulos e transmitem diferentes sensações. Topônimos como rio *Vermelho* e rio *Branco* integram o *corpus* desta pesquisa e foram motivados pelo aspecto da água. A variação de cores se explica pela composição, densidade e temperatura da água. Rio *Vermelho*, por exemplo, foi motivado em razão da cor avermelhada que caracteriza a água barrenta, principalmente em períodos de chuva.

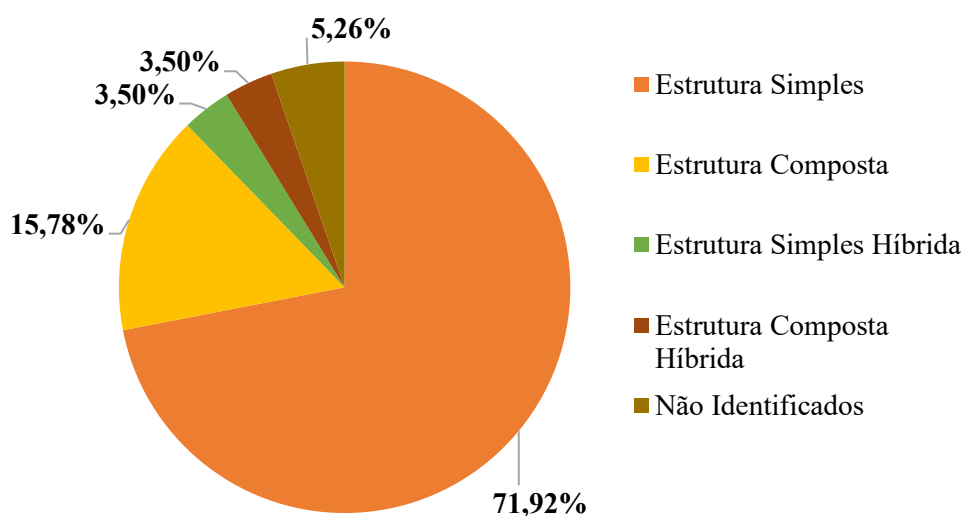
Já a baixa frequência de categorias como geomorfotopônimos e dimensiotopônimos demonstram que aspectos mais técnicos ou específicos da geografia física são menos influentes na nomeação local, possivelmente devido a uma menor acessibilidade ou relevância desses elementos para a população. A baixa frequência de topônimos de natureza antropocultural presume que a relação entre a sociedade e o espaço geográfico na região é mediada mais fortemente pelo ambiente natural do que por intervenções ou influências culturais diretas.

No âmbito dos municípios selecionados, *Viseu* concentra o maior número de dados toponímicos (21,81%) do conjunto das denominações. Em contrapartida, *Augusto Corrêa* reúne o menor número de topônimos, com um total de 11% de registros. O baixo número de topônimos nesse município é justificado por uma série de fatores que vão desde aspectos geográficos e populacionais até questões históricas e culturais, além de dificuldades relacionadas ao próprio processo de catalogação. Trata-se de um município com a extensão territorial de 1.099,619 km² e uma densidade demográfica de 40,53 hab/km² (IBGE, 2022). Municípios com áreas menores tendem a reunir um número reduzido de acidentes geográficos, o que impacta diretamente no montante de nomes de lugares. Além disso, o contexto histórico e cultural do município desempenha um papel relevante na composição toponímica, considerando que a história de ocupação do seu território pode ter sido tardia ou marcada por uma menor interação com colonizadores ou

povos indígenas em comparação com outros municípios. É possível que a toponímia de Augusto Corrêa ainda não tenha sido amplamente registrada pelo IBGE, o que pode justificar o baixo número de topônimos catalogados.

O Gráfico 5 demonstra o percentual de topônimos com base em sua composição formal, destacando a proporção de topônimos com estrutura simples, composta, simples híbrida, composta híbrida e não identificados.

Gráfico 5– Frequência de topônimos da região imediata de Bragança/PA quanto à estrutura morfológica



Fonte: Elaboração da autora.

Em termos linguísticos, 54,40% dos topônimos que compõem o *corpus* são de origem portuguesa, dentre os quais rio *Vermelho*, rio *do Coco*, rio *das Pedras*, rio *Sujo*; 22,80% da língua Tupi, como rio *Caeté*, igarapé *Tauari*, igarapé *Piquiá*, rio *Peritoró*; 3,50% de outros idiomas, como o árabe (cachoeira *Algibeira*) e o Ticuna (cachoeira *Cicantã*); 14,03% são topônimos híbridos, com destaque para as formações LP+LT (rio *Braço do Urumajó*) e LP+LP+LT (rio *Alto Rio Guamá*) e 5,27% dos topônimos não tiveram sua língua de origem identificada. No que diz respeito à estrutura dos topônimos, 71,92 % são de estrutura simples (rio *Grande*; igarapé *Açu*; igarapé *Capoeira*) e 15,78% são de estrutura composta (lago *Campo de Cima*; igarapé *Cabeça de Porco*). Do total, 3,50% dos topônimos apresentam estrutura simples híbrida, como no caso de igarapé *Limondeua*, enquanto outros 3,50% configuram-se como estrutura composta híbrida, exemplificada pelo topônimo rio *Alto Rio Guamá* (Alto – LP + Rio – LP + Guamá – LT). Por fim, 5,26% dos topônimos não tiveram sua estrutura formal identificada.

A predominância de estruturas simples (71,92%), como em rio *Capim* e rio *Branco*, indica uma tendência à funcionalidade e à praticidade na nomeação geográfica, sobretudo em comunidades onde o conhecimento é compartilhado de maneira informal. Além disso, a economia linguística é uma característica comum em contextos nos quais a necessidade de identificação rápida e precisa do espaço é prioritária, como em atividades econômicas ou deslocamentos cotidianos.

As estruturas compostas, presentes em 15,78% dos casos, geralmente combinam descrições mais detalhadas do espaço, como em *rio do Meio da Vila dos Neves*. Esse tipo de formação reflete uma necessidade de especificação adicional, especialmente em regiões onde múltiplos acidentes geográficos compartilham características similares. Já os topônimos híbridos, que combinam elementos de diferentes línguas, como *igarapé Limondeua* (*limon* – LE + *deua* – LGA), evidenciam o contato linguístico e a interação cultural ao longo da história, resultando em construções que mesclam tradições indígenas com influências coloniais. O registro de topônimos provenientes de outras línguas aponta para o processo de povoamento, envolvendo não apenas a colonização portuguesa e a presença indígena, mas também a participação de outros grupos étnicos e culturais na formação da identidade local.

A subseção a seguir apresenta a análise dos topônimos que denominam os acidentes físicos da região imediata de Paragominas, no estado do Pará.

5.2 Análise dos topônimos dos acidentes físicos da região imediata de Paragominas/PA

A Tabela 3, a seguir, reúne os dados quantitativos referentes aos topônimos que denominam acidentes físicos nos municípios que compõe a região imediata de Paragominas/PA, categorizados de acordo com sua natureza toponímica, física ou antropocultural (Dick, 1992). Reúne dados dos municípios de Aurora do Pará, Dom Eliseu, Ipixuna, Mãe do Rio, Paragominas e Ulianópolis, os quais, em conjunto, totalizam 167 topônimos.

Tabela 3 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Paragominas/PA quanto à natureza dos nomes

Municípios	Natureza Física		Natureza antropocultural		Não identificados		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Aurora do Pará	17	10,17%	8	4,80%	2	1,19%	27	16,16%
Dom Eliseu	31	18,56%	10	6,0%	1	0,60%	42	25,16%
Ipixuna	9	5,38%	2	1,19%			11	6,57%
Mãe do Rio	6	3,60%	2	1,19%			8	4,79%
Paragominas	31	18,56%	17	10,17%	1	0,60%	49	29,33%
Ulianópolis	20	12%	9	5,38%	1	0,60%	30	17,98%
Total	114	68,27%	48	28,73%	5	2,99%	167	100%

Fonte: Elaboração da autora.

A Tabela 3 categoriza o *corpus* da região em estudo em três grupos distintos: topônimos de natureza física (Dick, 1992), topônimos de natureza antropocultural (Dick, 1992) e aqueles não identificados, ou seja, topônimos para os quais não foi possível obter informações. A predominância de topônimos de natureza física em diferentes municípios reflete diretamente a influência de fatores geográficos e históricos na percepção e nomeação dos territórios. Em localidades como Dom Eliseu e Paragominas, 18,56% dos topônimos pertencem a essa categoria, evidenciando uma forte conexão com a paisagem natural, marcada por rios, morros, florestas e outros elementos do relevo. A abundância de recursos naturais nesses municípios demonstra uma tendência de denominação baseada na geografia física, reforçando a centralidade do meio ambiente no cotidiano das comunidades locais. O topônimo *rio Cauaxi* (Paragominas) exemplifica essa dinâmica, remetendo a uma esponja nativa da Amazônia, especialmente presente em rios e igarapés (Morais, 2013).

O uso do termo *cauaxi* (ou *cauxi*) como nome de um curso d'água não é aleatório; ele reflete a importância cultural e material desse recurso natural para os povos indígenas da região. Tradicionalmente, o cauaxi é utilizado na confecção de objetos artesanais, o que mostra que a presença desse recurso influenciou não apenas a subsistência, mas também a cultura material das populações indígenas.

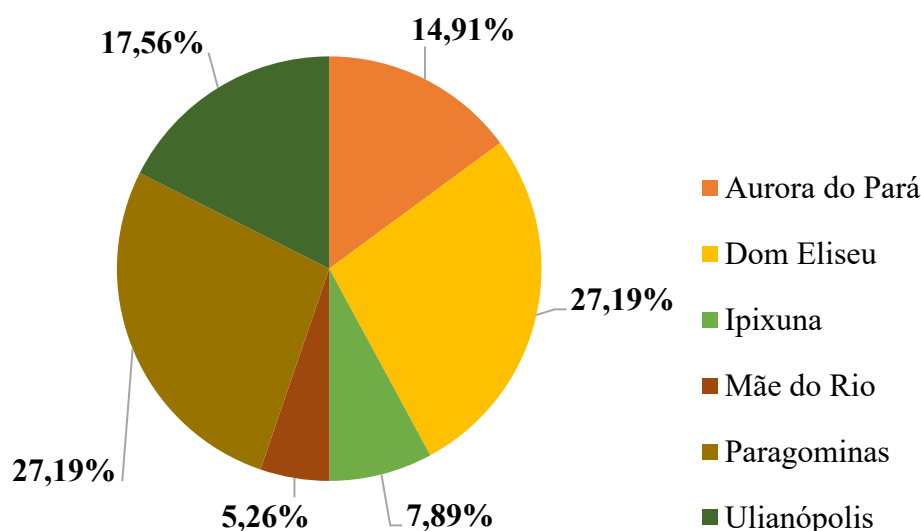
Os municípios de Mãe do Rio e Ipixuna apresentam proporções inferiores de topônimos classificados como de natureza física, correspondendo a 3,6% e 5,38%, respectivamente. Esse cenário indica uma menor expressividade dos elementos

geográficos na formação da identidade territorial, possivelmente em função da prevalência de atividades econômicas desvinculadas do ambiente natural, com destaque à administração pública e ao comércio varejista que contribuem fortemente para a subsistência local (IBGE, 2022). Essa realidade reflete a menor relevância da paisagem física no processo de nomeação, já que a ocupação do território e o desenvolvimento econômico moldaram a identidade territorial de maneira distinta.

Aurora do Pará e Ulianópolis, por sua vez, apresentam percentuais intermediários, com 10,17% e 12% de topônimos de natureza física, respectivamente. Esses dados revelam a interação entre os aspectos naturais e outros fatores culturais e econômicos na formação da toponímia local. A presença de topônimos de natureza física nesses municípios destaca o papel, embora não predominante, do ambiente natural no processo de nomeação, destacando a importância das narrativas locais sobre o território. Em regiões onde os elementos naturais são centrais para a identidade coletiva, observa-se uma maior valorização da paisagem física na toponímia. Esse fenômeno demonstra como a relação histórica e social entre as populações e o meio ambiente influenciam diretamente o léxico toponímico, perpetuando na nomenclatura um vínculo simbólico com a geografia local.

O Gráfico 6 reúne os dados quantitativos relativos aos topônimos de natureza física, expressos em valores percentuais e distribuídos de acordo com os municípios que compõem a região imediata de Paragominas/PA.

Gráfico 6 – Frequência de topônimos de natureza física da região imediata de Paragominas/PA



Fonte: Elaboração da autora.

A presença de topônimos de natureza antropocultural na região imediata de Paragominas/PA não apenas evidencia a influência das atividades humanas na nomeação dos lugares, como também reflete a interação entre a cultura local e a geografia. O topônimo igarapé *Maracaxi* (Aurora do Pará), por exemplo, que remete a uma “embarcação com proa adornada por um maracá” (Sampaio, 1987), não é meramente uma denominação geográfica, mas sim uma representação simbólica da cultura material e das práticas sociais do período de nomeação. Esse nome assinala a importância do transporte fluvial na vida cotidiana, destacando como a cultura e a tecnologia da época influenciaram a forma como os habitantes interagem com o ambiente. Outro exemplo é o topônimo *igarapé Marambaia*, traduzido como “cerca ou paliçada de guerra” (Sampaio, 1987), que traz à tona a dimensão conflituosa da ocupação territorial e das relações de poder na região. Esse nome carrega em si memórias de confrontos, estratégias de defesa e a resistência cultural dos povos que habitaram e disputaram esses espaços.

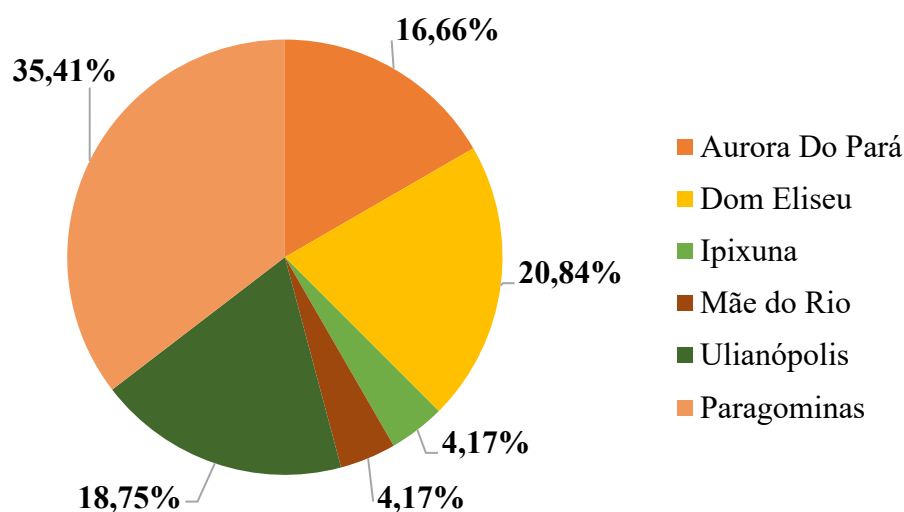
O município de Paragominas apresenta 10,17% de seus topônimos classificados como de natureza antropocultural, evidenciando uma dinâmica histórica marcada por ações humanas, como ocupação agrícola, exploração madeireira e urbanização. Essa predominância demonstra uma valorização de elementos relacionados a atividades econômicas características da região (cachoeira *Lavadeira*) e manifestações religiosas e culturais relevantes (igarapé *Macumba*; igarapé *Coraci-Parana*), refletindo a centralidade dessas práticas no desenvolvimento do território.

Em contrapartida, Ipixuna e Mãe do Rio registram, respectivamente, 1,19% de topônimos dessa categoria, revelando um menor índice de valorização de práticas antropoculturais no processo de nomeação dos lugares. Esse cenário remete a uma história de ocupação mais recente com ênfase nas características naturais da região, indicando que a relação com o meio ambiente predomina sobre os aspectos culturais ou sociais.

Municípios mais envolvidos em processos históricos marcantes, como movimentos migratórios, disputas políticas ou avanços econômicos, apresentam uma maior quantidade de topônimos de cunho antropocultural. Nesses casos, a nomeação dos lugares funciona como um registro das práticas humanas que moldaram o território. Em contraste, localidades com menor envolvimento em tais dinâmicas exibem uma proporção reduzida de topônimos dessa categoria.

Na sequência, o gráfico 7 exibe os dados quantitativos relativos aos topônimos de natureza antropocultural, também expressos em valores percentuais e distribuídos de acordo com os municípios que compõem a região imediata de Paragominas/PA.

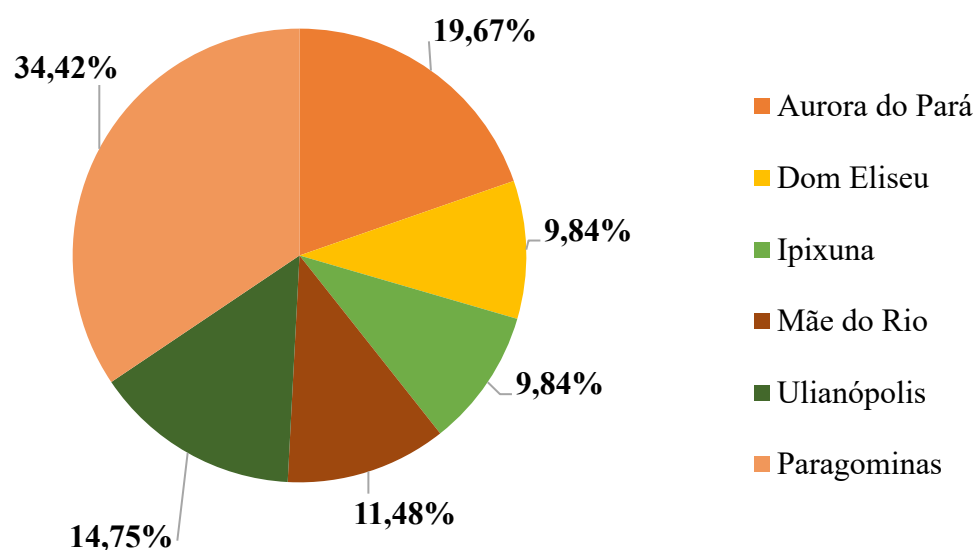
Gráfico 7– Frequência de topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Paragominas/PA



Fonte: Elaboração da autora.

A análise do Gráfico 7 revela uma complexa interação entre o ambiente natural e as atividades humanas na formação da toponímia da região imediata de Paragominas. O domínio dos topônimos de natureza física sublinha a importância da geografia local na identidade dos lugares, enquanto a presença significativa de nomes antropoculturais destaca a riqueza cultural e histórica da região. Entre os dados analisados, apenas 5 topônimos não puderam ser classificados em termos de motivação devido à ausência de registros confiáveis sobre a etimologia do item lexical investido de função toponímica.

O Gráfico 8, a seguir, apresenta a frequência de topônimos de base Tupi na região imediata de Paragominas, distribuída entre os municípios de Aurora do Pará, Dom Eliseu, Ipixuna, Mãe do Rio, Ulianópolis e Paragominas. Cada parte do gráfico representa a proporção de topônimos indígenas encontrados em cada um desses municípios, oferecendo uma visão ampla sobre a influência da língua indígena na toponímia local.

Gráfico 8 - Frequência dos topônimos de base Tupi na região imediata de Paragominas/Pará

Fonte: Elaboração da autora.

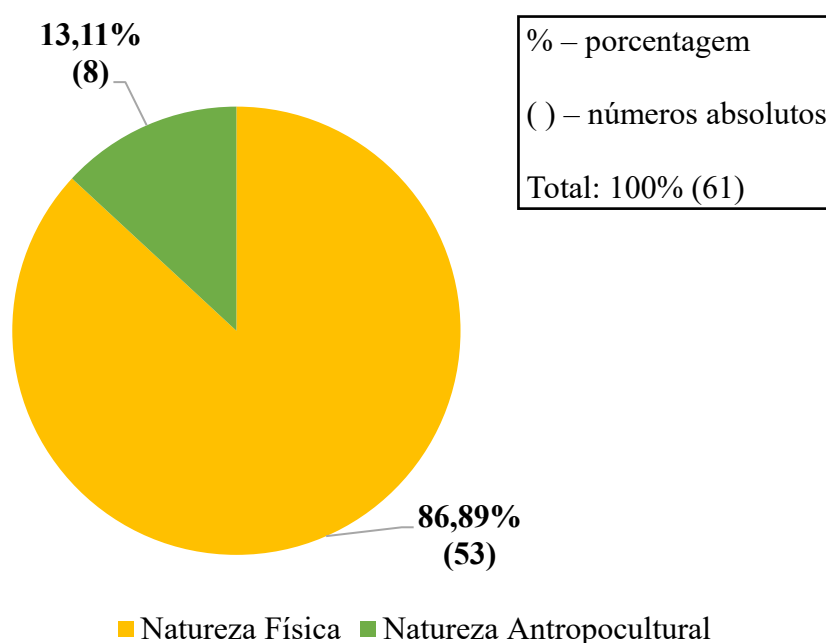
O município de Paragominas destaca-se, entre as regiões imediatas em estudo, por apresentar a maior concentração de topônimos de base Tupi, representando 34,42% do total registrado na região. Esse percentual não só reflete a influência das comunidades indígenas na nomeação de lugares, como também evidencia a continuidade da presença e das práticas culturais desses povos ao longo do tempo. A prevalência desses topônimos revela que Paragominas foi uma área de intensa ocupação indígena, onde a geografia local foi moldada e (re)nomeada de acordo com as tradições e as práticas linguísticas das comunidades nativas. Além disso, a persistência desses nomes até os dias atuais indica um reconhecimento e uma valorização das raízes indígenas, tanto pelas populações originárias quanto pelos habitantes contemporâneos.

Essa maior frequência de topônimos indígenas em Paragominas justifica-se por ser uma área historicamente habitada por diversos grupos indígenas. Segundo informações fornecidas pelo *site* da Prefeitura (2017), a cidade abriga duas etnias principais: os Tembé, subdivididos em Tembé Turiwara, Tembé do Alto Rio Guamá e Tembé do Gurupi, e os Amanayé, também conhecidos como Amanagé, Amanaié, Araradeuá ou Manaiéque. Os Amanayé falam uma língua pertencente à família Tupi-Guarani, do tronco Tupi. São exemplos de topônimos de base Tupi no município de Paragominas: rio *Gurupi*, rio *Urai*, igarapé *Tauary* e rio *Anajá*.

Aurora do Pará possui 19,67% dos topônimos de origem indígena, representando o segundo maior percentual do universo em questão, e isso reflete uma tendência semelhante à de Paragominas, ainda que em menor escala, indicando que a influência indígena, embora importante, foi superada por fatores linguísticos e culturais. Mãe do Rio, Dom Eliseu, Ulianópolis e Ipixuna apresentam uma distribuição de topônimos indígenas mais equilibrada. Nesses municípios, é possível que a colonização e a urbanização tenham promovido a substituição de nomes tradicionais por aqueles mais alinhados com a cultura dominante.

O Gráfico 9 reúne a frequência dos topônimos de origem indígena, categorizados de acordo com a natureza da motivação toponímica, conforme apresentado por Dick (1992). Este gráfico proporciona uma visão clara sobre como diferentes motivações semânticas influenciam a atribuição de topônimos de base Tupi na região de Paragominas/PA.

Gráfico 9 – Frequência dos topônimos de origem Tupi da região imediata de Paragominas/PA com base na natureza da motivação toponímica (DICK, 1992)



Fonte: Elaboração da autora.

Assim como no município de Bragança, o Gráfico 9 revela que as denominações relacionadas ao ambiente físico são predominantes na toponímia de origem indígena (86,88%) na região imediata de Paragominas. Essa distribuição indica que a maioria dos

topônimos indígenas é derivada de elementos físicos do meio ambiente, como rios, igarapés, florestas e outros acidentes geográficos, como por exemplo: rio *Piriá* – “De pira, peixe; á, em abundancia” (Bueno, 1987) – e rio *Gurupi* – “Diamante Puro” (Prefeitura de Gurupi, 2024). Esse fato reflete a conexão dos povos indígenas com o ambiente natural, que desempenha um papel fundamental na denominação dos lugares. Por outro lado, a menor presença de topônimos de natureza antropocultural (13,11%) indica que, embora existam nomes ligados à cultura material, eles não são tão predominantes na nomeação dos lugares em comparação com as referências naturais, o que reforça a ideia de que a toponímia indígena contribui para o entendimento das interações entre os povos indígenas e o meio ambiente.

A Tabela 4 detalha a frequência das taxas de natureza física e antropocultural na região de Paragominas/PA, em valores relativos e absolutos.

Tabela 4 - Frequência das taxas de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na toponímia dos acidentes físicos da região imediata de Paragominas/Pará (continua)

Taxes ⁴⁵	Municípios												Total	
	AP ⁴⁶		DE ⁴⁷		IP ⁴⁸		MR ⁴⁹		PG ⁵⁰		UP ⁵¹			
Natureza Física	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Fitotopônimos	8	5,0%	3	1,8%	4	2,4%	2	1,2%	11	6,8%	6	3,7%	34	21,0%
Zootopônimos	6	3,7%	6	3,7%	2	1,2%	3	1,8%	9	5,55%	4	2,4%	30	18,35%
Litotopônimos	1	0,6%	11	6,8%	1	0,6%			2	1,2%	5	3,08%	20	12,30%
Cromotopônimos											1	0,6%	1	0,6%
Geomorfotopônimos					1	0,6%			1	0,6%	2	1,2%	4	2,4%
Hidrotopônimos	2	1,2%	10	6,17%	1	0,6%			7	4,32%	2	1,2%	22	13,50%
Astrotopônimos			1	0,6%									01	0,6%
Dimensiotopônimos							1	0,6%	1	0,6%			02	1,2%
Natureza antropocultural														
Poliotopônimos									1	0,6%			01	0,6%
Hagiotopônimos	3	1,8%	1	0,6%	1	0,6%							05	3,0%
Hierotopônimos			1	0,6%					1	0,6%			02	1,2%

⁴⁵ Não foram identificadas no *corpus* as seguintes taxas: *cardinotopônimo*, *meteorotopônimo*, *morfotopônimo*, *axiotopônimo*, *ecotopônimo*, *dirrematotopônimo*, *históriotopônimo* e *hodotopônimo*.

⁴⁶ Aurora do Pará

⁴⁷ Dom Eliseu

⁴⁸ Ipixuna

⁴⁹ Mãe do Rio

⁵⁰ Paragominas

⁵¹ Ulianópolis

Ergotopônimos	3	1,8%					1	0,6%	3	1,8%	2	1,2%	09	5,4%
Animotopônimos Eufóricos	1	0,6%	2	1,2%	1	0,6%			2	1,2%	3	1,8%	09	5,4%
Animotopônimos Disfóricos									1	0,6%			01	0,6%
Mitotopônimos							1	0,6%	2	1,2%			03	2,0%
Antropotopônimos	1	0,6%							2	1,2%	2	1,2%	05	3,0%
Numerotopônimos			1	0,6%					3	1,8%	1	0,6%	05	3,0%
Corotopônimos			1	0,6%									01	0,6%
Etnotopônimos			1	0,6%							1	0,6%	02	1,2%
Cronotopônimos			1	0,6%									01	0,6%
Sociotopônimos			2	1,2%					1	0,6%			03	2,0%
Somatotopônimos									1	0,6%			01	0,6%
Total	25	15,3%	41	25,08 %	11	7,0%	8	5,0%	48	29,30 %	29	17,6%	162	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Entre os topônimos de natureza física, os dados da Tabela 4 indicam que os fitotopônimos são os mais frequentes, somando 34 ocorrências (21%), seguidos pelos zootopônimos, com 30 ocorrências (18,35%). Esses dois grupos destacam a forte influência da flora e da fauna locais na escolha dos nomes geográficos da região. Os hidrotopônimos ocupam a terceira posição, com 22 ocorrências (13,50%), evidenciando a relevância dos corpos d'água na paisagem regional. Outras categorias, como geomorfotopônimos (2,4%), dimensiutopônimos (1,2%) e cromotopônimos (0,6%), apresentam menor frequência, o que indica uma diversidade reduzida ou menor relevância de elementos do relevo e cor na toponímia local.

A Tabela 4 também evidencia uma ampla gama de categorias de topônimos de natureza antropológica, refletindo a diversidade cultural e a influência humana na denominação dos locais. Os hagiutopônimos, os antropotopônimos e os numerotopônimos, cada um com 5 ocorrências (3,0%), estão entre os mais frequentes. Já os ergotopônimos e os animotopônimos eufóricos aparecem com maior destaque, somando 9 ocorrências cada (5,4%). Em contraste, os poliotopônimos, cronotopônimos, corotopônimos e somatotopônimos são raros, com apenas 1 ocorrência cada (0,6%). Além disso, a existência de 3 mitotopônimos (2,0%) aponta para uma ligação com mitos ou lendas locais, sublinhando a relevância do folclore na nomenclatura regional.

Como já citado anteriormente, a análise da Tabela 4 revela uma predominância dos topônimos de natureza física, especialmente aqueles relacionados à vegetação (fitotopônimos: 21 %) e à fauna (zootopônimos: 18,35%), e isso pode ser interpretado

como um indicativo da forte relação que as comunidades locais têm com o ambiente natural, em que elementos da flora e fauna são fundamentais para a construção da identidade regional. Do mesmo modo, a frequência elevada de hidrotopônimos reforça essa relação, destacando a importância dos recursos hídricos na configuração do espaço geográfico e social.

Por outro lado, a variedade de topônimos de natureza antropocultural aponta para uma rica herança cultural na região de Paragominas. A presença de hagiotopônimos e ergotopônimos, por exemplo, mostra que a religiosidade e os objetos físicos e artefatos culturais desempenham papéis centrais na vida das comunidades, influenciando diretamente na escolha dos nomes dos acidentes físicos rurais. A exemplo, os topônimos igarapé *São Caetano*, Igarapé *São Mateus* e igarapé *Coité* – “vasilha verdadeira, a cuia” (Sampaio, 1987). A relativa frequência de animotopônimos eufóricos (5,4%) indica a maneira como o espaço é percebido pelos habitantes locais – igarapé *Quiriquiri* (“tarciturno, silencioso, calado” [Sampaio, 1987]). Isto posto, os topônimos de natureza antropocultural presentes no *corpus* ajudam a entender as influências culturais, religiosas e sociais que formam a identidade geográfica da região de Paragominas.

A interação entre o ambiente natural e o cultural na toponímia de Paragominas revela como os elementos naturais e as práticas culturais se combinam na formação do espaço geográfico. A variedade de topônimos demonstra a maneira como os habitantes moldam e são moldados pelo ambiente em que vivem, destacando a conexão entre a natureza e as práticas culturais na construção da identidade da região.

Entre os municípios analisados, a cidade de Paragominas se destaca pela maior quantidade de topônimos registrados, totalizando 48 ocorrências, o que corresponde a 29,30% do total. Esse elevado número reflete a complexidade geográfica e histórica da região, bem como a interação entre os elementos naturais e a presença humana no processo de nomeação. Em contraste, o município de Mãe do Rio apresenta o menor número de topônimos, com apenas 8 ocorrências, representando 5,0% do total. Essa diferença quantitativa pode ser atribuída a fatores como a área territorial, a ocupação populacional e as dinâmicas socioambientais específicas de cada localidade.

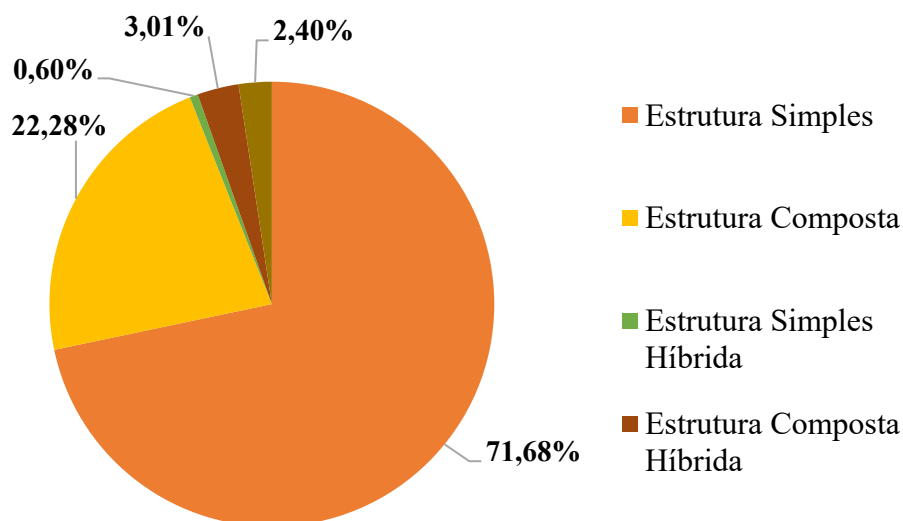
Fundado em 1961, o município de Paragominas, situado na região nordeste do Pará, abrange uma área territorial de 19.342,565 km² e possui uma densidade demográfica de 5,46 habitantes por quilômetro quadrado, segundo dados do IBGE, de 2022. A diversidade paisagística de Paragominas, que inclui áreas de floresta, campos e rios, desempenha um papel importante na formação da toponímia local. A variedade de

topônimos presentes na região, que incluem denominações de origem indígena e portuguesa, evidencia a herança cultural dos povos originários e a influência da colonização europeia na nomenclatura da região.

Em contrapartida, o município de Mãe do Rio, fundado em 1988, apresenta uma área territorial de aproximadamente 469,341 km², e uma densidade demográfica consideravelmente maior em relação a Paragominas, com 73,19 habitantes por quilômetro quadrado. (IBGE, 2022). Essa densidade evidencia um processo de ocupação mais intenso, mas, devido à sua história de desenvolvimento recente, Mãe do Rio possui uma menor diversidade toponímica. A escassez de topônimos na região pode estar relacionada ao seu processo de colonização e urbanização mais acelerado, que, por sua vez, limitou a formação de nomes geográficos que refletem a paisagem e a cultura local. Essas distinções entre os dois municípios são importantes para entender como a toponímia é moldada por diferentes fatores. Em Paragominas, a maior extensão territorial e a ocupação mais antiga contribuem para uma maior diversidade de nomes de lugares, influenciados por elementos culturais e geográficos. Já em Mãe do Rio, com um território menor e uma história de ocupação mais recente, a variedade toponímica é mais limitada, evidenciando como o contexto histórico e geográfico de cada município afeta diretamente a toponímia local.

O Gráfico 10 apresenta a frequência de topônimos classificados quanto às seguintes estruturas linguísticas: simples, composta, simples híbrida, composta híbrida e não identificados.

Gráfico 10 – Frequência dos topônimos da região imediata de Paragominas/PA quanto à estrutura morfológica



Fonte: Elaboração da autora.

Em termos de análise morfológica, entre os topônimos analisados, 52,70% têm origem na língua portuguesa (LP), como por exemplo: rio *dos Patos*; igarapé *do Sete*, córrego *União* e córrego *Acampamento*; 35,32% derivam da língua Tupi (LT): rio *Croatá*; igarapé *Tauari*, igarapé *Surubiju*, igarapé *Maracaxi*; e 1,80% provêm de outros idiomas, como o Árabe (rio *Anil*) e o Grego (igarapé *Cristo*). 7,78% dos topônimos são híbridos, com destaque para a formação LP+LT (igarapé *Jabuti Maior*) e 2,40% não foram identificados. Quanto à estrutura formal dos topônimos, constatou-se a presença de 119 (71,68%) topônimos com estrutura simples (ex.: igarapé *Capoeira*; rio *Verde*; rio *Capim*; igarapé *Pacuí*) e 37 (22,28%) topônimos com estrutura composta (ex.: igarapé *Água Sujinha*; igarapé *Braço Forte*; igarapé *Santo Antônio*). Apenas 5 topônimos (3,01%) apresentam estrutura composta híbrida, como igarapé *da Vila Bufete* (*Vila* – LP + *Bufete* – LF) e igarapé *do Jabuti Maior* (*Jabuti* – LT + *Maior* – LP). Verificou-se a presença de 1 topônimo (0,60%) com estrutura simples híbrida. Além disso, 4 topônimos (2,40%) não tiveram sua estrutura identificada.

O predomínio de topônimos com estrutura simples (71,68%) é resultado de uma necessidade prática. Estruturas simples, como cachoeira *Dois* e igarapé *Limão*, oferecem clareza e objetividade, características essenciais em uma sociedade onde a comunicação oral predomina. Além disso, em regiões extensas e geograficamente complexas, como é o caso da região imediata de Paragominas, nomes simples permitem uma identificação

rápida e funcional dos acidentes geográficos, principalmente em atividades como navegação, transporte de mercadorias e exploração econômica.

Já a menor frequência de estruturas compostas (22,28%), como córrego *Água Azul* e córrego *Duas Barras*, reflete uma tentativa de agregar informações adicionais ao topônimo. Conforme mencionado anteriormente nesta pesquisa, estruturas compostas são mais comuns em regiões onde há maior densidade de acidentes geográficos com características similares, exigindo descrições mais detalhadas para diferenciá-los. Os topônimos simples híbridos (0,60%) e compostos híbridos (3,01%), embora menos frequentes, são um reflexo direto do contato linguístico e cultural entre diferentes grupos. Exemplos como *igarapé Itaquiteua Grande* (*Itaqui* – LT + *teua* – LGA + *Grande* – LP) e *igarapé Jabuti Maior* (*Jabuti* – LT + *Maior* – LP) mostram a incorporação de elementos de diferentes línguas em um mesmo nome, o que pode ser atribuído a processos históricos de miscigenação e convivência entre colonizadores, indígenas e outros grupos linguísticos.

Em síntese, a prevalência de nomes de origem portuguesa e com estrutura simples revela a funcionalidade da linguagem em contextos de colonização e ocupação territorial, enquanto a presença de nomes indígenas e híbridos atesta a complexidade sociolinguística e a resistência cultural presente na toponímia local.

Ao concluir esta subseção é essencial destacar que a língua portuguesa falada no Brasil passou por um processo de enriquecimento significativo ao longo dos séculos. Esse enriquecimento foi resultado da assimilação de empréstimos linguísticos provenientes do Tupi, assim como de outras línguas indígenas. Esses aportes lexicais não apenas expandiram o vocabulário disponível para os falantes, como também possibilitaram uma maior capacidade de expressão, refletindo as diversas influências culturais que moldaram a identidade linguística brasileira.

A incorporação de termos do Tupi, em particular, é uma lembrança constante de nossas raízes indígenas, servindo como um elo entre o presente e o passado, e evidenciando a complexidade e a riqueza da formação da língua portuguesa. Assim, o processo de incorporação de elementos de diferentes línguas ao longo da nossa história não apenas ampliou a capacidade expressiva do português brasileiro, mas também solidificou sua identidade como uma língua viva e em constante evolução, que carrega consigo as marcas das várias culturas que compõem a nação brasileira.

Em seguida, procede-se à análise dos topônimos que denominam os acidentes físicos da região imediata de Castanhal, Pará.

5.3 Análise dos topônimos dos acidentes físicos da região imediata de Castanhal/PA

A Tabela 5, a seguir, sistematiza os resultados referentes aos topônimos atribuídos aos acidentes físicos na região imediata de Castanhal/PA. Os dados estão organizados conforme a tipologia proposta por Dick (1992), que distingue a natureza toponímica em física e antropocultural. O corpus analisado contempla 14 municípios: Castanhal, Curuçá, Santa Maria do Pará, São Domingos do Capim, São Francisco do Pará, São João da Ponta, São Miguel do Guamá, Terra Alta, Igarapé-Açu, Inhangapi, Irituia, Magalhães Barata, Maracanã e Marapanim.

Tabela 5 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Castanhal/PA quanto à natureza dos nomes (continua)

Municípios	Natureza Física		Natureza Antropocultural		Não Identificados		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Castanhal	21	5,00%	16	3,8%	03	0,71%	40	9,51%
Curuçá	24	5,70%	12	3,0%	2	0,47%	38	9,17%
Santa Maria do Pará	10	2,36%	08	2,0%			18	4,36%
São Domingos do Capim	23	5,45%	05	1,18%			28	6,63%
São Francisco do Pará	10	2,36%	08	2,0%			18	4,36%
São João da Ponta	04	0,94%	06	1,42%			10	2,36%
São Miguel do Guamá	30	7,10%	09	2,13%			39	9,23%
Terra Alta	10	2,36%	02	0,47%			12	2,83%
Igarapé Açu	24	5,70%	17	4,02%			41	9,72%
Inhangapi	13	3,08%	03	0,71%	2	0,47%	18	4,26%
Irituia	30	7,10%	11	2,60%	1	0,23%	42	9,93%
Magalhães Barata	05	1,18%	09	2,13%			14	3,31%
Maracanã	33	7,81%	25	6,0%			58	13,81%
Marapanim	27	6,40%	16	4,0%	03	0,71%	46	11,11%
Total	264	62,54%	147	35,46%	11	2,59%	422	100%

Fonte: Elaboração da autora.

A Tabela 5, acima, apresenta o quantitativo de topônimos na região imediata de Castanhal, no estado do Pará, organizados segundo três categorias: natureza física, natureza antropocultural e não identificados. A análise permite observar a predominância dos elementos físicos na toponímia dos municípios de Castanhal, Curuçá, Santa Maria do Pará, São Domingos do Capim, São Francisco do Pará, São João da Ponta, São Miguel do Guamá, Terra Alta, Igarapé Açu, Inhangapi, Irituia, Magalhães Barata, Maracanã e Marapanim, evidenciando as características socioambientais da região como fatores importantes na formação dos nomes dos lugares em estudo.

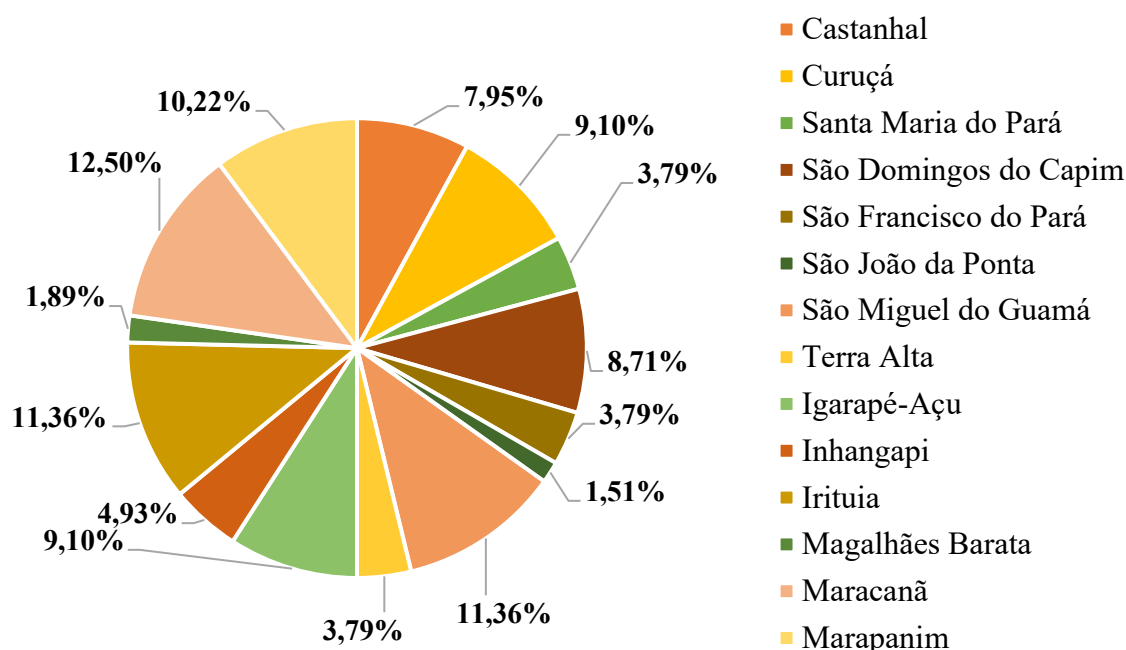
Em termos gerais, os topônimos de natureza física predominam com 264 ocorrências, representando 62,54% do total de dados analisados na região imediata de Castanhal. Esse valor ressalta a influência de aspectos naturais, como rios, relevo, fauna e flora, na nomenclatura da região. Esse aspecto é notável principalmente em municípios como São Miguel do Guamá (30 ocorrências), Irituia (30 ocorrências) e Maracanã (33 ocorrências), onde os topônimos de natureza física apresentam um peso considerável. A predominância de topônimos associados a elementos físicos nesses municípios evidencia uma relação intrínseca com a paisagem natural, refletindo a influência das características geográficas marcantes e a relevância dos recursos naturais para o desenvolvimento econômico local. Essas ocorrências indicam não apenas a valorização do meio ambiente, mas também o impacto histórico e cultural que esses elementos exercem sobre a identidade regional, onde a natureza desempenha um papel central na formação e manutenção das atividades econômicas e culturais dessas comunidades, cujas principais atividades econômicas estão direcionadas à agricultura, pecuária e extração vegetal (IBGE, 2022).

Os topônimos de natureza antropocultural ocupam a segunda posição com um total de 147 ocorrências, equivalente a 35,46% dos registros. Essa categoria reflete a influência cultural e social na escolha dos nomes de locais, englobando aspectos que remetem à crenças (igarapé *Inhangapi*, igarapé *Aianga*, igarapé *Mãe do Rio*), objetos históricos (igarapé *Igaçaba*, rio *Curuçá*, igarapé *Tendal*), habitações (igarapé *do Cortiçal*, igarapé *Itabocal*, igarapé *Castelão*) etc. Municípios como Maracanã (25 topônimos), Castanhal (16 topônimos) e Marapanim (16 topônimos) destacam-se por apresentar uma alta concentração de topônimos de natureza antropocultural. Esse padrão toponímico revela o compromisso em preservar e destacar elementos da identidade territorial, contribuindo para o fortalecimento dos laços de pertencimento e para a continuidade histórica.

Os topônimos “Não Identificados” são poucos, somando apenas 11 ocorrências (2,59% do total). Essa categoria abrange nomes que não se enquadram nas classificações consideradas, representando um grupo reduzido de topônimos para os quais não foram identificadas fontes confiáveis de acesso a informações. Embora em menor número, esses casos refletem a existência de influências externas ou de denominações que não foram devidamente documentadas.

Municípios como Marapanim, Curuçá e Inhangapi têm essas ocorrências. A ausência de registro formal evidencia a presença de nomenclaturas locais transmitidas por tradição oral. A falta de documentos e materiais confiáveis que possibilitem a identificação e classificação toponímica revela lacunas significativas na preservação do patrimônio linguístico e cultural dessas regiões. Essa carência não apenas impede a compreensão plena das raízes históricas e sociais associadas aos topônimos, mas também compromete a transmissão desse conhecimento às futuras gerações. O cenário em questão dificulta a valorização e o reconhecimento das influências que moldaram a toponímia local, resultando na perda de importantes elementos da identidade cultural.

Na sequência, o Gráfico 11 apresenta a distribuição quantitativa dos topônimos de natureza física nos municípios que compõem a região imediata de Castanhal, Pará. Essa análise reflete a variabilidade no uso e na predominância de nomes ligados a acidentes físicos em diferentes localidades, evidenciando diferenças territoriais e históricas na atribuição de nomes relacionados ao ambiente natural.

Gráfico 11 – Frequência dos topônimos de natureza física da região imediata de Castanhal/PA

Fonte: Elaboração da autora.

cultural e linguística na criação e manutenção dos nomes.

A variação nos percentuais entre os municípios que compõem a região imediata de Castanhal podem ser associadas às diferenças nas dinâmicas de ocupação e desenvolvimento, o que resulta em um panorama diversificado de como os topônimos foram formados e transmitidos ao longo do tempo.

Maracanã, com o percentual mais alto (12,50%), se destaca como o município com maior concentração de topônimos de natureza física, o que pode estar relacionado à sua importância histórica e geográfica na região. Localizado na zona costeira do Pará, Maracanã abriga uma grande diversidade de acidentes naturais, como praias, rios e manguezais, que desempenham um papel fundamental na definição da toponímia local. A presença marcante desses elementos naturais é uma característica comum nas regiões amazônicas, onde o ambiente natural é intimamente ligado à organização territorial e à identidade cultural. A formação toponímica do município de Maracanã é atribuída à estreita relação entre a população local e o meio ambiente, com os topônimos surgindo como uma forma de marcar e identificar os diversos espaços geográficos de acordo com seus atributos naturais. Além disso, a toponímia de Maracanã reflete o processo histórico de ocupação e colonização, que remonta aos períodos pré-coloniais, com a presença de povos indígenas, e a influência da colonização portuguesa, que contribuiu para a organização e identificação dos territórios.

Irituia (11,36%) e São Miguel do Guamá (11,36%) apresentam percentuais consideráveis de topônimos de natureza física, com destaque para os fitotopônimos. Nesses municípios, a predominância de nomes relacionados a espécies vegetais reflete a riqueza e a diversidade da vegetação regional, que não apenas caracteriza o território, mas também desempenha um papel simbólico na construção da identidade local, a exemplo os topônimos igarapé *Uchiteua*, igarapé *Mamorana*, igarapé *Maturi* e igarapé *Anajá*. Esses topônimos, associados a árvores, plantas e formações vegetais, ilustram como a natureza foi historicamente utilizada como referência para identificar e organizar o espaço geográfico. A conexão entre os nomes e os elementos da flora demonstra o reconhecimento, por parte das comunidades, da relevância da vegetação para o cotidiano e a memória cultural. Essa prática de nomeação não apenas valoriza os recursos naturais, mas também reforça os laços das populações com o ambiente, gerando uma cartografia simbólica que espelha a interdependência entre sociedade e natureza.

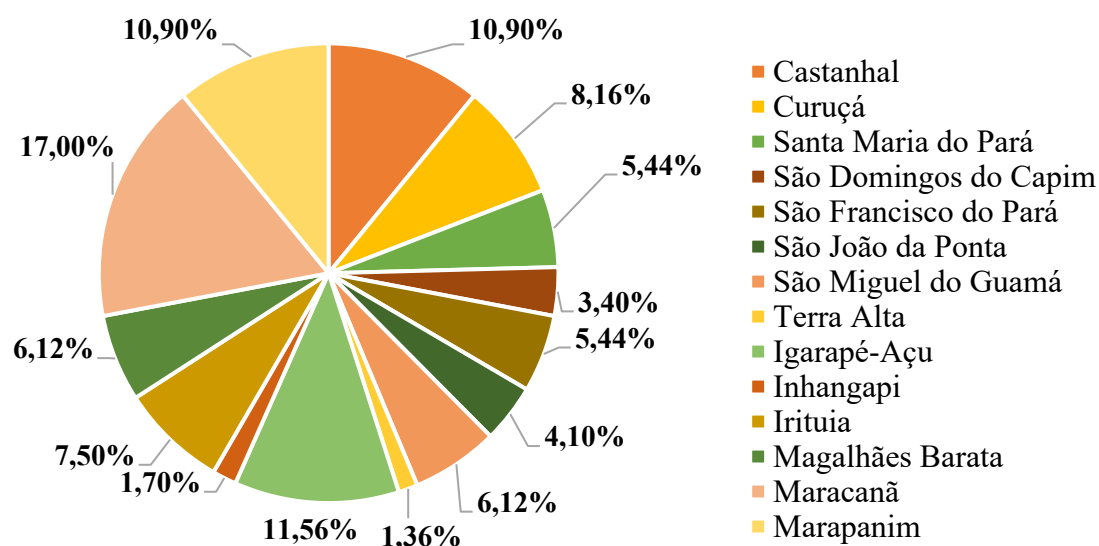
Nos municípios de Magalhães Barata (1,89%) e São João da Ponta (1,51%), o baixo número de topônimos registrados reflete limitações no processo de documentação. Nessas regiões é provável que muitos nomes tenham sido preservados apenas pela tradição oral, sem a devida formalização em mapas ou registros cartográficos. Essa escassez também está associada a uma exploração territorial menos intensa, na qual o desenvolvimento urbano e a interação humana com o ambiente natural não foram suficientes para originar uma ampla variedade de nomes geográficos. Além disso, a pouca valorização dos acidentes naturais como elementos de identidade local ou a perda gradual de nomes devido à modernização e ao afastamento da cultura tradicional podem ter contribuído para essa realidade.

Em síntese, a maior concentração de topônimos de natureza física em municípios como Maracanã, Irituia e São Miguel do Guamá pode ser vista como uma expressão de uma ocupação territorial mais antiga e consolidada, onde o nomear é uma maneira de marcar a territorialidade e reforçar a identidade cultural. Em contraste, o baixo registro em locais como Magalhães Barata e São João da Ponta reflete um processo histórico de ocupação menos estruturado ou de uma identidade cultural que se preserva mais pela oralidade do que pela documentação formal.

Seguidamente, o Gráfico 12 apresenta a distribuição quantitativa dos topônimos de natureza antropocultural nos municípios que compõem a região imediata de Castanhal. Os segmentos representam a proporção de topônimos registrados em cada localidade,

evidenciando a diversidade e a variação das influências culturais, históricas e sociais na formação dos nomes locais.

Gráfico 12 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Castanhal/PA



Fonte: Elaboração da autora.

Segundo os dados do Gráfico 12, Maracanã, que já se destaca pelo maior número de topônimos de natureza física, também lidera na categoria antropocultural, correspondendo a 17% do total. Esse percentual reflete a riqueza histórica e cultural do município, o qual, como mencionado anteriormente, é caracterizado por sua conexão com o meio ambiente e pelas tradições culturais locais. A cidade é reconhecida por suas comunidades tradicionais e por preservar elementos históricos, o que se traduz na escolha de topônimos ligados à sua geografia e cultura, como em: *igarapé Castelhão*, *igarapé Matapi*, *igarapé Tatapari*, *igarapé Arraial*.

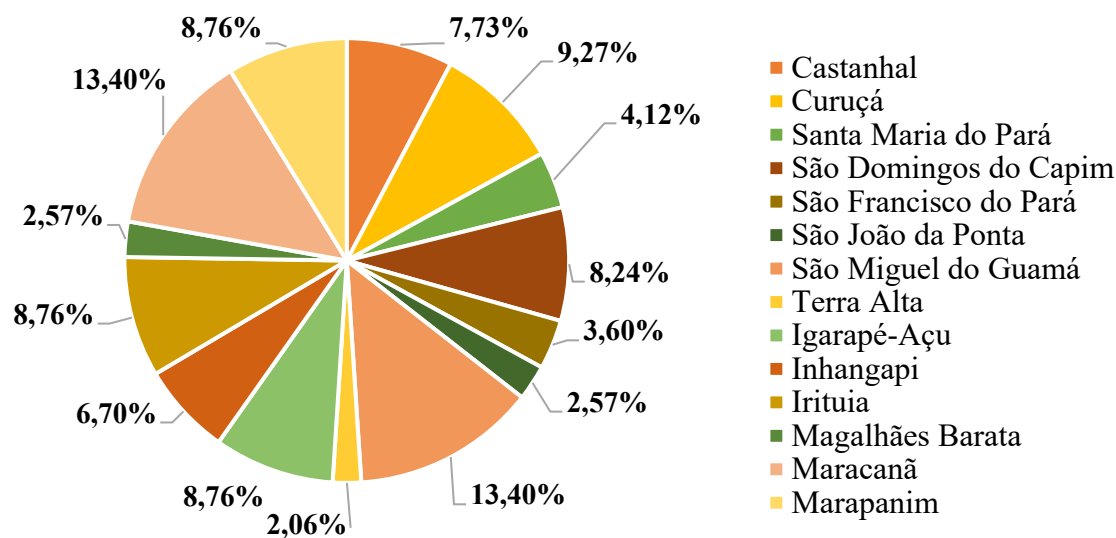
Na sequência, Igarapé-Açu registra 11,56% de topônimos de natureza antropocultural, evidenciando sua conexão com as tradições e o papel histórico da região. O município é conhecido por suas festas religiosas, como a festividade de São Sebastião, que atrai visitantes e reforça a identidade cultural local. A agricultura é outra característica marcante de Igarapé-Açu, com destaque para a produção de mandioca e seus derivados, que desempenham um papel fundamental na sustentação da economia. Topônimos como *igarapé dos Índios* e *igarapé dos Colonos* reforçam a interação histórica entre diferentes grupos sociais que ocuparam a região, evidenciando tanto a presença indígena quanto a influência do processo de colonização na denominação dos acidentes físicos locais.

Logo após, Castanhal e Marapanim aparecem com 10,90% de registros cada. Castanhal se destaca como um dos principais polos urbanos da região, tanto em termos econômicos quanto populacionais. O município é reconhecido por sua relevância histórica, que inclui a fundação no contexto da expansão da Estrada de Ferro de Bragança, “primeira via férrea implantada na Amazônia brasileira, construída em meados de 1883-1908” (Rosa e Palácios, 2024, p. 01).

Os municípios de Terra Alta (1,36%) e Inhangapi (1,70%) concentram menor incidência de topônimos de cunho antropocultural, o que se explica por características territoriais e populacionais menos marcantes, refletindo uma dinâmica regional de menor protagonismo. De acordo com o IBGE (2022), ambas as cidades possuem uma população residente de aproximadamente 10.400 habitantes, fator que resulta em uma menor diversidade e quantidade de denominações ligadas à ocupação humana e às práticas culturais locais.

Em síntese, a expressiva presença de topônimos de natureza antropocultural em Maracanã reflete a forte influência da ocupação humana e das dinâmicas socioculturais na região. Os nomes atribuídos às localidades evidenciam a relação histórica com seus habitantes, tradições e atividades econômicas, demonstrando como a identidade cultural se manifesta na toponímia local. Nos demais municípios, as variações observadas indicam contextos específicos, nos quais fatores históricos, geográficos e sociais influenciam a denominação dos lugares.

O Gráfico 13, que segue, apresenta a distribuição da frequência dos topônimos de base indígena na região imediata de Castanhal/PA. A análise desses dados permite compreender a presença e a relevância dos elementos linguísticos indígenas na toponímia local, refletindo aspectos históricos e culturais.

Gráfico 13 - Frequência dos topônimos de base Tupi da região imediata de Castanhal/PA

Fonte: Elaboração da autora.

Os municípios que concentram maior percentual de topônimos de base indígena são Maracanã e São Miguel do Guamá, ambos com 13,40%. Essa predominância está associada à ocupação histórica dessas cidades por povos indígenas, cujas denominações foram preservadas ao longo do tempo. A área que atualmente corresponde a São Miguel do Guamá começou a ser ocupada por volta do século XVII, quando colonos portugueses exploravam o rio Guamá por meio da navegação. Antes da chegada dos europeus, a região era habitada por guamaenses, descendentes de índios e negros (Prefeitura de São Miguel do Guamá, s/d). Por sua vez, a presença indígena no município de Maracanã, remonta ao período da colonização europeia. Entre 1613 e 1614, os franceses estabeleceram-se na aldeia Maracanãs, onde construíram embarcações para expandir seus domínios. Os indígenas da região tiveram contato direto com os missionários, como o Padre Antônio Vieira, que fundou a primeira igreja local e organizou a aldeia. Um dos principais líderes indígenas, Copaúba, foi batizado com o nome de Lopo de Souza, evidenciando a interação entre os povos originários e os colonizadores na formação histórica do município (Prefeitura de Maracanã, s/d). Diante dessas informações históricas, convém observar que a maior parte dos topônimos em São Miguel do Guamá e Maracanã está relacionada a elementos da fauna (Igarapé *Guaxinim*, Igarapé *Arapiranga* e Igarapé *Acari*) e da flora (Igarapé *Acaiaca*, Rio *Taquari* e Igarapé *Anajá*).

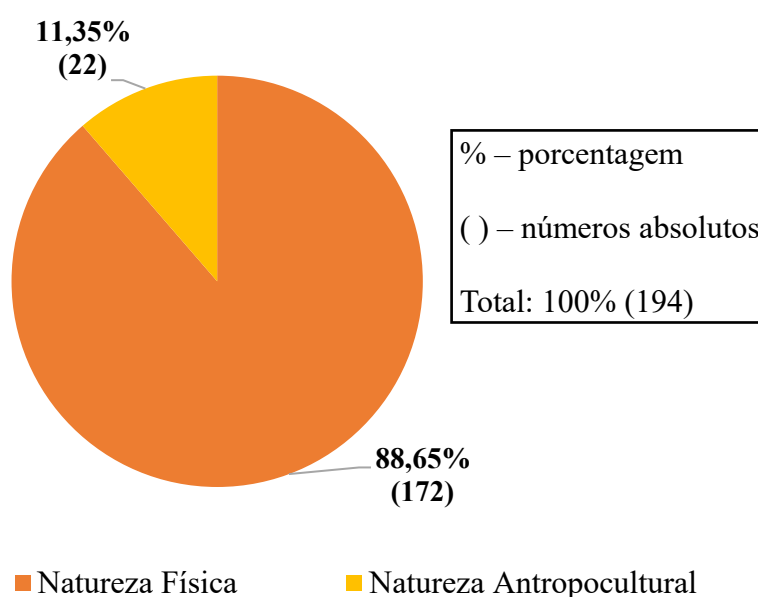
Outros municípios, como Curuçá (9,27%), Igarapé-Açu (8,76%), Irituia (8,76%) e Marapanim (8,76%), concentram uma presença expressiva da nomenclatura indígena.

Esses dados indicam que, apesar da colonização e da influência da língua portuguesa, muitos nomes indígenas permaneceram na designação territorial. A manutenção desses topônimos está ligada à identidade local e ao reconhecimento dos povos originários que habitavam essas regiões.

Já Terra Alta (2,06%), São João da Ponta (2,57%) e Magalhães Barata (2,57%) apresentam uma baixa incidência de topônimos de origem indígena, o que indica um processo mais intenso de substituição dessas nomenclaturas por nomes de origem portuguesa. Esse fenômeno pode estar associado ao avanço da colonização e à consequente imposição da cultura lusitana sobre os povos originários. A região, historicamente marcada pela ocupação luso-brasileira, passou por um progressivo apagamento da memória toponímica indígena, “nomes nativos foram substituídos por topônimos portugueses, com objetivos puramente estratégicos, políticos e ideológicos” (Haag, 2023). Com a criação dos municípios e a organização do espaço em vilas e freguesias, foram implantadas denominações ligadas a santos, figuras da administração colonial e elementos da cultura portuguesa, resultando na predominância de topônimos lusófonos nessas localidades.

O Gráfico 14, a seguir, traz a frequência dos topônimos de origem indígena com base na natureza da motivação toponímica, evidenciando a predominância de nomes relacionados a elementos físicos da paisagem em comparação com aqueles de natureza antropocultural. A categorização dos topônimos aponta para a relação direta entre o processo de nomeação geográfica e as características do ambiente, reforçando a influência dos povos indígenas na construção da identidade espacial da região.

Gráfico 14 – Frequência dos topônimos de origem Tupi com base na natureza da motivação toponímica



Fonte: Elaboração da autora.

A predominância dos topônimos ligados à natureza física, que correspondem a 88,65% do total analisado (172 topônimos), indica que a paisagem natural teve um papel fundamental na nomeação dos lugares. Esse dado está alinhado com o contexto geográfico da região estudada, pois evidencia a relação histórica das comunidades indígenas com o meio ambiente, especialmente com a fauna e a flora, como em igarapé *Tracuí* – “formiga da Amazônia” (Houaiss, 2017) – e igarapé *Bacuri* – “grande árvore (Plantoni esculenta), da família das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI)” (Houaiss, 2017). A toponímia desses locais conserva traços linguísticos das etnias que viveram ou ainda vivem nessas áreas, como os Tembé, que preservam uma conexão histórica e cultural com esses territórios.

A menor frequência de topônimos de natureza antropocultural, representando apenas 11,35% (22 topônimos) dos dados, indica que fatores culturais, sociais ou históricos ligados à ação humana têm um peso menor na nomeação dos lugares. Dessa forma, os dados reinteram que a herança indígena na toponímia da região imediata de Castanhal se manifesta majoritariamente em referência aos elementos naturais, mantendo viva a memória da interação entre os povos originários e o espaço geográfico. Essa predominância reforça a necessidade de preservação dos nomes indígenas como parte do patrimônio cultural e histórico, considerando que a toponímia é um elemento essencial para a compreensão da ocupação humana e da dinâmica ambiental da região.

A Tabela 6, a seguir, traz a frequência das taxas de natureza física e antropocultural, com base na classificação de Dick (1992), na toponímia dos acidentes físicos rurais da região imediata de Castanhal/PA. A análise desses dados permite compreender a distribuição e a predominância de determinados padrões toponímicos na região, destacando a influência dos elementos humanos e naturais na nomeação dos acidentes físicos. Além disso, contribui para a identificação de tendências na formação dos topônimos, revelando aspectos históricos, culturais e linguísticos que caracterizam a paisagem local.

Tabela 6 - Frequência das taxas de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na toponímia dos acidentes físicos da região imediata de Castanhal/PA (continua)

TAXONOMIAS	OCORRÊNCIAS	
	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS (%)
CASTANHAL	40	9,47%
Zootopônimos	4	0,94%

Hidrotopônimos	2	0,47%
Fitotopônimos	10	2,36%
Litotopônimos	2	0,47%
Dimensiotopônimos	2	0,47%
Animotopônimos eufóricos	1	0,23%
Numerotopônimos	2	0,47%
Dirrematotopônimo	1	0,23%
Mitotopônimos	1	0,23%
Antropotopônimos	4	0,94%
Hagiotopônimos	2	0,47%
Somatotopônimos	1	0,23%
Hodotopônimos	1	0,23%
Hierotopônimos	2	0,47%
Sociotopônimos	1	0,23%
Ecotopônimos	1	0,23%
Não identificados	3	0,71%
CURUÇÁ	38	9,00%
Hidrotopônimos	4	0,94%
Fitotopônimos	9	2,13%
Dimensiotopônimos	2	0,47%
Zootopônimos	7	1,65%
Litotopônimos	2	0,47%
Antropotopônimos	2	0,47%
Ergotopônimos	3	0,71%
Hagiotopônimos	3	0,71%
Sociotopônimos	2	0,47%
Somatotopônimos	1	0,23%
Antropotopônimos	1	0,23%
Não identificados	2	0,47%
SANTA MARIA DO PARÁ	18	4,26%
Fitotopônimos	5	1,18%
Litotopônimos	1	0,23%
Zootopônimos	4	0,94%
Antropotopônimos	4	0,94%
Hagiotopônimos	1	0,23%
Animotopônimos eufóricos	1	0,23%
Ecotopônimos	1	0,23%
Hierotopônimos	1	0,23%
SÃO DOMINGOS DO CAPIM	28	6,63%
Fitotopônimos	8	1,90%
Zootopônimos	12	2,84%
Geomorfotopônimos	1	0,23%
Hidrotopônimos	2	0,47%
Ergotopônimos	1	0,23%
Dimensiotopônimos	1	0,23%
Etnotopônimos	1	0,23%
Hagiotopônimos	1	0,23%

Antropotopônimos	1	0,23%
SÃO FRANCISCO DO PARÁ	18	4,26%
Fitotopônimos	5	1,18%
Zootopônimos	4	0,94%
Hidrotopônimos	1	0,23%
Ergotopônimos	2	0,47%
Hagiotopônimos	1	0,23%
Animotopônimos eufóricos	1	0,23%
Animotopônimos disfóricos	1	0,23%
Numerotopônimos	1	0,23%
Mitotopônimos	1	0,23%
Antropotopônimos	1	0,23%
SÃO JOÃO DA PONTA	10	2,36%
Dimensiotopônimos	1	0,23%
Fitotopônimos	2	0,47%
Zootopônimos	1	0,23%
Antropotopônimos	1	0,23%
Ergotopônimos	2	0,47%
Somatotopônimos	1	0,23%
Hagiotopônimos	1	0,23%
Animotopônimos disfóricos	1	0,23%
SÃO MIGUEL DO GUAMÁ	39	9,24%
Zootopônimos	8	1,90%
Cardinotopônimos	1	0,23%
Fitotopônimos	15	3,55%
Dimensiotopônimos	1	0,23%
Litotopônimos	3	0,71%
Hidrotopônimos	2	0,47%
Animotopônimos disfóricos	2	0,47%
Animotopônimos eufóricos	2	0,47%
Ecotopônimos	1	0,23%
Hierotopônimos	3	0,71%
Hagiotopônimos	1	0,23%
TERRA ALTA	12	2,84%
Fitotopônimos	4	0,94%
Litotopônimos	2	0,47%
Hidrotopônimos	2	0,47%
Geomorfotopônimos	1	0,23%
Zootopônimos	1	0,23%
Antropotopônimos	1	0,23%
Cronotopônimos	1	0,23%
IGARAPÉ AÇU	41	9,71%
Fitotopônimos	13	3,08%
Litotopônimos	3	0,71%
Dimensiotopônimos	1	0,23%
Sociotopônimo	1	0,23%
Zootopônimos	7	1,65%
Ergotopônimos	3	0,71%

Numerotopônimos	6	1,42%
Etnotopônimos	1	0,47%
Hagiotopônimos	2	0,47%
Hodotopônimos	1	0,23%
Antropotopônimos	1	0,23%
Somatotopônimos	1	0,23%
Animotopônimos disfóricos	1	0,23%
INHANGAPI	18	4,26%
Fitotopônimos	6	1,42%
Hidrotopônimos	3	0,71%
Dimensiotopônimos	1	0,23%
Zootopônimos	2	0,47%
Mitotopônimos	1	0,23%
Hagiotopônimos	1	0,23%
Sociotopônimos	1	0,23%
Ecotopônimos	1	0,23%
Não identificados	2	0,47%
IRITUIA	42	9,95%
Fitotopônimos	12	2,84%
Litotopônimos	3	0,71%
Hidrotopônimos	5	1,18%
Dimensiotopônimos	5	1,18%
Zootopônimos	5	1,18%
Antropotopônimos	4	0,94%
Mitotopônimos	2	0,47%
Ergotopônimos	4	0,94%
Sociotopônimos	1	0,23%
Não identificados	1	0,23%
MAGALHÃES BARATA	14	3,31%
Zootopônimos	1	0,23%
Fitotopônimos	3	0,71%
Litotopônimos	1	0,23%
Poliotopônimos	1	0,23%
Antropotopônimos	3	0,71%
Animotopônimos disfóricos	1	0,23%
Ergotopônimos	1	0,23%
Hagiotopônimos	2	0,47%
Ecotopônimos	1	0,23%
MARACANÃ	58	13,74%
Fitotopônimos	18	4,26%
Geomorfotopônimos	3	0,71%
Cromotopônimos	1	0,23%
Dimensiotopônimos	2	0,47%
Zootopônimos	7	1,65%
Litotopônimos	1	0,23%
Hidrotopônimos	1	0,23%
Poliotopônimos	2	0,47%
Antropotopônimos	8	1,90%

Mitotopônimos	1	0,23%
Ecotopônimos	2	0,47%
Hagiotopônimos	5	1,18%
Hodotopônimos	1	0,23%
Animotopônimos disfóricos	1	0,23%
Ergotopônimos	4	0,94%
Somatotopônimos	1	0,23%
MARAPANIM	46	10,90%
Zootopônimos	10	2,36%
Fitotopônimos	8	1,90%
Hidrotopônimos	4	0,94%
Geomorfotopônimos	2	0,47%
Dimensiotopônimos	2	0,47%
Litotopônimos	1	0,23%
Antropotopônimos	6	1,42%
Poliotopônimos	1	0,23%
Sociotopônimos	2	0,47%
Animotopônimos eufóricos	1	0,23%
Hagiotopônimos	3	0,71%
Ergotopônimos	1	0,23%
Somatotopônimos	1	0,23%
Animotopônimos disfóricos	1	0,23%
NÃO IDENTIFICADOS	3	0,71%
TOTAL	422	100%

Fonte: Elaboração da autora.

O exame da toponímia nos municípios estudados revela a influência de fatores naturais, históricos e culturais na nomeação dos lugares. O levantamento dos dados evidencia a predominância de certas categorias toponímicas, destacando a relação entre o meio ambiente e a identidade regional.

A seguir são apresentadas as categorias toponímicas com maior número de ocorrências na região imediata de Castanhal/PA.

Tabela 7 - Taxes toponímicas com maior número de registros na região imediata de Castanhal/PA

Categorias Toponímicas	Municípios com Maior Ocorrência	Valores Relativos
Fitotopônimos	Maracanã São Miguel Irituia	18 (4,26%) 15 (3,55%) 12 (2,84%)
Zootopônimos	São Domingos do Capim Marapanim	12 (2,84%) 10 (2,36%)
Antropotopônimos	Maracanã Marapanim	8 (1,90%) 6 (1,42%)

Fonte: Elaboração da autora.

Os fitotopônimos, especialmente recorrentes no município de Maracanã (4,26%), a exemplo da tendência já apontada, evidenciam a estreita relação entre a vegetação e a nomeação dos lugares (ex.: igarapé *Bussuquara*, igarapé *Curupipino*, igarapé do *Cumaru*). Essa prevalência está associada à riqueza da flora na região e à utilização de referências a plantas e árvores como forma de identificação territorial. O mesmo padrão se observa nos zootopônimos, predominantes em São Domingos do Capim (2,84%) e Marapanim (2,36%). Esse fenômeno reforça a interação entre as comunidades e o ambiente natural, indicando que a presença de espécies animais não apenas influencia a percepção dos habitantes sobre o território, mas também se perpetua na toponímia como um marcador identitário (ex.: igarapé *Sapocoara*, igarapé *Boiuna*, igarapé *Canario*, igarapé *Tatuaia*).

No âmbito cultural, municípios como Maracanã (1,90%) e Marapanim (1,42%) apresentam maior número de antropotopônimos (ex.: igarapé do *Marco*, igarapé *Rita*, igarapé *Crispim*, igarapé *Antônio Vicente*). Esses topônimos não apenas preservam a memória coletiva, mas também refletem a influência de indivíduos ou famílias na ocupação e utilização do espaço geográfico. A atribuição de nomes de pessoas a acidentes físicos revela aspectos da organização social, da posse da terra e das relações comunitárias ao longo do tempo.

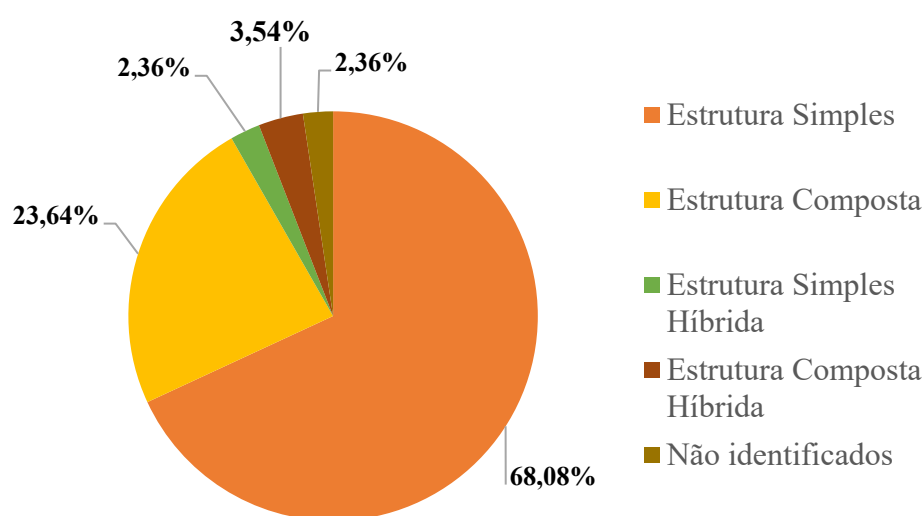
Além das categorias mais recorrentes, algumas classes toponímicas apresentam baixa frequência, mas possuem um valor simbólico relevante. Os animotopônimos eufóricos e disfóricos, que aparecem em municípios como Castanhal (0,23%) e São Francisco do Pará (0,23%), apontam uma valoração subjetiva atribuída a determinados lugares, associada a experiências coletivas. Os mitotopônimos, identificados em localidades como Castanhal, Maracanã e Irituia (0,23% cada), evidenciam a presença de narrativas míticas na construção da identidade territorial, indicando que determinados lugares foram nomeados com base em personagens lendários. Por fim, a baixa ocorrência de cromotopônimos (Maracanã) e cardinotopônimos (São Miguel do Guamá) (0,23% cada), revela que referências a cores e pontos cardeais são pouco utilizadas na nomeação de lugares na região analisada.

A distribuição dos topônimos nos municípios que constituem a região imediata de Castanhal revela padrões que se conectam diretamente à paisagem natural e à cultura local. A predominância de categorias relacionadas ao meio ambiente demonstra a importância dos elementos naturais na percepção territorial, enquanto a presença de

nomes ligados a pessoas reforça o papel da história e da identidade social na construção da nomenclatura espacial. Ao mesmo tempo, os topônimos menos recorrentes destacam traços simbólicos e subjetivos que enriquecem a diversidade da paisagem linguística da região.

O Gráfico 15 apresenta a frequência de topônimos classificados quanto às seguintes estruturas linguísticas: simples, composta, simples híbrida ou composta híbrida e não identificados.

Gráfico 15 – Frequência de topônimos da região imediata de Castanhal/PA quanto à estrutura morfológica



Fonte: Elaboração da autora.

Entre os topônimos da região imediata de Castanhal, 38,38% têm origem na língua portuguesa (LP) (ex.: igarapé *Grande*, igarapé *Dezenove*, igarapé *Cachoeira*, igarapé *das Panelas*), 50,23% derivam da língua Tupi (LT) (ex.: igarapé *Matapi*, igarapé *Siricueira*, igarapé *Cumarim*, rio *Piquiá*) e 1,89% provêm de outros idiomas, como o Aruaque (rio *Maú*). 6,39% dos topônimos são híbridos (ex.: igarapé *Primeiro Caripi*, igarapé *Sapocoara*, igarapé *Braço do Murureteua*) e 3,08% não foram identificados.

Em termos de estrutura formal, observou-se um predomínio de topônimos com estrutura simples, representando 68,08% do total analisado (ex.: igarapé *Caveira*, igarapé *Sauá*, igarapé *Maracanã*, igarapé *Cachoeira*). A predominância dessa estrutura reflete uma tendência à simplicidade e clareza na nomeação dos acidentes geográficos, especialmente porque a comunicação oral desempenha papel essencial na identificação e

localização dos elementos naturais. Topônimos com estrutura composta correspondem a 23,64% da amostra (ex.: rio *Peixe-Boi*, igarapé *Jambu-Açu*, igarapé *Rio Branco*, igarapé *Ilha Nova*). A presença dessa estrutura indica a necessidade de diferenciação entre elementos geográficos similares, agregando informações adicionais que podem remeter a características físicas, culturais ou históricas do local.

Os topônimos híbridos ocorreram em menor proporção, com 2,36% classificados como de estrutura simples híbrida, exemplificados por igarapé *Sapocoara* (sapo – LP + coara – LT), igarapé *Curupipino* (curu – LT + pipino – LP) e igarapé *Tintateua* (tinta – LP + teua – LGA). Já 3,54% apresentam estrutura composta híbrida, como igarapé *Açu de Cima* (açu – LT + de – LP + cima – LP) e igarapé *Braço do Iauara* (braço – LP + iauara – LT). A ocorrência desses topônimos reflete o contato linguístico entre diferentes grupos ao longo do processo de ocupação e colonização da região, evidenciando a interação entre as línguas indígenas e a língua portuguesa na construção do léxico toponímico.

Por fim, 2,36% dos topônimos analisados não tiveram sua estrutura identificada, o que está associado a fatores como perda de registros históricos, variações ortográficas e fonéticas ao longo do tempo ou mesmo dificuldades na categorização formal. A predominância de topônimos com estrutura simples reforça a funcionalidade e objetividade dos nomes atribuídos aos acidentes geográficos, enquanto a presença de estruturas compostas e estruturas híbridas evidencia a riqueza sociolinguística da região, marcada pela influência indígena e pela dinâmica histórica da ocupação territorial.

Na sequência, apresenta-se a análise dos topônimos atribuídos aos acidentes humanos urbanos da região imediata de Bragança, no estado do Pará.

5.4 Análise dos topônimos dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Bragança/PA

A Tabela 8, que segue, integra a seção da análise toponímica dos acidentes humanos urbanos da região imediata de Bragança/PA, evidenciando a distribuição percentual e numérica dos topônimos segundo três categorias: natureza física, natureza antropocultural e não identificados. A classificação contempla seis municípios: Bragança, Augusto Corrêa, Cachoeira do Piriá, Santa Luzia do Pará, Tracuateua e Viseu, totalizando 126 topônimos analisados.

Tabela 8 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Bragança/PA quanto à natureza dos nomes

Municípios	Natureza física		Natureza antropocultural		Não identificados		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Bragança	12	9,52%	17	13,50%	0	0,0%	29	23,01%
Augusto Corrêa	4	3,17%	6	4,76%	2	1,60%	12	9,53%
Cachoeira do Piriá	16	12,70%	24	19,04%	1	0,80%	41	32,54%
Santa Luzia do Pará	4	3,17%	3	2,38%	1	0,80%	8	6,35%
Tracuateua	1	0,80%	6	4,76%	0	0,0%	7	5,56%
Viseu	12	9,52%	17	13,50%	0	0,0%	29	23,01%
Total	49	38,89%	73	57,94%	4	3,17%	126	100%

Fonte: Elaboração da autora.

No geral, observa-se a predominância dos topônimos de natureza antropocultural, com 73 ocorrências, o que corresponde a 57,94% do total. Esse dado aponta para uma tendência de nomeação associada à ação humana, aos aspectos históricos, culturais, religiosos e políticos na constituição dos espaços urbanos da região. Em contraposição, os topônimos de natureza física, que fazem referência a elementos naturais como rios, morros, serras ou vegetações locais, somam 49 ocorrências (38,89%), enquanto 4 topônimos (3,17%) não foram identificados quanto à sua natureza em razão da insuficiência de fontes confiáveis acerca do significado do item lexical elevado à categoria de topônimo.

Entre os municípios analisados, Cachoeira do Piriá reúne o maior número de topônimos, com 41 ocorrências, representando 32,54% do total da amostra, dentre os quais predominam os da natureza antropocultural (19,04%), seguido pelos de natureza física (12,70%) e não identificados (0,80%). Esse perfil indica que o município mantém um equilíbrio relativo entre referências à ocupação humana e à paisagem natural.

Bragança, um dos municípios centrais da região analisada, totaliza 29 topônimos (23,01%), dos quais 13,50% são de natureza antropocultural e 9,52% de natureza física. A ausência de topônimos não identificados neste município demonstra um maior registro histórico e documental das denominações locais, o que é mais característico da macrotoponímia urbana. A presença expressiva de topônimos de natureza antropocultural na região de Bragança reforça sua condição de polo urbano e cultural. Exemplos como

vila São Tomé, vila dos Paraibanos, vila dos Lucas e vila Santa Rita evidenciam a valorização de aspectos sociais e religiosos na nomeação dos espaços habitados, refletindo vínculos identitários e a organização territorial centrada na experiência humana.

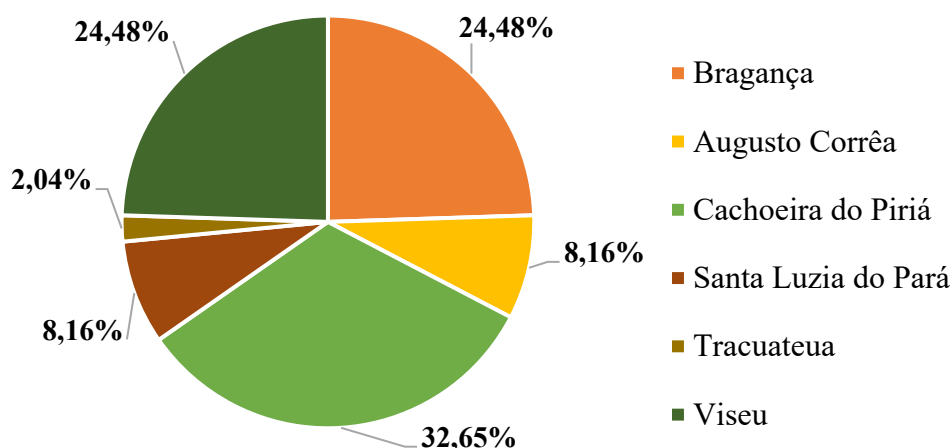
Por sua vez, Viseu registrou 29 topônimos, o que corresponde a 23,01% da amostra total. Desse conjunto, 12 são de natureza física (9,52%) e 17 de natureza antropocultural (13,50%), reiterando a predominância dos elementos ligados à ação humana, embora a presença dos referentes à paisagem natural também seja expressiva. Essa distribuição evidencia uma composição toponímica marcada por uma interação entre o ambiente físico e os aspectos culturais no processo de nomeação dos acidentes urbanos no município. Já Santa Luzia do Pará abriga um total de 8 topônimos, representando 6,35% do total analisado. Desses, 4 são de natureza física (3,17%), 3 de natureza antropocultural (2,38%) e 1 não identificado (0,80%). A presença de topônimos não classificados, ainda que em número reduzido, aponta para possíveis lacunas na documentação dos dados que deram origem a esses nomes, o que pode estar relacionado à ausência de registros históricos, à perda de memória coletiva ou à falta de sistematização das fontes locais. Esses elementos dificultam a identificação precisa da motivação toponímica e, conseqüentemente, comprometem a compreensão integral da dinâmica de nomeação dos espaços

Augusto Corrêa reúne 12 topônimos, dos quais 4,76% são classificados como de natureza antropocultural e apenas 3,17% de natureza física. Já Tracuateua registra o menor número absoluto da amostra, com 7 topônimos, o que corresponde a 5,56% do total. Destes, 6 apresentam natureza antropocultural (4,76%) e apenas 1 possui natureza física (0,80%). Esse panorama está relacionado tanto à dimensão territorial reduzida do município quanto à presença de elementos históricos e sociais na constituição de sua toponímia.

A análise da Tabela 8 revela que a paisagem urbana da região imediata de Bragança é marcada por topônimos de natureza antropocultural, revelando o papel da memória social (ex.: *vila Maranhense, vila Cigana*), da religião (ex.: *vila São Francisco, vila Santo Antônio, vila Santa Luzia do Pará*) e dos sentimentos e perspectivas acerca de um povo acerca do espaço nomeado (ex.: *vila Sorriso, vila Alegre, agrovila Bela Vista*). Ainda que os topônimos de natureza física estejam presente de forma expressiva, sua predominância se dá em menor escala, o que pode estar relacionado ao processo de urbanização dos municípios e à função social dos lugares nomeados.

O Gráfico 16 ilustra a distribuição proporcional dos topônimos de natureza física nos seis municípios que integram a região imediata de Bragança/PA. A representação evidencia a concentração de nomes vinculados a elementos naturais, como rios, plantas e demais elementos da geografia local.

Gráfico 16 – Frequência dos topônimos de natureza física da região imediata de Bragança/PA



Fonte: Elaboração da autora.

Cachoeira do Piriá figura como o município com a maior concentração de topônimos de natureza física (32,65%) na região imediata de Bragança/PA, o que pode ser justificado pela geografia local que é abundante em recursos hídricos e possui relevo característico, elementos que tendem a influenciar diretamente a nomeação dos acidentes humanos (ex.: vila *Seringal*, vila *Cachoeirinha*, vila *Campina*, vila *Igarapé da Areia*). O mesmo gráfico demonstra um empate entre os municípios de Bragança e Viseu, ambos com 24,48% dos topônimos de natureza física da amostra. Esse equilíbrio demonstra que, nesses dois municípios, os elementos naturais exercem papel relevante na nomeação do território, refletindo uma combinação entre fatores ambientais (ex.: vila *Cumaru*, vila *do Jutai*, vila *Açaizal*, vila *do Sapucaia Dois*) que valorizam a paisagem natural como referência denominativa.

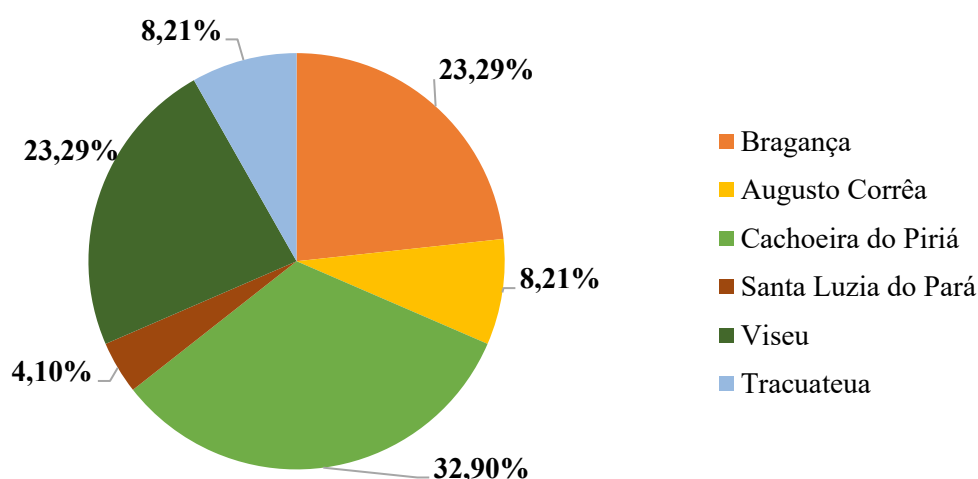
Santa Luzia do Pará e Augusto Corrêa compartilham a mesma proporção, com 8,16% de registros cada um. Embora apresentem um quantitativo mais modesto em comparação com os três primeiros, a presença desses topônimos indica que os acidentes físicos também compõem parte da estrutura toponímica desses municípios, ainda que em menor escala. Por fim, Tracuateua aparece com 2,04%, a menor participação da amostra,

o que corrobora com os dados apresentados na Tabela anterior. Essa informação pode ser compreendida a partir das características do município, como sua limitada extensão territorial – 868,025 km² (IBGE, 2022) – e o fato de ter sido oficialmente instituído como município apenas em 1996 (IBGE, 2022), o que implica um processo de ocupação mais recente em comparação aos demais da região.

Por fim, a distribuição evidenciada no gráfico 16 permite compreender como os elementos naturais foram incorporados ao processo de nomeação nas diferentes localidades da região imediata de Bragança/PA. Além disso, fornece elementos para reflexões acerca de possíveis relação entre o meio ambiente e a formação do território, considerando que os topônimos de natureza física não apenas descrevem o relevo ou os cursos d'água, mas também testemunham modos de vida, práticas culturais e formas de apropriação da paisagem ao longo do tempo.

O Gráfico 17, na sequência, apresenta a distribuição percentual dos topônimos classificados como de natureza antropocultural catalogados na região imediata de Bragança/PA, revelando o peso da dimensão humana, histórica e cultural na nomeação dos acidentes urbanos. Ao contrário do que se observa na distribuição dos topônimos que nomeiam acidentes físicos, nesta categoria há uma ampla concentração de ocorrências em municípios com maior desenvolvimento urbano e trajetória histórica consolidada.

Gráfico 17 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Bragança/PA



Fonte: Elaboração da autora.

Cachoeira do Piriá concentra o maior percentual de topônimos de cunho antropocultural (32,90%), o que evidencia a presença de referências culturais e históricas na toponímia local, como vila *Maranhense*, vila *Cigana* e vila *do Flechal*. Esse número está relacionado a práticas sociais de nomeação atreladas a personagens, eventos históricos, atividades econômicas ou formas de ocupação humana, que conferem aos nomes um valor simbólico e identitário. A quantidade de topônimos dessa natureza reflete a valorização da memória coletiva e das experiências sociais locais, frequentemente vinculadas ao cotidiano das populações e aos modos de organização territorial.

Em seguida, aparecem Bragança e Viseu, ambos com 23,29%. Esse resultado evidencia que os processos de urbanização nesses municípios também repercutem diretamente na nomeação local, explicada, em parte, pela presença de instituições religiosas antigas, bem como pelo papel desempenhado por líderes e comunidades tradicionais na ocupação e estruturação desses territórios. Nesses casos, a toponímia atua como marca da trajetória histórica e social das localidades, expressando também o protagonismo de determinadas figuras ou grupos sociais. Cabe destacar que, além desse equilíbrio observado nos topônimos de natureza antropocultural, Bragança e Viseu também apresentaram empate quanto aos topônimos de natureza física (conforme apresentado no gráfico 16), situação que pode ser justificada pelas semelhanças históricas, geográficas e ambientais que caracterizam ambos os municípios.

Augusto Corrêa e Tracuateua registram uma mesma proporção de topônimos (8,21%), revelando uma presença moderada de nomes ligados à ação humana. Essa ocorrência, embora menos expressiva, indica que, nesses municípios, certos aspectos culturais e sociais foram suficientes para motivar o uso de nomes relacionados à experiência humana. A escolha desses nomes pode estar vinculada a momentos mais recentes da organização urbana ou a processos de ocupação mais pontuais, nos quais a designação dos lugares não alcançou grande variedade ou consolidação histórica.

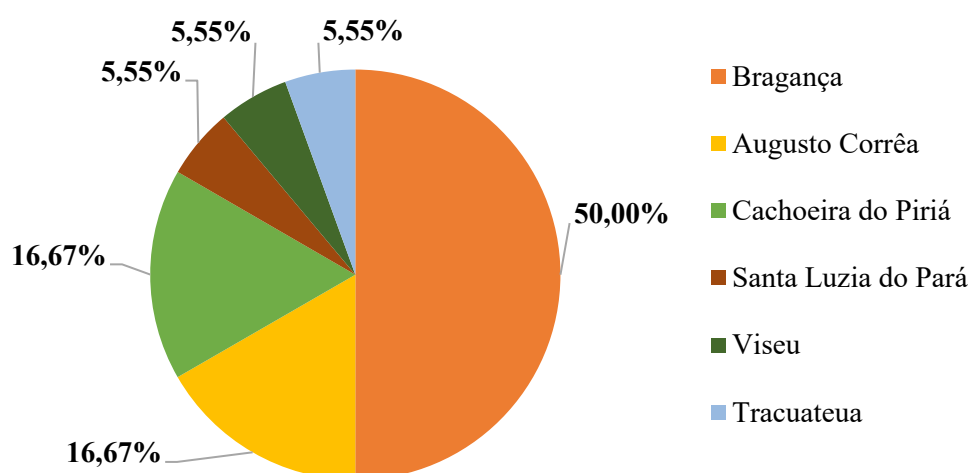
Já Santa Luzia do Pará concentra o menor percentual (4,10%), decorrente do perfil de ocupação e da menor complexidade social e urbana do município. Esse dado sugere uma limitada apropriação cultural do território por meio da toponímia, ou mesmo uma possível predominância de elementos naturais na organização territorial. Outra possibilidade está na ausência de registros históricos sistematizados ou no predomínio de nomeações genéricas, que não expressam, de forma clara, vínculos antropoculturais.

A leitura desses dados permite compreender que os processos de construção histórica, ocupação humana e identidade local exercem influência direta sobre os nomes

atribuídos aos acidentes humanos urbanos. Observa-se, ainda, que há uma notável semelhança entre os percentuais de ocorrência dos topônimos de natureza física e dos topônimos de natureza antropocultural, o que revela um equilíbrio entre a referência ao meio natural e a marca da presença humana na nomeação dos lugares. Esse dado indica que tanto os elementos naturais quanto os socioculturais se encontram integrados à memória e ao processo de significação do espaço, refletindo de forma conjunta a relação do homem com o território. Em contextos em que há maior valorização da história local e da memória coletiva, a toponímia reafirma esse duplo vínculo, preservando tanto a paisagem física quanto os aspectos culturais que moldam a identidade regional.

O Gráfico 18 apresenta a frequência de topônimos de origem Tupi entre os municípios que compõem a região imediata de Bragança/Pará.

Gráfico 18 – Frequência dos topônimos de base Tupi na região imediata de Bragança/PA



Fonte: Elaboração da autora.

O levantamento dos dados toponímicos do gráfico 18 revela que o município de Bragança concentra 50% dos topônimos da amostra, o que indica sua importância histórica e linguística na manutenção de nomes originários da língua Tupi, como: vila *Muruci*, vila *Cumarú*, vila *do Jutai*, vila *Jari*, vila *Urubuquara* e vila *de Caratateua*. Esse resultado relaciona-se à ocupação mais antiga da região e à continuidade de traços culturais que favoreceram a permanência da toponímia indígena.

Na segunda posição, os municípios de Augusto Corrêa e Cachoeira do Piriá apresentam igual proporção, cada um representando 16,67% da frequência total. Essa equivalência indica que ambos os territórios, embora com menor destaque populacional

e político-administrativo se comparados a Bragança, mantêm um vínculo com a herança toponímica indígena. Pode-se considerar que fatores como a configuração geográfica, a relação das populações locais com a fauna e a flora, bem como os processos de colonização e ocupação, tenham influenciado na preservação desses nomes. A exemplo, os topônimos vila *Umbuzal*, vila *Bacuri*, vila *do Mirinzal* e vila *do Perimirim*.

Por outro lado, os municípios de Viseu, Santa Luzia do Pará e Tracuateua aparecem com a menor frequência de topônimos de origem Tupi, cada um representando 5,55% da amostra. Esses valores indicam uma menor ocorrência de elementos toponímicos ligados a essa matriz linguística, o que demonstra um processo mais intenso de substituição toponímica por nomes de origem portuguesa ou uma ocupação mais recente do território, que não contribuiu para a preservação dos topônimos indígenas.

A análise do Gráfico 18 permite observar a desigualdade em termos de distribuição desses topônimos entre os municípios, refletindo variações nos processos históricos de povoamento, nas estratégias de nomeação e na permanência de elementos culturais autóctones. A forte concentração de nomes de origem Tupi em Bragança indica a atuação de comunidades indígenas em áreas específicas e a preservação desses nomes por meio da oralidade e da documentação histórica. Por outro lado, a menor presença em outros municípios aponta para dinâmicas diferentes, como a imposição de nomenclaturas coloniais ou administrativas que resultaram na substituição dos topônimos indígenas.

Portanto, o gráfico evidencia a importância da análise toponímica como ferramenta para compreender a história e as relações sociais de uma região. No caso da região imediata de Bragança, os dados revelam uma configuração territorial marcada pela resistência e permanência de elementos indígenas em algumas áreas, ao mesmo tempo em que apontam para processos de silenciamento e substituição em outras. Isso reforça a necessidade de valorizar a toponímia como patrimônio cultural e como fonte de conhecimento sobre as territorialidades originárias da Amazônia paraense.

A totalidade dos 18 topônimos indígenas identificados na região imediata de Bragança/PA refere-se a elementos de natureza física, o que demonstra uma forte relação entre a língua indígena, sobretudo a Tupi, e o ambiente natural. Este dado reforça a centralidade do espaço físico na lógica de nomeação originária, uma vez que rios, igarapés, matas, montes e demais acidentes geográficos serviram como marcos referenciais primordiais para os povos indígenas, tanto na orientação espacial quanto na construção simbólica do território.

A predominância de topônimos ligados à paisagem natural, como: distrito *Itapixuna*, vila *Cumaru*, vila *do Jutai* e vila *Taquadeua*, indica que o ato de nomear esteve vinculado à relação dos povos indígenas com o meio em que habitavam. Tais nomes, carregados de significados descritivos, funcionavam como forma de reconhecimento e transmissão de conhecimentos sobre o território, refletindo aspectos como a hidrografia local, os recursos naturais disponíveis, os caminhos percorridos e os espaços considerados sagrados ou estratégicos para a sobrevivência coletiva. Além de representarem registros históricos, permanecem como marcas vivas da ancestralidade, demonstrando de forma concreta a presença indígena no território, ainda que muitas vezes invisibilizada nas estruturas institucionais e nos registros cartográficos oficiais.

Outro aspecto relevante é a ausência de topônimos indígenas associados a unidades urbanas, povoados ou construções humanas. Isso demonstra que os nomes de origem indígena sobreviveram prioritariamente nas áreas menos alteradas pela urbanização e pelas dinâmicas administrativas posteriores, permanecendo, em grande parte, restritos ao domínio da natureza.

A Tabela 9 apresenta a distribuição das taxas toponímicas de natureza física e antropocultural, segundo a classificação de Dick (1992), relativas aos acidentes humanos urbanos da região imediata de Bragança/PA. A análise abrange os municípios de Bragança (BG), Augusto Corrêa (AC), Cachoeira do Piriá (CP), Santa Luzia do Pará (SP), Tracuateua (TC) e Viseu (VS), evidenciando em valores absolutos e relativos a variedade e a frequência dos topônimos catalogados.

Tabela 9 – Frequência das taxes de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na macrotoponímia dos acidentes humanos urbanos da região imediata de Bragança/PA (continua)

Taxes ⁵²	Municípios												Total	
	BG ⁵³		AC ⁵⁴		CP ⁵⁵		SP ⁵⁶		TC ⁵⁷		VS ⁵⁸			
Natureza Física	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N.	%
	.		.		.		.		.		.			
Fitotopônimos	6	4,91 %	2	1,63 %	5	4,09 %	2	1,63 %			4	3,27 %	19	15,53%
Zootopônimos	3	2,45 %			3	2,45 %					2	1,63 %	08	6,53%
Litotopônimos	1	0,81 %	1	0,81 %	1	0,81 %					1	0,81 %	04	3,25%
Geomorfotopônimos	1	0,81 %			2	1,63 %					2	1,63 %	05	4,08%
Hidrotopônimo			1	0,81 %	3	2,45 %					2	1,63 %	06	4,89%
Cardinotopônimos	1	0,81 %			1	0,81 %					1	0,81 %	03	2,43%
Natureza antropocultural														
Poliotopônimo	2	1,63 %			3	2,45 %							05	4,08%
Cronotopônimo	1	0,81 %	1	0,81 %			1	0,81 %			3	2,45 %	06	4,88%
Etnotopônimo	1	0,81 %	1	0,81 %	2	1,63 %							04	3,25%

⁵² Não foram identificadas no *corpus* as seguintes taxes: *astrotopônimos*, *meteorotopônimos*, *cromotopônimos*, *dimensiotopônimos*, *morfotopônimos*, *axiotopônimos*, *dirrematopônimos*, *mitotopônimos*, *históriotopônimos*, *hodotopônimos*, *somatotopônimos*.

⁵³ Bragança

⁵⁴ Augusto Corrêa

⁵⁵ Cachoeira do Piria

⁵⁶ Santa Luzia do Pará

⁵⁷ Tracuateua

⁵⁸ Viseu

Ecotopônimo					1	0,81 %							01	0,81%
Hagiotopônimo	2	1,63 %			5	4,09 %					4	3,27 %	11	8,99%
Sociotopônimo	2	1,63 %											02	1,63%
Ergotopônimo	1	0,81 %	1	0,81 %	1	0,81 %	1	0,81 %					04	3,24%
Animotopônimo Eufórico			1	0,81 %	3	2,45 %							04	3,26%
Animotopônimo disfórico					1	0,81 %							01	0,81%
Antropotopônimo	3	2,45 %	1	0,81 %	5	4,09 %	2	1,63 %	6	4,91 %	7	5,73 %	24	19,62%
Hierotopônimo					3	2,45 %							03	2,45%
Numerotopônimo	4	3,27 %									1	0,81 %	05	4,08%
Corotopônimo	1	0,81 %	1	0,81 %	1	0,81 %	1	0,81 %	1	0,81 %	1	0,81 %	06	4,86%
Acronimotopôni mo											1	0,81 %	01	0,81%
Total	29	23,96%	10	8,12 %	40	32,96%	7	5,69 %	7	5,72 %	29	23,67%	122	100%

Fonte: Elaboração da autora.

No conjunto dos dados, observa-se que entre os topônimos de natureza física, os fitotopônimos se destacam como a taxa mais recorrente, totalizando 19 ocorrências, o que representa 15,53% do total geral, distribuindo-se entre todos os municípios, com maior concentração em Bragança (6 ocorrências). Essa predominância revela a importância dos elementos vegetais como referência espacial na nomeação de lugares, demonstrando uma conexão com o ambiente natural ainda presente no imaginário coletivo da população – vila *Bacuri*, vila *Pimenteira*, vila *Tipitinga* e vila *Sapucaia*.

Os zootopônimos, relacionados a nomes de animais, vêm em seguida com 8 ocorrências (6,53%), também com presença nos seis municípios analisados. A incidência desse tipo de topônimo remete a práticas culturais locais, onde a fauna exerce papel

relevante na construção simbólica e geográfica do território. Esses nomes estão associados à abundância de determinadas espécies, como vila *Urubu*, vila *do Curió*, vila *Jibóia*, vila *dos Tatus*, vila *Camiranga* e distrito

Tracuateua. Além disso, os zootopônimos refletem atividades características do território, como a caça, evidenciando uma ligação estreita entre natureza e os modos de vida da população local.

Já os litotopônimos (distrito *Itapixuna*, agrovila *Areia do Anelis*, vila *Itapuiteua*), os geomorfotopônimos (vila *Jari*, vila *Pico Vermelho*), os hidrotopônimos (vila *Cachoeirinha*, agrovila *Igarapé da Areia*, vila *da Cabeceira*) e os cardinotopônimos (vila *do Meio*, agrovila *Alto do Bonito*) aparecem em menor número. Cada uma dessas taxas registra entre 3 a 7 ocorrências, oscilando entre 2,43% e 4,89%, o que demonstra que, embora menos expressivos numericamente, esses referenciais físicos continuam a compor o léxico toponímico urbano. Essa menor incidência está relacionada à gradual urbanização e à transformação da paisagem natural, o que reduz a presença e a percepção direta desses elementos no cotidiano da população. Além disso, há uma tendência de priorizar nomes com maior apelo simbólico e cultural em contextos urbanos. No entanto, esses topônimos continuam a desempenhar um papel importante, pois mantêm viva a memória dos elementos naturais que marcaram a formação e a identidade dos lugares.

Na parte inferior da Tabela, nota-se uma expressiva diversidade de taxas pertencentes à natureza antropocultural, com destaque para os antropotopônimos, que somam 24 ocorrências (19,62%) e se distribuem entre os seis municípios, com maior concentração em Tracuateua (6 ocorrências) e Viseu (7 ocorrências). Este dado aponta para um padrão recorrente na toponímia urbana brasileira, que tende a homenagear personagens históricos, líderes e políticos locais – distrito *Augusto Corrêa*, vila *dos Lucas*, vila *Moraes*, vila *João Baiano*.

Por seu turno, os cronotopônimos somam 6 ocorrências (ex.: vila *Nova*, vila *Nova Mocajuba*, vila *Nova do Taboca*), sendo 3 delas localizadas no município de Viseu. Esse tipo de topônimo refere-se a indicadores cronológicos presentes nos nomes de lugares, como “novo”, “nova”, “velho” ou “velha”, que apontam para a existência de marcos temporais na construção do espaço urbano. Tais designações indicam, por exemplo, uma renovação, uma substituição ou mesmo a permanência histórica de um determinado local. Já os hagiotopônimos, com 11 ocorrências, destacam-se particularmente no município de Cachoeira do Piriá, onde se concentram 5 dessas referências: vila *São Francisco Mandomber*, vila *São Sebastião*, vila *São João*, vila *São Francisco*, vila *Santo Antônio*.

Esses nomes estão associados a figuras santificadas, refletindo a influência da religiosidade, sobretudo do catolicismo, na nomeação dos espaços e na construção da identidade cultural das comunidades.

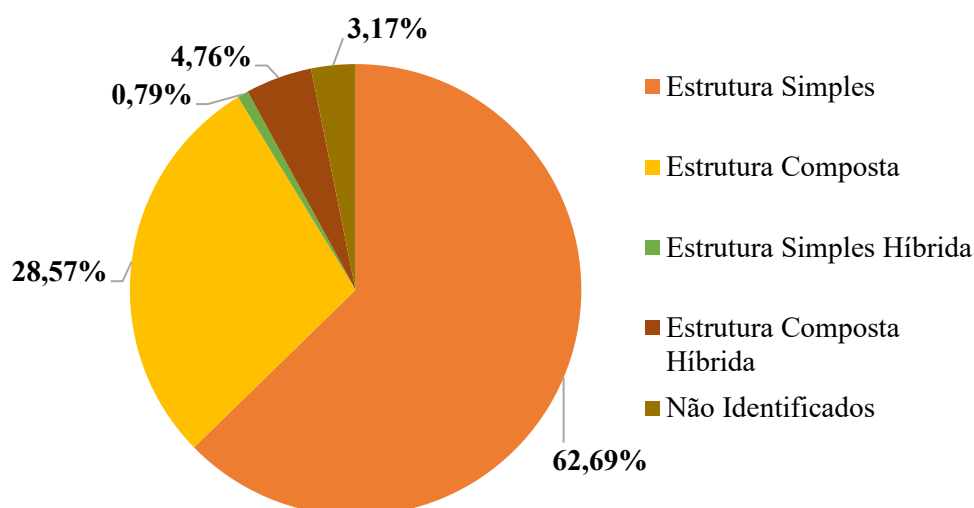
Os numerotopônimos e os poliotopônimos também merecem destaque, com 5 registros cada, correspondendo a 4,08% do total analisado. Os numerotopônimos, nomes baseados em números, refletem, sobretudo, a localização territorial (ex.: vila *Quilômetro Dezoito*, vila *Quilômetro Vinte e Um*, vila *Quilômetro Vinte e dois*, vila *do Vinte e Cinco*). Dentre esses, 4 ocorrências concentram-se no município de Bragança, o que está relacionado a políticas urbanas específicas ou à expansão ordenada de áreas residenciais. Já os poliotopônimos apontam para diferentes formas de agrupamento humano e organização do território – vila *Arraial*, distrito *Vila do Treme*, agrovila *Vila Tatus*, agrovila *Vila Amadeu*. Nomes dessa natureza remetem a categorias sociopolíticas e históricas que ajudaram a identificar o porte, a função e a origem de um núcleo urbano.

Outras categorias toponímicas, como os etnotopônimos, ecotopônimos, sociotopônimos, ergotopônimos, animotopônimos eufóricos e disfóricos, hierotopônimos e corotopônimos, aparecem de forma bastante pontual, geralmente com duas ou quatro ocorrências por município. Esses dados refletem a pluralidade de motivações que influenciam a nomeação dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Bragança/PA. Cada uma dessas categorias carrega consigo uma carga semântica própria, revelando diferentes perspectivas (étnicas, ecológicas, sociais, laborais, emocionais, religiosas, linguísticas etc.) que coexistem na construção toponímica local. Essa diversidade revela não apenas a riqueza lexical do repertório toponímico, mas também a convivência de matrizes culturais, históricas e simbólicas distintas que marcam a identidade da região.

No total, a Tabela contabiliza 122 topônimos na região imediata de Bragança/PA. Desses, 45 são de natureza física (36,88%) e 77 de natureza antropocultural (63,11%). Esses números revelam que os processos de nomeação urbana privilegiam referências culturais, históricas e sociais. A prevalência dos topônimos de natureza antropocultural aponta para a presença da ação humana – marcada por elementos religiosos, políticos, institucionais e comunitários – na construção simbólica do espaço geográfico. Por outro lado, os topônimos de natureza física continuam a desempenhar um papel importante, preservando vestígios da paisagem natural e do vínculo com o meio ambiente. A coexistência dessas duas naturezas toponímicas mostra uma paisagem linguística diversificada, refletindo a riqueza e a complexidade do território.

O Gráfico 19, na sequência, apresenta a frequência de topônimos classificados quanto às seguintes estruturas linguísticas: simples, composta, simples híbrida, composta híbrida e não identificados.

Gráfico 19 – Frequência dos topônimos da região imediata de Bragança/PA quanto à estrutura morfológica



Fonte: Elaboração da autora.

Em termos de análise morfológica, entre os topônimos analisados, 73,01% têm origem na língua portuguesa (LP) (ex.: vila *Verde*, vila *Bandeira*, vila *dos Paraibanos*, distrito *Almoço*, vila *Alegre*), 19,04% derivam da língua Tupi (LT) (ex.: vila *Bacuri*, vila *Camiranga*, vila *Sapucaia*, distrito *Tijoca*), 4,76% dos topônimos têm estrutura híbrida, com destaque para a formação LP+LT (distrito *Nova Mocajuba*, agrovila *Vila Tatus*). Não foi identificada a natureza da estrutura de 3,17% de topônimos.

Quanto à estrutura linguística, a predominância dos topônimos com estrutura simples (62,69%) – vila *Verde*, vila *Sorriso*, vila *Nova*, vila *Machado* – revela um processo de nomeação marcado por formas linguísticas concisas, o que pode refletir tanto uma tradição oral de denominação quanto uma herança toponímica relacionada ao modo como os habitantes da região reconhecem e nomeiam o espaço. Essas estruturas tendem a preservar nomes originais de origem indígena, portuguesa ou híbrida sem sofrer alterações estruturais complexas, o que contribui para sua fixação e reconhecimento coletivo ao longo do tempo.

A presença expressiva da estrutura composta (28,57%) – distrito *Augusto Corrêa*, vila *São Tomé*, distrito *Vila do Treme*, vila *Pico Vermelho* – indica uma segunda tendência de formação toponímica que envolve a junção de dois ou mais elementos linguísticos,

frutos de processos de colonização, ocupação e/ou apropriação territorial. Topônimos compostos costumam apresentar informações adicionais ao nome base, como descritores geográficos, homenagens a pessoas ou referências históricas locais. Essa categoria demonstra a tentativa de especificar, detalhar ou localizar com maior precisão o objeto geográfico nomeado, reforçando o vínculo entre o espaço e a experiência humana.

Na região selecionada para a pesquisa, os topônimos com estrutura simples híbrida correspondem a 0,79%, enquanto os de estrutura composta híbrida representam 4,76% do total, exemplificados por agrovila *Vila Tatus* (LP + LT), distrito *Cachoeira do Piriá* (LP + LT) e distrito *Nova Mocajuba* (LP + LT). Embora em proporção reduzida, esses topônimos apontam para processos de interferência e fusão linguística entre diferentes matrizes, como o tupi e o português. A presença dessas estruturas reflete momentos históricos de contato e coexistência cultural, nos quais elementos lexicais de origens distintas foram combinados em uma mesma unidade toponímica. Apesar de numericamente menos expressivos, esses casos oferecem indícios importantes sobre a dinâmica sociolinguística da região, revelando traços de hibridização cultural e linguística presentes na formação dos nomes de lugares.

Os topônimos cuja base linguística não foi identificada (3,17%) resultam da ausência de informações suficientes sobre sua origem e constituição, o que dificulta o reconhecimento de sua estrutura linguística e compromete a sua adequada categorização taxonômica.

A próxima subseção dedica-se à análise dos topônimos que nomeiam os acidentes humanos urbanos da região imediata de Paragominas /PA.

5.5 Análise dos toponimos dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Paragominas/PA

A Tabela 10 apresenta a distribuição quantitativa dos topônimos atribuídos aos acidentes humanos urbanos nos municípios que integram a região imediata de Paragominas/PA. Os dados foram organizados segundo a classificação proposta por Dick (1992), que distingue as naturezas toponímicas em físicas e antropoculturais. Compõem o levantamento os municípios de Aurora do Pará, Dom Eliseu, Ipixuna, Mãe do Rio, Paragominas e Ulianópolis, cuja soma corresponde a 32 topônimos.

Tabela 10 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Paragominas/PA quanto à natureza dos nomes

Municípios	Natureza Física		Natureza antropocultural		Não identificados		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Aurora do Pará	5	15,62%	4	12,5%	0		9	28,12%
Dom Eliseu	0		3	9,37%	0		3	9,37%
Ipixuna	3	9,37%	2	6,25%	1	3,12%	6	18,75%
Mãe do Rio	0		2	6,25%	0		2	6,25%
Paragominas	0		2	6,25%	1	3,12%	3	9,37%
Ulianópolis	4	12,5%	5	15,62%	0		9	29,12%
Total	12	37,50%	18	56,25%	2	6,25%	32	100%

Fonte: Elaboração da autora.

A Tabela 10 apresenta a distribuição do quantitativo dos topônimos relativos aos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Paragominas, no Pará. Os dados estão organizados por município e classificados segundo três categorias: topônimos de natureza física, topônimos de natureza antropocultural e não identificados. No total, foram registrados 32 topônimos distribuídos entre os municípios de Aurora do Pará, Dom Eliseu, Ipixuna do Pará, Mãe do Rio, Paragominas e Ulianópolis.

A análise dos dados evidencia a predominância dos topônimos de natureza antropocultural, que correspondem a 56,25% do total (18 ocorrências). Esse predomínio indica que os nomes atribuídos aos espaços urbanos na região em questão são motivados majoritariamente por fatores sociais, históricos e religiosos e revelam um processo de nomeação vinculado à ação humana e à construção cultural dos territórios. Em seguida, aparecem os topônimos de natureza física, com 37,5% (12 ocorrências), mostrando que, embora em menor proporção, os elementos do meio natural – como relevo e hidrografia – também são considerados na nomeação dos acidentes humanos da região. Os topônimos não identificados, por sua vez, somam apenas 6,25% (2 ocorrências), o que indica a ausência de informações claras e acessíveis sobre a origem de alguns nomes.

Entre os municípios analisados, Ulianópolis se destaca pelo maior número de topônimos registrados (9 ocorrências), com predominância de nomes de natureza antropocultural (5 ocorrências), seguidos por 4 relacionados a elementos físicos. Por sua vez, o município de Aurora do Pará apresenta a mesma quantidade total, mas com maior

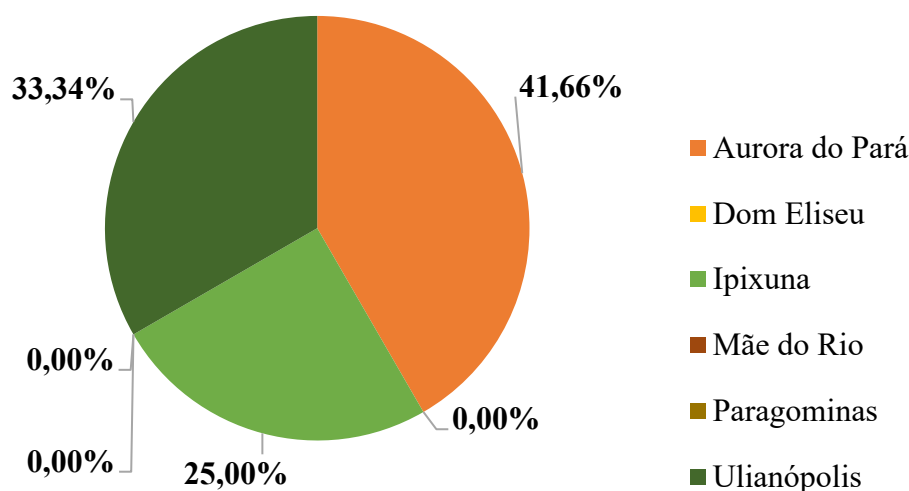
índice de ocorrência de topônimos ligados ao meio natural, denotando assim formas de abordagens distintas na nomeação dos acidentes humanos urbanos em cada localidade.

O município de Ipixuna do Pará abriga apenas seis topônimos, sendo três de natureza física, dois de natureza antropocultural e um de natureza não identificada, o que evidencia uma diversidade toponímica com lacunas pontuais.

Dom Eliseu e Mãe do Rio registram somente topônimos de natureza antropocultural (três e dois, respectivamente), sugerindo que os aspectos sociais e históricos foram os principais elementos mobilizados na nomeação dos espaços urbanos. Já o município de Paragominas, que dá nome à região imediata, exibe uma configuração mista, com dois topônimos de natureza antropocultural e um de natureza não identificada, sinalizando para uma combinação de critérios na construção toponímica local.

De forma geral, os dados refletem o peso da presença humana na formação dos nomes dos espaços urbanos da região imediata de Paragominas. A predominância dos topônimos de cunho antropocultural aponta para um processo de nomeação diretamente associado à história da população local (ex.: distrito *Dom Eliseu*, distrito *Mãe do Rio*, distrito *Paragominas*). Ainda assim, a presença considerável de topônimos de natureza física demonstra que a paisagem natural também é elemento ativo na identidade toponímica dos municípios (ex.: vila *Cajueiro*, vila *Ipetinga*, vila *Palmeira*). O cruzamento dessas informações contribui para a compreensão mais ampla das dinâmicas de ocupação e valorização territorial na região, além de destacar a importância de estudos toponímicos como instrumentos de acesso a aspectos simbólicos, históricos e identitários das comunidades amazônicas.

Na sequência, o Gráfico 20 registra a distribuição percentual dos topônimos de natureza física identificados nos municípios que integram a região imediata de Paragominas, no estado do Pará. Trata-se de uma representação gráfica complementar à Tabela 3, que aprofunda a análise ao destacar apenas os nomes atribuídos com base em elementos do meio natural. Ao todo, foram registrados 12 topônimos com essa classificação, cujas ocorrências estão concentradas em apenas três municípios: Aurora do Pará, Ipixuna do Pará e Ulianópolis.

Gráfico 20 – Frequência dos topônimos de natureza física da região imediata de Paragominas/PA

Fonte: Elaboração da autora.

O município de Aurora do Pará lidera com 41,66% dos topônimos de natureza física da região de Paragominas (ex.: vila *Monte Alegre*, Vila *Cajueiro*, vila *Ipetinga*, vila *Repartimento*, distrito *Aurora do Pará*), o que corresponde a 5 das 12 ocorrências. Esse dado reforça a presença de referências naturais na constituição dos nomes urbanos locais, possivelmente vinculadas a características geográficas marcantes, como rios, morros ou formações vegetais. Em seguida, aparece Ulianópolis, com 33,34% (4 topônimos), também com expressiva relação com o meio físico (ex.: vila *Arco-Íris*, vila *Água Branca*, agrovila *Areia Branca*, agrovila *Floresta Gurupi Um*). O terceiro município a apresentar esse tipo de topônimo é Ipixuna do Pará, com 25% (3 ocorrências), completando o conjunto dos municípios que associam parte de sua toponímia urbana a aspectos naturais (ex.: vila *Palmeira*, agrovila *Minas Pará*, distrito *Ipixuna do Pará*).

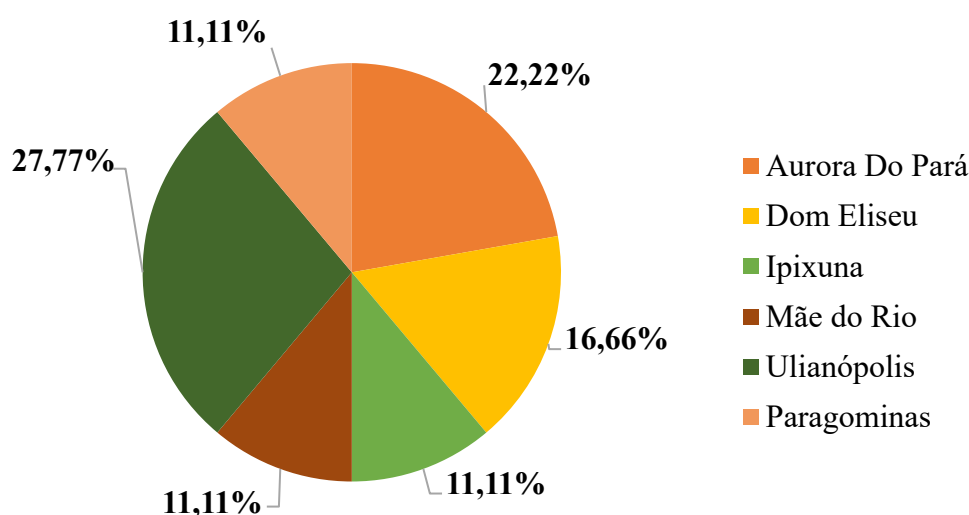
Os demais municípios – Dom Eliseu, Mãe do Rio e Paragominas – não registram topônimos de natureza física. Essa ausência pode estar relacionada a diferentes critérios de nomeação adotados em cada localidade, nos quais predominam motivações culturais, históricas ou sociais em detrimento de referências geográficas. A distribuição desigual entre os municípios demonstra que a presença de nomes baseados no meio natural não é uniforme na região e que a escolha toponímica responde a contextos locais distintos.

A leitura do Gráfico 20, portanto, revela uma paisagem toponímica onde os aspectos naturais são mais fortemente mobilizados em alguns municípios específicos, enquanto outros se afastam dessa tendência. Essa variação espacial reforça a importância de considerar os processos históricos e sociais de ocupação do território ao analisar a

formação dos topônimos urbanos. Além disso, a concentração dos topônimos de natureza física em poucos municípios indica maior conservação e valorização dos elementos naturais nessas localidades, refletindo uma relação mais direta entre o espaço geográfico e os nomes atribuídos aos seus acidentes humanos urbanos.

O Gráfico 21, por sua vez, ilustra a distribuição percentual dos topônimos de natureza antropocultural nos municípios que compõem a região imediata de Paragominas/PA. Esta categoria contempla os nomes ligados à presença e ação humana no espaço, englobando referências históricas, religiosas e culturais que marcaram os processos de ocupação e organização territorial da região.

Gráfico 21 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Paragominas/PA



Fonte: Elaboração da autora.

Os dados indicam que Ulianópolis reúne o maior percentual de topônimos de natureza antropocultural, com 27,77% do total (ex.: vila *União*, agrovila *Kawana*, agrovila *Vida Nova*, agrovila *Bom Jesus*, distrito *Ulianópolis*). Esse número indica que os nomes urbanos locais são amplamente vinculados a aspectos da cultura regional, à história da colonização e à configuração social da cidade, o que está relacionado a seu papel político-administrativo na região.

Em seguida, Aurora do Pará contribui com 22,22%, mantendo proporção elevada também nesta categoria (ex.: vila *Nova*, vila *Santana*, vila *Santo Antônio*, vila *Fátima*), o que evidencia, sobretudo, um processo de nomeação que valoriza a formação local e a cultura religiosa. Já Dom Eliseu registra 16,66%, reafirmando o predomínio de motivações antropoculturais no processo de nomeação urbana (ex.: vila *Bom Sossego*,

vila *União*, distrito *Dom Eliseu*), visto que, como apontado no gráfico anterior, este município não apresenta topônimos de natureza física.

Os municípios de Ipixuna do Pará, Mãe do Rio e Paragominas compartilham cada um 11,11% dos topônimos de natureza antropocultural da região, o que indica certa uniformidade no uso de referências humanas para nomear os acidentes urbanos. Esses dados demonstram que, embora com variações percentuais, todos os municípios da região imediata de Paragominas registram, em algum grau, a presença dessa categoria toponímica.

A distribuição observada no Gráfico 21 mostra que os topônimos de natureza antropocultural estão amplamente representados no conjunto dos nomes de acidentes humanos urbanos, sendo a única categoria presente em todos os municípios analisados. Isso revela que a nomeação dos espaços urbanos está fortemente vinculada às experiências humanas e à história sociocultural de cada localidade. A prevalência dessa categoria em detrimento dos topônimos de natureza física em alguns municípios evidencia que a construção do espaço geográfico urbano se dá, sobretudo, por meio de referências que reforçam a memória coletiva e a identidade cultural dos habitantes.

A observação desses dados chama a atenção para a escassa presença de topônimos de origem indígena na região de Paragominas. Em Aurora do Pará, por exemplo, onde há expressiva ocorrência de topônimos de natureza antropocultural, há apenas um topônimo de origem indígena Tupi (vila *Ipetinga*), sendo esse de natureza física (fitotopônimo). Essa baixa representatividade aponta para um processo de substituição ou apagamento de nomes originários, possivelmente decorrente da colonização e das políticas de ocupação do território que favoreceram nomes de matriz europeia ou nacional. A presença isolada deste topônimo indígena reforça a necessidade de valorizar e resgatar as contribuições dos povos originários na composição toponímica da Amazônia paraense.

A Tabela 11, a seguir, apresenta a frequência das taxas de natureza física e antropocultural na toponímia dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Paragominas, no estado do Pará, conforme a classificação de Dick (1992). Os dados foram distribuídos entre os municípios de Aurora do Pará (AP), Dom Eliseu (DE), Ipixuna do Pará (IP), Mãe do Rio (MR), Paragominas (PG) e Ulianópolis (UP), sendo expressos em valores absolutos (N) e relativos (%), com um total de 30 topônimos analisados.

Tabela 11 - Frequência das taxes de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na toponímia dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Paragominas/PA

Taxes ⁵⁹	Municípios												Total	
	AP ⁶⁰		DE ⁶¹		IP ⁶²		MR ⁶³		PG ⁶⁴		UP ⁶⁵			
Natureza Física	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Fitotopônimos	2	6,66%			1	3,33%					1	3,33%	4	13,32%
Litotopônimos					1	3,33%					1	3,33%	2	6,66%
Cromotopônimos	1	3,33%											1	3,33%
Geomorfotopônimos	1	3,33%											1	3,33%
Hidrotopônimos	1	3,33%									1	3,33%	2	6,66%
Meteorotopônimos											1	3,33%	1	3,33%
Natureza antropocultural														
Cronotopônimos	1	3,33%					1	3,33%					2	6,66%
Hagiotopônimos	1	3,33%											1	3,33%
Animotopônimos Eufóricos			1	3,33%	1	3,33%			1	3,33%	3	10%	6	19,99%
Antropotopônimos	2	6,66%			1	3,33%					1	3,33%	4	13,32%
Corotopônimos	1	3,33%	1	3,33%	1	3,33%	1	3,33%	1	3,33%	1	3,33%	6	19,99%
Total	9	30%	3	10%	5	16,65%	2	6,66%	2	6,66%	9	30%	30	100%

Fonte: Elaboração da autora.

No que se refere à natureza física, a Tabela 11 mostra uma concentração de 11 topônimos, o que representa 36,66% do total analisado. Dentro dessa categoria, os fitotopônimos, que remetem a elementos da flora, são os mais frequentes, com 4 ocorrências distribuídas em Auroa do Pará, Ipixuna e Ulianópolis, perfazendo 13,32% da amostra total. Essa prevalência aponta para a valorização de aspectos vegetais no processo de nomeação dos acidentes urbanos. Os hidrotopônimos e os litotopônimos aparecem em segundo lugar nessa categoria, com 2 ocorrências cada, correspondendo a 6,66% do total. Essa presença indica que a água e os corpos hídricos, bem como o relevo e as formações geológicas exercem papel expressivo na memória toponímica urbana da região.

⁵⁹ Não foram identificadas no *corpus* as seguintes taxes: *mitotopônimos*, *axiotopônimos*, *astrotopônimos*, *cardinotopônimos*, *dimensiotopônimos*, *morfotopônimos*, *zootopônimos*, *animotopônimos*, *disfóricos*, *ecotopônimos*, *ergotopônimos*, *etnotopônimos*, *dirrematotopônimos*, *hierotopônimos*, *históriotopônimos*, *hodotopônimos*, *numerotopônimos*, *poliotopônimos*, *sociotopônimos*, *somatotopônimos*.

⁶⁰ Auroa do Pará

⁶¹ Dom Eliseu

⁶² Ipixuna

⁶³ Mãe do Rio

⁶⁴ Paragominas

⁶⁵ Ulianópolis

As categorias geomorfotopônimos e meteorotopônimos possuem uma ocorrência cada (em Aurora do Pará e Ulianópolis, respectivamente), representando individualmente 3,33% dos registros. Essas ocorrências, embora pontuais, indicam que aspectos como relevo (vila *Monte Alegre*) e fenômenos meteorológicos (vila *Arco-Íris*) também servem de base para a nomeação de espaços urbanos na região.

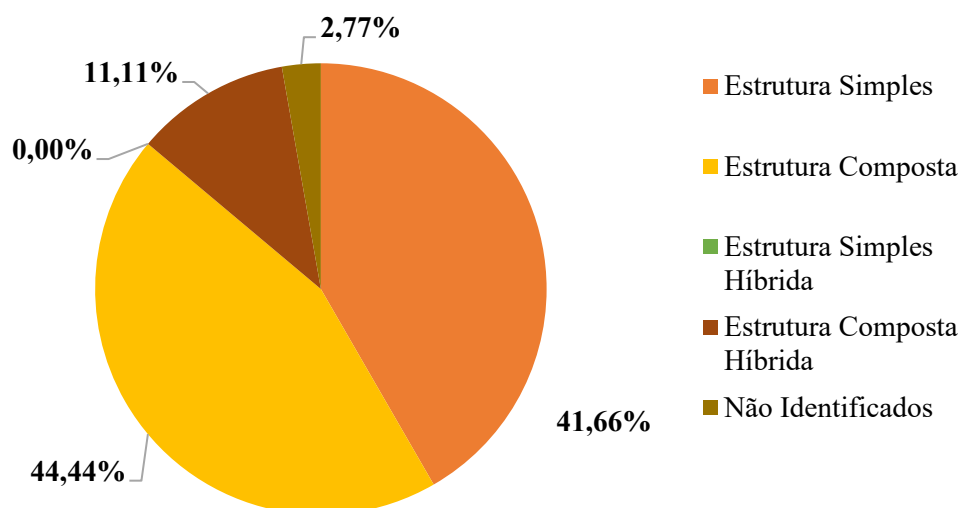
Os topônimos de natureza antropocultural, por sua vez, reúnem 19 registros, o que corresponde a 63,33% da amostra. Os grupos mais frequentes dentro dessa categoria são os animotopônimos eufóricos e os corotopônimos, com 6 registros cada (20,0%), distribuídos entre Aurora do Pará, Dom Eliseu, Ipixuna, Mãe do Rio, Paragominas e Ulianópolis (ex.: distrito *Mãe do Rio*, distrito *Dom Eliseu*, vila *Bom Sossego*, vila *União*, vila *do Amor*). Em seguida, destacam-se os antropotopônimos, associados a nomes de pessoas, com 4 ocorrências, localizadas nos municípios de Aurora do Pará, Ipixuna e Ulianópolis, o que equivale a 13,33% do total (ex.: vila *Fátima*, vila *Oliveira*, agrovila *Kawana*).

Os cronotopônimos, que relacionam o nome do espaço a períodos temporais, apresentam 2 ocorrências, localizadas em Aurora do Pará e Mãe do Rio, correspondendo a 6,66% (ex.: vila *Nova*). Os hagiotopônimos aparecem com 1 ocorrência no município de Mãe do Rio, representando 3,33% da amostra, o que aponta para a influência religiosa na nomeação dos acidentes locais, relacionada à devoção popular e à tradição cristã presente na formação histórica da região.

A análise geral dos dados considerados nesta subseção revela o predomínio de topônimos de natureza antropocultural, o que evidencia a importante presença da ação humana, da cultura e da memória coletiva no processo de nomeação dos acidentes humanos da região. As diferentes categorias apontam que a nomeação dos lugares não se dá apenas pela observação da paisagem física, mas também pela incorporação de elementos da cultura religiosa e material. A presença de topônimos relacionados a animais e a nomes de pessoas demonstra que o espaço urbano não é apenas vivido, mas também interpretado e ressignificado pelas comunidades locais. Diante disso, a toponímia da região imediata de Paragominas/PA se mostra como um reflexo das relações sociais, dos referenciais identitários e da maneira como os habitantes constroem e preservam a memória do território.

O Gráfico 22 a seguir apresenta a frequência de topônimos classificados quanto às seguintes estruturas linguísticas: simples, composta, simples híbrida, composta híbrida e não identificados.

Gráfico 22 - Frequência dos topônimos da região imediata de Paragominas/PA quanto à estrutura morfológica



Fonte: Elaboração da autora.

O Gráfico 22 evidencia que 41,66% dos topônimos da região imediata de Paragominas/PA possuem estrutura simples (ex.: vila *Cajueiro*, vila *Repartimento*, vila *União*, vila *Oliveira*), o que confirma a predominância desse tipo de formação linguística na toponímia local. Trata-se de uma configuração composta por um único elemento lexical, o que demonstra a preferência por formas mais diretas e objetivas na nomeação dos lugares. Essa prática está associada a contextos nos quais prevalece a oralidade, sendo comum em comunidades que atribuem nomes baseados em aspectos visíveis da paisagem, em usos cotidianos do espaço ou em referências culturais enraizadas na vivência local.

Na sequência figuram as estruturas compostas, representando 44,44% dos topônimos (ex.: vila *Bom Sossego*, Agrovila *Minas Pará*, distrito *Mãe do Rio*, vila *Água Branca*). A presença considerável desse tipo de estrutura indica uma variação na forma de nomear os espaços, recorrendo à combinação de dois ou mais elementos que, juntos, oferecem uma descrição mais detalhada ou qualificativa do lugar nomeado. Essa prática é interpretada como uma forma de distinguir geograficamente os espaços com mais precisão, incorporando aspectos históricos, simbólicos e sociais na toponímia local. A diferença em relação à estrutura simples está não apenas na funcionalidade do nome, mas

também na intenção de reforçar a identidade e a memória na designação dos espaços locais.

Na toponímia analisada, não foram registradas ocorrências de estruturas simples híbridas. Em contrapartida, os topônimos com estrutura composta híbrida correspondem a 11,11% do total, exemplificados por Distrito *Aurora do Pará* (LP + LT) e Agrovila *Floresta Gurupi Um* (LP + LT + LP). Embora estejam presentes em proporção reduzida, essas formações revelam vestígios do contato linguístico entre línguas distintas, especialmente o português e o tupi. Tais ocorrências resultam de processos históricos marcados pela colonização, pelos deslocamentos populacionais e pela convivência entre povos indígenas e não indígenas. A presença de topônimos híbridos aponta para uma dinâmica toponímica na qual diferentes matrizes linguísticas se entrelaçam, dando origem a nomes de lugares que preservam traços das línguas originárias mesmo quando adaptados à estrutura do português. Do total de topônimos, 2,77% não tiveram sua estrutura identificada.

Em síntese, a análise da estrutura linguística dos topônimos da região de Paragominas/PA revela uma realidade toponímica marcada pela presença de elementos simples e compostos, construídos tanto em português quanto em tupi. A predominância das estruturas simples reflete uma prática de nomeação direta e objetiva, ao passo que as estruturas compostas e as estruturas híbridas evidenciam processos culturais e históricos mais amplos, nos quais se manifestam a mistura de línguas e a preservação de elementos identitários vinculados à história e à cultura locais.

Em seguida, procede-se à análise dos topônimos que denominam os acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Castanhal, Pará.

5.6 Análise dos topônimos dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Castanhal/PA

A Tabela 12, na sequência, reúne o quantitativo de topônimos dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Castanhal/PA, classificados segundo sua natureza – física, antropológica e não identificada. Ao todo, foram identificados 130 topônimos, distribuídos entre 14 municípios.

Tabela 12 – Quantitativo de topônimos dos municípios da região imediata de Castanhal/PA quanto à natureza dos nomes

Municípios	Natureza física		Natureza antropocultural		Não identificados		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Castanhal	5	3,84%	8	6,15%	0		13	10%
Curuçá	2	1,53%	5	3,84%	1	0,76%	8	6,13%
Santa Maria do Pará	7	5,38%	9	6,92%	0		16	12,3%
São Domingos do Capim	1	0,76%	4	3,07%	0		5	3,83%
São Francisco do Pará	1	0,76%	3	2,30%	0		4	3,06%
São João da Ponta	1	0,76%	2	1,53%	0		3	2,29%
São Miguel do Guamá	7	5,38%	8	6,15%	0		15	11,53%
Terra Alta	1	0,76%	0		0		1	0,76%
Igarapé Açu	8	6,15%	5	3,84%	0		13	10%
Inhangapi	3	2,30%	5	3,84%	1	0,76%	9	7%
Irituia	1	0,76%	9	6,92%	0		10	7,68%
Magalhães Barata	1	0,76%	7	5,38%	0		8	6,14%
Maracanã	6	4,61%	12	9,23%	1	0,76%	19	14,6%
Marapanim	2	1,53%	2	1,53%	2	1,53%	6	4,60%
Total	46	35,28%	79	60,70%	5	3,81%	130	100%

Fonte: Elaboração da autora

De acordo com a Tabela 12, a distribuição dos 130 topônimos evidencia uma clara predominância dos nomes de natureza antropocultural, que totalizam 79 ocorrências (60,70%). Essa concentração reflete a influência da presença humana na nomeação dos espaços urbanos, com topônimos que evocam elementos históricos, religiosos, políticos, culturais e afetivos, como agrovila *Castelo Branco*, Vila *Espirito Santo*, vila *Bom Jesus*, distrito *Inhangapi*, Vila *Boa Vista*. A escolha de nomes que remetem à memória coletiva contribui para a fixação de identidades sociais no território.

Os topônimos de natureza física somam 46 ocorrências (35,28%), o que demonstra que, embora a região em análise se concentre em acidentes humanos urbanos, os aspectos naturais ainda desempenham um papel considerável na toponímia. A fauna

(distrito *Caripi*, vila *Jundia*), a flora (vila *do Curi*, vila *Mangueira*), os rios (distrito *Igarapé-Açu*, vila *Cabeceira*) o relevo e outros elementos geográficos (vila *Beira Mar*, agrovila *da Campina*) continuam presentes no imaginário local, influenciando a forma como se nomeiam distritos, bairros e localidades. O montante de topônimos cuja natureza linguística não foi identificada (5 ocorrências/3,81%), indica limitações na documentação ou na memória coletiva acerca da origem de certos nomes. Esses casos ocorrem nos municípios de Curuçá, Inhangapi, Maracanã e Marapanim, e evidenciam a necessidade de um registro sistemático desses nomes em fontes confiáveis, com o objetivo de recuperar ou esclarecer as motivações toponímicas cuja origem ainda é de difícil localização nos registros existentes.

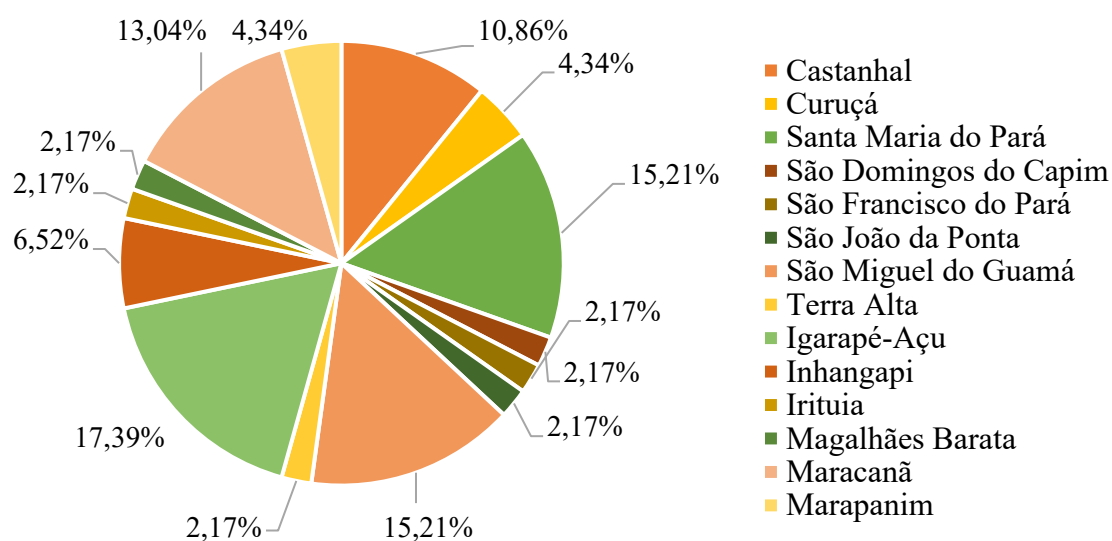
Dentre os municípios, Maracanã se destaca com o maior número absoluto de topônimos (19 no total), sendo 12 de natureza antropocultural (9,23%), 6 de natureza física (4,61%) e 1 não identificado (0,76%). A variedade indica uma rica interação entre cultura e meio natural na construção toponímica do município (ex.: vila *Bacuri*, vila *Tamatateua*, vila *Serraria*). Santa Maria do Pará, por sua vez, ocupa o segundo lugar com 16 topônimos, também com predominância de topônimos de cunho antropocultural (6,92%) (ex.: vila *Nova*, vila *Anapolina*, vila *de São Silvério*), seguido por São Miguel do Guamá, com 15 registros, sendo quase igualmente divididos entre topônimos de natureza física (ex.: vila *Tatuaia*, vila *Bacabal*, vila *Urucuriteua*) e topônimos de natureza antropocultural (ex.: vila *dos Irmãos*, vila *Menino Deus*, vila *São Jorge*). Castanhal e Igarapé-Açu, com 13 topônimos cada, evidenciam equilíbrio entre as duas categorias predominantes, com ausência de casos não identificados, o que indica um maior registro e sistematização dessas informações nos contextos locais (ex.: Agrovila *Pacuquara*, Agrovila *Iracema*, vila *do Curi*, Agrovila *do Pantoja*).

Por outro lado, municípios como Terra Alta (com apenas um topônimo, de natureza física, sendo ele: distrito *Terra Alta*) e São João da Ponta (com um topônimo de natureza física, vila *Mangueira*) e dois topônimos de natureza antropocultural (vila *Nova*, distrito *São João da Ponta*) apresentam baixo quantitativo, o que pode ser resultado de uma delimitação urbana mais restrita, densidade populacional ou simplesmente da escassez de registros sistematizados. A expressiva quantidade de topônimos de cunho antropocultural em municípios como Irituia (9 de 10) e Magalhães Barata (7 de 8) revela como o componente social, religioso e histórico está fortemente presente em localidades de menor porte.

A análise da Tabela evidencia ainda que a toponímia urbana da região imediata de Castanhal é moldada por fatores humanos, sem, contudo, desprezar as referências ao meio natural. Essa coexistência de topônimos de natureza física e topônimos de natureza antropocultural reflete a forma como as comunidades urbanas amazônicas integram paisagem e memória na construção do território. A baixa incidência de topônimos não identificados destaca a clareza e a consistência do material coletado, evidenciando a precisão e a qualidade das informações obtidas e sistematizadas durante a pesquisa. Assim, o estudo dos topônimos desta região contribui de forma relevante para a compreensão das relações entre linguagem, território, história e cultura no nordeste paraense.

O Gráfico 23, a seguir, evidencia em termos percentuais a distribuição proporcional dos topônimos de natureza física nos quatorze municípios que integram a região imediata de Castanhal/PA.

Gráfico 23 – Frequência dos topônimos de natureza física da região imediata de Castanhal/PA



Fonte: Elaboração da autora.

O Gráfico 23 traz a distribuição percentual dos topônimos de natureza física na região imediata de Castanhal, no Pará, permitindo observar a frequência com que elementos naturais da paisagem foram nomeados nos diferentes municípios que compõem essa região. O município com maior concentração de topônimos de natureza física é Igarapé-Açu, com 17,39% do total (ex.: vila *do Seringal*, vila *Tapia*, vila *Caju*, vila *Mangueira*). Essa expressiva presença está relacionada à própria origem do nome do

município, que remete diretamente a um curso d'água, e à abundância de recursos hídricos na localidade, o que influencia tanto a dinâmica territorial quanto os processos de nomeação. Em seguida, aparecem Santa Maria do Pará e São Miguel do Guamá, ambos com 15,21% (ex.: vila *Taciateua*, vila *Apuí*, vila *Tatuaia*, vila *Bacabal*). A elevada presença de topônimos ligados a acidentes naturais nesses municípios decorre da relação das comunidades locais com o ambiente natural, sobretudo rios e igarapés, que exercem papel central na organização do espaço e na constituição das referências geográficas e culturais.

O município de Maracanã, com 13,04% (ex.: vila *Bacuri*, vila *Beira Mar*, vila *Tamatateua*, vila *Tatuteua*), também evidencia proporção elevada de topônimos de natureza física, o que pode ser explicado por sua localização litorânea (que integra a zona costeira paraense) e pela influência de ecossistemas como manguezais, estuários e áreas de várzea. Esses elementos da paisagem, além de sua importância ecológica, têm impacto direto na delimitação territorial e no uso coletivo dos espaços, contribuindo para a construção da memória toponímica local. Castanhal, com 10,86%, embora apresente um grau mais elevado de urbanização em comparação aos demais, ainda conserva um número relevante de topônimos associados à natureza, demonstrando que, mesmo em áreas mais urbanizadas, elementos físicos continuam desempenhando função referencial (ex.: agrovila *Itaqui*, agrovila *Bacabal*).

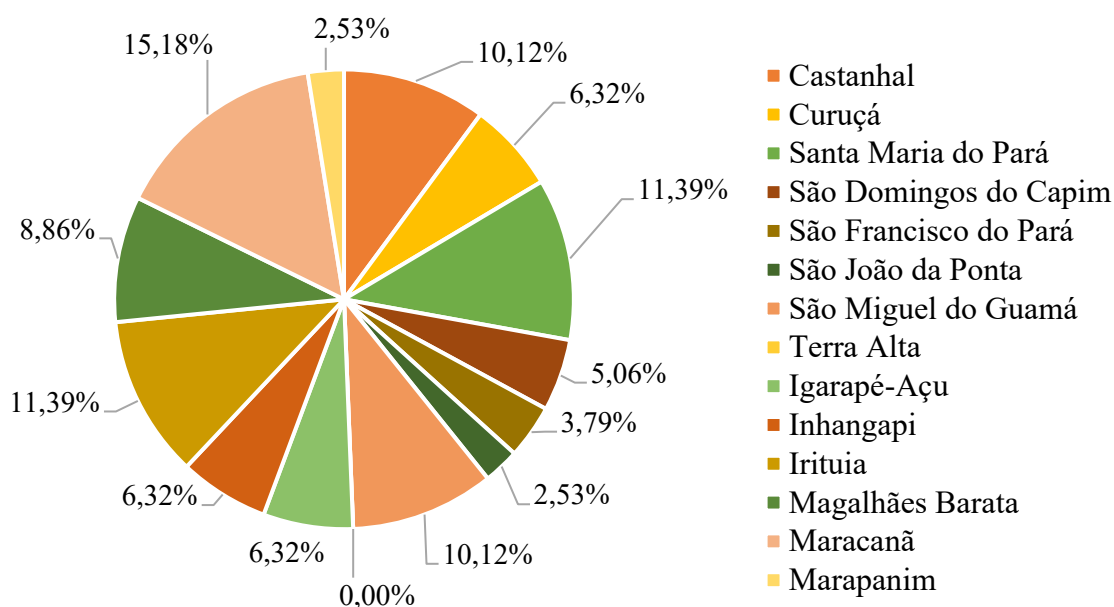
Por sua vez, Inhangapi registra 6,52% dos topônimos de natureza física da região, ocupando uma posição intermediária, provavelmente em virtude da coexistência de áreas naturais preservadas e zonas de expansão urbana. Já Curuçá e Marapanim, ambos com 4,34%, refletem uma menor, mas ainda presente, relação com os elementos naturais da paisagem, sobretudo por serem municípios com influência litorânea e estuarina. Na base da distribuição aparecem os municípios de São Domingos do Capim, São Francisco do Pará, São João da Ponta, Terra Alta, Irituia e Magalhães Barata, todos com 2,17%. A baixa proporção de topônimos de natureza física nesses territórios pode estar relacionada, por um lado, à predominância de nomes associados a aspectos humanos, históricos ou religiosos e, por outro, à possível ausência de acidentes geográficos expressivos que justificassem processos formais de nomeação.

De modo geral, o Gráfico 23 evidencia que a toponímia de natureza física não está uniformemente distribuída entre os municípios da região imediata de Castanhal. A maior ou menor incidência desses topônimos reflete a importância do meio ambiente na vivência das comunidades locais, bem como o papel dos elementos naturais na

organização espacial e na atribuição de nomes aos lugares. Ao destacar a presença de cursos d'água, relevos e vegetações nos nomes geográficos, a toponímia configura-se como registro concreto da forma como os habitantes se orientam, se apropriam e atribuem sentido ao espaço em que vivem.

A seguir, o Gráfico 24 traz a distribuição percentual dos topônimos de natureza antropocultural na região imediata de Castanhal/PA, evidenciando a relevância dos aspectos humanos, históricos e culturais no processo de nomeação dos acidentes humanos urbanos.

Gráfico 24 – Frequência dos topônimos de natureza antropocultural da região imediata de Castanhal/PA



Fonte: Elaboração da autora.

A comparação entre os dados dos Gráficos 24 e 23 permite uma compreensão mais ampla sobre o processo de nomeação na região imediata de Castanhal. A análise conjunta revela que essa dinâmica toponímica não se restringe a aspectos naturais do território, mas também abrange elementos culturais, históricos e humanos (ex.: *agrovila Castelo Branco*, *agrovila do Padre João Batista*, *vila Serraria*). Dessa forma, os nomes atribuídos aos lugares refletem a interação entre a geografia física e as experiências sociais que moldam a identidade e a memória coletiva da região.

Já o município de Maracanã lidera com 15,18% dos topônimos de natureza antropocultural da região, o que reforça sua relevância enquanto território que preserva elementos culturais e históricos na construção da paisagem nomeada (ex.: *vila do Apeú*,

vila *do Moca*, distrito *São Roberto*). Em sequência, aparecem Santa Maria do Pará e Irituia, ambos com 11,39%, e Castanhal e São Miguel do Guamá, com 10,12% cada. Esses percentuais indicam que, nesses municípios, há uma forte presença de nomes que remetem a figuras humanas (ex.: Vila *Silva*, vila *do Carmo*, agrovila *Iracema*), aspectos religiosos (ex.: vila *Espírito Santo*, vila *de São João de Abade*, vila *de São Silvério*), sentimentos e perspectivas locais (ex.: vila *Bom Intento*, agrovila *Boa Esperança*), revelando uma intensa produção toponímica relacionada à cultura e à memória coletiva.

Magalhães Barata, com 8,86%, e Curuçá, Igarapé-Açu e Inhangapi, todos com 6,32%, mantêm proporções intermediárias, o que indica uma coexistência entre nomes de natureza física e antropocultural. Já São Domingos do Capim (5,06%), São Francisco do Pará (3,79%), São João da Ponta e Marapanim (ambos com 2,53%) apresentam presença mais discreta de topônimos dessa natureza. Por fim, o município de Terra Alta não apresentou registros de topônimos de cunho antropocultural na amostra analisada.

Ao comparar os dados dos dois gráficos – topônimos de natureza física e topônimos de natureza antropocultural –, é possível perceber que há municípios com distribuição mais equilibrada, como Castanhal, Santa Maria do Pará, Irituia e São Miguel do Guamá, que apresentam valores expressivos em ambas as categorias. Essa coexistência aponta para uma dinâmica toponímica que reflete tanto os aspectos naturais quanto os culturais da região. Por outro lado, municípios como Igarapé-Açu, com forte presença de topônimos de natureza física (17,39%) e menor expressão nos antropoculturais (6,32%), revelam uma relação mais direta com o meio ambiente em seus processos de nomeação.

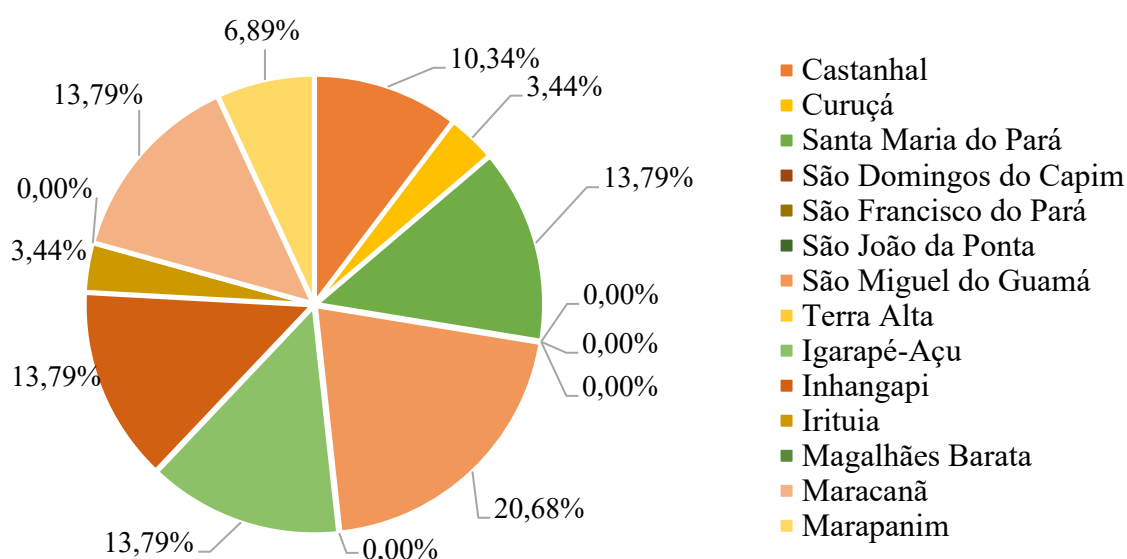
Já Maracanã, que apresenta altos índices em ambas as categorias (13,04% de topônimos de natureza física e 15,18% de topônimos de natureza antropocultural), desponta como um território de densidade toponímica elevada, resultado da variedade de elementos geográficos e socioculturais presentes em seu espaço. Em contraste, Terra Alta, que não registrou topônimos de natureza antropocultural e apresentou apenas 2,17% de topônimos de natureza física, revela uma escassez toponímica na amostra analisada, reflexo da menor formalização dos nomes locais ou da predominância de referências mais homogêneas.

Em síntese, o Gráfico 24 revela a complexidade do processo de nomeação dos lugares na região imediata de Castanhal, onde aspectos físicos e antropoculturais se entrelaçam de forma variável, refletindo as particularidades históricas, sociais, ambientais e culturais de cada município. A análise dos topônimos de natureza antropocultural, em

especial, permite compreender como a identidade local, a memória coletiva e os vínculos sociais se manifestam através da linguagem e da geografia nomeada.

O Gráfico 25, abaixo, apresenta a distribuição percentual dos topônimos de origem Tupi entre os municípios que compõem a região imediata de Castanhal/Pará.

Gráfico 25 - Frequência dos topônimos de base Tupi na região imediata de Castanhal/PA



Fonte: Elaboração da autora.

O Gráfico 25 traz dados sobre a frequência de topônimos de base indígena na região imediata de Castanhal/PA, permitindo uma compreensão mais detalhada sobre a presença das línguas originárias na nomeação dos lugares. Os dados revelam uma distribuição desigual entre os municípios, com destaque para São Miguel do Guamá, que concentra o maior percentual (20,68%), seguido por Santa Maria do Pará, Igarapé-Açu, Inhangapi e Maracanã, cada um com 13,79%. Esses números indicam que, nesses territórios, há forte permanência de marcas linguísticas indígenas na toponímia, traduzindo, dessa forma, aspectos da memória histórica de ocupações indígenas, a influência dos rios e da geografia regional, além da resistência de comunidades e traços culturais vinculados a essas origens. Exemplos: vila *Taciateua*, vila *do Jeju*, vila *Urucuriteua*, vila *Bacuri*, vila *Jundia*.

O exame desses últimos topônimos mencionados aponta para elementos lexicais que remetem diretamente às línguas indígenas, sobretudo da família tupi. Terminações como "-teua", presente em *Taciateua* e *Urucuriteua*, são frequentes em áreas costeiras ou

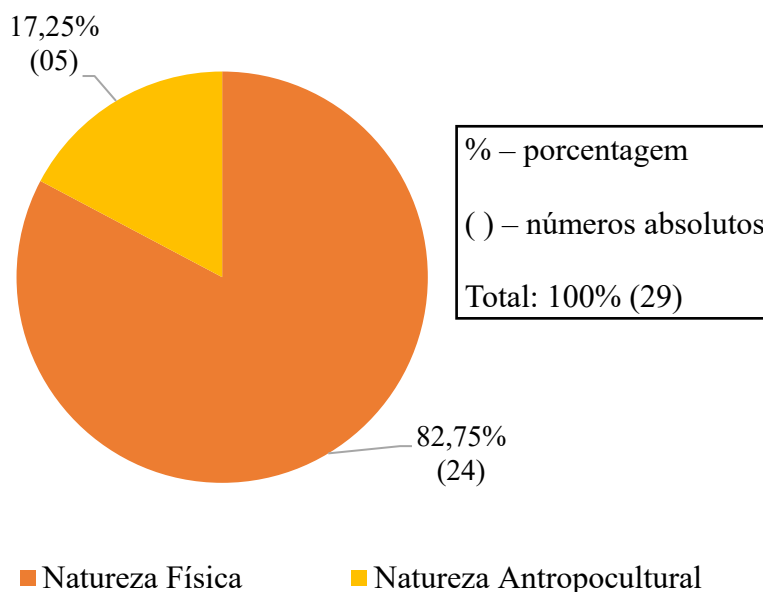
ribeirinhas do Pará e geralmente estão associadas à ideia de lugar ou território, o que revela uma lógica toponímica indígena de associação entre espaço e natureza. Topônimos como Jeju e Jundia aludem à fauna local – o primeiro podendo referir-se a uma variedade de peixe e o segundo ao peixe jundiá, muito comum em rios amazônicos. Bacuri, por sua vez, faz referência a uma fruta nativa da região, valorizada tanto pela alimentação quanto pela cultura popular. Essas nomeações, portanto, não apenas perpetuam a presença indígena, mas também evidenciam uma forma própria de perceber e nomear o espaço, vinculada aos elementos naturais e à ancestralidade cultural da região.

Na sequência, Castanhal aparece com 10,34%, o que demonstra também uma presença expressiva de topônimos de origem indígena, embora em menor grau. Marapanim (6,89%), Curuçá e Irituia (ambos com 3,44%) apresentam uma frequência mais discreta, mas ainda assim evidenciam algum grau de incorporação de termos indígenas no processo de nomeação. Já os municípios de São Domingos do Capim, São Francisco do Pará, São João da Ponta, Terra Alta e Magalhães Barata não registram topônimos indígenas na amostra analisada, o que demonstra maior predominância de referências de matriz portuguesa ligadas à história colonial.

A ausência ou presença dessas denominações não deve ser compreendida como um dado isolado, mas em conexão com os contextos históricos de ocupação e deslocamento populacional, bem como com o grau de permanência de comunidades indígenas em determinadas áreas. Além disso, a toponímia de base indígena revela, muitas vezes, um vínculo direto com a paisagem natural, com destaque para nomes associados a rios, igarapés e outros elementos do relevo e da hidrografia local. Assim, o gráfico reforça a importância da base indígena como componente estruturante da toponímia regional, especialmente nos municípios onde ela se mantém mais presente, dando mostras da complexa articulação entre território, cultura e memória.

O Gráfico 26, seguidamente, apresenta a distribuição dos topônimos de origem indígena da região imediata de Castanhal/PA, classificados segundo a natureza da motivação toponímica.

Gráfico 26 – Frequência dos topônimos de origem Tupi com base na natureza da motivação toponímica



Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se pelos dados do Gráfico 26 revela que a maioria expressiva dos topônimos de origem indígena na região imediata de Castanhal/PA (82,75%) está associada a elementos da natureza física, enquanto apenas 17,25% remetem a aspectos de natureza antropocultural. Essa distribuição evidencia uma tendência clara na motivação semântica dessas denominações, marcada pela relação entre os povos originários e o meio natural.

A predominância de nomes vinculados à natureza física reforça a centralidade da paisagem nas práticas de nomeação indígena, com destaque para elementos como relevo, animais e plantas (ex.: vila *do Jari*, agrovila *Itaqui*, vila *Tapia*, vila *Tatuteua*, vila *Apui*, distrito *Urucuri*). Esses topônimos refletem uma leitura sensível e cotidiana do território, construída a partir da observação direta e da interação com o ambiente. Tal padrão demonstra que, para além da função identificadora, os nomes indígenas carregam descrições do espaço e modos específicos de ocupação e pertencimento.

Esse padrão também dialoga com os dados do Gráfico 25, que detalhou a distribuição dos topônimos indígenas por município. Nas localidades com maior incidência desses nomes – como São Miguel do Guamá, Maracanã, Igarapé-Açu e Inhangapi – é possível reconhecer a influência direta do ambiente natural na escolha das denominações. A prevalência da motivação física reforça o papel central da geografia na toponímia indígena, refletindo práticas ancestrais de ocupação e leitura do território, nas

quais o nome não apenas identifica um lugar, mas o descreve, interpreta e o integra à vivência comunitária.

Por outro lado, o menor quantitativo de motivações antropoculturais (17,25%) aponta para a presença mais discreta de nomes relacionados a atividades humanas, construções sociais e referências míticas (ex.: distrito *Inhangapi*, distrito *Matapiquara*, vila *Murateua*). Ainda que menos frequentes, esses topônimos não deixam de ser relevantes, pois guardam registros de narrativas, figuras históricas e aspectos culturais específicos das comunidades indígenas. Eles representam, portanto, outra dimensão da memória toponímica, em que o espaço é ressignificado não apenas pelas características naturais, mas também pelos modos de vida, crenças e estruturas sociais.

A Tabela 13, a seguir, traz a frequência das taxas de natureza física e antropocultural na toponímia dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia da região imediata de Castanhal, no estado do Pará, conforme a classificação proposta por Dick (1992). Os dados estão organizados por município e expressos em valores absolutos e relativos (%), totalizando 130 topônimos analisados. A distribuição contempla uma variedade de categorias taxonômicas, permitindo identificar padrões de nomeação relacionados a aspectos naturais, sociais, históricos e culturais nos diferentes contextos municipais que integram a região.

Tabela 13– Frequência das taxas de natureza física e antropocultural (Dick, 1992) na macrotoponímia dos acidentes humanos urbanos da região imediata de Castanhal/PA (continua)

TAXONOMIAS	OCORRÊNCIAS	
	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS (%)
CASTANHAL	13	10,0%
Geomorfortopônimos	1	0,76%
Fitotopônimos	2	1,53%
Litotopônimos	1	0,76%
Ecotopônimos	2	1,53%
Animotopônimos Eufóricos	2	1,53%
Axiotopônimos	1	0,76%
Antropotopônimos	1	0,76%
Hagiotopônimos	1	0,76%
Hodotopônimos	1	0,76%
Hierotopônimos	1	0,76%
CURUÇÁ	8	6,15%
Fitotopônimos	1	0,76%
Antropotopônimos	1	0,76%
Corotopônimos	1	0,76%

Animotopônimos Eufóricos	2	1,53%
Hagiotopônimos	1	0,76%
Geomorfotopônimos	1	0,76%
Não Identificados	1	0,76%
SANTA MARIA DO PARÁ	16	12,30%
Fitotopônimos	2	1,53%
Cronotopônimos	1	0,76%
Zootopônimos	4	3,07%
Antropotopônimos	3	2,30%
Hagiotopônimos	2	1,53%
Corotopônimos	1	0,76%
Animotopônimos Eufóricos	1	0,76%
Numerotopônimos	1	0,76%
Geomorfotopônimos	1	0,76%
SÃO DOMINGOS DO CAPIM	5	3,84%
Hodotopônimos	1	0,76%
Zootopônimos	1	0,76%
Hierotopônimos	1	0,76%
Corotopônimos	1	0,76%
Antropotopônimos	1	0,76%
SÃO FRANCISCO DO PARÁ	4	3,07%
Morfotopônimos	1	0,76%
Cronotopônimos	1	0,76%
Hagiotopônimos	1	0,76%
Corotopônimos	1	0,76%
SÃO JOÃO DA PONTA	3	2,30%
Fitotopônimos	1	0,76%
Cronotopônimos	1	0,76%
Corotopônimos	1	0,76%
SÃO MIGUEL DO GUAMÁ	15	11,53%
Zootopônimos	1	0,76%
Sociotopônimos	1	0,76%
Fitotopônimos	5	3,84%
Históriotopônimos	1	0,76%
Antropotopônimos	2	1,53%
Hidrotopônimos	1	0,76%
Hierotopônimos	1	0,76%
Hagiotopônimos	1	0,76%
Corotopônimos	1	0,76%
Parentistopônimos	1	0,76%
TERRA ALTA	1	0,76%
Corotopônimos	1	0,76%
IGARAPÉ AÇU	13	10,0%
Fitotopônimos	6	4,61%
Zootopônimos	1	0,76%
Sociotopônimos	1	0,76%
Hagiotopônimos	1	0,76%

Corotopônimos	1	0,76%
Antropotopônimos	2	1,53%
Animotopônimos Eufóricos	1	0,76%
INHANGAPI	9	6,92%
Fitotopônimos	2	1,53%
Animotopônimos Eufóricos	1	0,76%
Corotopônimos	1	0,76%
Zootopônimos	1	0,76%
Sociotopônimos	3	2,30%
Não Identificados	1	0,76%
IRITUIA	10	10,0%
Corotopônimos	2	1,53%
Hagiotopônimos	3	2,30%
Antropotopônimos	5	3,84%
MAGALHÃES BARATA	8	6,15%
Numerotopônimos	1	0,76%
Fitotopônimos	1	0,76%
Cronotopônimos	1	0,76%
Sociotopônimos	1	0,76%
Corotopônimos	1	0,76%
Antropotopônimos	2	1,53%
Animotopônimos Disfóricos	1	0,76%
MARACANÃ	19	14,61%
Fitotopônimos	1	0,76%
Geomorfotopônimos	1	0,76%
Sociotopônimos	2	1,53%
Dimensiotopônimos	1	0,76%
Zootopônimos	2	1,53%
Corotopônimos	1	0,76%
Antropotopônimos	4	3,07%
Hagiotopônimos	2	1,53%
Hodotopônimos	1	0,76%
Animotopônimos Eufóricos	3	2,30%
Não Identificados	1	0,76%
MARAPANIM	6	4,61%
Corotopônimos	1	0,76%
Geomorfotopônimos	1	0,76%
Antropotopônimos	1	0,76%
Ergotopônimos	1	0,76%
Não Identificados	2	1,53%
TOTAL	130	100%

Fonte: Elaboração da autora.

A Tabela 13 traz a distribuição quantitativa e percentual dos topônimos que nomeiam localidades da região imediata de Castanhal/PA, classificados segundo as taxonomias de natureza física e antropocultural propostas por Dick (1992). Com um total

de 130 ocorrências, a Tabela evidencia a diversidade de motivações semânticas envolvidas na nomeação dos acidentes humanos urbanos da macrotoponímia dessa região, permitindo uma análise criteriosa dos padrões de nomeação utilizados nos municípios que a compõem.

O município com maior número de ocorrências é Maracanã, com 19 topônimos (14,61% do total), revelando um panorama toponímico particularmente variado. Nele, observam-se registros das mais distintas categorias, como antropotopônimos (*vila do Moca*, *vila do Mota*, *vila da Penha*), zootopônimos (*vila Tamatateua*, *vila Tatuteua*, distrito *Maracanã*), sociotopônimos (*vila Serraria*, *vila Passagem*), animotopônimos eufóricos (*vila União*), entre outras. Essa diversidade indica uma importante presença da cultura humana, da fauna e da religiosidade no processo de nomeação.

Santa Maria do Pará também se destaca, com 16 ocorrências (12,30%), sendo notável na toponímia a presença de zootopônimos (*vila Taciateua*, *vila Bem-te-vi*, *vila do Jeju*), antropotopônimos (*vila Anapolina*, *vila Silva*, *vila do Zé Abrel*) e hagiotoopônimos (*vila do São João*, *vila de São Silvério*, distrito *Santa Maria do Pará*), o que revela um equilíbrio entre elementos da fauna, da dimensão humana e da tradição religiosa. Em seguida, aparecem São Miguel do Guamá (15 ocorrências; 11,53%), Castanhal e Igarapé-Açu, ambos com 13 topônimos (10%) e Irituia, com 10 registros (10%). Em todos esses municípios há concentração de fitotopônimos (agrovila *Bacabal*, *vila do Seringal*, *vila Tapia*, *vila Urucuriteua*), zootopônimos (distrito *Caripi*, *vila Tatuiaia*), antropotopônimos (*vila Cezário*, *vila do Pantoja*, *vila Celeste*) e hagiotoopônimos (*vila São Lourenço*, *vila São Luís do Caripi*, *vila São Jorge*), o que indica um predomínio de motivações baseadas na vegetação local, na presença humana e na religião.

A ocorrência de fitotopônimos é relevante em toda a região, somando 22 registros, com destaque para Igarapé-Açu, que apresenta o maior número (6) – *vila do Seringal*, *vila Tapia*, *vila Caju*, *vila Mangueira*, *vila Cupu*, *vila do Curi*. Esse dado revela a vinculação entre os nomes urbanos e os elementos da vegetação local. Por sua vez, os antropotopônimos totalizam 24, sendo Irituia o município com maior concentração (5) – *vila do Bangu*, *vila Godecio*, *vila Conceição*, *vila Betânia*, *vila Sião-*, o que ressalta o papel da memória coletiva e das figuras humanas – como líderes, fundadores ou comunidades – na escolha dos topônimos.

Outra categoria de destaque são os corotopônimos, com 14 ocorrências (10,76%), distribuídos entre os municípios de Curuçá, Santa Maria do Pará, São Domingos do Capim, São Francisco do Pará, São João da Ponta, São Miguel do Guamá, Terra Alta,

Igarapé-Açu, Inhangapi, Magalhães Barata, Maracanã e Marapanim. Essa categoria abrange topônimos formados a partir de outros nomes de lugares, evidenciando vínculos geográficos, históricos e identitários entre as localidades.

Exemplos como distrito *Curuçá*, distrito *Inhangapi*, distrito *Marapanim* e distrito *Irituia* ilustram esse processo de nomeação, no qual o topônimo faz referência a um núcleo urbano ou região de origem, reforçando relações de pertencimento e continuidade territorial.

Embora menos recorrentes, outras categorias toponímicas também se fazem presentes e contribuem para enriquecer o panorama toponímico da região, evidenciando a diversidade de motivações que orientam a nomeação dos espaços urbanos. Entre elas, destacam-se os hagiotoponimos (12 ocorrências), como *vila São Jorge*, *vila de São Silvério*, *vila Santa Rosa* e *vila Santa Ana do Jaguará*; os zootopônimos (12 ocorrências), exemplificados por *vila Tamatateua*, *distrito Maracanã* e *vila Tatuteua*; e os animotopônimos eufóricos (11 ocorrências), como *vila Boa Vista*, *vila Livramento* e *vila União*.

Além desses, observam-se os sociotopônimos (8 ocorrências), representados por *vila Rocinha*, *vila Serraria* e *vila Calafate*; os geomorfotopônimos (5 ocorrências), como *vila do Jari*, *vila da Campina* e *vila Ponta de Ramos*; os cronotopônimos (4 ocorrências), exemplificados por *vila Nova* e *vila Nova Marambaia*; os numerotopônimos (3 ocorrências), como *vila de Quatro Bocas* e *vila do Vinte*; e, por fim, os hidrotopônimos (2 ocorrências), representados por *vila Cabeceira* e *distrito Igarapé-Açu*.

Ainda que menos frequentes, essas categorias reafirmam a pluralidade semântica, histórica e cultural que caracteriza a toponímia local, revelando a riqueza simbólica presente nas diferentes motivações de nomeação dos espaços urbanos.

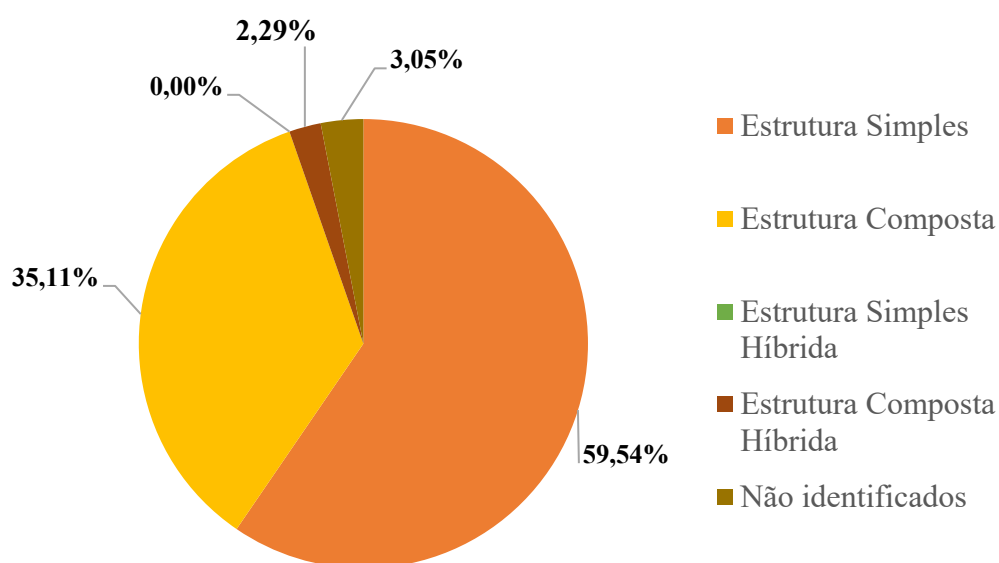
É importante destacar também a presença de topônimos cuja origem não foi identificada e, por isso, integram a categoria dos “não identificados” (5 ocorrências), distribuídos entre os municípios de Curuçá, Inhangapi, Marapanim e Maracanã. A baixa incidência dessas ocorrências reforça a clareza e a abrangência da classificação taxonômica adotada, o que confere confiabilidade ao conjunto de dados analisado.

A análise evidencia, portanto, uma predominância de categorias toponímicas associadas a aspectos culturais e históricos, especialmente os ligados à religião, à presença humana e à flora local. Essa configuração revela uma paisagem urbana e marcada pela relação entre o homem e o meio, onde a tradição religiosa, os elementos naturais e os agentes históricos locais desempenham papel central na nomeação dos

lugares. A diversidade de categorias indica ainda que o processo de nomeação não é aleatório, mas reflete uma construção sociocultural coletiva, enraizada na experiência dos sujeitos com o espaço.

O Gráfico 27 apresenta a frequência de topônimos classificados quanto às seguintes estruturas linguísticas: simples, composta, simples híbrida, composta híbrida e não identificados.

Gráfico 27 – Frequência dos topônimos da região imediata de Castanhal/PA quanto à estrutura morfológica



Fonte: Elaboração da autora.

A análise dos topônimos da região imediata de Castanhal/PA, sob a perspectiva da estrutura morfológica, evidenciou o predomínio de unidades lexicais de estrutura simples, ou seja, formadas por apenas um elemento lexical, que correspondem a 59,54% do total. Entre os exemplos, destacam-se agrovila *Bacabal*, vila *Conceição*, vila *Marudá* e vila *Silva*. Essa predominância evidencia uma preferência por estruturas de nomeação direta e concisa, baseadas em um único item lexical, o que reflete práticas toponímicas enraizadas em padrões tradicionais e de fácil assimilação. Esse tipo de estrutura tende a ser mais estável ao longo do tempo, mantendo-se inalterado mesmo diante de transformações culturais e sociais, o que indica a existência de um repertório toponímico consolidado na memória coletiva da população local.

As denominações com estruturas compostas, presentes em 35,11% dos registros (ex.: Vila *Beira Mar*, distrito *Monte Alegre do Maú*, vila *Bom Intento*, distrito *Magalhães*

Barata), evidenciam maior complexidade estrutural, resultante da junção de dois ou mais elementos linguísticos. Essa configuração amplia o conteúdo informativo do topônimo e permite uma descrição mais detalhada do referente geográfico, integrando aspectos físicos, culturais, históricos ou simbólicos. A presença desse tipo de estrutura indica uma elaboração linguística mais desenvolvida e uma intencionalidade maior no ato de nomear.

Não foram registrados casos de topônimos com estruturas simples híbridas no recorte toponímico ora analisado. Já os topônimos com estruturas compostas híbridas representam 2,29% – ex.: vila *Nova Marambaia* (LP+LT). Esse dado evidencia processos de contato e sobreposição linguística, principalmente entre o português e o tupi, refletindo a convivência e interação entre diferentes grupos culturais ao longo do processo histórico de ocupação e organização do espaço.

Por fim situam-se os topônimos cuja estrutura morfológica não foi identificada, com 3,05% do total analisado, que oferecem limitações em termos de identificação morfológica, possivelmente causadas por alterações fonéticas e/ou perda de registros históricos. Embora em número reduzido, essas ocorrências representam um campo relevante, pois podem conter vestígios de etapas anteriores da formação toponímica regional por isso carecem de estudo específico.

Em síntese, o levantamento e a análise da estrutura linguística dos topônimos da região imediata de Castanhal revelam um panorama dominado por construções mais sintéticas que atestam a diversidade e a riqueza cultural presentes no processo de nomeação dos lugares.

A seguir, apresentam-se as considerações finais, nas quais são sintetizados os principais resultados da pesquisa, evidenciando as contribuições deste estudo para a compreensão da toponímia da região analisada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Tese teve como objetivo analisar a toponímia dos acidentes físicos rurais e a macrotoponímia dos acidentes humanos urbanos dos municípios que compõem as regiões imediatas de Castanhal, Bragança e Paragominas, localizadas na região nordeste do estado do Pará. Com base na análise de 1.001 topônimos catalogados e classificados, o estudo buscou compreender as motivações linguísticas, históricas e sociais que orientaram o processo de nomeação desses acidentes geográficos, evidenciando, por meio da linguagem, as dinâmicas identitárias e territoriais das comunidades envolvidas.

A análise dos dados evidenciou a presença de topônimos que nomeiam acidentes físicos, os quais foram classificados quanto à natureza dos nomes atribuídos. No que se refere aos topônimos de natureza física, Castanhal reúne o maior número de registros, com 264 ocorrências, seguida por Paragominas, com 114, e por Bragança, com 42. Esses dados revelam uma importante ancoragem dos nomes na paisagem natural, sobretudo na nomeação de rios, igarapés, cachoeiras, ilhas e outras feições hidrográficas. Exemplos de topônimos como “rio *das Pedras*”, “igarapé *Piquiá*” e “cachoeira *Maguari*” não apenas descrevem elementos da geografia física, mas também traduzem a estreita relação estabelecida entre os habitantes e o meio ambiente. Ao serem atribuídos aos espaços geográficos, esses nomes carregam memórias, saberes locais e experiências ancestrais, ultrapassando a função meramente descritiva.

Já entre os topônimos de natureza antropocultural, Castanhal também se sobressai, com 147 registros, seguido por Paragominas (48) e Bragança (13). Essa predominância, especialmente em Castanhal, está relacionada à dinâmica de urbanização e colonização da área, marcada por fatores históricos, religiosos e sociais. Nesses casos, os nomes fazem referência a devoções cristãs, episódios históricos, fundação de vilas ou homenagens a figuras locais e nacionais, a exemplo de “igarapé *Santa Cruz*”, “igarapé *Arqueiro*” e “igarapé *Jurunas*”. Assim, tais topônimos evocam vínculos afetivos, trajetórias comunitárias e relações de poder, funcionando como marcos simbólicos da ocupação e da dominação territorial.

No âmbito dos acidentes humanos urbanos, Castanhal novamente se destaca, com 46 topônimos de natureza física e 79 de natureza antropocultural. Em Bragança e em Paragominas, nota-se uma importante diferença: Bragança registra 49 topônimos de natureza física e 73 topônimos de natureza antropocultural, ao passo que Paragominas contabiliza 12 de natureza física e 18 de natureza antropocultural. Esses dados indicam

que, especialmente em Bragança, os nomes atribuídos aos núcleos urbanos refletem aspectos culturais, históricos e sociais, indicando a presença de narrativas coletivas enraizadas em trajetórias religiosas, políticas ou afetivas. Topônimos como “vila *Boa Vista*”, “vila *União*” ou “vila *Livramento*” exemplificam essa dimensão eufórica e simbólica que carrega valores, aspirações e visões de mundo das comunidades.

Em relação à natureza linguística dos topônimos, o estudo apontou uma predominância da língua portuguesa (479 topônimos), responsável por 47,85% do *corpus*. Contudo, destaca-se também a expressiva presença de topônimos oriundos de línguas indígenas (326 topônimos), que totalizam 32,56% do *corpus* analisado. Tal proporção é corroborada pelos números específicos de topônimos indígenas por região: no geral, Castanhal figura com 230 ocorrências, Paragominas com 62 e Bragança com 34, o que reforça a forte permanência de traços linguísticos nativos no repertório toponímico paraense. Esses dados demonstram que, apesar da predominância da língua portuguesa, os nomes indígenas persistem como marcas resistentes da ocupação originária, testemunhando processos de manutenção da memória e da identidade dos povos indígenas da região.

A presença de topônimos indígenas nos acidentes físicos e humanos também aponta para uma relação ancestral com o território, ainda que muitas dessas populações tenham sido expulsas ou assimiladas ao longo dos séculos. A manutenção de nomes como “*Maracaxi*”, “*Marambaia*” e “*Caratateua*” indica que a toponímia atuou como mecanismo de resistência simbólica, conferindo voz àquelas culturas por meio da nomeação do espaço. Esses nomes não são neutros: carregam consigo sentidos históricos, cosmológicos, ambientais e identitários. O próprio uso de elementos da fauna, da flora ou de termos associados à hidrografia (recorrentes na língua Tupi) revela uma concepção de mundo em que o território é percebido como parte indissociável do coletivo.

Outro dado relevante que emergiu da pesquisa foi a presença de topônimos híbridos, que mesclam elementos da língua portuguesa com línguas indígenas. Embora não tenham sido apresentados em proporção numérica explícita nesta conclusão, essas formações indicam um processo de sincretismo linguístico e cultural, revelador da convivência (nem sempre harmônica) entre os diferentes povos que historicamente habitaram a região. Topônimos dessa natureza apontam para uma complexa rede de trocas linguísticas, negociações identitárias e ressignificações, atuando como testemunhos linguísticos do contato interétnico e da transformação dos espaços vividos.

A opção metodológica de investigar, simultaneamente, os acidentes físicos e os acidentes humanos relacionados à macrotoponímia dos municípios das três regiões imediatas que integram uma mesma região intermediária, possibilitou ampliar a abrangência da análise e, ao mesmo tempo, favoreceu comparações relevantes entre os contextos históricos e culturais que influenciaram a nomeação dos lugares. Castanhal, por exemplo, destacou-se não apenas em número absoluto de topônimos, mas também na diversidade de categorias representadas.

Já Bragança, marcada por um passado colonial mais antigo e por uma forte tradição religiosa e pesqueira, apresentou menor quantidade de topônimos de natureza física e antropocultural, mas revelou uma densidade simbólica importante em seus nomes. Paragominas, por sua vez, cuja história de ocupação recente está ligada ao processo de interiorização do país e à expansão da fronteira agrícola, revelou números intermediários, especialmente na preservação de nomes indígenas em acidentes físicos, o que pode ser interpretado como um vestígio da presença de povos originários que ocuparam os territórios antes da intensificação do desmatamento e da urbanização.

Frente ao exposto, considera-se que as hipóteses inicialmente propostas foram confirmadas no decorrer da pesquisa. A primeira hipótese, que relacionava a nomeação dos acidentes físicos rurais e dos acidentes humanos urbanos à reafirmação da identidade local, revelou-se pertinente, uma vez que os topônimos analisados refletem tanto os vínculos históricos com o ambiente quanto os valores culturais das comunidades que habitam ou habitaram a região. A segunda hipótese, que tratava da presença de interferências linguísticas entre o português e as línguas indígenas, também foi confirmada, especialmente com a identificação de topônimos híbridos e da expressiva quantidade de nomes de origem tupi, o que evidencia um processo de convivência, resignificação e preservação cultural no repertório toponímico regional.

Em síntese, os dados obtidos no âmbito desta pesquisa reinteram a tese de que a toponímia se configura como uma ferramenta crucial para a compreensão dos modos de organização e apropriação do espaço pelas comunidades humanas, pois os nomes dos lugares não apenas refletem características físicas ou culturais, mas também encerram disputas, memórias, crenças, afetos e práticas que moldam a identidade coletiva. Ao estudar a toponímia de três regiões imediatas que integram a região intermediária de Castanhal, ficou evidente como as línguas, as histórias e os modos de vida se inscrevem no território de forma duradoura, mesmo em contextos de apagamento ou transformação social.

Por fim, considera-se que o produto desta tese corrobora a relevância dos estudos toponímicos no âmbito das ciências humanas, especialmente quando estes são conduzidos de forma interdisciplinar. Ao articular contribuições da Linguística, da Antropologia, da História e da Geografia, foi possível traçar um panorama denso e representativo da formação dos nomes que compõem a paisagem paraense. Espera-se que os resultados aqui apresentados não apenas contribuam para o fortalecimento dos estudos toponomásticos no estado do Pará, mas também sirvam de base para políticas de preservação da memória e do patrimônio imaterial, além de fomentar novas investigações em outras regiões do Pará e também do Brasil, igualmente marcadas pela diversidade toponímica e linguística.

A seguir, apresentam-se as referências bibliográficas utilizadas ao longo desta pesquisa.

Referências

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Map locator of Pará's Bragança city**, 2006b. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Para_Municip_Braganca.svg. Acesso em: 07 nov. 2023.

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Map locator of Pará's Castanhal city**, 2006a. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Para_Municip_Castanhal.svg. Acesso em: 07 nov. 2023.

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Map locator of Pará's Paragominas city**, 2006c. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Para_Municip_Paragominas.svg. Acesso em: 07 nov. 2023.

SANTOS, Laís de Nazaré dos. **Um Estudo Toponímico no Município de Vigia de Nazaré-PA**. 2019. [s.i]. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia). Universidade Federal do Pará– UFPA, Bragança/PA, 2019.

SILVA, Adelson Luiz Byama da. **Toponímia Indígena: Um Estudo a Partir da Zona Ribeirinha do Município de Porto de Moz – PA**. 2019. 183f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia). Universidade Federal do Pará– UFPA, Bragança/PA, 2019.

AGUILERA, Vanderci Andrade. Taxionomia de topônimos: problema sem solução? **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina/PR, v. 2, n. 1, p. 125-137, 1999. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4454>. Acesso em: 02 fev. 2024.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. Terminologia: o que é e como se faz. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, SOUSA, Marcos Lúcio de. **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** Campinas/SP: Mercado de Letras, v.1, 2012, p. 197-230.

ALMEIDA, Vanessa Fabíola Entrudo Pires de. **Valores Urbanos e Patrimônio na definição de Princípios de Intervenção: o Centro Histórico de Viseu**. 2017. 160f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil, Reabilitação de Edifícios). Universidade de Coimbra – UC, Coimbra, 2017. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/83103>. Acesso em: 16 nov. 2024.

ALZZA, Carolina Rodríguez; VOORT, Hein Van Der. **A necessidade de proteger as línguas indígenas amazônicas**. Brasil: Agência Bori, 2022. Disponível em: <https://abori.com.br/artigos/a-necessidade-de-protger-as-linguas-indigenas-amazonicas/>. Acesso em: 13 jan. 2025.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes Próprios de Pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Esquecer para lembrar**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.p.87-88.

ARAÚJO, Marcos Jaime. **Sistematização da Classificação Taxionômica Toponímica Nheengatu de Bragança/PA**. 2024. 265f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém/PA, 2024.

ARAÚJO, Marcos Jaime. **Toponímia de Origem Tupinambá do Município de Bragança/PA: alguns resultados**. 2019. 316f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém/PA, 2019.

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

AULETE, Caldas. **iDicionário Aulete Digital**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital Ltda, 2011. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Vários acessos.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica**, Brasília, p. 152-158, 1990.

BARBOSA, Pe. A. Lemos. **Pequeno Vocabulário Tupi-Português**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Abarbosa-1951-pequeno/barbosa_1951_tupi-portugues.pdf. Acesso em: 04 set. 2024.

BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologia e Lexicologia: plurissignificação e tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários. **Revista de Letras**, Fortaleza/CE, v. 1/2, n. 27, p. 103-107, jan/dez. 2005.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas/SP: Pontes, 1989.

BERSA, Aline. **A Festividade de São Benedito em Bragança e a Tradição da Marujada**. Bragança/PA, 2023. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/edopara/noticia/a-festividade-de-sao-benedito-em-braganca-e-a-tradicao-da-marujada.ghtml>. Acesso em: 03 agosto 2024.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Várzea Paulista/SP: Casa Publicadora Paulista, 2021.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande/MS: Editora UFMS, p. 12-22, 1998a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2 ed. Campo Grande: UFMS, p. 13-22, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza. Dimensões da palavra. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo/SP, n.2, p. 81-118, 1998b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59660>. Acesso em: 04 abril 2024.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo/SP, n. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 05 agosto 2024.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOUDIN, Max H. **Dicionário de Tupi Moderno – Dialeto tembé-tênêthar do alto do rio Gurupi**. 2. ed. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

BUENO, Silveira. **Vocabulário Tupi-Guarani- Português**. 5ª ed. São Paulo/SP: Brasiliavros, 1987.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: representación y comunicación**. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Iula/Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CALLOU, Rayana Nadyr Lucena. **O sonho de fundação de Paragominas-PA e o projeto nacional-desenvolvimentista na Amazônia: memórias, narrativas e identidades**. 2017. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) Universidade Federal do Pará– UFPA, Bragança/PA, 2017.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil/ Museu Nacional, 1965.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia brasileira**. Rio de Janeiro/RJ: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARVALHO, Francisco de Assis. **Entre a palavra e o chão: memória toponímica da Estrada Real**. 2012. 535 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2012.

CENTURIÓN, Sara Concepción C. **Rastros indígenas: busca pelos topônimos do tupi na cidade de Castanhal/PA**. 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança/PA, 2014.

CLARISSA, Ana. **Cimento: o pilar histórico da humanidade**. Juruti, PA: FAMETRO, 2024. Disponível em: <https://blog.fametro.edu.br/cimento-o-pilar-historico-da-humanidade/#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20do%20cimento%20na,governador%20do%20Amazonas%2C%20Gilberto%20Mestrinho>. Acesso em: 31 mar. 2025.

COSTA, Érica Patrícia Barbosa. **Do não-lugar ao lugar: a toponímia marapaniense do Estado do Pará**. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança/PA, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário histórico das palavras portuguesa de origem tupi**. 4. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício; ISQUERDO, Aparecida Negri. Projeto ATEMS. Parâmetros metodológicos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs). **Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul**. v. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2020, p. 20-65.

DAUZAT, Albert. **Les noms de lieux: Origine et évolution – villes et villages, pays, cours d'eau, montagnes, Lieux-dits**. 5^a édition. Paris: Librairie Delagrave, [1926] 1963. Disponível em: <https://archive.org/details/lesnomsdelieuxor0000dauz/page/n5/mode/2up?ref=ol&view=theater>. Acesso em: 16 out. 2023.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. Método e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: Atlas Toponímico do estado de São Paulo. **Investigações**. Linguística e Teoria Literária, Recife/UFPE, v. 9, ano XII, p. 119-148, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Origens históricas da toponímia brasileira: os nomes transplantados. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo/SP, n. 24, p. 75-96, 1982. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69706>. Acesso em: 04 abril 2024.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2^a ed. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2001, p. 79-90.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. v. II. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2004, p. 121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos**. 3. ed. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1992.

DIXON, Robert Malcolm Ward; AIKHENVALD, Alexandra Y. (ed.). **The Amazonian Languages**. New York: CUP, 1999.

DOMINGUES, Andrea Silva; VALENTE, Marcia de Jesus Oliveira. Saberes e práticas de cura no rio cupijó da Amazônia paraense. **Contra Corrente**, Manaus/ AM, n.15, p. 8-22, jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/2010>. Acesso em: 18 fev. 2024.

DRUMOND, Carlos. **Contribuição Bororo à toponímia brasileira**. São Paulo:EDUSP, 1965.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ESTRAVIZ. Lândia. In: **Dicionário Estraviz**. São Paulo: Editora Através, 2024. Disponível em: <https://estraziv.org/l%C3%A1ndia#:~:text=%3D%20terra%20ou%20lugar%20de%3A%20Groenl%C3%A2ndia%2C%20cracol%C3%A2ndia>. Acesso em: 20 agosto 2024.

EVERETT, Daniel L. Cultural Constraints on Grammar and Cognition in Pirahã. **University of Chicago Press**, Chicago/IL, v. 46, n. 4, p. 621-646, 2005.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues de. **Antropologia Linguística e Etnografia Toponímica: vivências e narrativas em linguagens socioculturais de Murinin-Benevides-Pará**. 2016. 215 f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém/PA, 2016.

FERREIRA, Rízia Sâmela Martins. **Toponímia Curuçaense: Nomes de Lugares e Seus Caminhos Históricos**. 2020. [s.i]. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia). Universidade Federal do Pará – UFPA, Bragança/PA, 2020.

FREGÉ, Gottlob. Sobre o sentido e a referência. In: ALCOFORADO, Paulo. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 59-86.

GALLO, Giovanni. **Marajó: a ditadura da água**. 3. ed. Belém/Santa Cruz do Arari: Edições “O Nosso Museu”, 1981.

GOVERNO DO MATO GROSSO. **História**. Mato Grosso/MT: Governo do Mato Grosso, s/d. Disponível em: <https://portal.mt.gov.br/>. Acesso em: 18 julho 2025.

HAAG, Clara Beatriz. **As mudanças nos topônimos amazônicos na era pombalina: um olhar para além da motivação saudosa**. 2023. 184f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-23052024-191622/pt-br.php>. Acesso em: 02 março 2025.

HAJDÚ, Mihály. The History of Onomastics. In: ISTVÁN, Nyirkos (org.). **Onomastica Uralica**, Debrecen–Helsinki, v. 2, p. 7-45, 2002. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://mnytud.arts.unideb.hu/nevtan/tagozat/06hajdu.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOBBS, Thomas. **Elementos de Filosofia – Primeira Seção- Sobre o corpo – Parte I – Computação ou Lógica**. Campinas/SP: IFCH/Unicamp, 2005, p. 01-67.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss Corporativo**. Rio de Janeiro, 2017.

INFOPÉDIA. Viseu. In: **Infopédia Dicionários Porto Editora**. Porto: Porto Editora, 2024. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Viseu#:~:text=Do%20top%C3%B3nim%20latino%20vulgar%20Viseum,Existe%20o%20derivado%20Viseus>. Acesso em: 21 fev. 2024.

INFOPÉDIA. Al. In: **Infopédia Dicionários Porto Editora**. Porto: Porto Editora, 2024. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Viseu#:~:text=Do%20top%C3%B3nim%20latino%20vulgar%20Viseum,Existe%20o%20derivado%20Viseus>. Acesso em: 21 fev. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Brasil. Regionalização**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/brasil/3032-regionalizacao.html> . Acesso em: 05 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Coleção de Mapas Municipais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: https://geofp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/PA/braganca/1501709_MM.pdf. Acesso em: 05 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão Regional do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html> . Acesso em: 10 junho. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mapas para Fins Estatísticos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-estatisticos.html> . Acesso em: 05 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Paragominas (PA) – Panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, s.d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/paragominas/panorama> . Acesso em: 10 set. 2024.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (orgs.) **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. v. 3. São Paulo: Humanitas, 2007.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A Toponímia como área de pesquisa no Brasil: um panorama. Mesa-redonda: **A Pesquisa Toponímica no Brasil: estudos contemporâneos**, promovida pela Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN, no dia 23 de julho, de 2020. Disponível em: (4255) A Pesquisa Toponímica no Brasil: Estudos Contemporâneos - YouTube.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A Toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras – Revista de História**, Campo Grande/MS, v. 1, n. 2, p. 27-46, jul./dez., 1997. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/12920>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri. La recherche toponymique au Brésil: une perspective historiographique. **Cahiers de lexicologie**, Paris: Classiques Garnier, v. 2, n. 101, p.15-35, 2012b.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2012a, p. 115-139.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sociocultural**. 1996. 420f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara/SP, 1996.

KADMON, Naftall (ed.) **Glossário de termos para a padronização de nomes geográficos** (versão concisa em português). S/d. Versão em PDF.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LEVINSON, Stephen C. **Space in Language and Cognition: Explorations in Cognitive Diversity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LOPES, Tereza Tayná Coutinho. **Toponímia Parkatêjê (Timbira)**: um Estudo sobre os Nomes Próprios de Lugar. 2022. 246f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém/PA, 2022.

LUCY, John A. Linguistic relativity. **Annual Review of Anthropology**, United States, v. 26, n. [s.i.], p. 291–312, 1997. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.anthro.26.1.291>. Acesso em: 05 set. 2024.

MEIRA, Sérgio. A família linguística Carib (Karíb). **Revista de Estudos e Pesquisas/FUNAI**, Brasília/DF, v.3, n.1/2, p.157-174, 2006. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/journal:funai/meira_2006_familia_Karib.pdf. Acesso em: 13 jan. 2025.

MICHAELIS. Limón. In: **Michaelis Dicionário Escolar Espanhol**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/escolar-espanhol/busca/espanhol-portugues/Limon/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MILL, John Stuart. **Sistema de Lógica Dedutiva e Indutiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MIRANDA, Vicente Chermot de. **Estudos sobre o Nhêngatu**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1944.

MORAIS, Raimundo. **O meu dicionário de cousas da Amazônia**. Brasília/DF: Senado Federal/Conselho Editorial, 2013.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 1ª edição. Rio de Janeiro: [s.i.], 1955.

NASCIMENTO, Varneci Santos do. **A lenda do Cobra-Norato**. São Paulo: Panda Books, 2022.

NEVES, Orlando. Dicionário de Nomes Próprios. 2. ed. [S.I.]: Casa das Letras, 2008. Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br>. Acesso em 12 nov. 2024.

OLIVEIRA, Karla Juliana da Silva. **Estudo Toponímico no Município de Ananindeua/Pará**. 2020. 104p. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia). Universidade Federal do Pará – UFPA, Bragança/PA, 2020.

PEREIRA, Renato Rodrigues; NADIN, Odair Luiz. Taxionomias toponímicas e relações com a Terminologia. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 217-243, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10946>. Acesso em 04.agost.2025.

PORTAL AMAZÔNIA. **Paragominas: entenda a miscigenação no nome da cidade paraense**. Manaus/AM: Portal Amazônia. 04 março 2023. Disponível em: <https://portalamazonia.com/estados/para/paragominas-entenda-a-miscigenacao-no-nome-da-cidade-paraense>. Acesso em: 18 fev. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BRAGANÇA. **História do Município**. Bragança/PA: Prefeitura de Bragança, s/d. Disponível em: <https://braganca.pa.leg.br/a-camara/historia/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GURUPI. **História do Município**. Gurupi/TO: Prefeitura de Gurupi, 2024. Disponível em: <https://gurupi.to.gov.br/historia-de-gurupi/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MÃE DO RIO. **História do Município**. Mãe do Rio/PA: Prefeitura de Mãe do Rio, 2017. Disponível em: <https://prefeituramaedorio.pa.gov.br/informa.php?id=55>. Acesso em: 16 fev. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARACANÃ. **História do Município**. Maracanã/PA: Prefeitura Municipal de Maracanã, s/d. Disponível em: <https://maracana.pa.gov.br/o-municipio/historia/>. Acesso em: 01 fev. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAGOMINAS. **Dia do índio: muito a comemorar em Paragominas**. Prefeitura de Paragominas, 2017. Disponível em : <https://paragominas.pa.gov.br/dia-do-indio-muito-a-comemorar-em-paragominas/#:~:text=Paragominas%20possui%20duas%20etnias%20ind%C3%ADgenas,do%20Piri%C3%A1%2C%20Paragominas%20e%20Our%C3%A9m..> Acesso em 20 agosto 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ. **História do município.** São Miguel do Guamá/PA: Prefeitura de São Miguel do Guamá, s/d. Disponível em: <https://saomigueldoguama.pa.gov.br/o-municipio/historia/#:~:text=A%20ocupa%C3%A7%C3%A3o%20das%20ricas%20terras,a%20cedida%20ao%20convento%20do>. Acesso em: 01 fev. 2025.

PORTO DA PENA, José Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica.** Madrid: ARCO/LIBROS, S.A, 2002.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral: teoria e descrição.** Rio de Janeiro: Presença, 1978.

POTTIER, Bernard. **Le Language. Les Dictionnaires du Savoir Moderne.** Paris: Denoel, 1973.

RIBEIRO, Willame de Oliveira. Entre a metrópole e a cidade média: a complexidade das interações espaciais e das dinâmicas de centralidade da cidade de Castanhal no nordeste paraense. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, São Paulo/SP, v. 20, n. 1, p. 115–129, 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/96710>. Acesso em: 19 ago. 2024.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica.** Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, 1967.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **DELTA**, São Paulo/SP, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Indígenas Brasileiras.** São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Carmen Lúcia Reis. **Estudo Toponímico dos Municípios Paraenses: os Topônimos de Origem Tupi.** Projeto de pesquisa. Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

RODRIGUES, Carmen Lúcia Reis. **O Vocabulário Tupi na Hidrografia da Microrregião de Castanhal-PA: um Estudo Toponímico.** Projeto de pesquisa. Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

ROSA, Larisse de Fátima Farias da; PALÁCIOS, Flávia Olegário. Desmontagem e esquecimento: os metais remanescentes da estrada de ferro de Bragança - PA (1883-1965). **Revista Angelus Novus**, São Paulo/SP, v. 15, n. 20, p. 01-27, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/211446>. Acesso em: 20 jan. 2025.

RUSSELL, Bertrand. **Lógica e conhecimento: (Ensaio Escolhidos).** São Paulo: Abril Cultural, 1974.

ROSTAIN, Charles. **Les noms de lieux.** 12^a édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. **La toponimia e Venezuela.** Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Rebecca Demicheli. Linguagem, cognição e cultura: a hipótese Sapir-Whorf. **Cadernos do IL**, [S.l.], n. 56, p. 229-240, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/83356>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SAPIR, Edward. **A Linguagem**: introdução ao estudo da Fala. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971, p. 205-216.

SAPIR, Edward. A posição da linguística como ciência. In: SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**: ensaios. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Jr. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969b, p. 17-27.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**: ensaios. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Jr. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969a, p. 43-62.

SAPIR, Edward. **Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality**. Berkeley: University of California Press, 1949.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 20.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, MINERAÇÃO E ENERGIA (SEDEME). **Economia Mineral**. Belém/PA: SEDEME, 2020. Disponível em: <https://sedeme.pa.gov.br/economia-mineral>. Acesso em: 10 set. 2024.

SEARLE, John Rogers. Proper Names. In: MARTINICH, A. P. (ed.). **Philosophy of Language**. 3rd ed. Oxford: Oxford University, 1996.

SILVA, Camila André do Nascimento. **A Toponímia Indígena em Mato Grosso do Sul**: um estudo etnolinguístico. 2020. 629f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas/MS, 2020.

SOUSA, Geralda Fátima de; ANTUNES, Paulo Roberto. Etnolinguística: uma breve incursão. **Ágora – A revista científica da UNIFASAR**, Minas Gerais/MG, v. 1, n. 1, p. 1-10, jul. 2017.

SOUSA, Alexandre Melo de. Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: gênese e trajetória. **ÍCONE: Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 31-42, jul. 2008. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5126/3398>. Acesso em: : 01 dez. 2023.

STEWART, George Rippey. A classification of place-names. **Names**, Berkeley, v. II. n. 1, p. 01-13, março, 1954.

STRADELLI, Ermano. **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez**. Revisão de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

TAVARES, Marilze; ISQUERDO, Aparecida Negri. Subsídios para um dicionário de topônimos: o registro da motivação na construção dos verbetes. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 66, p. 01-28, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/15571>. Acesso em: 01 dez. 2023.

TRAPERO, Maximiano. Para una teoría lingüística de la toponimia. In: TRAPERO, Maximiano. **Para una teoría lingüística de la toponimia**: estudios de toponimia canaria. Las Palmas: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1995. Cap. 1. p. 21-55.

TRAPERO, Maximiliano. Para una teoría lingüística de la toponimia. In: Almeida, Manuel DORDA, Josefa. (eds.). **Contribuciones al estudio de la Lingüística Hispánica. Homenaje a Profesor Ramón Trujillo**, vol. 2. La Laguna: Montesinos y Cabildo Insular de Tenerife, 1997, p. 241-253.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VASCONCELOS, José Leite de. **Opúsculos**. Onomatologia. v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

WHORF, Benjamin Lee. **Language, Thought, and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf**. New York: Massachusetts Institute of Technology, 1956.

ZAMARIANO, Márcia. **Estudo Toponímico no Espaço Geográfico das Mesorregiões Paranaenses**: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro. 2010. 415 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2010.